

"Spencer é minha nova compra automática."

— Autora bestselling do New York Times;

Elizabeth Hoyt



Um Algoritmo do Amor

Academia do Amor 2

Minerva Spencer

Escrevendo como S.M. LAVIOLETTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

"Spencer é minha nova compra automática."
— Autora bestselling do New York Times:
Elizabeth Hoyt



Um Algoritmo do Amor

Academia do Amor 2

Minerva Spencer

Escrevendo como S.M. LAVIOLETTE

Um Algoritmo do Amor

Academia do Amor 2

Minerva Spencer

Escrevendo como S.M. LAVIOLETTE

1ª Edição



2021

Ribeirão Preto/SP



Título Original A Figure of Love
Copyright © 2020 Shantal M. LaViolette
Copyright da tradução©2021 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Hamireths Costa
Revisão: D. Marquezi
Diagramação: Jaime Silveira
Capa: Biserka Design

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) **FICHA CATALOGráfICA**

S745lbe

Spencer, Minerva - S. M. LaViolette
Título: Um Algoritmo do Amor Leabhar Books Editora Ltda. 2021 -
Ribeirão Preto - SP
Tradução de: A Figure of Love - 2020
Formato: ePub
Veiculação: Digital
ISBN 978-65-88382-36-3

1. Romance histórico. 2.Série. I. Costa, Hamireths. II. Título

CDD 82-32

80754

CDU 134-3

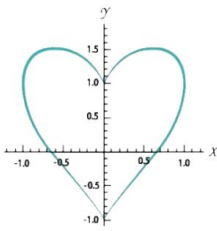
Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books Editora Ltda.

CP: 5008 CEP: 14026-970 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com

www.leabharbooks.com

PARA MEUS MARAVILHOSOS LEITORES



Capítulo

Um

Kent, Inglaterra
1817

Gareth Lockheart observava perplexo as bolas de pelo branco e marrom.

— Eu realmente preciso de tantos? — perguntou ao Honorável Sandford Featherstone. Os filhotes se mexeram e choramingaram ao som da sua voz e a cadela-mãe, Gareth supôs que era assim que era chamada, lançou um olhar de reprovação por acordar sua ninhada. Ou rebanho. Ou como quer que fosse que se chamasse a manada de filhotes; filhotes com a linhagem mais fina que Gareth Lockheart poderia imaginar.

A cabeça de Featherstone balançou para cima e para baixo em confirmação com um entusiasmo que Gareth achou exaustivo.

— Ora sim, desses e de muitos outros se o senhor deseja praticar caça.

Ah, caça. Decerto havia esquecido sobre a suposta necessidade de caçar. Gareth franziu a testa com a perspectiva, mas não se incomodou em discutir o assunto com o exigente aristocrata de traços refinados sentado à sua frente. Afinal, era exatamente para esse tipo de coisa que estava pagando Featherstone, para saber como se comportar como um grã-fino, como construir e mobiliar uma mansão que parecesse estar habitada há séculos.

Gareth teve que fazer uma pausa por um momento para se

lembrar do *porquê* estava fazendo aquilo.

Ah, sim, ele lembrou: estava suportando toda aquela agitação e discussão irritante e gastos excessivos porque seu parceiro de negócios, Declan McElroy, alegou que eles precisavam apresentar uma frente civilizada para ganhar credibilidade com a aristocracia e a probabilidade seria maior se ele, Gareth, fosse bem sucedido nesse empreendimento. Gareth supôs que o homem tivesse razão, apesar do por que ele deveria confiar no julgamento de Declan sobre tudo que fosse aristocrático e inglês, estava além de sua compreensão. Afinal, Declan desprezava os ingleses e se alegrava em dizer que era mais irlandês do que um irlandês de fato, mesmo que nunca tivesse posto os pés na Ilha Esmeralda.

— E sobre aqueles cavalos, Sr. Lockheart.

Gareth ergueu os olhos dos filhotes ao som da voz de Featherstone, uma voz irritante com suas consoantes cortadas e cadência condescendente. O homem o observava atentamente, sua expressão de preocupação se misturou com... *alguma coisa*.

Embora Gareth pudesse não ser bom em ler as pessoas, sabia o que os aristocratas enxergavam quando o olhavam, viam um novo rico com mais dinheiro e influência do que merecia. Não achava aquela atitude nem ofensiva nem divertida, apenas irrelevante.

A verdade era que as grossas paredes da aristocracia haviam sido violadas por príncipes mercantes ricos como Gareth; o poder dos nobres estava vazando por aquela brecha como a água que escorre dos embornais de um navio.

Mas a mudança estava acontecendo lentamente e as famílias, antigas proprietárias de vastas terras na Inglaterra, ainda exerciam influência no governo, desproporcional ao seu tamanho ou riqueza.

O resultado da equação era simples, os aristocratas precisavam de homens como Gareth tanto quanto ele precisava deles.

Featherstone mudou de um pé para o outro sob o olhar silencioso de Gareth.

— Conheço uma pessoa bem respeitada em Yorkshire e — as palavras saíram de sua boca e tomaram conta dos estábulos como uma nuvem de letrinhas. Palavras, palavras e mais palavras.

Gareth começou a ter aquela sensação que sempre invadia seu corpo

quando passava muito tempo na companhia de Featherstone, a de pessoas que perdiam seu tempo com assuntos triviais já discutidos diversas vezes.

Controlar aquela sensação desagradável exigia ginástica mental e muito esforço.

Primeiro, Gareth desviou a atenção da sua situação atual. Em seguida, se concentrou na Conjetura de Goldbach, um problema matemático criado em 1742 e ainda não resolvido. Pensar em tal enigma nunca falhava em acalmá-lo.

Todo inteiro par maior que dois é a soma de dois números primos...

— Sr. Lockheart?

Gareth forçou os olhos a focarem novamente no rosto estreito e ansioso de Featherstone e a se lembrar do que ele estava falando. Cavalos. Estava falando sobre cavalos.

Gareth franziu a testa.

— Já disse que pode comprar qualquer rebanho que achar conveniente, Featherstone. Confiei-lhe tais decisões para *não* ser importunado com elas — *e, no entanto, o senhor está me importunando*, quis acrescentar, mas não o fez.

Em vez disso, se virou e caminhou em direção à saída. Esperava que o outro homem ficasse para trás, mas para seu desgosto, ouviu seus passos acelerando para acompanhá-lo.

— Mas Sr. Lockheart, o senhor nem sequer quer falar sobre seus próprios cavalos...

— Não — o som dos seus passos ecoou pelos vastos estábulos, até o momento desocupados, como os disparos afiados de uma pistola. Gareth deliberadamente mudou de assunto. — Quando Hiram Beech chega?

— O Sr. Beech chegará no final da tarde.

Gareth reprimiu a irritação que sentia sempre que pensava em Beech. Queria que Amon Henry Wilds projetasse Rushton Park, mas o famoso arquiteto recusou-se a ganhar uma comissão e ficar longe da sua amada Brighton. Gareth não conseguiu atraí-lo, mesmo oferecendo o triplo do seu honorário habitual. Na sua experiência, um homem sem preço era singular, descobriu que não gostava daquilo.

Em vez de Wilds, escolheu Beech, que era altamente recomendado como arquiteto conhecido por favorecer o estilo indo-sarracena, um estilo que lhe

disseram estar na moda. Não se importava com o estilo da sua casa de campo, só queria que ela fosse construída pelos melhores. Caso contrário, qual era o sentido de tudo aquilo?

Para ser honesto, Gareth havia perdido o interesse na pilha de tijolos depois que a fase de construção terminara. Não tinha aptidão para design, decoração ou mobiliário e apenas desfrutara dos aspectos de engenharia do projeto.

Claro que estava satisfeito o suficiente com a casa, supôs. Não que tivesse passado muito tempo nela. Sua expectativa era que todo o barulho e confusão acabassem na primavera passada quando a estrutura foi concluída. Mas agora lhe foi dito que precisava de algum tipo de jardim ou ruína antiga ou outra coisa sem sentido. E Beech seria o homem que organizaria o projeto e construiria tais coisas pois já conhecia a propriedade, e para Gareth, empregá-lo parecia a opção menos dolorosa e demorada.

Chegaram aos degraus da entrada, vinte deles, feitos com os melhores mármore de Brecha extraídos e transportados do continente agora que a guerra havia acabado. Gareth parou e virou-se para Featherstone, estava ansioso para se livrar dele.

— Tenho muito trabalho a fazer e estarei na biblioteca, acredito que o senhor cuidará de todos os arranjos necessários para Beech — mesmo para os ouvidos sem instrução de Gareth, suas palavras soaram abruptas e incultas. — Vou deixá-lo para lidar com seus negócios — acrescentou, para suavizar a diretiva rude.

Featherstone assentiu, esfregando as mãos compulsivamente uma na outra de uma forma que Gareth achava detestável e irritante. O homem era uma combinação desagradável de complacência e bajulação, mas Beech o recomendara.

— O Sr. Beech trará...

Gareth levantou a mão.

— Sim, o senhor já disse. Trará um artesão de pedra ou escultor ou jardineiro ou o que quer que seja. Falarei com ele ou com todos antes do jantar — Gareth disse por cima do ombro, impaciente para voltar ao trabalho.

Caminhou pelo grande salão e depois virou à direita para passar pela galeria de retratos, ainda sem retrato, a caminho da ala residencial da propriedade. Passava a maior parte do tempo de Rushton Park na biblioteca,

que era composta por três salas enormes interligadas. O tamanho parecia excessivo para Gareth, mas o design parecia imitar o de uma biblioteca antiga de algum lugar que nunca ouvira falar. Tudo o que pedira para Beech era que o ambiente fosse bem iluminado e cômodo o suficiente para conter uma mesa, sua coleção de diários e uma cadeira confortável. E tudo o que Gareth havia exigido de Featherstone quando o homem começou a encher a casa com móveis e outras coisas assustadoras era que a biblioteca continuasse livre de distrações desordeiras.

Dois lacaios estavam atentos do lado de fora das portas francesas, esperando por nada além da sua chegada. Gareth ignorou o desconforto que sentia com tanto excesso, afinal, era isso que queria, uma casa de campo que fosse tão grandiosa e repleta de criados quanto as residências dos duques reais. Na verdade, Gareth tinha mais empregados e uma casa muito maior.

Desde que chegara de Londres, dois dias atrás, recebia sua correspondência duas vezes ao dia. A pilha de cartas tinha facilmente três centímetros de altura. Haveria relatórios de todos os seus negócios, mas a maior parte da pilha seria sobre a nova olaria que ele estava construindo em Londres, seu projeto mais ambicioso até o momento.

Gareth estava passando pelo meio dela quando o som de alguém pigarreando o fez olhar para cima. Seu mordomo, Jessup, estava na porta.

— Pedi para não ser incomodado.

O homem alto, magro como um esqueleto, assentiu levemente, mas sua expressão permaneceu tão fixa quanto uma escultura totêmica. Gareth sabia que ele era absolutamente imperturbável. Gareth o havia roubado da casa do duque de Remington, onde a família de Jessup trabalhava como mordomo há duzentos anos. Remington não pôde competir com o salário que Gareth ofereceu.

— O senhor tem uma visita, Sr. Lockheart, a Sra. Serena Lombard.

Gareth balançou a cabeça.

— Não estou familiarizado com o nome e nem estou esperando essa pessoa.

— Ela está aqui a pedido do Sr. Beech, senhor, sobre os jardins.

— Ah, entendo — embora na verdade não tivesse entendido, limpou a garganta. — Está dizendo que Beech contratou uma jardineira?

— Sim, senhor. A Sra. Lombard é uma mulher, e uma jardineira — Jessup

concordou.

Às vezes, apenas ocasionalmente, Gareth se perguntava se seu mordomo zombava dele, mas minimizou tais pensamentos. O que sabia sobre jardineiros? Por tudo que sabia, todos poderiam ser do sexo feminino. Bem, quem quer que fosse e o que quer que fizesse, Gareth descobriria no momento apropriado. Lançou um olhar impaciente para Jessup.

— Peça que Featherstone a receba, Jessup.

— O Sr. Featherstone foi para a cidade, senhor.

Gareth olhou para o homem.

Jessup assentiu, como se ele tivesse falado alguma coisa.

— Vou colocá-la na sala de visita e oferecer-lhe chá.

— Sim, muito bom. Coloque-a em uma sala com chá — Deus sabia que havia cômodos suficientes na casa – setenta e três – certamente um deles seria adequado para acomodar visitantes inesperadas.

Os olhos e a atenção de Gareth voltaram para a elegante coluna de algoritmos à sua frente.

— Muito bem, senhor.

Mal ouvira o mordomo, pois sua mente se voltou para os números, a mulher já esquecida.



Serena observava com aprovação a bandeja de chá generosamente servida e serviu-se de três tipos diferentes de biscoitos e os bolinhos mais adoráveis que já vira. Tais iguarias eram raras nos dias de hoje. Mesmo quando visitava a casa dos pais do seu falecido marido, o duque e a duquesa de Remington, as ofertas eram bastante escassas, o poderoso duque enfrentava dificuldades desde o fim da guerra, sendo obrigado a se limitar em uma de suas seis residências.

Serena examinou a enorme sala de visita, o espécime mais vistoso em que já estivera, e desfrutou de suas iguarias. O mordomo voltara após deixá-la sozinha por cerca de quinze minutos.

— A senhora tem tudo o que precisa, Sra. Lombard? — a hesitação diante do seu nome era quase imperceptível, mas percebeu tudo do mesmo jeito.

Serena inclinou a cabeça e sorriu para ele.

— O quê, não somos mais amigos, Jessup? Como está? Ainda não estive em Keeting este ano, mas estive lá no Natal passado. Sua Graça fala a seu respeito com carinho — Keeting Hall era a sede do duque de Remington.

Um rubor apareceu nas maçãs altas e afiadas do rosto do mordomo.

— E muitas vezes penso na Sua Graça, assim como no resto da família — parecia querer dizer mais alguma coisa, mas hesitou.

— Sua Graça não o culpa por ter ido embora, Jessup — disse.

Bem, aquilo era um pouco mentira. Seus sogros ficaram devastados pela deserção dos seus familiares. Mas o Sr. Lockheart, um homem que dizem estar entre os dez mais ricos da Grã-Bretanha, havia oferecido um salário alto demais para Robert Jessup recusar.

Os lábios de Jessup se flexionaram no que poderia se passar por um sorriso.

— A senhora é muito gentil, madame.

— Então me diga, o que está achando daqui? — Serena olhou ao redor da sala cavernosa, que evocava um serralho com seu esquema de cores fúcsia, dourado e verde, peças opulentas de seda e veludo e móveis de estilo egípcio.

— Acho que minha posição me agrada admiravelmente, Sra. Lombard.

Mais uma vez, ouviu a hesitação diante do seu nome. Sabia que Jessup, assim como a família do seu falecido marido, não estava contente por se recusar a usar seu honorífico. Serena permitiu que todos acreditassem que sua resistência a títulos aristocráticos se devia mais à sua criação francesa republicana do que à verdade, uma verdade que eles nunca poderiam saber.

Percebeu que o mordomo estava esperando por sua resposta.

— Alegro-me saber que está feliz aqui, Jessup — e estava mesmo. Era uma pena que ele precisasse deixar sua casa de muitos anos, mas como sabia muito bem, todos mereciam uma chance de uma vida melhor.

Serena devolveu a xícara e o pires à opulenta bandeja.

— O Sr. Beech convidou-me para trabalhar nos novos jardins de Rushton Park — Jessup sabia o que Serena fazia da vida. Ainda trabalhava para a família Lombard quando ela chegou à Inglaterra há quase dez anos. Estava lá quando Serena, após viver seu primeiro ano sob os cuidados do duque e da

duquesa, que sempre fora gentil com a viúva estrangeira do seu filho mais novo, escandalizou seus novos parentes mudando-se para Londres para assumir a posição de professora de arte e escultura em uma escola para meninas.

Mais uma vez, a família do seu marido culpou seu sangue francês, mas, felizmente, não tentaram detê-la por afastar seu filho do conforto de Keeting Hall, se mudara para uma casa com duas outras professoras. Foi uma decisão difícil, mas não se arrependia.

— Se permite-me dizer, senhora, já vi seu trabalho, e é bastante admirável.

O Jessup de antigamente nunca teria oferecido uma opinião não solicitada. Talvez trabalhar em uma família liberal tivesse lhe dado uma visão mais igualitária.

— Obrigada, Jessup — levantou-se e alisou a saia do seu traje de viagem verde escuro. — Estou animada e ansiosa para ver Rushton Park. Seria possível explorar os jardins?

— Claro, senhora.

Serena abriu a aba da grande bolsa de couro que sempre carregava, pegou seu bloco de papel e sorriu para ele.

— Estou pronta.

Quando Jessup se moveu para abrir a porta, Serena estudou sua forma estreita e familiar e os ombros vestidos de preto, percebeu que estava mais feliz do que esperava encontrar num velho aliado e agente da família. É claro que sabia que Jessup trabalhava para o recluso Gareth Lockheart, mas o homem mantinha residências em Londres, Edimburgo e Bristol. Se tivesse pensado mais no assunto, teria assumido que Lockheart mantinha o incomparável mordomo em sua residência de Londres onde, diziam os rumores, passava a maior parte do tempo.

Jessup a acompanhou por uma larga escada o suficiente para acomodar sete soldados marchando lado a lado e parou no térreo.

— Posso levá-la pelo laranjal, senhora?

— Sim, por favor. Não o vi da entrada, mas vi nos desenhos de Beech.

A casa parecia um “E” elisabetano, mas com muitas modificações, algumas um tanto não convencionais.

— Há quanto tempo está aqui, Jessup?

— Vim com o Sr. Lockheart dois dias atrás, senhora. Estava na sua residência em Londres, mas o acompanhei aqui para cuidar de alguns assuntos domésticos.

Serena nunca tinha visto uma casa assim. Era um *corps de logis*, composto por um bloco central com duas asas de três andares e curvado para formar um pátio de três lados, ou *cour d'honneur*, em cada lado do bloco central.

Lockheart ou Beech deviam gostar muito de cúpulas de cebola, pois havia pelo menos cinco delas. A fachada branca ofuscante estava enfeitada com numerosos arcos cúspides, remates em forma de minarete e plintos vazios à espera de estátuas. A confusão dos estilos de orientalismo e indo-sarraceno era tão parecida com o Pavilhão Real que ela continuava acreditando que talvez devesse ter tomado o caminho errado e acabado em Brighton em vez disso.

O interior carecia da *chinoiserie*, a evocação do estilo chinês na arte e arquitetura, até onde conseguira ver. De fato, a decoração era muito menos definida do que o exterior e parecia o resultado um pouco blasé de um comitê.

O corredor estava banhado por luz e à frente havia uma parede de vidro chumbado.

— Meu Deus, isso é lindo — disse Serena enquanto Jessup abria uma das enormes portas duplas que dava para o jardim de inverno ainda vazio, não continha uma planta sequer ou folhas e resquícios de terra. — Quando isso foi acabado? — se virou, olhando para as espetaculares paredes de vidro e dossel.

— Na primavera passada, senhora.

Serena não pôde deixar de pensar no laranjal de Keeting Hall, que talvez tivesse um quarto do tamanho desse, mas que estava tomado por plantas e parecia uma selva. Podia ser uma estufa velha e estar com as vidraças rachadas e embaçadas, mas estava viva. O que era mais do que poderia dizer para esta caixa de vidro vazia. Beech não mencionara o laranjal, mas Serena não pôde deixar de sentir um frisson de excitação ao imaginar preencher um espaço tão bonito com coisas vivas.

Jessup abriu uma das portas francesas e saíram no sol frio da primavera. Virou-se para ele.

— Vou percorrer a área imediata até o Sr. Beech chegar.

As sobranceiras do mordomo se arquearam.

— O que foi, Jessup?

— O Sr. Beech não é esperado até o final da tarde, senhora.

Serena franziu a testa.

— Disse-me que seria uma reunião ao meio-dia. Contratei a carruagem para levar-me de volta às quatro.

— O Sr. Beech deve chegar às cinco horas e vai passar a noite.

Serena queria berrar de frustração, mas não era culpa de Jessup.

— Receio que o Sr. Beech tenha esquecido de me informar sobre o horário ou a duração correta da nossa reunião — suspirou e olhou ao seu redor observando o além, sua mente revirando. A viagem cara de ida e volta fora paga pelo Sr. Lockheart, é claro, então não estava preocupada com isso. O problema é que não trouxera nenhum traje extra ou outros itens necessários para passar a noite. Também não avisara Lady Winifred, sua amiga e companheira de casa, que passaria a noite toda fora. E, claro, Oliver estaria esperando vê-la no dia seguinte.

Olhou um pouco para cima, encontrou os olhos impassíveis de Jessup e deu de ombros.

— Bem, Jessup, isso é um pouco confuso. Não vim preparada para passar a noite nem falei com ninguém que ficaria longe por tanto tempo — mordeu o lábio inferior e se preocupou. — O senhor sabe como as coisas são por aqui, o que me aconselha?

Sua expressão não mudou, mas seus olhos castanhos escuros brilharam com aprovação diante da calma reação dela.

— O Sr. Lockheart é um cavalheiro e não fica muito tempo em um só lugar, senhora. O plano dele é partir para Londres amanhã ficando fora alguns dias, acredito que depois irá para o norte. Pode levar algum tempo até que ele retorne a Rushton Park para outra reunião.

Essa era a maneira dele de dizer que ela deveria ficar.

— Entendo.

A boca de Jessup abriu uma fenda, mas a fechou.

— O que está pensando? Não seja tímido.

— A senhora precisa voltar para Londres hoje?

— Não, mas meu filho e a minha amiga se preocuparão se eu não voltar.

— Se eu puder providenciar os itens necessários para um pernoite e enviar uma mensagem para tranquilizar sua amiga e o Mestre Oliver, teria alguma objeção em ficar, madame?

Não era o ideal, mas sabia que essa comissão valeria muito dinheiro.

— Obrigada, Jessup, isso serviria admiravelmente.

— Se me der licença, cuidarei de tudo. Vou deixá-la aproveitar sua caminhada e volto para buscá-la em meia hora.

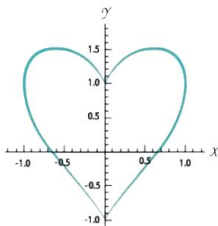


Gareth tinha os grandes rolos de planos para a nova olaria abertos sobre a vasta mesa de cavalete que fizera para esse exato objetivo. Examinava-a com uma lupa, estudando os detalhes dos enormes fornos.

Estava tão arrebatado que quase pulou de susto quando uma garganta pigarreou atrás dele. Ignorou seu coração acelerado e respirou fundo.

— Sim, Jessup, o que é agora?

— Sinto muito incomodá-lo, senhor, mas parece ter havido algum mal-entendido.



Capítulo Dois

Serena olhou para a imensa sala tomada por livros. Eram três salas ligadas entre si, na verdade. Uma biblioteca diferente de tudo que já vira. É claro que toda a propriedade era singular, desde a paisagem exuberante que circundava a gigantesca mansão até o vasto conjunto de quartos que lhe fora oferecido para sua breve estadia. Quartos que eram duas vezes maiores do que qualquer outro cômodo que ela conseguia se lembrar em Keeting Hall.

Jessup cuidou dela como se fosse uma rainha, enviando um mensageiro às pressas para Londres e outro até Ayelford, a cidade mais próxima com lojas de roupas para arranjar uma camisola e roupão. Estes, bem como uma seleção de produtos de higiene pessoal como pentes e escovas, todos novos, a aguardavam em seus aposentos suntuosos. Serena teria que usar as mesmas roupas no jantar e no dia seguinte quando partisse, mas Jessup lhe dissera que o Sr. Lockheart havia sido informado do assunto e que o jantar daquela noite seria informal.

Em suma, não podia estar triste por passar a noite em uma residência dessas. A biblioteca por si só valia toda a inconveniência. As estantes repletas de livros começavam a alguns centímetros do chão e iam até o teto, que acreditava ter pelo menos cinco metros de altura. A escada de livro era assustadoramente alta, podia se imaginar escalando-a e arriscando a vida e seus membros por causa de um livro.

Estava examinando um conjunto bastante requintado de seis volumes de poesia francesa quando a porta se abriu atrás dela. Virou-se e encontrou Sandy Featherstone, primo de segundo grau do seu falecido marido.

— Olá, Serena, Beech disse-me que concordara em vir — veio em sua direção com os braços estendidos e Serena se submeteu com resignação ao seu abraço. Era um homem pegajoso a quem só tolerava por causa da sua conexão com a família.

Serena se afastou quando ficou claro que ele não a libertaria voluntariamente. Olhou-a de um jeito que a fez apertar a mandíbula, e começou a mover os dedos com seus movimentos habituais de esfregar.

— Olá, Sandy — Serena forçou um sorriso. — Acredito que devo agradecer-lhe por isso — fez um gesto que englobava tudo ao seu redor.

Ele sorriu, a visão um tanto alarmante, pois parecia ter o dobro do que era considerado normal de dentes.

— Não foi nada, minha querida, apenas uma família cuidando dos seus. Além disso, disse à Beech que era melhor agarrá-la antes que seus honorários acabassem exorbitantes — riu, claramente achando graça com o pensamento de uma coisa dessas acontecendo.

O sorriso de Serena tornou-se ainda mais rígido.

— Bem, seja qual for o motivo, agradeço-lhe por isso. Acabei de terminar uma série de pequenas comissões e estava sem nada.

— Para que servem os primos, minha querida? — gesticulou em direção a um conjunto de jarras assentadas em uma mesa de granito apoiada por enormes pés de leão de ouro. — Gostaria de uma bebida antes do jantar, Serena? — sua mão tremia um pouco, deixando claro de que *ele* sim gostaria de uma bebida.

— Uma taça de xerez, se tiver.

— O Sr. Lockheart tem tudo — sorriu e virou-se para pegar as bebidas. — Ah, lamento ser o portador de notícias decepcionantes — disse Sandy sobre o som do copo tilintando contra o vidro. — Parece que Beech se atrasou em Londres.

Serena fechou o volume que segurava e o recolocou na prateleira. Claro que ele se atrasou. Estava sendo exatamente aquele tipo de dia.

Sandy veio em sua direção com suas bebidas.

— Mas, não se preocupe. Enviou seus planos e podemos estudá-los depois do jantar.

Serena se animou. Na verdade, era melhor do que ter Beech presente, pois notara que o arquiteto de sucesso tendia a falar muito de si mesmo e das suas

realizações. As duas vezes que o encontrou, levou mais de meia hora antes que ele pudesse chegar ao ponto.

Serena estava sentada em um sofá dourado e estofado em um *chartreuse* bastante chocante, enquanto Sandy ocupava a cadeira mais próxima dela, uma coisa gótica com dragões como descanso dos braços.

— Então diga-me, o que tem feito desde a última vez que nos vimos em... por Deus! — ele examinou o teto com caixilhos ornamentados, como se ali contivesse as informações que procurava. — Cinco anos atrás?

— Faz tanto tempo assim? — sabia que sim. Sandy fizera algo que desagradou o duque e nunca mais recebeu convite para a famosa festa que ele e a duquesa realizavam todos os anos no Natal. Tomou um gole do excelente xerez e colocou a taça em uma mesa lateral que parecia ser uma esfinge.

— Sim, Oliver ficava para cima e para baixo com aquele cavalo de madeira, se bem me lembro. A senhora estava de férias da escola — exibiu um sorriso malicioso, claramente achando graça com o método dela de se sustentar.

Serena ficou surpresa por ele se lembrar do nome do seu filho.

— A Academia Stefani fechou no ano passado.

— Fiquei sabendo — seu nariz pontudo tremia, lembrando-a de um rato. — Também ouvi falar que a dona era bastante desonesta, a fechou abruptamente, quase como se houvesse algo escandaloso que desejasse esconder.

Serena sentiu uma aversão por ele e por sua caracterização da sua amiga Portia Stefani. A escola em questão tinha sido um oásis de amizade e segurança, sentia muita falta dela. Mudou de assunto antes de dizer algo de que se arrependeria depois.

— Recebi uma série de comissões desde então. Mais notavelmente um projeto para os Mannerings.

— Também ouvi falar disso, algum trabalho bastante ostensivo em um sub-bosque em sua igreja privada.

Sempre a surpreendia como Sandy parecia saber tudo o que acontecia nos círculos da alta sociedade, mesmo que estivesse perpetuamente à margem dela.

— E o senhor, Sandy, como tem se ocupado? — além de beber e jogar,

poderia ter acrescentado.

— Como pode ver — balançou a mão no ar, a outra mão segurando o copo que já continha apenas metade do que tinha apenas um momento atrás. Sandy sempre gostara demais de destilado.

— O que exatamente faz para o Sr. Lockheart?

— Isso e aquilo. Na verdade, não sou mais do que um secretário bem pago, embora não me use para seus assuntos de negócios — deu um meio sorriso. — Pode-se dizer que ajo como sua esposa, até que ele possa comprar uma.

— Ele está nesse mercado?

Deu um sorriso que a fez se sentir imunda.

— A senhora parece interessada, prima.

— Estou muito feliz do jeito que estou, Sandy.

Suas sobranceiras levantadas diziam-lhe o que ele achava daquela afirmação.

— Selecionei muitos dos seus criados, mobiliei todas as suas casas, exceto a residência de Londres, e o aconselhei na aquisição de artes. No momento, estou ocupado com os estábulos, que ele deseja prontos para uso no outono.

Serena de repente entendeu o mobiliário hediondo.

— O Sr. Lockheart caça? — não conseguia se lembrar de ter ouvido muito sobre o homem, além de ser rico e um tanto singular.

— Não.

A porta se abriu antes que Sandy pudesse responder e o dito homem entrou. Serena ficou surpresa pois era mais jovem do que ela esperava, também estava elegantemente trajado e era surpreendentemente bem apessoado. Serena percebeu que havia cedido a noções preconcebidas e que esperava um comerciante musculoso ou um rico cafona.

Atravessou a longa extensão de carpete e Sandy se levantou para fazer as apresentações.

— Sr. Lockheart, permita-me apresentar-lhe à Sra. Lombard.

O Adônís alto e bem proporcional pegou sua mão e fez uma reverência superficial sobre ela.

— Prazer em conhecê-la, madame — seus olhos eram cinza ardósia e o mais opaco que Serena já vira, a observavam sem um pinga de interesse ou qualquer outra emoção. Seus lábios, pecaminosamente luxuriantes e bem

desenhados, não mostravam nenhum traço de sorriso.

Era, talvez, uma cabeça mais alta que ela, seu cabelo loiro escuro na parte mais comprida. Como Sandy, estava vestido informalmente para acomodar sua falta de trajes formais para o jantar; trajava um casaco verde-garrafa, um colete marrom rico e pantalonas escondidas em hessianos cor de café, polidos com um brilho ofuscante. Sua gravata branca como a neve estava amarrada com uma elegância simples, usava um relógio de ouro liso e sem corrente na cintura. Suas roupas haviam sido confeccionadas por um mestre e costuradas para se ajustarem à sua forma tão confortavelmente quanto uma luva bem desenhada.

— Obrigada por me convidar para o Rushton Park, Sr. Lockheart.

Ele balançou a cabeça bruscamente e olhou para o relógio, sua boca sensual girando ligeiramente para os cantos.

— Ainda faltam dezessete minutos para o jantar — olhou para cima, seu olhar se movendo entre a taça de xerez quase cheia de Serena e o copo vazio de Sandy. — O que está tomando, Featherstone, vou reabastecê-lo.

— Obrigado, senhor. Brandy.

Pegou o copo sem falar nada e foi até o aparador.

Sandy sorriu para ela e deu um leve encolher de ombros. Seu possível futuro empregador era um homem gloriosamente bonito que também era brusco e sem graças sociais. Bem, ouvira dizer que ele era diferente.

— Lamento dizer, mas Jessup informou que o Sr. Beech não jantará conosco — disse Sandy, seus olhos trêmulos proclamando seu desconforto com o silêncio.

— Recebi seus planos por correio, prosseguiremos sem ele — disse Lockheart. — Examinaremos o que elaborou depois do jantar — sua voz era tão desprovida de expressão quanto seu rosto. Sem irritação, arrependimento ou raiva pela ausência de Beech. Voltou para onde estavam sentados e tomou uma cadeira em frente a Serena depois de entregar a Sandy sua bebida. Um duplo, se não estivesse enganada.

Fixou Serena com seu olhar cinza bastante irritante e tomou um gole da sua bebida. Suas mãos, assim como sua pessoa, eram magras, elegantes e desprovidas de joias. Serena esperava um comerciante estereotipado, um homem corpulento e deselegante e mais velho. Mas Lockheart não só se parecia com um cavalheiro, também falava como um. Embora seu sotaque

não fosse exatamente aristocrático, era refinado e preciso, definitivamente não o de um homem que se diz ter vindo dos esgotos de Londres. Havia mais aqui do que aparentava.

— Entendo que a senhora inspecionou a propriedade esta tarde, Sra. Lombard.

— Nada tão completo como uma inspeção, mas vaguei até o riacho e depois ao longo da pequena floresta.

— E teve alguma ideia?

Serena riu.

— Eu sempre tenho ideias — sorriu para ele, mas ele apenas piscou calmamente de volta para ela. Então não tinha senso de humor. Ela tentou novamente. — Meu entendimento era que o Sr. Beech apresentaria um projeto geral e eu cuidaria dos detalhes e da estatuária.

— É verdade que contratei o Sr. Beech para criar um plano. A senhora já projetou e construiu jardins antes?

— Sim — admitiu, surpresa com a pergunta. — Mas nunca nada tão grandioso assim.

— O que faria se fosse seu?

Agora, *essa* era uma pergunta interessante que nunca fora feita por nenhum outro cliente, a maioria dos quais tinham ideias próprias, muitas delas horríveis.

— Colocaria um *parterre* saindo diretamente do laranjal. Além disso, deixaria as coisas como estão. Acredito que o terreno no lado sul, com sua leve inclinação, seja semelhante ao badminton e seria perfeito para um lago, que poderia ser alcançado por represamento do seu riacho. No momento, há uma passarela de madeira velha sobre o córrego, a substituiria por algo mais interessante — sorriu. — Naturalmente, recomendaria algo em pedra. Se o senhor deseja uma *folly*, há uma boa elevação no lado oposto e, depois de criar um lago, ficaria um lugar bonito com a adição de algumas árvores e um jardim de rosas com uma trilha até a floresta no lado leste. O senhor tem os dois *cour d'honneur* que ficam de frente para a estrada que podem receber vegetação, uma fonte, mais rosas, áreas de estar íntimas. É claro que não inspecionei nada além da área imediata e poderia ter visto mais da propriedade rapidamente se tivesse um cavalo — fez uma pausa. — Mas essas são minhas primeiras impressões que consideraria se fosse minha — Serena

tomou um gole de xerez e não tirou os olhos do anfitrião, cuja expressão não mudou enquanto ela falava. Não era uma pessoa fácil de conversar, pois não dava pistas físicas ou faciais que deixasse o interlocutor à vontade. Ele ficou em silêncio por um longo e desconfortável momento, como se estivesse considerando suas palavras e depois assentiu.

— Parece perfeito — virou-se para Sandy, que novamente tinha o copo erguido nos lábios. — O senhor se lembrará de tudo o que a Sra. Lombard disse, Sr. Featherstone?

Sandy engoliu um gole de conhaque, tossiu e largou o copo. Seus olhos deslizaram na direção de Serena e depois voltaram ao seu empregador. — Se não, tenho certeza de que a Sra. Lombard será capaz de repeti-los com mais detalhes.

O Sr. Lockheart voltou-se para ela.

— A senhora tem várias ideias que aprovo, madame. A senhora seria capaz de implementar esses planos sem mais consultas com o Sr. Beech?

As sobrelancelhas de Serena se ergueram.

— O senhor está me pedindo para projetar seus jardins e parque, Sr. Lockheart?

— Sim.

— Mas o senhor não tem um acordo com o Sr. Beech? — Serena odiaria ganhar reputação por roubar comissões alheias.

Continuou a observá-la com seu olhar plano e desorientador.

— Não contratei o Sr. Beech, apenas pedi seu orçamento. Não ficará descompensado pelo trabalho que realizou. Beech é sua única objeção para aceitar esse trabalho?

— Não tenho experiência com nada desse tamanho.

Ainda assim ele não falou nada.

Sou uma mulher, ou o senhor não se importa? Ou não percebeu. Bom Deus! Projetar os jardins de uma propriedade inteira? Ora, isso seria...

— Acredita que poderia realizar o que descreveu, senhora?

Sentiu uma agitação de antecipação ao pensar em ser paga para experimentar conceitos interessantes às custas de outra pessoa. Seria um esforço criativo que estaria além dos seus sonhos, sem mencionar um ajuste glorioso aos seus talentos. Poderia projetar um jardim para mostrar seu trabalho, e não o contrário.

Serena olhou para seu rosto impassível, encontrou seu olhar frio e disse:
— Sim, Sr. Lockheart, acredito que poderia.



Gareth mal podia acreditar em sua boa sorte. Poderia dispensar a presença irritante de Beech e lidar apenas com a mulher. Verdade, pensou, levando a colher de sopa até a boca e observando-a, era bastante *estranha*. Não tinha uma aparência estranha, é claro. Na verdade, era atraente, se descontássemos sua massa rebelde de cabelo que parecia em perigo de escapar das amarras e seu vestido verde gasto e pouco lisonjeiro. Mas não era tanto sua aparência quanto a totalidade... bem, *dela*. Pertencia a um grupo de pessoas que sempre o deixava perplexo: bem-humorada, sorri prontamente, ri com facilidade, mas que era obviamente inteligente por todo o seu humor e seus modos amigáveis.

E então havia o fato de que era uma mulher que trabalhava não só com plantas, mas também com pedras. Gareth não conhecia nenhuma outra mulher que fizesse tal coisa. Claro que não conhecia nenhum outro escultor. No entanto, conheceu alguns escultores de pedra no curso de seus negócios, e nenhum deles era mulher.

Ela parecia não se importar em reajustar suas expectativas de acordo com uma mudança nas circunstâncias. Na experiência de Gareth, tal ousadia – tal independência destemida e fluidez de pensamento – não era comum em suas relações com as mulheres. Embora Gareth fosse o primeiro a admitir que, durante sua vida de três décadas e meia, suas relações com elas eram surpreendentemente limitadas.

Por último, e isso foi algo que percebera ao longo da refeição, era obstinada. No momento, estava discutindo com seu dito secretário tão vigorosamente quanto um homem qualquer em um pub, e sobre um assunto geralmente considerado de competência masculina: cavalos.

Featherstone estava bastante exaltado e seu rosto ficara vermelho com algo que ela acabara de dizer. — A senhora dificilmente é uma especialista

nesses assuntos, Serena, por mais que esteja disposta a compartilhar suas opiniões com tanta liberdade. Bem, aqui está minha opinião: Leeland é um dos melhores criadores de Yorkshire.

A Sra. Lombard deu uma bufada nada feminina e tomou outra colherada de sopa antes de se dignar a responder. — Sem dúvidas, mas estamos falando de cavalos, não do dono deles.

Gareth congelou, a colher alguns centímetros acima da sopa. Ela realmente disse o que ele pensou que ela disse? Olhou para ela. Encontrou seu olhar atordoado, um pequeno sorriso curvando em seus lábios antes de tomar outra colherada da sopa.

Até Featherstone não pôde deixar de rir, um zurro tão irritante quanto sua voz. — A senhora não mudou nada, Serena. Ainda não é nada vigilante sobre o que sai da sua boca.

Encolheu os ombros, imperturbável com o que obviamente pretendia ser um insulto.

Gareth olhou de um convidado para o outro, algo lhe ocorrera e que deveria ter-lhe ocorrido muito antes se tivesse o hábito de prestar atenção nessas coisas. Abaixou a colher. — Os dois se conhecem?

— Sim, a Sra. Lombard e eu somos primos — Featherstone pontuou essa declaração com um gole de vinho e um laçao se aproximou para reabastecer sua taça. Gareth nunca tinha notado antes quão bebedor prodigioso aquele homem era.

— Meu marido era seu primo de segundo grau — a mulher corrigiu em sua voz baixa e acentuada, limpando seus lábios sorridentes com o guardanapo.

— A senhora não concorda que os cavalos do primo do Sr. Featherstone sejam de boa qualidade, Sra. Lombard.

Ela se virou de Featherstone, que a olhava abertamente agora. — O Sr. Featherstone está correto, Sr. Lockheart, não sou especialista em cavalos de nenhum tipo. Não devo falar tão francamente de Leeland Bowles. Não o vejo há anos e nunca visitei sua fazenda de criação em Yorkshire.

— Onde compraria seus cavalos?

A mulher deslizou um olhar inquieto para Featherstone. Gareth olhou para o faz-tudo e percebeu que havia uma tensão incomum em torno de seus olhos. Desta vez, não havia dúvida do olhar de hostilidade que lançava para ela.

Uma suspeita estava começando a se formar na mente de Gareth, mas a colocou de lado para examiná-la mais tarde. Olhou do rosto vermelho do seu secretário para a mulher e deliberadamente mudou de assunto.

— Diga-me, Sra. Lombard, como que a senhora se tornou escultora além de paisagista? — até Gareth, com sua péssima habilidade de ler as expressões dos outros, podia ver o alívio em seu rosto.

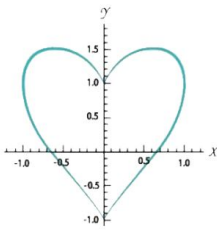
— Fui treinada na França. Meu pai, Peter Veryan, era inglês. Ele foi para a França antes da guerra para trabalhar com um conhecido escultor francês, Jean Favel. Minha mãe era Henriette Favel, filha dele. Morreu ao me dar à luz, então fui criada em uma casa pouco convencional, dois artistas que não viram mal algum em ensinar-me seu ofício.

— E a jardinagem paisagística, aprendeu na França?

Ela riu. — Não, receio que nem meu pai nem meu avô sabiam nada sobre plantas ou jardins. Descobri meu interesse por jardinagem pela primeira vez quando morei com minha sogra e meu sogro. Queriam fazer mudanças e eu morava com eles na época. Queriam uma escultura minha e me permitiram projetar o cenário. Trabalhei com o homem que eles empregaram, e ele disse que eu tinha aptidão para esse tipo de trabalho. Quando me mudei para Londres, cuidei do jardim abandonado da casa onde ainda moro. Encolheu os ombros e deu-lhe um sorriso que fez seu estômago apertar por algum motivo estranho. — Em seguida, ajudei uma amiga e depois seus conhecidos viram o que eu havia feito. Em poucos anos, as pessoas começaram a me procurar e pedir-me para projetar seus jardins. Tenho certeza de que sabe como é?

Gareth não tinha ideia de como era. Ninguém nunca lhe pedira para projetar um jardim antes. Mas sabia o que ela queria dizer. Lentamente trilhou seu caminho até sua posição atual. Uma coisa difícil de fazer para qualquer pessoa e provavelmente duplamente difícil para uma mulher.

Featherstone deixou seu mau humor de lado e assumiu o comando da conversa. Pela primeira vez, Gareth ficou feliz com as conversas vazias do homem tagarela. Contentou-se em observar a mulher e considerar a interessante história que ela lhe contara.



Capítulo

Três

Foi uma noite exaustiva, mas Serena mal conseguia se lembrar de uma mais interessante. Os três se retiraram para a biblioteca depois do jantar, Lockheart aparentemente não tendo ideia da impropriedade de pular o vinho do porto após o jantar.

Serena olhou para os planos fornecidos por Beech e percebeu que, novamente, aquele era outro homem com a intenção de abusar da natureza confiante de Lockheart.

Nunca conheceu ninguém como o jovem comerciante. Ele parecia ser completamente desinteressado em seres humanos, não tinha senso de humor e focava totalmente em qual fosse o assunto que estivesse em discussão. Não só isso, mas durante todo o tempo que passou com ele, teve a impressão de que tinha apenas uma parcela de sua atenção. Suspeitava que uma parte maior de seu cérebro girava e funcionava em algum outro plano superior. Na verdade, tinha a aparência de um artista em meio a um frenesi criativo. Serena tinha visto a mesma expressão no rosto de suas amigas que eram artistas e sentia uma euforia quase semelhante quando era tomada por inspiração. Embora Lockheart não tivesse manifestado nenhum dos sinais externos de obsessão artística – desordem, distração, esquecimento e irritabilidade – mantinha o olhar distante de uma pessoa cuja mente estava absorta em outro lugar.

Mas, após o jantar, esse olhar se intensificou rapidamente quando começaram a estudar o enorme esboço de Breech da propriedade.

Na verdade, Lockheart provou ser um conspirador fascinante no plano do paisagismo, embora não tivesse interesse nos resultados em si. Não, o que

gostava eram os aspectos matemáticos e da engenharia. As questões de fluxo e volume de água, em particular, pareciam fasciná-lo. Passaram a maior parte do tempo examinando o melhor lugar para construir uma represa e um lago.

Passaram-se pelo menos duas horas antes de desviarem os olhos dos planos de Beech e perceberem que Sandy havia adormecido em uma cadeira próximo da lareira.

O cabelo castanho sedoso de Lockheart estava em sulcos, como um campo recém-arado. Passou a mão pelas mechas desgrenhadas mais uma vez enquanto examinava a sala – Sandy, o fogo, seu relógio – com olhos cinzentos distraídos.

— Não tinha ideia de que já era tão tarde. Acredito que fui muito rude em não lhe oferecer chá.

Serena não se importou. — Talvez possamos pedir um agora e continuar com nossos planos?

Acenou abruptamente e caminhou até as portas duplas, sua voz um murmúrio baixo enquanto falava com um dos lacaios que ela tinha visto posicionado fora da biblioteca. Sua casa tinha o número de criados igual a de um duque. Maior do que a de um duque, na verdade. O sogro de Serena não desfrutava do luxo de lacaios fora de seu escritório há vários anos.

Quando voltou, Serena estava estudando a gravura de um templo. — O chá será servido na sala de documentos — apontou para uma parte da biblioteca que ela ainda não tinha visto. — Odiaria perturbar o Sr. Featherstone.

Serena deu uma risadinha, mas em seguida percebeu que o Sr. Lockheart não estava rindo. Em vez disso, estava olhando para ela com curiosidade, como se perguntasse por que *ela* estava rindo. — Ouso dizer que uma artilharia não seria capaz acordar o Sr. Featherstone.

— Ah — disse, como se de repente entendesse.

— Os senhores jantam juntos na maioria das noites?

— Não se eu puder evitar.

Serena reprimiu um sorriso enquanto o seguia em direção a uma sala cheia de armários com portas de vidro. Era terrivelmente honesto e direto. Não conseguiria imaginar o caos que ele causaria em um salão em Londres ou em um baile tomado por debutantes, se o que Sandy dissera sobre ele estar em busca de uma esposa fosse verdade.

Serena se esqueceu completamente do jeito estranho do Sr. Lockheart quando entrou na sala de documentos.

— Minha nossa — sua voz caiu naturalmente para um sussurro reverente. Dezenas de caixas estavam espalhadas pela sala e enormes candelabros estavam pendurados em longas correntes acima de cada uma delas iluminando seu conteúdo. A sala brilhava com tanta luz. Ela se aproximou da caixa maior, que estava em um pedestal no centro. Dentro da caixa de vidro chanfrado havia um diário encadernado em couro de aspecto muito antigo. A escrita estava em um idioma que Serena sabia ser latim, não que pudesse ler. Mas os desenhos, bem, falavam por si só.

Serena se virou para Lockheart, que a observava com um olhar impassível, as mãos cruzadas atrás das costas. — Isso é...?

Os olhos frios e acinzentados dele passaram do rosto boquiaberto para o diário e vice-versa. — Pertenceu a Leonardo da Vinci. É um de seus muitos diários.

A respiração de Serena ficou difícil, como se estivesse inalando vapor quente.

— Meu Deus do céu.

Ele piscou.

— O senhor tem o diário de Leonardo... em sua *casa*.

— Sim, foi o que disse.

— Mas como?

— Comprei.

— Quem o teria vendido para o senhor? Por que alguém seria tão insano de vender uma coisa dessas? Por que alguém se separaria de um tesouro desses?

— Por dinheiro, Sra. Lombard. — Disse as palavras com uma certeza que a deixou arrepiada. Também a fez aprumar-se.

— O senhor diz isso como se o dinheiro pudesse comprar qualquer coisa, Sr. Lockheart.

— Tudo tem um preço.

— Foi o que acabei de dizer.

— Não, a senhorita disse que acreditava que o dinheiro pudesse comprar qualquer coisa. Não é o que eu acredito. Algumas coisas exigem uma moeda diferente, mas tudo tem seu preço e tudo pode ser comprado — a expressão

em seus olhos era fria, dura e astuta como a de um carrasco. — Qual é o seu preço, Sra. Lombard?

— Meu preço?

— Sim, desejo contratá-la para projetar meus jardins, supervisionar e gerenciar todos os aspectos de sua construção.

Serena acreditava que não havia nada que pudesse surpreendê-la mais do que encontrar o diário de Leonardo da Vinci. — Achei que o senhor só queria que eu o desenhasse?

— Mas então eu precisaria contratar outra pessoa para realizar seus projetos. E, no processo, parte do que a senhora criou seria alterado. Haverá mal-entendidos, erros serão cometidos — balançou a cabeça, uma careta de desgosto em sua bela boca. — Não, isso tudo soa muito... desorganizado, muito desordenado.

Serena achou sua escolha de palavras muito estranhas.

— Então — continuou — gostaria de contratá-la para gerenciar todo o processo, assim como todas as pedras e estatuária que a senhora considerar necessária.

Uma pequena risada sem fôlego escapou de sua boca aberta. — O senhor tem ideia de quanto tempo isso levaria?

— Não tenho pressa.

A porta se abriu e uma criada segurando uma enorme bandeja de chá entrou.

— Por favor, coloque a bandeja na mesa mais próxima do fogo, Mary — Lockheart se virou para Serena. — A senhora faria as honras, madame?

— Seria um prazer — caminhou em direção à bandeja em transe, sua mente girando.

Serena se consolou com o ritual previsível, suas mãos fazendo o chá e arrumando biscoitos nos pratos sem a ajuda da sua mente. Só quando o chá ficou pronto ergueu os olhos. Lockheart a observava com o olhar firme e neutro que ela começava a entender ser era característico dele. Parecia ser um homem totalmente desprovido de emoção.

— Como o senhor gosta do seu chá?

— Forte, com leite.

Deixou o chá em infusão um pouco mais e serviu seu próprio chá um pouco antes de servir o dele. Ele veio pegar o chá e o pires. — Obrigado,

senhora.

Serena o observou furtivamente enquanto ele se sentava. Realmente era lindo, suas pernas eram bem torneadas em suas calças compridas e seus ombros eram surpreendentemente largos para sua constituição esguia. Não usava joias, nem couro, suas roupas eram quase totalmente elegantes. Ao contrário de sua casa extravagante, parecia escolher suas vestes e acessórios apenas para agradar a seus próprios gostos. Apesar de ter construído esta catedral com excesso e riqueza, não parecia um homem que tinha muito interesse pessoal ou prazer nas armadilhas da riqueza. Por que, então, trabalhava tanto, se não por dinheiro e o que ele poderia comprar?

— A senhora mencionou que o projeto demoraria muito. Pode ser mais específica, Sra. Lombard?

Ela tomou um gole de chá e considerou a pergunta. — Teria que me sentar e pensar muito mais no assunto, mas acredito que o terreno em si poderia ser feito em menos de um ano, e isso seria com viagens de ida e volta para Londres e com...

— Gostaria que a senhora permanecesse aqui se aceitar a comissão. Não moro aqui e acredito que um projeto dessa magnitude exigiria supervisão em tempo integral.

Ela largou a xícara de chá e o pires com um chocalho. — O senhor quer dizer *viver* aqui?

— Isso seria um problema para a senhora? Eu só viria para consultar e observar o progresso de tempos em tempos — franziu a testa, como se uma ideia desagradável só naquele momento tivesse ocorrido a ele. — A senhora mencionou seus sogros. Suponho que seu marido não se importaria em ficar distante da senhora por longos períodos.

— Sou viúva, Sr. Lockheart.

Seus olhos piscaram levemente, mas sua expressão permaneceu cordial. Não ofereceu, como todas as outras pessoas que ela conhecia, quaisquer palavras de condolências.

— Então a senhora pode se mudar pela duração do projeto, sem grandes transtornos.

— Tenho um filho.

Ele inclinou a cabeça. — Um filho?

— Sim, um filho.

— Ele está na escola?

— Cresceu em uma casa cheia de professores. Mas tem dez anos agora e ainda não estou decidida se ele vai para um internato ou se terei de contratar um tutor — mais um assunto de dissensão entre Serena e o duque e a duquesa, que insistia que todos os indivíduos masculinos da família fossem para Eton.

— A senhora poderia trazê-lo aqui. Acredito que o ar do campo é bastante benéfico para as crianças.

— É mesmo? — provocou, comendo um biscoito para esconder o sorriso.

A pergunta o fez parar e sua testa se enrugou. — Lembro-me de ter lido isso, embora não consiga lembrar onde — a encarou com seu olhar frio. — Isso é algo que a senhora gostaria de confirmar antes de...

Serena não pôde evitar e então riu.

Suas sobrancelhas arquearam, fazendo com que suas belas feições parecessem arrogantes e quase majestosas. — Não acredita em mim?

Balançou a cabeça, ainda sorrindo. — De forma alguma, Sr. Lockheart, também acredito que as crianças prosperam mais no campo — hesitou. — O senhor passava muito tempo no campo quando era menino?

Ergueu os olhos do prato que estava praticamente intocado. — Fui criado em um orfanato em Londres. Nunca morei em outro lugar que não a cidade.

Tinha ouvido uma variedade de rumores sobre seu passado, mas dificilmente esperava uma admissão tão nua e crua. Em sua experiência, as pessoas não admitiam aspectos negativos de suas vidas. Pelo menos não tão inequivocamente. Serena não conseguia pensar em nada para dizer. Um orfanato? Como deve ser isso? Dezenas de perguntas surgiram em sua mente, nenhuma delas do tipo que tinha o direito de fazer.

— O senhor nunca morou até agora, é o que quer dizer?

Deu a ela um olhar questionador e ela gesticulou ao redor deles. — O senhor mora no campo agora.

— Ah. Não. Não moro. Passei menos de um mês aqui, no total, desde que a construção foi concluída, e não tenho planos de residir aqui de forma permanente.

Ela balançou a cabeça. — Menos de *um mês*? Por que a construiu?

Desta vez, quando a olhou, ela sentiu como se *realmente* estivesse olhando. — Por que construí esta casa?

Novamente acenou.

— Porque é preciso ter uma casa de campo para fazer negócios com a aristocracia.

Nunca tinha ouvido tal coisa colocada de forma tão direta. Teria dado muito para ouvi-lo dizer uma coisa dessas para o duque ou para a duquesa.

— Então essa é a única razão para — acenou novamente —, tudo *isso*? Essa casa enorme, esses terrenos que o senhor deseja projetar, as esculturas que deseja ter?

Suas sobrancelhas elegantes se ergueram apenas pela metade desta vez. — Sim.

Não parecia achar nada de estranho gastar centenas de milhares de libras em algo que era apenas um instrumento. — O senhor gosta da sua casa?

Ele franziu a testa ligeiramente.

Ah, finalmente uma reação.

— Receio que tenha me entendido mal, Sra. Lombard. Não é uma questão de gostar ou não gostar. É se vai se provar eficaz.

Serena decidiu que precisava de mais chá para continuar aquela conversa.

— Mais chá?



Gareth negou a oferta de mais chá e a estudou atentamente enquanto ela enchia sua própria xícara. Sua opinião sobre ela havia mudado sutilmente no decorrer da noite. Embora ainda achasse que o cabelo dela precisasse de controle, havia chegado à conclusão de que algo nela chamava sua atenção. Pelo menos atraía a *sua* atenção com bastante frequência. Gareth tendia a evitar a companhia de mulheres, já que normalmente não tinha ideia do que estavam pensando e, portanto, tendia a insultá-las ou decepcioná-las quando percebiam que ele era péssimo tanto em conversas quanto em flertes. A Sra. Lombard parecia não se importar nem um pouco. Na verdade, descobriu que conversar com ela não era muito diferente do que conversar com Declan, seu único amigo de verdade. Não que Declan fosse sempre fácil ou direto. Havia também o breve sorriso que a Sra. Lombard e Declan pareciam usar como

algo natural. Gareth não tinha certeza se eles não estavam fazendo troça dele, mas ao menos guardavam essas observações para si mesmos. Pelo menos a Sra. Lombard guardava. Declan frequentemente o repreendia por uma coisa ou outra.

Mas o que realmente *gostava* nos dois era o fato de que não o atormentavam com informações e afetações sociais desinteressantes e enjoativas. Ambos possuíam abordagens limpas e lógicas que ele achava revigorantes.

— Quando o senhor diz eficaz, o que quer dizer, Sr. Lockheart?

Pronto. Mais um exemplo de como era uma mulher maravilhosamente direta. Gareth não pôde deixar de se parabenizar por ter a perspicácia de reconhecer tal joia quando a viu e ofereceu um emprego. Não tinha dúvidas de que ela aceitaria sua oferta, embora ainda não o tivesse feito – e em seus termos – também. Todo mundo tinha um preço, até ela, embora ela não acreditasse nisso.

— Estou feliz que tenha feito esta pergunta. A senhora é uma mulher que trabalha pelo seu pão, Sra. Lombard. Talvez não esteja ciente dos hábitos da alta classe? — ela sorriu e acenou em vez de ser prolixa com a conversa. — Não estava ciente disso, a senhora vê. Mas comecei a notar um certo ponto além do qual não conseguia progredir quando se tratava de negociações comerciais. A barreira era invisível para mim e, devo admitir, como um homem que muitas vezes é incapaz de reconhecer as nuances, fui incapaz de identificar o problema. Foi meu parceiro de negócios Declan McElroy quem me explicou.

— Entendo. E o Sr. McElroy fala como um membro representante dessa classe que o senhor deseja, er, penetrar?

Gareth apenas a fitou. — O quê? Declan? Não, ele é irlandês e tem uma grande antipatia pelas classes proprietárias da Grã-Bretanha e da Irlanda. No entanto, tendo passado muito tempo próximo a essas pessoas, me aconselhou a comprar um terreno e construir uma casa adequada e adquirir uma esposa aristocrática se eu desejasse penetrar essa barreira invisível.

— Parece um bom plano.

Gareth estava gostando dessa mulher cada vez mais. Esperava, de certa forma, alguma exclamação estúpida quanto à natureza de coração frio de sua decisão.

— O senhor construiu uma bela casa e o paisagismo logo irá embelezá-la. O senhor só precisa adquirir uma noiva agora. Diga-me, Sr. Lockheart, se eu assumisse esta comissão, seria acompanhada por uma Sra. Lockheart nos próximos meses?

Ah, essa era a questão. Gareth pegou um biscoito, uma coisa de aparência arenosa cravejada com pedaços de nozes, e então o colocou de volta na bandeja. — Não, ainda não comecei minha incursão na área do matrimônio. Pensei em começar essa busca quando Rushton Park fosse concluída e eu pudesse ter algo a oferecer para uma esposa.

— Ora, Sr. Lockheart, isso soa quase romântico.

Gareth piscou. — Soa?

Riu da resposta perplexa dele e pousou a xícara e o pires vazios.

— Ah, entendo. A senhora está brincando. Receio não ter senso de humor, Sra. Lombard, ao menos é o que meu amigo McElroy costuma dizer.

— Se esse for realmente o caso, devo salientar que não o impediu.

Gareth sentiu-se satisfeito com o elogio indireto. — Essa é uma observação interessante, Sra. Lombard. Acredito que vou repeti-la para o Sr. McElroy quando lamentar o fato da próxima vez — ela riu e ele se permitiu um pequeno sorriso, não que acreditasse ter dito algo espirituoso. Ainda assim, era raro conversar com uma mulher e ainda mais raro fazê-la rir.

Limpou a garganta. — Agora, se pudermos voltar para nossa conversa original.



Serena não se lembrava da última vez em que dormiu tão bem. Presumia que deveria ser o colchão, que parecia ser feito de alguma substância semelhante a nuvens de seda. Deitou-se em sua cama celestial e observou o dossel azul celestial franzido acima, reconstruindo lentamente os eventos da noite anterior.

Assim que percebeu, um pouco tardiamente, que os planos de Sandy envolviam enganar Gareth Lockheart, se absteve de comentar sobre qualquer

coisa que não fosse jardins e estátuas. Quem poderia ter adivinhado que Lockheart – com todas as suas proezas renomadas como um empresário astuto – não era mais do que um cachorrinho perdido quando se tratava dos assuntos mais próximos e queridos ao coração da aristocracia: propriedades, casas de campo e cavalos.

Balançou a cabeça, seu estômago apertado de vergonha. Sandy deve estar realmente necessitado para se comportar de maneira tão desonesta e inescrupulosa. Comprar cavalos de seu primo Leeland – Landy, como o chamavam zombeteiramente – era vergonhoso. O “*haras*” de Landy em Yorkshire foi uma propriedade outrora próspera que ele destruiu desde que a herdara. Serena tinha ouvido falar do atual constrangimento de Landy, uma ligação com uma das filhas de seu fazendeiro inquilino que resultou em um filho que Landy não assumiu. Não tinha dinheiro, e certamente não tinha cavalos puro-sangue. Supôs que ele e Sandy conseguiriam alguns pangarés e os venderiam ao Sr. Lockheart por muito mais do que valiam.

Olhou ao redor de seu quarto, que estava tão abarrotado de móveis e bugigangas que só podia presumir que Sandy tinha feito algo semelhante quando se tratava de encher Rushton Park, gastar dinheiro de maneira que acabava enchendo seus bolsos. O Sr. Lockheart era perfeito para essa exploração e parecia que não faltavam pessoas dispostas a se aproveitar dele, e alguns desses eram parentes dela.

— Por Deus — murmurou, empurrando a pesada roupa de cama de seda e veludo para o lado – com grande relutância – e deixando seu agradável conforto.

Pediu água quente e considerou o resultado da reunião da noite anterior. Decidira levar uma semana para considerar a proposta de Lockheart para que desenhasse e implementasse seu projeto de paisagismo. Ele já havia informado que teria carta branca quando se tratasse de todas as considerações estéticas. Não só criaria a *pièce de résistance* e as obras que considerasse necessárias, mas também estaria em posição de contratar outros escultores e artistas.

A porta se abriu e uma criada entrou trazendo uma jarra fumegante.

— Bom dia senhora.

— Bom dia. Eu sou a última a acordar? — Serena despejou água na bacia.

— Sr. Lockheart está fazendo o desjejum, senhora, e o Sr. Featherstone

ainda não desceu.

Serena desceria para tomar seu café da manhã e cuidaria da viagem de volta.

— Sr. Jessup me fez entrar mais cedo e pegar seu vestido, senhora. Limpei com uma esponja e passei, parece limpo e fresco.

Serena sorriu. — Muito obrigada. Jessup pensa em tudo.

— Isso ele faz, senhora. O café da manhã é servido no primeiro andar, na ala da família. Devo enviar um laçao para guiá-la quando estiver pronta?

— Obrigada, mas não será necessário.

Serena lavou-se, penteou-se e vestiu-se com a eficiência habitual e desceu para tomar café da manhã em meia hora.

O Sr. Lockheart se levantou quando ela entrou na bela e ensolarada sala, sua pessoa alta e bem proporcional, trajando pantalonas castanhas, botas hessianas e um casaco azul marinho que tornava seus olhos cinza mais azuis do que cinzas. Estava devastadoramente belo na luz forte da manhã, seu cabelo castanho escuro e pele pálida contrastando com seu linho branco. Ao lado do prato comido pela metade, havia vários livros abertos. Agradou-lhe saber que sua biblioteca extravagante não era apenas para exibição.

— Ah, Sra. Lombard. A senhora acorda cedo?

— Normalmente acordo ainda mais cedo, mas a cama do meu quarto é a mais confortável em que já dormi.

— Fico muito satisfeito em saber disso. Os colchões são fabricados em uma pequena fábrica nos arredores de Manchester.

— Um bule de chá, por favor — pediu Serena ao laçao, seus olhos se voltando para o vasto número de pratos dispostos para apenas duas pessoas.

— Por favor, sirva-se, Sra. Lombard.

— Obrigada. Não deixe sua refeição esfriar, Sr. Lockheart, posso levar alguns minutos para fazer minha seleção.

Ele retomou seu assento. — Jessup insiste que servir a si mesmo é feito nas melhores casas, mas apenas no café da manhã.

Serena sorriu com o comentário ingênuo dele enquanto estudava a seleção de carnes, pratos com ovos e doces espalhados pelo enorme aparador. Era diferente de tudo que via há muito tempo, desde sua infância no Monsieur Favel's, onde a comida era uma religião. Serena e Lady Winifred geralmente tomavam café da manhã simples com mingau, e o duque e a duquesa não

tinham um chef do calibre de Lockheart. O café da manhã fora sua refeição favorita quando criança e amontoou comida no seu prato de uma maneira que deveria tê-la deixado envergonhada, mas não deixou.

Sentou-se em frente a ele e passou manteiga em um croissant quente, um deleite raro. — A sua cozinheira é francesa, Sr. Lockheart?

Ele ergueu os olhos da comida, que parecia estar dividida de acordo com o grupo de alimentos, da mesma maneira que o filho dela gostava de fazer. — É o que Jessup me diz. Ela é nova em Rushton Park. A senhora aprova sua culinária?

Como ele fez a pergunta enquanto Serena estava com a boca cheia de massa folhada amanteigada, tão leve que poderia flutuar para longe, só pôde assentir e torcer para que seus olhos não estivessem revirando de felicidade. Decidiu experimentar uma das quatro geleias dispostas na mesa ao lado.

— A senhora pensou mais em nossa discussão, Sra. Lombard? — Serena levantou os olhos do banquete e ele ergueu a mão. — Sei que não se deve discutir assuntos de negócios na mesa do café da manhã, mas partirei hoje mais tarde. Ficarei fora de Rushton por algumas semanas e espero deixar todas as instruções necessárias com meu secretário em Londres antes de partir.

Serena deu uma mordida nos ovos com creme de leite e pedaços de presunto e teve vontade de chorar. Cafés da manhã como este eram quase o suficiente para fazê-la aceitar sua oferta sem delongas. Engoliu em seco e limpou a boca com um guardanapo primorosamente bordado. A porta se abriu e o laçao trouxe seu chá.

— Posso ter uma semana para considerar sua oferta e fazer uma proposta completa?

— Isso parece razoável. Se a senhora aceitar o trabalho, quando prevê o início?

— Mudaria para cá com meu filho até o final do mês. Isso lhe daria três semanas para fazer os preparativos.

Lockheart assentiu. — Estarei em Leeds em uma semana a partir de amanhã. Se tiver alguma dúvida, pode entregá-las ao meu secretário em Londres que as encaminhará.

— Excelente. De uma forma ou de outra, o senhor receberá algo de mim até o final da próxima semana — Serena olhou para os livros ao lado dele. —

O que o senhor estava lendo quando cheguei?

Era possível ver o nó em sua expressão enquanto ele acomodava sua mudança de assunto. Havia notado isso enquanto discutiam na noite anterior. Sua concentração, quando focava, era total.

Girou o livro que estava aberto e o deslizou sobre a mesa.

Serena olhou para duas páginas tomadas por problemas matemáticos totalmente incompreensíveis. Símbolos e fórmulas de um tipo que não imaginava que pudessem existir. Olhou para cima.

— O que são eles?

— São problemas de cálculo publicados em periódico quatro vezes por ano. Eu os tenho encadernados em livros e estudo-os quando tenho tempo. Esse é de 1812.

Serena balançou a cabeça, seu olhar passando do rosto dele para os números, ambos estranhamente semelhantes em sua inescrutabilidade. — O senhor... *lê* esses periódicos?

— Sim.

Ela apontou para as páginas e empurrou o livro de volta para ele. — O senhor vai me dizer o que essas páginas dizem?

— Dizer?

— Sim, quais informações esses números e símbolos comunicam ao senhor?

Ele pegou o livro, virou-o com o lado direito para cima e olhou para a página, seus olhos piscando rapidamente sob as pálpebras baixas enquanto examinava o conteúdo enigmático.

Quando finalmente olhou para cima, seu rosto estava tenso, seus olhos um pouco mais escuros. Era uma expressão que Serena vira no rosto do pai antes dele começar um novo projeto ou quando encontrava a peça perfeita de mármore. Era uma paixão controlada e criativa, e foi a primeira emoção real que o viu demonstrar.

— Eles organizam eventos aparentemente aleatórios. Esse, — apontou para a página, mas não tirou os olhos dela. — Esse explica *tudo* se for capaz de desvendar seus mistérios. Sua voz era suave, mas seus olhos cinzas ardiam. Então, aqui estava um assunto que o entusiasmava. Não era dinheiro, nem posses, nem uma esposa: números.

Olhou para sua mão, que estava descansando sobre a mesa e segurando o

guardanapo com força suficiente fazendo com que os nós dos dedos ficassem brancos. Franziu a testa e jogou o guardanapo amassado no prato vazio e se levantou.

— Lamento deixá-la tão abruptamente, mas tenho um compromisso em breve. Instruí Jessup para que preparasse a minha carruagem para sua viagem de volta a Londres quando desejar partir. Dentro dela, a senhora encontrará os esboços de Beech e qualquer outra informação que tenho sobre os terrenos da propriedade. Desejo-lhe uma boa viagem e estou ansioso pelo seu contato — curvou-se e, assim, foi embora. Era como se um redemoinho tivesse varrido a sala, não uma pessoa que fazia seu desjejum calmamente.

Serena puxou o livro aberto e folheou as páginas enquanto comia, procurando algo que pudesse ajudá-la a entender o homem que acabara de sair.



Gareth deixou Rushton Park em seu cabriolé logo após a Sra. Lombard partir em sua carruagem. Não viu o Sr. Featherstone antes de partir e concluiu que o homem ainda deveria estar na cama, embora já passasse do meio-dia. Fez duas paradas ao longo do caminho e só chegou à cidade depois das oito da noite.

Tomou banho, trocou de roupa e jantou enquanto examinava a correspondência mais recente. Depois do jantar, mandou chamar Partridge, seu homem de negócios em Londres, embora já passasse das dez da noite. Gareth não teve receio de convocá-lo; pagava muito mais ao homem do que qualquer outro da mesma posição e o convocava com pouca frequência.

Não quis tomar vinho do porto ou uísque, tomou apenas chá em seu escritório enquanto examinava duas novas propostas que Declan havia lhe enviado. Uma delas era sobre um hesitante construtor de navios em Liverpool, cujas propriedades, contratos e perspectivas, Gareth determinou não serem propícias; mas o outro era sobre um esquema de canal que perdeu força antes mesmo que o terreno pudesse ser aberto e estava procurando novos

investidores.

Partridge se apresentou no momento em que Gareth terminara de rabiscar uma nota para Declan conseguir mais informações sobre o projeto do canal.

— Boa noite, Sr. Lockheart.

Gareth acenou para o homem já de idade e de pernas longas, e apontou para a cadeira à sua frente. Partridge era velho o suficiente e recusava o novo estilo de vestimenta formal e esportiva que até mesmo Gareth — com sua total falta de interesse por moda — sabia estar pelo menos cinquenta anos atrasado. Sua sobrecasaca era de brocado marrom com fios de ouro e seus sapatos pretos tinham fivelas do tamanho de pires de chá.

— Gostaria de algo para beber ou comer, Sr. Partridge?

— Não, obrigado, senhor — limpou a garganta, um sinal de que estava preparado para seguir em frente. Gareth gostava do homem e de seu estilo prático, que combinava perfeitamente com seus próprios modos; uma maneira que as pessoas muitas vezes consideram desajeitada, hostil ou fria.

— Gostaria que o senhor investigasse o Sr. Featherstone e seu primo Leeland Bowles. Especificamente, a operação de criação de cavalos de Bowles em Yorkshire — Gareth fez uma pausa e afastou o cabelo da testa, lembrando-se mentalmente que era hora de cortá-lo. — Deveria tê-lo investigado antes de contratá-lo, mas ele foi altamente recomendado por Jonathan Graves, que usou seus serviços enquanto montava sua propriedade em Surrey — essa última parte era mais para si mesmo do que para seu empregado. Havia se comportado de forma tola e agora parecia ter pagado o preço por isso. Featherstone não só estava tramando alguma trapaça, mas praticamente parou de trabalhar em nome de Gareth. Exceto pelos cães de caça que havia adquirido, é claro. Ainda assim, antes de tomar qualquer ação contra Featherstone, queria obter provas.

— Muito bem, senhor. Usarei o Sr. Steele.

Steele era um homem que trabalhava para a polícia, mas permanecia um agente livre. Como seu nome, ele é duro e impenetrável, um homem monstruosamente grande cujos modos lentos e pesados de maneira alguma refletiam sua agilidade mental.

— Diga a ele que tempo é essencial. Estarei de partida para Yorkshire na quinta-feira e gostaria de resolver o assunto antes disso — tirou o problema de Sandford Featherstone da cabeça. — Agora, o senhor tem aqueles planos que

encomendei para a nova cervejaria em Leeds?

Gareth e Partridge analisaram o número notável de assuntos de negócios que se acumularam em menos de uma semana e, quando Gareth ergueu os olhos, percebeu que já passava das duas da manhã.

— Isso é tudo por hoje, Partridge. Não precisarei dos seus serviços amanhã, mas venha me ver no dia seguinte.

Partridge endireitou a nova pilha de papéis que iria levar consigo e guardou-os cuidadosamente em sua grande maleta de couro. — Direi a Steele para entrar em contato com o senhor assim que tiver qualquer informação. Boa noite senhor.

Gareth acenou e olhou para os papéis em sua mesa, não erguendo os olhos até que o outro homem tivesse deixado a sala. Odiava despedidas e sempre se sentia incomodado com elas. Achava menos árduo simplesmente ignorar as pessoas quando chegava a hora de irem embora. Da mesma forma, quando chegava sua vez de deixar um lugar, simplesmente partia sem fazer rebuliço. Declan, um homem que tratava cada entrada e saída como se fosse uma ocasião de estado, sentiu que não era apenas seu lugar, mas seu dever, repreender Gareth por seus comportamentos estranhos.

“É extremamente desconcertante estar conversando contigo em um momento e no próximo perceber que estou falando comigo mesmo”, disse em mais de uma ocasião. Já que a boca de Declan raramente parecia parar de se mover, teria sido difícil encontrar o momento certo para sair quando *não* estivesse falando.

Gareth achou conveniente ignorar o irlandês gregário e loquaz quando ralhava com ele por sua terrível falta de polimento social. De acordo com aqueles que acompanhavam esse tipo de coisa – Declan, por exemplo – Gareth era um dos dez homens mais ricos do país. Como tal, não precisava mais se preocupar com seus comportamentos estranhos e como eles atingiam as pessoas. Era aceitável que não parecesse – não conseguisse – se encaixar.

Compreender isso deveria ter sido calmante. Em vez disso, deixou uma fome torturante em seu rastro: uma fome de nem sempre querer ser um observador.

Gareth se levantou da mesa e caminhou até o aparador, onde se serviu de um copo de uísque. Levou sua bebida até a janela e observou a praça silenciosa. Esta casa era a sua favorita, embora fosse de longe a menor. A

havia comprado completa com móveis, arte e criados de um homem que havia jogado profanamente e perdera todo o seu dinheiro. Tinha, essencialmente, mudado para a vida de outro homem. Declan disse-lhe que havia algo de errado com ele por se sentir tão confortável cercado por ornamentos de outra pessoa.

Gareth tomou um gole de sua bebida enquanto considerava a acusação de seu amigo, o líquido ardente caiu como um bálsamo calmante sobre uma ferida crua e pungente. Percebeu que sua mão estava fechada em um punho e então abriu os dedos, alongando a dor tensa deles antes de descansar o antebraço contra a moldura da janela e suspirar enquanto se inclinava contra ela para se apoiar. Não deveria estar pensando nessas coisas, certamente não naquele momento.

Já era tarde e ele, frequentemente, achava que a hora entre as três da manhã e a primeira luz do dia era a pior hora. A proteção da lógica, dos números e da matemática estava em seu ponto mais fraco, e então a emoção ganhou destaque. Não ajudou que suspeitasse da desonestidade de Featherstone. Não, essa suspeita o exauriu e o fez se perguntar qual era o sentido de tudo isso; esse acúmulo de riquezas e posses e a necessidade de protegê-los daqueles que queriam um pedaço. Isso o fez se sentir como um rato protegendo um queijo grande.

Por alguma razão, a palavra *propriedade* trouxe a Sra. Lombard para sua mente. Aceitaria a posição? Queria que ela aceitasse? Acreditava que ela era a escolha mais conveniente para um problema que estava ocupando muito de seu tempo, mas algo em seus olhos o fez pensar. Não era desonesta – não, não era isso – ao contrário, poderia ser honesta até *demais*.



Dois dias depois, Sandford Featherstone estava diante da mesa de Gareth em seu escritório em Londres.

Suas pálpebras tinham a aparência preguiçosa e esticada de um homem que está exausto até os ossos. Sua pele estava com uma coloração amarela

nada saudável e sua mão tremia quando a apoiou no braço da cadeira e se sentou pesadamente em frente à mesa de Gareth.

Gareth irritou-se ao perceber que havia perdido esses sinais de dissipação. Esse é o resultado quando se é um idiota desatento. Só podia imaginar a repreensão que teria de suportar de Declan sobre esse assunto.

Os olhos de Featherstone dispararam de Gareth para os documentos cuidadosamente empilhados que estava preparando para sua jornada rumo ao norte. — Partindo para Yorkshire hoje?

— Amanhã de manhã — Gareth se virou para os dois homens que estavam enchendo umas caixas com livros e papéis que Declan pediu que ele levasse. — Podem voltar em meia hora?

Os homens acenaram, levantaram-se e saíram sem dizer uma palavra, fechando a porta silenciosamente atrás deles, acostumados aos modos estranhos de Gareth.

Gareth pegou o relatório de duas páginas que o Sr. Steele havia preparado e o entregou a Featherstone, observando seu rosto enquanto lia. Seu rosto ficou vermelho e manchado. A culpa e, surpreendentemente, a fúria competiam pelo controle de suas feições estreitas. Sua boca se retorceu enquanto lia, até que seu rosto ficou parecendo uma ameixa seca. Não se preocupou em ler a segunda página.

Featherstone olhou para cima, seus olhos injetados de sangue brilhavam com fúria.

— Então, ela o fez bisbilhotar, não foi?

Não era o que Gareth esperava que ele dissesse e levou um momento para discernir quem “*ela*” era. Ele achava que a Sra. Lombard o havia denunciado. Gareth se perguntou brevemente se ela sabia da duplicidade do homem, mas em seguida decidiu que não importava. Tampouco se sentiu disposto a contradizer o outro homem ou explicar como ou por que decidira investigar os antecedentes e seu comportamento criminoso.

Gareth tamborilou com os dedos na mesa, o staccato *um, dois, três, quatro* o acalmava. Não se importava com essas reuniões tomadas por emoções e podia ver que Featherstone desejava prolongar essa provação até torná-la mais desagradável do que era necessário.

— O que fez é legalmente acionável, Featherstone. É uma sorte para o senhor que a quantia é insignificante demais para que me preocupe. Decidi

que não vou levá-lo a um magistrado — *um, dois, três, quatro, um, dois, três, quatro*. — Mandei recado para Rushton Park e seus pertences já estão a caminho de Londres — parou de tamborilar, apenas para empurrar um cheque na superfície lisa da mesa. — Aqui está o seu pagamento do último trimestre — *um, dois, três, quatro, um, dois, três, quatro*. — O senhor pegará este dinheiro e os pertences de seus aposentos aqui, foram encaixotados e estão esperando no saguão, e sairá de minha casa imediatamente — *um, dois, três, quatro, um, dois, três, quatro*.

Era possível ver o peito de Featherstone subindo e descendo rapidamente, mas não se moveu, seus olhos estavam piscando loucamente do cheque para Gareth e vice-versa. Por um momento, Gareth achou que ele fosse partir sem criar confusão ou fazer estardalhaço, então seus dedos pararam de tamborilar.

Depois Featherstone se levantou mais rápido do que Gareth achava ser possível para um homem em sua condição. Jogou o relatório de Steele sobre a mesa e se inclinou sobre ele, seu rosto uma máscara horrível. Gareth pôde sentir seu hálito azedo e seu odor corporal rançoso e sentiu repulsa.

— Seu *inútil* ignorante e arrogante, seu *burguês* safado, seu... seu...

Uma partícula de saliva voou de sua boca e pousou na mesa limpa e lisa de Gareth. Nenhum deles sabia se Featherstone viria com outro epíteto. A mão esquerda de Gareth, sua dominante, disparou e agarrou a gravata amarrotada dele. Levantou-se ao mesmo tempo, puxando o corpo de Featherstone sobre a mesa enquanto se debatia.

Gareth torceu o punho e o movimento apertou a gravata como um torniquete até que Featherstone começou a sufocar, suas mãos agarrando as de Gareth, mas não conseguindo apoio.

— O senhor vai pegar esse cheque e sair imediatamente. Mandarei entregar seus pertences em seus aposentos. Se falar mais uma palavra, serei forçado a agir. Pode balançar a cabeça se tiver entendido e concordar.

Featherstone acenou, ao menos o quanto pôde, pois, seus dedos dos pés mal estavam tocando o chão e sua garganta estava sendo apertada.

Gareth o soltou e ele caiu quase de joelhos, segurando-se na beirada da mesa para se equilibrar. Gareth observou, certificando-se de que ele não faria nada estúpido. Achou perturbador ter tido que tocar outra pessoa, mas o tocaria com consideravelmente mais violência se não mantivesse sua palavra.

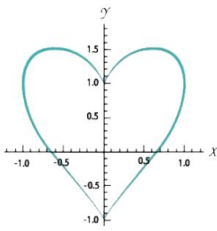
Featherstone lutou para pegar o cheque e pôs-se de pé. Cambaleando,

caminhou até a porta e se virou, a mão apoiada na maçaneta. Sua mandíbula se contraiu quando seus olhos se encontraram com os de Gareth. Por um momento, Gareth achou que poderia ser compelido a cumprir sua própria ameaça e deferir-lhe uma surra. Mas Featherstone apenas sorriu para ele desdenhosamente e abriu a porta com força o bastante para ricochetear contra a parede antes de sair com passos largos, desequilibrado.

Gareth o observou até que dobrasse a lateral em direção à escada e depois olhou para o relógio: era uma e vinte e três, tinha sete minutos até que os homens voltassem para pegar os livros. Voltou a sentar-se e apoiou a mão esquerda sobre a superfície lisa da mesa.

Metodicamente, limpou sua mente dos eventos dos últimos vinte e três minutos.

Um, dois, três, quatro, um, dois, três, quatro, um, dois, três, quatro.



Capítulo Quatro

Naquela noite, após Serena voltar para Londres, sentou-se com Lady Winifred Sedgwick, sua melhor amiga, com quem dividia a casa, e Lorde Miles Ingram, na aconchegante sala de estar da Albermarle Street para ter o que Miles chamava de Conselho de Guerra.

— Vamos discutir isso em detalhes e avaliar o objetivo e as potenciais estratégias — disse Miles com um sorriso que estragava suas sérias palavras. Era tão bonito que fazia até o Sr. Lockheart parecer simples. Seus cachos dourados, olhos azuis preguiçosos e características patricias faziam com que se parecesse com um Deus brincalhão que se divertia entre os mortais.

Winifred, ou Freddie — uma loira de cabelos da cor do sol de inverno em contraste aos cachos dourados e calorosos de Miles — balançou a cabeça. — E esta não é uma campanha militar, Miles. Serena está apenas considerando se aceita ou não uma posição.

— Uma posição com um dos homens mais ricos da Grã-Bretanha, e mais importante: um homem solteiro que está em busca de uma esposa.

— Serena não vai se casar com o homem, está considerando uma posição como paisagista dele — Freddie deu ao belo, mas empobrecido senhor, um olhar de frustração afetuosa enquanto o repreendia. Os dois agiam um com o outro com a facilidade casual de um casal há muito tempo juntos. Não pela primeira vez, Serena se perguntou se sua amiga e seu amigo sentiam algo a mais do que apenas amizade. Não que já tivesse visto qualquer sinal de que fossem amantes.

Serena voltou-se para Freddie, a mais séria — e instruída — dos dois.

— Vamos, Freddie, sabe tudo sobre todo mundo, o que sabe sobre o Sr. Lockheart?

Freddie ganhava a vida lançando as filhas de industriais ricos na sociedade, uma atividade que odiava, mas para a qual era perfeitamente adequada. Sua linhagem remontava ao Conquistador, era parente de todas as casas aristocráticas da Grã-Bretanha. De alguma forma, conseguiu manter a reputação de modelo da sociedade, embora tivesse trabalhado em uma escola para meninas e recebido dinheiro para isso.

— Como Miles já observou, ele é muito rico. Ao contrário de outros titãs da indústria, não se especializou em uma área. Em vez disso, parece que seu talento reside em números, e não em máquinas ou manufaturas.

Serena se lembrou do livro de equações e símbolos e pode muito bem acreditar que isso era verdade.

— Não o conheci, ou o vi na sociedade, mas dizem que é uma pessoa atraente e fala extremamente bem, nada parecido com os homens vindo de lugares como St. Giles e que lutaram para crescer na vida.

— Sim, ele fala sem sotaque regional ou alguma inflexão em particular.

Miles sorriu. — É *atraente* como pessoa?

Serena apertou os lábios e franziu o cenho severamente, como costumava fazer com alunos mal comportados. Mas suas bochechas quentes e vermelhas trabalharam para miná-la.

Miles deu um tapa na coxa e piou da maneira mais desagradável.

Freddie bufou de desgosto. — Sério, Miles.

— O quê? A senhorita é uma casamenteira, Fred, certamente pode concordar que um casamento de conveniência não precisa excluir a possibilidade de atração ou amor?

Os lábios carnudos de Freddie se estreitaram em uma linha rosa pálida. — Sabe o quanto eu não gosto dessa palavra vulgar, Miles.

— Amor?

Serena riu do olhar fulminante de Freddie. — Ora, os dois, sejam bonzinhos. Pelo menos até eu decidir o que devo fazer.

Miles encolheu os ombros e esticou as pernas longas e musculosas à sua frente. Calças desbotadas e Hessianos desgastados não diminuía de forma alguma a sua beleza.

— Suponho que não haja muito o que discutir. Um homem rico e atraente

ofereceu-lhe uma oportunidade que a senhora certamente deseja, e provavelmente um pagamento irrecusável. O que há para considerar?

— Está esquecendo de Oliver, Miles. Terá que arrancá-lo de seus amigos e mudá-lo para uma nova casa.

— Sim, uma nova casa luxuosa no campo. O dono da dita casa praticamente concordou em abandoná-la para que Serena e seu filho mudem para lá — fingiu um olhar de horror, — ora, que dificuldade!

Freddie deu a Serena um olhar de resignação. — É um homem, não há como raciocinar com ele.

— Oh, bobagem Freddie. Só falo o que é óbvio.

Serena suspirou. — Gostaria que todo mundo estivesse aqui — por *tudo mundo*, se referia às suas amigas da Academia Ivo Stefani de Música e Arte para Moças, onde todas se conheceram.

— Se estivessem aqui, me apoiariam sem pestanejar — Miles garantiu.

— Menos Lorelei — Freddie apontou.

Miles e Serena se entreolharam.

— Está bem — Miles concordou, — menos Lorelei.

Lorelei ensinava literatura e poesia na academia e era uma autoproclamada oponente agressiva e vociferante ao casamento, encarava *qualquer* casamento como uma prisão para mulheres.

— Mas Portia e Honoria certamente me apoiariam — Miles insistiu.

— Como o senhor chegou a essa conclusão? — Freddie perguntou.

— Bem, nenhuma delas está *aqui* agora, está? Ambas aceitaram posições que as levaram para longe de Londres e de suas vidas aqui. Veja como acabou bem para Portia.

Serena considerou as palavras de Miles. Portia, que era dona da academia decadente onde todas se conheceram, ficou profundamente endividada quando a escola foi fechada. Precisava de dinheiro tão desesperadamente que se comportou de maneira enganosa para garantir uma posição lucrativa na Cornualha, embora Freddy, Miles, Honoria e Serena tivessem tentado convencê-la a abandonar seu plano perigoso. No que pareceu ser um final de conto de fadas, casou-se com seu belo patrão e estava esperando seu primeiro filho.

Quanto a Honoria, que era a dona da casa em que estavam atualmente morando, raramente ficava em casa, pois aceitara encomendas de pintura que

a levava por todo o país.

Então, sim, Miles estava certo: suas duas amigas se afastaram do conforto que conheciam para ganhar a vida e talvez fazer um nome para si mesmas ou encontrar a felicidade no processo.

— Quanto a Annis — disse Miles quando Serena não respondeu, — todos nós sabemos o que ela diria.

Serena riu. — Tudo bem, vou conceder o apoio de Annis sem argumentar.

Annis, a professora de línguas da academia, era uma sonhadora sensível que acreditava que até aranhas e insetos se apaixonavam; ela provavelmente pensaria que um industrial em busca de uma esposa era uma oportunidade perfeita para um romance.

— Bem, se *me* perguntasse o que deveria fazer — Miles começou, embora ninguém tivesse perguntado. — Enviaria minha proposta junto com uma taxa astronômica. Cobraria o suficiente para que a senhora e Oliver não precisassem se preocupar com dinheiro por muito tempo — o brilho provocador nos olhos de Miles foi substituído por algo muito mais sombrio.

Como Serena e Freddie, Miles tinha que trabalhar para viver. Era o filho mais novo de um conde tão pobre que sua família não podia dar-lhe uma mesada após ter deixado o exército, três anos atrás. Serena não sabia por que Miles escolhera trabalhar como mestre de dança em vez de assumir um cargo no governo ou algo mais respeitável para um homem de sua classe, não achava que lhe cabia perguntar. Afinal, havia muitas coisas sobre seu passado que optou por não compartilhar com ninguém, nem mesmo com seus amigos mais queridos.

— E quanto à sua escultura? — Freddie perguntou, arrematando-a de seus pensamentos. — Sei que acha a ideia de projetar um jardim empolgante, mas sua verdadeira paixão é a sua arte, não é?

Serena considerou a pergunta da amiga. Era? Oh, adorava quando um trabalho progredia de acordo com sua visão. Mas Serena sabia que, no fundo, nunca seria uma grande artista. Proporcionaria alegria a quem visse seu trabalho, mas não seria admirada e imitada por gerações de escultores no futuro.

Percebeu que os outros dois estavam esperando por uma resposta. — Ele tem um bloco de estábulos recém construído, e há uma área enorme, com portas que se abrem dos dois lados e fornecem uma luz maravilhosa. Disse

que eu poderia usá-la para meu espaço de trabalho enquanto morar lá — olhou de Freddie para Miles. — Para começar, estarei ocupada planejando as várias partes da propriedade, mas assim que os projetos estiverem em andamento terei tempo suficiente para trabalhar.

Miles assentiu. — Ele deseja encomendar esculturas além da jardinagem — não era uma pergunta. — Colocando todas as piadas sobre ele à parte, não vejo como poderia recusar tal oportunidade, Serena, ou porque iria querer. Pode ter trabalho por muitos anos, mesmo após os jardins estiverem prontos.

— Eu sei. Ele me disse que posso fazer o trabalho eu mesma ou escolher artistas cujo trabalho aprovo. É uma grande oportunidade para formar algumas alianças muito importantes na comunidade de escultura de Londres.

Os dois sabiam o que ela queria dizer, com tal poder de patrocínio ela poderia elevar sua posição de escultora e fazer parte do grupo que a haviam excluído, tanto por ser mulher quanto por ser estrangeira.

Serena olhou para Freddie, que havia pegado seu dedal e estava mexendo na agulha. Freddie odiava ficar parada e seu bordado impecável era mais uma maneira de ganhar dinheiro, embora ninguém pudesse saber que o vendia.

— Sou uma tola por estar hesitando tanto sobre isso, Freddie?

— Nunca é tolice considerar todos os ângulos. Por mais que eu odeie admitir, concordo com Miles — ergueu os olhos da costura, seus olhos castanhos sérios. — Acredito que esta é uma oportunidade que não pode deixar passar. Vai tirar Oliver daqui, mas com um bom propósito. Também acho que será excelente os dois estarem juntos no campo. Sentirei muita falta dele — e suas — terrivelmente, mas será como férias agradáveis longe da sujeira e do barulho de Londres — hesitou e perguntou: — Disse que o Sr. Lockheart não vai passar muito tempo lá?

— Não se importa muito com o campo e passa a maior parte do seu tempo percorrendo a Grã-Bretanha, reunindo com seus parceiros de negócios em vários lugares para avaliar seus investimentos. Então acho que não o veremos com muita frequência.

— O Sr. Lockheart já tentou me contatar uma vez, sabe? — Freddie disse.

— Tentou? — Serena e Miles falaram ao mesmo tempo.

Freddie acenou, mas não tirou os olhos do trabalho dela. — Estava ocupada com a garota Wandsworth na época e tinha outro compromisso depois. Disse-lhe que não estava disponível naquele momento e enviei uma

carta indicando quando poderia estar livre. Ele nunca respondeu.

Miles levantou as sobrancelhas. — Quando foi isso, Freddie?

— Não muito depois de a escola ter fechado.

— Nós nunca deixaremos que termine de nos contar o que sabia sobre ele — Miles cutucou.

— Contei-lhes tudo que eu sei. É uma pessoa que parece ter vindo do nada, talvez uns quinze anos atrás. Além do fato de ter vindo de Londres, não se sabe mais nada sobre ele. Sabe-se que pertence a vários clubes, mas quase nunca põe os pés neles. Seu amigo Declan McElroy, segundo os relatos, é um homem muito mais gregário, parece ser seu único ponto de contato com a sociedade — Freddie olhou-os com ironia. — Suponho que tenha me escrito na esperança de que eu pudesse encontrar-lhe uma noiva, do jeito que provavelmente ordena todo o resto. Como não ouvi falácias sobre ele na sociedade, só posso presumir que colocou o assunto de lado.

Serena se perguntou se era significativo ele ter-lhe contado sobre o orfanato e decidiu que não era. Provavelmente ninguém sabia nada sobre ele, pois era um homem de poucas palavras, e não um homem cuja intenção era esconder o seu passado. Afinal, havia-lhe contado sobre suas origens, mesmo mal se conhecendo. Não, ele parecia ser do tipo que raramente participava de conversa fiada. Devia considerar-se sortuda por tê-lo atraído para tal indiscrição.

Miles se inclinou, seu rosto repentinamente ansioso. — Entendo que ele utiliza fórmulas matemáticas para determinar seus investimentos.

— Não saberia dizer sobre isso, mas não me surpreenderia. Estava lendo jornais matemáticos por prazer enquanto estive lá. Eram bastante... incompreensíveis. É um homem muito inteligente, cuja maior prioridade é deixar as demandas mundanas da vida cotidiana nas mãos de outra pessoa — virou-se para Freddie. — Sabia que ele contratou o mordomo de Remington?

Freddie deu uma risadinha. — Sim, foi um grande escândalo, não foi? O inestimável Jessup. O viu lá?

— Parecia bastante contente. Também contratou Sandy Featherstone, o vi por lá.

Freddie levantou a cabeça com essa afirmação e Miles franziu a testa. Foi Miles quem falou primeiro: — O que ele estava fazendo lá?

— Afirmou que estava ajudando Lockheart a bancar o cavalheiro do

campo. Mas acredito que esteja planejando algum tipo de golpe com Landy, seu primo. Receio que estejam tramando roubar o Sr. Lockheart.

Miles balançou a cabeça. — A dupla infame: Sandy e Landy Featherstone. Landy estudou em Eton, um ano abaixo de mim. Era uma cobra, mesmo naquela época. Estou surpreso que um homem tão astuto como Lockheart se permitiria ser vítima de tais esquemas óbvios.

— O Sr. Lockheart, acredito, não deseja ser incomodado com ninharias. Atrevo-me a dizer que contratou Sandy por recomendação de alguém – assim como está querendo me contratar por causa de Beech – e tirar o problema da frente. Infelizmente, Sandy aproveitou a oportunidade de tanta confiança e latitude ilimitada para envolver Landy.

Serena estava se perguntando sobre o que Sandy estava aprontando quase tanto quanto considerava aceitar aquele emprego incomum de um empregador incomum.

— Vai dizer alguma coisa para Lockheart? — Miles perguntou.

— Vou falar primeiro com Sandy e alertá-lo a parar, seja qual for a trapaça que ele e Landy estejam tramando. Se não o fizer, direi a Lockheart quando aceitar sua oferta.

Freddie olhou para cima com as palavras dela e Miles sorriu. — Então, está decidido.

Sorriu para seu amigo e amiga. — Sim, está decidido.



Serena levou três dias para trabalhar em sua proposta depois que tomou a decisão. Forneceria um plano mais abrangente uma vez que estivesse instalada em Rushton Park, mas, por enquanto, desejava cumprir o acordo e enviar-lhe o aceite dentro de uma semana.

Poderia simplesmente ter enviado os planos e a proposta ao secretário do Sr. Lockheart por meio de um mensageiro, mas tinha curiosidade de ver sua residência em Londres, que aparentemente também servia como seu local de trabalho. A distância era muito longa para caminhar, então fez o trajeto da

Albermarle Street até a Russell Square em uma carruagem alugada.

O Sr. Lockheart morava em uma das casas mais novas construídas no terreno da antiga casa do duque de Bedford em Londres. As residências eram bastante elegantes e a Russell Square tinha sido projetada por Humphry Repton, um homem considerado por muitos o sucessor de Capability Brown. Serena visitou Repton alguns anos atrás quando começou a se interessar por paisagismo. Foi generoso com ela e mostrou-lhe vários de seus famosos “*livros vermelhos*”, os extensos planos ilustrados que fazia para a maioria das suas encomendas.

Uma governanta cumprimentou Serena e pegou seu “*livro vermelho*” um tanto áspero e a proposta que havia preparado.

— Vou levar isso para o Sr. Partridge, senhora, que vai querer vê-la. A senhora faria a gentileza de esperar um momento na sala de visita?

Serena recusou a oferta de chá e a mulher a levou até uma sala no segundo andar com uma vista agradável para a praça. A mobília não tinha nenhuma semelhança com a de Rushton Park, mas era simples, de bom gosto e quase rústica. Como na casa de campo, não havia quadros pendurados nas paredes, as mesas ocasionais não tinham bugigangas em suas superfícies altamente polidas e a atraente lareira continha apenas um item, um relógio incomum com seu mecanismo à mostra.

Serena o estava examinando mais de perto e pensando no quanto Oliver iria gostar – havia desmontado o relógio da sala de aula sem permissão, mas fora esperto o suficiente para remontá-lo – quando a porta se abriu e um homem de estatura pequena entrou.

Fez uma reverência graciosa e cortês. — É uma honra conhecê-la, Sra. Lombard, sou Richard Partridge — de pé era da altura do seu nariz e suas roupas eram de pelo menos meio século atrás.

— Lamento vir sem aviso, mas o Sr. Lockheart indicou que desejava prosseguir o mais rápido possível.

Sentando-se na menor das duas cadeiras em frente a ela, Partridge soltou uma gargalhada. — Sim, ele é um homem que não deixa a poeira baixar. Deixou instruções estritas sobre o assunto. Meramente dei uma olhada em sua proposta antes de vir para que a senhora soubesse que é aceitável.

Serena piscou.

— Mas... o Sr. Lockheart não gostaria de olhar antes?

— Ah, não. Foi muito específico em suas instruções. Eu deveria aceitar qualquer proposta que a senhora apresentasse.

Serena ficou pasma. A quantia que havia pedido era escandalosa, graças principalmente às recomendações de Miles. Ele a aconselhou a chegar a uma quantia chocante, e depois dobrá-la. Quando Serena objetou, ele, pela primeira vez, falara muito sério.

— Não subestime o seu trabalho, Serena. Ele espera que se mude com seu filho e gerencie todo o grande projeto. O próprio Humphry Repton não cuida desses assuntos. Isso vai ocupar sua vida por muito tempo. Na verdade, o triplo da quantia, dizem que está entre os cinco homens mais ricos do país.

Então Serena, contra o escrúpulo de sua consciência, triplicou seu valor original. E Lockheart nem mesmo estudou o orçamento antes de aprová-lo. Percebeu que o Sr. Partridge ainda estava esperando.

Deu-lhe um sorriso um tanto envergonhado.

— Perdão, fiquei apenas um pouco surpresa.

— Não precisa se desculpar, compreendo muito bem. Eu mesmo tive a mesma reação quando vim trabalhar para ele — Partridge tirou um retângulo de papel dobrado do casaco. — O Sr. Lockheart me instruiu que emitisse o primeiro trimestre com antecedência, acabei de escrever um cheque para a senhora.

Serena olhou para a quantia do cheque e engoliu em seco. Aquilo era real.

— O Sr. Lockheart também deixou sua carruagem e os criados desta residência à sua disposição caso a senhora precise de ajuda para empacotar a sua mudança.

Acenou, estava atordoada. — Obrigada, isso é muito gentil.

— Também estou à sua disposição, Sra. Lombard. Por favor, encaminhe quaisquer contas ou solicitações para mim e tomarei as providências para que sejam atendidas imediatamente.

Levantou-se e ele foi até a porta para abri-la.

— A Sra. Hazelton indicou que a senhora veio com uma carruagem de aluguel, madame. Tomei a liberdade de mandar trazer a carruagem do Sr. Lockheart para levá-la para casa.

Serena logo se viu abrigada em outra das luxuosas carruagens de Lockheart, segurando um cheque com mais dinheiro do que já tivera em toda a sua vida, sua cabeça girando.



Apenas a Sra. Brinkley, a governanta, estava em casa quando Serena chegou. — Minha senhora está fazendo compras com sua mais nova pupila e Oliver e Madame foram ao parque.

Serena assentiu, desapontada por não ter ninguém com quem compartilhar as novidades.

Bem, podia muito bem começar a fazer as malas.

— Estarei na cocheira, Sra. Brinkley.

Serena vestiu roupas de trabalho mais velhas antes de seguir para os estábulos ao lado da casa. Como não tinham carruagem ou cavalos, usava o espaço vazio como oficina.

Não tinha nenhuma peça em andamento no momento, mas era uma trabalhadora bagunceira – para seu desgosto – e passou muito mais tempo limpando a oficina antes que pudesse localizar as ferramentas que levaria para Rushton Park.

Tinha acabado de colocar o último de seus cinzeiros em sua caixa de ferramentas de madeira surrada quando uma voz atrás dela a assustou.

— Fazendo malas para uma viagem, não é?

Serena se virou e encontrou Sandy encostado em uma das portas duplas, o sol atrás dele escondia seu rosto.

— Sandy! — ergueu a mão e a depositou sobre o coração acelerado. — O senhor me assustou.

Ele caminhou em sua direção, seu andar instável. Ela arfou quando finalmente conseguiu distinguir o rosto dele. Um olho estava roxo e fechado, seu lábio estava inchado e havia hematomas por toda a sua mandíbula.

Deu um passo na direção dele. — O que aconteceu?

Seu rosto horrível ficou ainda mais feio com um sorriso de escárnio. — A senhora aconteceu, minha prima querida.

Hesitou. — O que quer dizer?

— Sabe muito bem o que quero dizer! — caminhou em sua direção, sua forma ameaçadora era chocante. Serena deu vários passos para trás, mas ele continuou avançando. — A senhora disse algo para ele, não disse?

Balançou a cabeça, seus pés tropeçando em algo no chão bagunçado. Estendeu a mão para se firmar contra a madeira lascada de uma baia de cavalo. — Se o senhor está se referindo ao Sr. Lockheart, não, não disse uma palavra.

— A senhora é uma mentirosa! — seu grito foi alto e agudo.

Serena parou, recusando-se a recuar mais um passo. Empurrou-se contra ela, Serena precisou olhar para cima para poder ver seus olhos. Repulsa, medo e uma raiva tomaram conta do seu corpo ao sentir o corpo dele contra o dela, mas manteve-se firme.

— Só um idiota não teria percebido seu esquema com Landy — deixou todo o desgosto que sentia por ele transparecer em seu rosto. — Seu comportamento foi nojento. Lockheart foi tolamente generoso com seu salário, mas isso não foi suficiente, teve que enganá-lo.

— E quem pensa que é para se fazer de tão alta e poderosa? A senhora e seu *primo* e tudo o que estão escondendo entre si.

O medo a paralisou. — Não sei do que está falando — mentiu, sua voz rouca.

— É uma maldita mentirosa. Se Bardot é seu primo, então eu sou sua avó. Ele é seu amante ou conspirador ou as duas coisas e os dois estão tramando algo — sorriu, o ato expôs um dente quebrado e as gengivas sangrando. — Vou descobrir o que exatamente é, e vou limpar essa expressão hipócrita do seu rosto com isso.

Uma sombra apareceu na porta aberta e Featherstone se virou.

— Featherstone, que surpresa vê-lo aqui — uma voz divertida e culta atravessou o ambiente. O corpo grande e poderoso de Miles encheu a porta.

Serena se sentiu fraca de alívio.

Sandy sorriu desdenhosamente, mas se afastou. — Ora, se não é o visconde Ingram — mencionou o título de cortesia — que Miles nunca usava — em um tom tomado por repugnância e deu uma risada desagradável. — Veio para um pequeno conflito com a viúva, não é?

Miles parou a alguns passos de distância, seus olhos voltando para Serena para se certificar que ela estava bem antes de voltar para o outro homem. Tinha o mesmo sorriso encantador que sempre enfeitou seu belo rosto, mas Serena o conhecia bem o suficiente para saber que estava irritado com a pergunta grosseira de Sandy.

— Parece que o senhor caiu do cavalo e deu de cara no chão, Featherstone — seus lábios se curvaram. — Ou talvez tenha feito perguntas rudes e desrespeitosas à pessoa errada? — seus olhos azul-celeste estavam gelados como a neve.

Featherstone engoliu em seco com a ameaça silenciosa e se virou para ela. — Peço desculpas pelo meu comentário desrespeitoso, Serena.

Ela assentiu. — Deve ir, Sandy — Serena não conseguia desviar o olhar de Miles, cujo sorriso não escondia o perigo que emanava dele como ondas de calor.

Mancando, Sandy deixou a cocheira sem dizer mais nada.

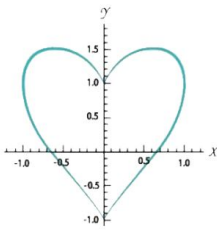
Serena soltou a respiração. — Fico sempre feliz em vê-lo Miles, mas nunca fiquei tão feliz quanto hoje.

Seu olhar preguiçoso e divertido estava de volta em seu rosto, uma máscara que tirava e colocava tão rapidamente que ela mal percebia a mudança. — Espero que tenha sido aquela que fez aquilo na cara dele?

Serena deu uma risada fraca.

Miles segurou-a pelo braço. — Vamos, querida, vim buscar um pouco de chá e alguns daqueles biscoitos de limão que a Sra. Brinkley faz só para mim. Não tinha ideia de que primeiro teria que livrar o lugar dos ratos, agora estou morrendo de sede.

Ela riu e eles entraram, mas as ameaças de Sandy sobre Bardot continuaram soando em seus ouvidos. Pode ter partido hoje, mas não foi embora para sempre.



Capítulo Cinco

Oliver dormiano assento em frente a Serena, seus cabelos castanhos e cacheados estavam jogados no colo de Nounou, cuja cabeça estava descansando contra as almofadas, seu queixo caído enquanto ela roncava. Embora Oliver fosse velho demais para precisar de uma babá, Serena a manteve porque ela não tinha outro lugar para ir. Além disso, também lhe servia como acompanhante, caso os defensores dos bons modos achassem que essas coisas eram necessárias.

Seu filho havia levado uma boa hora e meia para parar de pular no assento de couro macio e bem arqueado e de enchê-la de perguntas. Três semanas não foram suficientes para que ele se cansasse da ideia de um novo lar.

Havia vivido a maior parte de seus dez anos de vida na casa da Albermarle Street, não importando o quanto o duque e a duquesa tivessem tentado convencer Serena a se mudar para uma de suas casas ou, veja bem, a deixá-los criar o neto. Não, Oliver era dela. Apesar do que seus sogros pareciam acreditar, não o estava criando na miséria, mas com amor em um lar perfeitamente estável, embora um pouco menos convencional do que a maioria das crianças de sua classe social. Ele passava o final de todos os verões e o Natal com seus avós e família em Keeting Hall. Mas o resto do ano, ficava com sua mãe. Estava crescendo muito rápido e ela gostava demais da sua companhia para ceder aos desejos de mandá-lo embora para algum bárbaro colégio interno inglês, onde os outros meninos o insultariam e atormentariam por ter uma mãe plebeia, uma mulher que na verdade *trabalhava* para se sustentar. Não, ficaria com ela até que, juntos, decidissem

como ele gostaria de viver sua vida.

Serena abriu o caderno de desenho que nunca ficava sem. Nele continha os esboços que fizera de Rushton Park e, por algum motivo, um que fizera de seu estranho proprietário. Era Gareth Lockheart como lhe parecera naquele café da manhã, enquanto descrevia o apelo dos números e símbolos. No desenho dela, o cabelo dele estava mais selvagem, a gravata desamarrada e o casaco solto e desalinhado, como se ele estivesse estado em um ciclone. O desenho a fez sorrir e ela balançou a cabeça. Ora, mas como era uma mulher previsível, ficando atraída pelo seu belo rosto e corpo e ficando intrigada por sua maneira remota e inalcançável. Em seus momentos mais sãos, disse a si mesma que números eram a única coisa que traria aquele homem frio à vida. Mas à noite, quando estava sozinha, lembrando-se das horas que haviam passado juntos planejando e criando beleza para os jardins ao redor da sua propriedade, imaginou-se como a chave que o destrancaria. Como uma princesa beijando um príncipe congelado.

Fechou o caderno e com ele, seus olhos, recostando a cabeça contra o estofado luxuoso. Não acreditava que ainda existisse romance dentro dela após tantos anos sozinha. Quando foi a última vez que olhara para um homem como um homem? O rosto de seu amigo Miles apareceu em sua mente. Era verdade que Serena mal conseguia olhar para outra coisa quando seu lindo amigo estava no mesmo ambiente, mas isso acontecia com todas as mulheres. Mas essa ênfase inicial que Serena sentira pelo belo homem rapidamente transformou-se em um afeto caloroso e fraternal. Para sua sorte, Miles não era o tipo de homem que lhe despertava um interesse romântico. É claro, tinha sua cota de segredos profundos e sombrios, mas era – em geral – aberto, social e radiante. Por alguma razão – provavelmente apenas por pura teimosia – Serena sempre gravitava em torno de homens tímidos, inescrutáveis ou feridos. Freddie disse que era um forte instinto maternal.

“É o tipo de mulher que deveria ter muitos filhos, Serena.” Freddie havia lhe dito em mais de uma ocasião, na maioria das vezes quando estava criando desculpas ou acudindo algum aluno sem capacidade nem entusiasmo para concluir um projeto.

Isso pode ser verdade, mas Gareth Lockheart não era uma criança, e ela não estava sendo paga para resgatá-lo ou salvá-lo.



Estava quase anoitecendo quando a carruagem percorreu a longa entrada que levava a Rushton Park.

Oliver havia acordado há pouco tempo e os dois juntos observavam a paisagem. Ele estava devidamente impressionado com a mansão.

— *Il n'est pas si vieux que la maison du grand-père?*

— Não, esta é uma casa muito mais nova que a do seu avô — Serena olhou de Nounou para o filho. — Acho que seria melhor se falasse inglês comigo enquanto estivermos aqui, Oliver. Pode continuar a falar francês com Nounou quando estiverem sozinhos. No entanto, é muito rude falar uma língua que as pessoas ao seu redor não entendem.

— Hurra! — Gritou, como se falar inglês fosse um prazer.

Nounou, uma velha rabugenta que veio para a Inglaterra com uma família de refugiados que não tinha condições de pagá-la, não tinha paciência para a língua do país que lhe dera asilo. Ela bufou e revirou os olhos ao ouvir a frase de Serena, claramente determinada a continuar da maneira que quisesse.

A carruagem rugiu suavemente sobre os paralelepípedos e Serena ergueu os olhos e viu que haviam chegado. Para sua surpresa, uma longa fila de criados a aguardava. E, apertando os olhos para ver melhor, lá estava Jessup à frente deles.

— O que *ele* faz aqui? — Nounou exigiu, seus olhos fixos no mordomo quando a carruagem parou.

— Em inglês, Nounou. Ele trabalha para o Sr. Lockheart agora — deu um sorriso malicioso a sua criada obstinada e rude. — Tenho certeza de que vai gostar de se reaproximar dele — não pôde evitar a gentil provocação. Jessup e Nounou não se davam bem desde a primeira vez que se conheceram anos atrás, em Keeting Hall. Serena acreditava que os dois se comportavam como amantes. Bem, agora passariam meses juntos no mesmo ambiente e isso seria algo que a entreteria à noite.

— Reúna suas coisas, Oliver — disse Serena enquanto a carruagem se movia, indicando que o cavaleiro havia desembarcado. A carruagem era o mesmo veículo enorme e luxuoso que o Sr. Lockheart a mandara para casa,

três semanas atrás. Serena estava preocupada que agora não aceitasse qualquer outro tipo de veículo.

Jessup aguardava do lado de fora. — Seja bem-vinda de volta, Sra. Lombard e Mestre Oliver, não o vejo desde que o senhor era apenas... — parou, seu rosto se transformando em uma pedra. — Ah, a senhora ainda está na Inglaterra, Madame Petit.

— E o senhor também, *Monsieur Jessup* — a postura de Nounou era majestosa ao permitir que o belo laçao a ajudasse a sair da carruagem. Os dois criados examinaram um ao outro como gatos com seus rabos torcidos antes de Jessup se virar para a fila de criados à espera e começar a fazer as apresentações.

Depois que Jessup a conduziu pela longa fila e Serena cumprimentou cada um deles, ciente de que esqueceria metade dos nomes, virou-se para ela. — Tomei a liberdade de mandar equipar a sala de aula e preparar dois quartos. A senhora gostaria de vê-los antes de lhe mostrar seus aposentos, madame?

Serena olhou para o filho. Os olhos de Oliver estavam pesados, não importava o quão animado estivesse. — Sim, vou acompanhá-lo e talvez possamos fazer uma refeição leve na sala de aula.

Embora Serena não tivesse ido à sala de aula durante sua última visita, era fácil adivinhar onde ficava. Assim como o resto da casa, os quartos estavam mobiliados e decorados. Ao contrário do resto da casa, alguém a fez com bom gosto e bom senso. Os móveis eram todos de boa qualidade e robustos. O quarto de Oliver tinha grandes janelas que permitiam que uma boa quantidade de luz entrasse, assim como a própria sala de aula.

— E este é o quarto de Madame Petit — Jessup abriu uma porta que dava para um pequeno vestiário no quarto de Oliver.

Serena e Nounou pararam na porta. O quarto era pequeno, mas aconchegante, luxuosamente decorado em tons de rosa, dourado e castanho chocolate. O dossel da cama era uma linda tapeçaria em jardim e toda a suíte era muito além do que uma babá ou governanta poderia esperar.

Nounou permaneceu estranhamente silenciosa, então Serena falou. — Minha nossa, este é um quarto encantador, Jessup.

As pálpebras pesadas de Jessup estavam baixas demais para ver a direção de seu olhar, mas Serena teria jurado que estava observando sua inimiga francesa.

Serena deixou Nounou e Oliver se acomodando e seguiu Jessup de volta para uma suíte não muito longe da que ela ocupara antes. Suas malas já haviam sido trazidas para seu quarto e uma jovem as estava desfazendo.

— Susan cuidará de suas necessidades pessoais enquanto estiver aqui, Sra. Lombard.

Serena percebeu pelo aperto infinitesimal da boca de Jessup que ele notou a falta de uma criada e não permitiria que tal coisa acontecesse enquanto estivesse no comando.

— Obrigada, Jessup. Olá, Susan.

A garota corou e fez uma reverência.

— Gostaria de um banho antes da refeição, senhora?

— Vou apenas me trocar e me refrescar. Não acho que Oliver ficará acordado por muito mais tempo, então talvez eu tome banho depois de termos feito nossa refeição.

Jessup fez uma reverência e saiu.



Mais tarde naquela noite, Serena percebeu que estava ansiosa e animada demais para dormir. Depois de colocar Oliver na cama e ler uma história para ele, decidiu explorar um pouco. Apesar da aparência externa bastante fantástica da casa, o layout era bastante lógico: uma seção central contendo uma grande entrada, uma ala com cozinha, lavanderia e dependências de empregados e outra ala para a família.

Cada parte da casa que tinha visto estava escrupulosamente limpa e ridiculamente bem iluminada. Quando perguntou a Jessup sobre o excesso de velas, disse-lhe que era por instruções explícitas do Sr. Lockheart.

— Mas há velas até nos cômodos que as pessoas raramente usam.

— Sim, senhora. Devem permanecer acesas a noite toda quando ele estiver aqui. Indicou que eu poderia apagá-las quando quisesse em sua ausência. Sua casa em Londres é igualmente iluminada da mesma forma o tempo todo, para o caso dele aparecer sem aviso — hesitou um momento

antes de continuar. — O Sr. Lockheart é um mestre muito fácil, mas existem algumas áreas nas quais é extremamente rígido. É excessivamente meticuloso com sua pessoa e o ambiente que o cerca. Acho melhor sempre deixar todos seus itens exatamente onde ele os coloca.

Serena havia entendido o que ele queria dizer. Moraria aqui, mas não deveria tratá-la como sua propriedade.

Como se tivesse ouvido seus pensamentos, Jessup acrescentou: — Ele é extremamente preciso sobre seus próprios aposentos e a área da biblioteca que usa como escritório.

Sim, Serena tinha visto sua mesa e a área ao redor; era um oásis de calma. Portanto, seus próprios gostos eram naturalmente elegantes. Serena achava que sua casa teria sido decorada de forma muito mais adequada se ele confiasse em seu próprio estilo simples e limpo, em vez de Sandy.

Decidiu explorar primeiro as salas comuns e depois investigar os aposentos da família.

A biblioteca já vira e a exploraria com muito mais atenção nos meses seguintes. Seu coração palpitou ao pensar no diário de Leonardo e em todos os outros tesouros a serem descobertos.

Além da biblioteca, havia três salas de estar, embora uma fosse muito pequena para merecer o nome de sala. Serena decidiu que aquela seria a sala onde passaria o entardecer com Oliver. Os tapetes grossos e as lareiras em ambas as extremidades da sala garantiam que seria quente e aconchegante nos meses de outono e inverno.

Havia uma sala de música com um piano que sua amiga Portia salivaria para tocar, Serena fez uma anotação para si mesma para mencioná-lo na próxima carta que escrevesse à amiga.

As salas de jantar e de café da manhã já tinha visto. Na parte de trás da casa havia uma sala de bilhar, completa com equipamentos intocados. Serena teve dificuldade em imaginar o Sr. Lockheart envolvido em algo tão frívolo como bilhar.

No andar superior havia apenas quartos. Os quatro primeiros que Serena viu aparentavam imaculados e intocados. A quinta porta se abriu para um quarto diferente de todos os outros. Este poderia ter sido a cela de um monge. Fechou a porta atrás de si e acendeu três velas em um grande candelabro ao lado da porta. O quarto era totalmente despojado, sem obras de arte, sem

tapeçarias como as que estavam penduradas em seu quarto e até mesmo no de Nounou.

A única mobília do quarto era uma cama e duas mesinhas de cabeceira. A cama era enorme, sem dossel, seus quatro pilares quadrados gigantes sem decoração a não ser anéis de metal embutidos. A roupa de cama era de linho branco. O chão não era coberto por tapetes e a madeira era escura, quase preta. No vestiário, as roupas estavam guardadas com tanta precisão que parecia que os espaços foram medidos com uma régua. Os sapatos e as roupas dobradas foram colocados exatamente da mesma forma. O quarto parecia conter um guarda-roupa inteiro e Serena percebeu que ele provavelmente fazia a mesma coisa em todas as casas, eliminando a necessidade de fazer muitas malas além das noites que poderia ser forçado a passar em hotéis ou pousadas.

Cada item era impecável e parecia novo, quatro pares de botas de cano alto, dois pares de Hessianos, todos polidos em um brilho ofuscante, nem mesmo uma partícula de poeira podia ser encontrada.

Tocou a seda requintada de um *banyan* cor de estanho fosco, facilmente imaginando-o vestido com tal traje. Ele ou seu valete tinham um gosto impecável, e cada colete e casaco foram escolhidos para complementar sua cor e físico.

O enorme vestiário tinha uma câmara de banho adjacente, assim como o dela, mas o chão era de mármore preto atravessado por impressionante mármore branco, a banheira um metal cinza opaco na frente de uma lareira cuja cornija combinava com as linhas arrojadas e rígidas do resto do quarto. As paredes estavam decoradas com a mesma seda clara e não seguia os padrões do resto do quarto, sua superfície era imaculada e não continha arte de qualquer tipo.

Havia outra porta do outro lado do quarto principal que Serena presumiu ser uma sala de estar. Mas ao abrir a porta encontrou o quarto mais estranho que já tinha visto. Não havia móveis, ao menos não do tipo que ela reconhecesse. Em vez disso, havia sacos de couro e lona pendurados em diferentes alturas, algumas barras de madeira circulares verticais, talvez do diâmetro de um corrimão, e acolchoamento espesso cobrindo todo o perímetro do chão do ambiente. Serena foi até um dos sacos, um pouco acima do nível de sua cabeça, em formato de Pêra e feito de couro. Quando o tocou, ele

balançou para frente e para trás. O outro saco era muito maior, talvez do tamanho de um torso humano.

Ah, então era isso: era uma sala de treinamento de pugilismo, um passatempo violento e feio que homens de todas as idades e classes pareciam adorar. Empurrou o saco maior e ele balançou como um pêndulo, com força ao toque, como se estivesse cheio de areia.

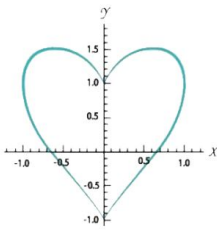
Então, o Sr. Lockheart tinha pelo menos um passatempo além de ler textos matemáticos obscuros e ganhar dinheiro. Esse exercício explicaria seu físico esbelto.

No caminho de volta para o quarto principal, parou para examinar o conteúdo da penteadeira: uma escova e um pente.

Em cada lado da cama havia pesadas mesinhas de cabeceira atarracadas que combinavam com o desenho da cama escura. Cada uma tinha duas gavetas, todas as quatro estavam vazias, não tinha um pó se quer.

Serena parou no centro do quarto e girou em um círculo lento. Este era, sem dúvida, o quarto do Sr. Lockheart. Sabia que deveria sentir uma pontada de vergonha por bisbilhotar, mas o que ela tinha visto? Nada. Embora talvez a natureza rígida de seus aposentos lhe dissesse mais do que uma bisbilhotada em um diário. Disse a si mesma que ele passava tão pouco tempo ali que era improvável que tivesse muitos pertences. No entanto, algo lhe disse que encontraria o mesmo arranjo em qualquer lugar que ele habitasse. Era um homem solitário, um homem que parecia preferir a companhia dos seus próprios pensamentos a qualquer outra pessoa. Era, ela acreditava, a pessoa mais contida que já conheceu.

Era uma coisa boa ele não estar aqui com frequência. Esse homem era exatamente o tipo de enigma intrigante pelo qual Serena se sentia atraída, um homem com segredos.



Capítulo Seis

A mente de Serena ainda estava no trabalho na represa quando virou na lateral do estábulo e quase colidiu com um estranho a cavalo. Um cavalo bastante magnífico, notou imediatamente, para não mencionar seu cavaleiro, que era magnífico à sua maneira.

— Eu imploro seu perdão, senhora! — o homem disse, habilmente afastando sua montaria e tocando com seu chicote no chapéu, que estava em um ângulo estiloso em seus cachos ruivos vívidos. Olhou-a dos pés à cabeça de uma maneira que fez seu rosto esquentar, sua expressão de surpresa rapidamente se transformou em um sorriso. — A senhora deve ser a Sra. Lombard — disse com uma voz que tinha um traço de sotaque irlandês.

Serena não pôde deixar de sorrir. — E o senhor deve ser o Sr. McElroy.

Fingiu uma expressão de surpresa. — Como adivinhou *isso*, eu me pergunto?

Serena ignorou sua pergunta e guiou seu cavalo em direção aos estábulos. O irlandês a seguiu.

— Esse é um bom truque que o senhor tem, Sr. McElroy.

Ele olhou para baixo, como se estivesse surpreso por se encontrar montado. — É?

Serena riu e deu as rédeas ao cavaleiro antes de desmontar. — Louco por cavalos, não é?

Ele desceu do cavalo e entregou as rédeas ao cavaleiro.

Serena ergueu as sobrancelhas. — Achei que o senhor estivesse saindo para um passeio?

Ele caminhou ao lado dela, seus ombros largos e musculosos apenas alguns centímetros acima dos seus. — Estava indo para o lago, mas era a senhora que eu estava ansioso para ver, Sra. Lombard, não um monte de marmanjos suados arando a terra.

— Eu? Por que o senhor estaria, — hesitou, — ansioso em me ver?

— Porque Lockheart não parou de falar sobre a senhora nas últimas cinco semanas.

Serena parou e se virou. Os olhos dele brilharam quando olharam para ela.

— Sr. McElroy, acho isso muito difícil de acreditar. O senhor não está exagerando um pouco na... er, bajulação?

Ele jogou a cabeça para trás e riu. — Ora, a senhora me pegou.

Ela balançou a cabeça em negativa e continuou a andar. — Diga-me de verdade por que o senhor veio até aqui, Sr. McElroy.

— Viemos trazer alguns cavalos decentes, já que Jessup reclamou que a senhora alugou um cavalo digno de maltrapilhos — seu sotaque irlandês havia desaparecido milagrosamente. — O próprio Lockheart escolheu o velho Kestrel — apontou com o queixo para os estábulos.

— Jessup errou. Estou bastante satisfeita com Honey. Receio que o senhor tenha vindo até aqui em vão.

Estendeu a mão à sua frente para abrir a porta do solário, que era a entrada mais conveniente para a casa vindo dos estábulos.

— Oh, viemos dar uma olhada em uma cervejaria ao sul daqui.

Serena parou perto das portas duplas da grande entrada. — Nós?

McElroy se inclinou desnecessariamente para alcançar a porta. — Sim, Gareth e eu, nós dois — abriu a porta e lá estava o homem em questão, agachado no meio do ladrilho preto e branco, observando algo com seu filho.



Gareth queria mandar os cavalos para a propriedade, mas Declan o convenceu de que era seu dever verificar o progresso em Rushton Park.

— Não quer outro incidente como Featherstone, Gare. A maneira de

evitar isso é supervisionando.

Gareth balançou a cabeça. — Só quer ver a escultora, Declan. Não dá a mínima para o progresso do meu jardim.

O irlandês riu, sem negar sua curiosidade.

— Precisamos ver a cervejaria Kennelworths que fica a apenas uma curta viagem de Rushton.

— Sim, mas dificilmente um caminho direto.

— Faça a sua vontade, Gare.

Então Gareth se deixou levar por uma jornada desnecessária. Deixou Declan com quaisquer esquemas que havia planejado sobre os cavalos e foi para a biblioteca, onde encontrou um menino espalhado no meio da sala de leitura menor com vários livros grandes abertos no chão, junto com um autômato de meia dúzia de peças. Olhou para Gareth, seus olhos estavam vagos já que sua mente ainda estava, obviamente, em seu trabalho. Claro que Gareth sabia quem ele era: o filho da escultora. Parecia uma miniatura de sua mãe, sua pele era rosada e suas bochechas redondas, seu cabelo castanho dourado era uma profusão de cachos despenteados. Apenas seus olhos eram de um tom diferente dos de sua mãe, um cinza azul em vez de castanho.

— Quem é senhor? — perguntou o menino, com toda a razão, na opinião de Gareth.

— Sou Gareth Lockheart.

O queixo do menino caiu, ele se levantou e executou uma reverência apressada.

— Oh, Sr. Lockheart. Sinto muito, senhor. Mamãe não me disse que o senhor estaria aqui. Eu sou Oliver Lombard.

Gareth ficou momentaneamente perplexo com a pronúncia de seu nome pelo jovem garoto, que havia falado com sotaque francês. Lembrava-se do nome do menino, é claro. Nunca se esquecia de nada, uma habilidade que às vezes era útil, e às vezes não.

Oliver Lombard mudou de um pé para o outro. — Desculpe, senhor, mas mamãe me disse que eu poderia usar a biblioteca se tratasse os livros com gentileza e os devolvesse a seus lugares. Vou levar apenas um momento para colocá-los de volta e...

— Desmontou seu autômato? — Gareth perguntou quando o nervosismo e o constrangimento do garoto começaram a se apossar dele como os fios

frágeis e difíceis de remover de uma teia de aranha. A sociedade e suas restrições deixavam Gareth inquieto, assim como desculpas por coisas que não eram ruins ou erradas. Gareth não se importava se o menino usasse a biblioteca. Na verdade, ficava deveras feliz por alguém a estar usando.

O garoto afastou uma mecha de cabelo da testa, ficando perplexo quando olhou para a pilha de minúsculas peças de metal espalhadas sobre um lenço branco. — Há um problema de tensão com a mola, mas não sei como resolver. Rebobinei, para apertar, mas não pareceu funcionar.

Gareth se agachou, seus olhos percorrendo as várias partes, sua mente já colocando as peças em suas devidas posições. Tinha uma queda por autômatos e desmontou mais relógios que poderia lembrar e outros mecanismos com peças móveis.

O menino se ajoelhou ao lado dele e apontou para o livro, que mostrava o esquema de um mecanismo de corda do relógio. Oliver Lombard era um garoto inteligente; encontrou os periódicos científicos bem manuseados de Gareth e então procurou os índices até encontrar algo apropriado.

Gareth olhou da mola na palma da mão suja do menino de volta para o desenho e pegou uma placa de metal da pequena pilha de peças. — Acredito que o problema está neste pequeno pino. Aqui, — apontou para o desenho e então para a peça em sua mão — ainda há um pedaço dentro desta covinha, mas está quase dobrada ao meio. Ela não vai conseguir pegar a mola e segurá-la — olhou para o menino, que estava balançando a cabeça positivamente, compreensão despontando em seus olhos azuis da cor do mar.

Gareth apontou para sua mesa. — Vá buscar o abridor de cartas na gaveta superior direita da mesa e veremos se podemos dobrá-lo.

Depois de Gareth endireitar cuidadosamente a peça dobrada, virou-se para o menino. — Sabe como colocá-la de volta?

Lançou a Gareth um olhar de desprezo infantil. — É claro, senhor.

Gareth observava, em silêncio, Oliver encaixar habilmente pequenas peças com seus dedos sujos, mas delgados e ágeis. O brinquedo era algum tipo de gato grande com rodas sob o painel inferior, escondidas pela colocação inteligente das quatro patas do animal. A localização principal era, naturalmente, logo abaixo da cauda do gato, uma localização escandalosa que certamente agradaria qualquer garoto.

Depois que remontou totalmente o brinquedo, os dois se levantaram e —

sem qualquer necessidade de consulta sobre o assunto – deixaram a biblioteca para testar o brinquedo no corredor, que tinha carpete, mas deixava uma faixa perfeita de ladrilho preto e branco em cada lado para rodas de metal.

Oliver colocou a mão na chave e hesitou. Olhou para Gareth. — Gostaria de fazer as honras, senhor? — o senhor quem encontrou o problema e o corrigiu.

— Eu farei no próximo.

O sorriso de Oliver foi de alívio, girou a chave com muito cuidado e se abaixou, segurando o brinquedo com as duas mãos antes de virar a cabeça para olhar para Gareth. — Preparado?

— Preparado.

O gato de metal disparou pelo corredor, emitindo um zumbido mecânico agudo e derrapando quase todo o caminho até a segunda entrada da biblioteca antes de parar. O menino saltou no ar, os dois braços erguidos em vitória. — Viva! Viva!

Gareth sorriu. — É a minha vez.

Gareth ouviu um pequeno estalo ao girar o mecanismo, como se a mola tivesse saído do lugar. Olhou para o menino, que estava esperando e mal conseguindo conter a impaciência. — Acho que vai exigir um pino novo. O metal foi tensionado e não está mais estável — terminou de dar corda no mecanismo e entregou o gato a Oliver, que o segurou com as duas mãos para impedi-lo de iniciar prematuramente seu ciclo. — Pode soltá-lo. Descobrirá que não se podia ter dado tantas cordas.

— Sabe como fazer um pino, senhor?

— Não possuo o equipamento necessário para um trabalho tão fino. Mas ousou dizer que um relojoeiro poderá fazer o que precisa.

A mola havia começado a funcionar mal quando a Sra. Lombard e Declan os encontraram quinze minutos depois.

A escultora olhou para o filho – que estava engatinhando sobre as mãos e joelhos na direção do gato – e depois para Gareth, que o seguia, mas de pé.

— Que surpresa agradável, Sr. Lockheart — até onde conseguia avaliar esse tipo de coisa, o sorriso dela parecia autêntico. — Acredito que o senhor ficará feliz com o progresso que estamos fazendo com a barragem.

Seu traje de montaria era de um verde escuro que a deixava ainda mais bonita do que ele lembrava. Seu cabelo, como de costume, estava solto em

volta das suas bochechas coradas e suavizava seu rosto redondo, fazendo-a parecer mais jovem. Gareth olhou para Declan, apenas para encontrar o irlandês observando-o, um brilho divertido em seus olhos, que Gareth não gostou nada.

— O que acha do projeto? — Gareth perguntou a seu amigo quando percebeu que eles estavam esperando por alguma resposta – qualquer resposta – dele.

— Não fui tão longe. Encontrei a Sra. Lombard nos estábulos e decidi acompanhá-la de volta.

Oliver se aproximou de sua mãe, segurando seu brinquedo. — O Sr. Lockheart consertou para mim, mamãe, mas não por muito tempo. Diz que devemos levá-lo a um relojoeiro.

Afastou o cabelo de sua testa, o amor em seu rosto quando olhou para o filho evidente o suficiente até para Gareth notar e identificar. Qual deve ser a sensação de ser o receptor de tal afeição?

— Acredito que há um na cidade, Oliver. Podemos levá-lo conosco na próxima vez que formos. Agora é a hora do seu chá. Nounou o está esperando.

— Sim, mamãe — virou-se para sair, mas em seguida virou de volta. Sorriu para Gareth e ergueu o brinquedo. — Muito obrigado, senhor.

Gareth acenou e o menino correu pelo corredor.

A Sra. Lombard começou a tirar as luvas. — Cavalheiros, gostariam de tomar um chá?

— Não — Gareth disse.

— Sim — Declan disse ao mesmo tempo.

Os lábios da mulher se contraíram. — Talvez possamos sair do corredor e discutir o assunto de forma mais confortável na sala de visita?

Declan sorriu insinuantemente para Gareth.

— Sim, seria adorável. Não seria, Gare? — ofereceu o braço à Sra. Lombard e se dirigiram para a sala de visita, deixando-o para trás.

Gareth não gostou nada do que viu no rosto do amigo. Não gostou nada mesmo.



Serena não conseguia imaginar um par de amigos menos provável: McElroy não parava de falar e Lockheart não falava nada. Havia o constrangimento de agir como anfitriã na casa de um homem estranho. Mas Lockheart parecia desinteressado ou inconsciente de seus deveres como anfitrião.

Quando a bandeja do chá chegou, antes mesmo deles se sentarem, Serena reconheceu a mão invisível de Jessup no trabalho. Sem dúvida já tinha preparado a bandeja de chá antes mesmo que a carruagem de seu mestre tivesse aparecido na entrada.

Enquanto Serena preparava o chá, McElroy, um homem cheio de energia, andava pela sala e disparava perguntas.

— Vejo que estão projetando algo diretamente atrás da seção central da casa.

— Sim, estes são os jardins *parterre* — ela olhou para Lockheart, que a estava observando com um olhar opaco e silencioso que a fazia se sentir constrangida. Seu cabelo estava bagunçado? Havia uma mancha de sujeira em seu nariz? — Leite ou açúcar, Sr. Lockheart?

— Leite, por favor — respondeu enquanto vinha em sua direção para pegar o chá e o pires. — Sem biscoitos para mim, obrigado.

— Gareth é um ascético, Sra. Lombard. Mas terei leite e açúcar no meu chá e alguns daqueles deliciosos bolinhos — McElroy parou na frente dela e esperou por sua xícara, seu sorriso fazendo-a se sentir tão constrangida quanto o olhar taciturno de seu amigo.

Serena serviu-se de uma xícara e acrescentou um pouco de leite, escolhendo um dos bolos recheados com creme, embora tivesse prometido ser mais moderada quando se tratasse de chás. Nas semanas em que esteve ali, a comida magnífica começou a mostrar-lhe que seus vestidos estavam todos mais apertados, mesmo com toda a atividade que tomava grande parte do seu dia.

Olhou para cima e encontrou os dois homens olhando para ela. — Sr. McElroy me disse que o senhor voltou para o campo para inspecionar uma

cervejaria? — perguntou ao seu empregador.

— Correto. É possível que consideremos investir nela.

— O senhor considera *todos* os tipos de negócio?

— Nossas decisões são baseadas em uma variedade de fatores que contribuem para a saúde de um negócio.

— Nós também enterramos uma batata no lado oeste de um edifício durante a lua cheia antes de tomarmos uma decisão — acrescentou McElroy.

Serena estava com a boca cheia de bolo e quase engasgou. O Sr. McElroy piscou para ela.

O Sr. Lockheart respirou fundo. — Vim ver se o trabalho estava progredindo e trazer os cavalos.

— Cavalos? — olhou de homem para homem, — vi apenas um.

Lockheart tomou um gole de chá antes de responder. — Trouxemos seis ao todo. Um deles deve ser adequado para seu filho.

— O senhor trouxe um cavalo para Oliver? Mas...

— Jessup me informou que a senhora alugou dois cavalos do estábulo da vila. Ele indicou que, — houve uma pequena pausa — seu filho era um cavaleiro talentoso.

Serena percebeu que sua boca estava aberta e fechou-a. Olhou para o irlandês, que estava conseguindo sorrir maliciosamente e beber chá ao mesmo tempo. Os olhos de Lockheart eram tão indecifráveis quanto a lua e não muito diferentes na cor. Havia cortado o cabelo desde a última vez que o vira e ela teria jurado que seu rosto estava um pouco mais magro, como se tivesse estado doente ou não se alimentando bem. Balançou a cabeça para afastar aquele pensamento. Os cavalos, lembrou a si mesma.

— Isso é *muito* gentil da sua parte, Sr. Lockheart. Garanto ao senhor, não precisa...

Ele acenou e um lampejo de algo parecido com irritação atravessou seu rosto.

— É algo que eu queria fazer, então fiz. Não há necessidade de me agradecer.

Serena piscou com seu tom um tanto abrupto.

O silêncio era tão alto que soou como um sino.

A risada de McElroy o quebrou. — Está fazendo isso de novo, Gare.

Duas tiras brilhantes de vermelho apareceram como cortes nas maçãs do

rosto salientes e pontiagudas de Lockheart.

Suspirou. — Peço desculpas, Sra. Lombard. Não era minha intenção ser descortês, — os lábios bem formados de Lockheart se flexionaram em uma carranca. — Temo que a senhora descobrirá que minhas maneiras geralmente são... faltosas.

— Bastante selvagem, na verdade — acrescentou o irlandês, colocando um bolo inteiro na boca e sorrindo.

Serena não conseguiu decifrar o olhar que Lockheart fez ao amigo. Mas quando se virou para ela, tinha a mesma expressão indecifrável. — Sim, selvagem é talvez mais preciso. Felizmente hoje tenho o Sr. McElroy por perto para se desculpar ou traduzir para mim.

Impassível, o irlandês assentiu. — O Sr. Lockheart acabou de fazer uma piada, Sra. Lombard. Pode rir agora.

Serena não conseguiu se segurar e riu, então a tensão sumiu do ambiente.

— Acredito que vou precisar de outro daqueles bolos, senhora — McElroy entregou-lhe o prato e Serena transferiu uma massa delicada para ele com dois garfos.

O irlandês ergueu as sobrancelhas ante o método de servir, mas não fez comentários.

— Gostaria de mais chá, Sr. Lockheart?

Sua resposta foi trazer sua xícara para ela. Tornou a enchê-la, devolveu-a e sorriu para ele. Seus olhos desconcertantes estavam sobre ela, sérios e indecifráveis, seus belos traços suaves. Serena engoliu em seco e se perguntou se ele notou a dificuldade que estava tendo para respirar corretamente, para ela estava tão barulhenta quanto o ruído de uma serra.

— Obrigado.

— Eu entendo que esta é a primeira vez para a senhora, Sra. Lombard? — A pergunta de McElroy parecia vir de muito longe.

Assumi que ele não quis dizer tomar chá com dois homens que cresceram em um orfanato. — O senhor quer dizer projetar um jardim dessa magnitude?

Ele acenou, seu sorriso encorajador, mas o brilho em seus olhos verdes era inquietante. *Que dupla esses dois eram!*

— Sim, é. Até o momento os únicos jardins que tive o prazer de desenhar foram na cidade. A maioria deles foi feita de acordo com os planos bastante

particulares dos seus proprietários.

— E Gareth está lhe dando carta branca, ouvi dizer.

Serena sentiu que havia mais palavras do que o óbvio e só conseguiu assentir.

— O que está achando até agora?

— Admito que estava ansiosa antes de realmente começar a trabalhar — olhou para seu empregador para ver como ele recebia tal informação, mas viu que sua atenção estava em seu caderno de desenho, que havia escorregado da sua bolsa para o sofá ao lado dela.

Serena pousou o pires sobre a mesa de centro. — Gostaria de ver os esboços que fiz desde que voltei? Existem planos mais formais que devem estar aqui até o final da semana.

Ele colocou seu chá de lado e sentou-se ao lado dela, sua presença no pequeno sofá fazendo-a perceber o quão alto era. Era magro, mas musculoso. Serena pensou no quarto ao lado do seu e percebeu que ele deveria visitá-lo com frequência. Engoliu em seco com o pensamento e abriu o caderno de desenho na seção em questão e entregou a ele.

Lockheart pegou o caderno com seus dedos longos e sensíveis e segurou-o levemente, como se fosse valioso. McElroy veio ficar ao lado dele, uma mão apoiada no braço do sofá enquanto se inclinava sobre o ombro do amigo.

— Como o senhor sabe, Sr. Lockheart, encomendei um desenhista para me ajudar, assim que o senhor aprovar meus desenhos originais.

O primeiro esboço foi como ela imaginou que a propriedade seria vista de cima.

— Isso é interessante — McElroy murmurou. — Como conseguiu obter a perspectiva correta?

— Passamos quatro dias, a maior parte desse tempo analisando as várias seções — olhou para Lockheart, mas sua atenção estava no esboço. — Sei que pode parecer excessivo, mas senti que era necessário, pois isso é muito novo para mim.

Quando percebeu que ele não teria resposta, aproximou-se para virar a página. Podia sentir o calor que emanava do corpo dele, cheirava a alguma colônia deliciosa, roupa limpa e homem quente.

— Aqui está meu plano para o pátio leste.

McElroy se aproximou. — O que são esses retângulos?

— Aqueles que são verticais são locais para estátuas, estes três aqui, — apontou para três retângulos horizontais — são bancos.

Serena ficou esperando que seu empregador fizesse perguntas ou comentários, mas ele parecia contente em deixar o amigo falar.



Gareth não se importou se a mulher decidisse erguer postes de abajur dobrados como esculturas e plantar amoreiras e cardos em cada centímetro quadrado de terra; só queria se sentar ao lado dela e respirar seu perfume. E desfrutar de sua proximidade – o calor de seu corpo a centímetros do dele – algo que só havia procurado com outra pessoa, também uma mulher.

Ouviu vagamente as perguntas e respostas de Dec. Seu amigo ficaria curioso se ele se aproximasse demais da mulher. Sabia que ele preferia espaço entre ele e os outros, que tinha aversão de ser tocado por estranhos, o que, para ele, significava quase todo mundo.

Ela cheirava a ar livre com um resquício de sabonete feminino. Detectou o cheiro de couro e cavalo misturado com um perfume mais feminino. Suas mãos eram o que se esperaria de uma mulher que fazia trabalho manual. As costas das suas mãos eram quadradas e mais largas do que a estrutura óssea bastante delicada que seu rosto teria sugerido, a pele era um pouco ressecada e era possível ver as calosidades em seus polegares, uma protuberância em seu dedo médio direito que espelhava o da mão esquerda de Gareth. Não eram mãos bonitas e delicadas, mas ele as achou hipnotizantes.

A última vez que estivera tão perto de uma mulher foi com Venetia, que não poderia ser mais diferente.

— E aqui verá como o lago seguirá os contornos da suave encosta — Gareth olhou para a imagem a que ela se referia, a geometria de seu desenho foi a primeira coisa que notou.

— Onde está a *berma* que a senhora está construindo?

Sentiu-a dar um pulo do seu lado.

— Está aqui — ela traçou a unha do polegar sobre uma linha. — Mas

poderá ver melhor neste desenho — virou a página — aqui.

Gareth olhou para a orientação da *berma* e voltou a página, depois olhou novamente para ela, a *berma*.

— Algum problema?

Gareth podia ouvir a ansiedade em sua voz.

— Se o grau de elevação for como a senhora indicou nesse desenho aqui, precisará mudar sua *berma* talvez quinze graus para obter o suporte necessário — olhou para cima e encontrou o rosto dela a apenas alguns centímetros do dele, uma fenda profunda entre os olhos verde-ouro. Com essa proximidade, viu linhas finas ao redor de seus olhos, talvez por tê-los apertado, e parênteses ao redor de seus lábios carnudos e rosados. A textura de sua pele era fascinante. Castanha dourada – nada comum, ele sabia – um pouco de sardas na ponta de seu nariz reto e pequeno. Seus lábios eram pequenos, mas bem torneados, os cantos deles invariavelmente curvados em um sorriso. Mas não agora. Agora estavam se movendo, e Gareth não estava prestando atenção. Em vez disso, estava imaginando seus próprios lábios nos dela, sua língua mergulhando entre eles.

— Sr. Lockheart?

Ele piscou. — Sra. Lombard?

Ela deu um sorriso incerto. — O senhor poderá descer comigo até lá? — olhou para o relógio preso no lado esquerdo do corpete. — Agora é muito tarde, mas talvez possamos ir pela manhã, antes que comecem os trabalhos e a senhora possa ver por si mesma?

Gareth supôs que deveria. Afinal, nunca tinha visto essa parte de sua propriedade antes.

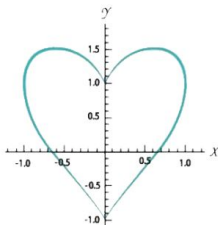
— Podemos deixar nossa viagem para a cervejaria para o dia seguinte, Gare.

Gareth ergueu os olhos ao ouvir a voz de Dec. O irlandês não estava mais sorrindo, o que era quase mais assustador. Conhecia Dec desde que eram meninos, muito mais tempo do que qualquer outra pessoa em sua vida, mas Declan era um ser humano incrivelmente complexo e Gareth ainda não conseguia ler ou interpretar todas as suas expressões. Exceto saber que ele estava tramando ou planejando algum tipo de travessura.

Gareth sabia que havia cavado um buraco para si mesmo, por assim dizer, e agora precisava ver o local. — Enviarei uma mensagem ao Sr. Fowler para

reagendar nossa visita à cervejaria — voltou-se para a mulher, que esperava sua resposta com óbvio interesse. — Podemos caminhar pela área e ver se a *berma* precisa ser movida — ele já sabia que sim, mas achou que não seria político declarar tal opinião de forma tão direta diante do erro dela. O sorriso dela disse-lhe que tinha adivinhado corretamente, para variar.

Olharam o restante dos desenhos sem incidentes.



Capítulo

Sete

A única refeição que Serena se lembrava ter sido mais estranha do que o jantar daquela noite, fora o jantar na noite anterior em Rushton Park. A comida e o serviço estavam impecáveis, como sempre. Mas Lockheart e McElroy não eram as melhores companhias para jantar e nem os mais tranquilos. O irlandês parecia ter prazer em cutucar e provocar não só seu amigo, mas Serena e – ela suspeitava – qualquer pessoa que tivesse o azar de entrar em sua órbita. Era um homem astuto, que usava uma fachada de charme bastante fina e frágil, não confiava nem um pouco nele.

O Sr. Lockheart permanecia misterioso como sempre. Embora raramente falasse, parecia articulado e confortável quando o fazia. Estava se perguntando no que ele tanto pensava que o fazia ignorar as discussões e as pessoas ao seu redor o restante do tempo.

No momento em que o suntuoso prato de sobremesa fora retirado da mesa, Serena já havia sofrido bastante com os olhares calmos e medidos de McElroy e Lockheart.

— Deixarei os cavalheiros para tomarem seus vinhos. Receio que meu dia foi bastante agitado, então irei me retirar um pouco mais cedo — levantou-se e eles a acompanharam.

— Boa noite, Sra. Lombard — McElroy disse se curvando. — Temo que eu não seja um madrugador, então deixarei as questões de mover a terra e as barragens para Gareth e a senhora.

Embora um laçao tivesse se aproximado para abri-la, Lockheart acompanhou Serena até a porta.

— Seis da manhã é muito cedo, Sr. Lockheart? É quando geralmente faço desjejum e vou para o local — sua esperança era que recuasse ou pelo menos não concordasse com o horário cedo demais, mas ele apenas assentiu.

— Às seis, senhora — curvou-se e abriu a porta. — Boa noite.

Serena deu um suspiro de alívio quando a porta se fechou atrás dela. Gostaria de ser uma mosca na sala de jantar, especialmente para ver como os dois homens interagem sozinhos. Durante o jantar, McElroy compartilhou os detalhes gerais de sua história. Os dois foram deixados no mesmo orfanato. McElroy era mais velho que o amigo, embora se comportasse de uma maneira muito mais jovem e despreocupada. De qualquer forma, ela estava feliz por ele não participar da excursão no dia seguinte. Gostaria de conversar com o Sr. Lockheart sem ouvir piadas e frases de duplo sentido.

Subiu para o quarto de Oliver que ficava no terceiro andar da ala da família. Havia uma luz por baixo da porta de Nounou, então bateu suavemente.

— Entre!

A velha senhora estava lendo na cama. Levantou os olhos quando viu quem era e abaixou o livro.

— Então, — perguntou em sua língua nativa, — como foi o jantar com aqueles dois? — usou uma palavra para “homens” que tinha conotações intraduzíveis para o idioma.

Serena sorriu. — Tanto quanto se é esperado. Ficarão por pelo menos mais um dia. O Sr. Lockheart acredita que há algum problema na barragem.

O sorriso seco de Nounou mostrou o que ela realmente achava sobre o assunto.

— Oliver está dormindo?

Fez um som inteiramente gaulês. — Aquele menino! Ainda irá nos matar queimadas em nossas camas. Decidi que é mais seguro deixá-lo ler a noite toda, se quiser. Ficarà com os olhos vermelhos e sonolentos, mas essa é a única maneira de aprender. Puxou a mãe dele, cabeça dura como pedra.

Serena riu. — Isso não irá machucá-lo, Nounou — levantou-se. — Irei ver se ainda está acordado. Mas fique tranquila, apagarei a luz para que possa dormir sem se preocupar com a imolação — inclinou-se sobre a cama e beijou-a na bochecha. — Boa noite.

O filho ainda estava acordado e lendo, não um livro só, mas dois

espalhados em seu colo enquanto uma única vela queimava no castiçal de sua mesa de cabeceira.

— Mamãe — sorriu descaradamente para ela ao ser encontrado acordado tão tarde.

— Ficaré cego lendo sob essa luz tão fraca — pegou um dos livros e sentou-se ao lado da cama. — Está enlouquecendo a pobre Nounou; quero que prometa que apagará todas as velas às dez de agora em diante. É bom pensar sem um livro na sua frente, é quando tenho meus pensamentos mais criativos.

Ele acenou e fechou os livros. — Tudo bem, mamãe. Vou tentar — olhou para ela furtivamente. — Mas talvez possamos rediscutir o assunto depois de eu tê-lo feito por um tempo?

Serena riu e bagunçou o cabelo dele. — Muito bem, uma negociação. Por quanto tempo?

— Uma semana?

Ela balançou a cabeça negativamente para seus olhos esperançosos. — Um mês. E depois reavaliaremos.

Ele deu um suspiro pesado, mas concordou com a cabeça.

— Muito bem, — disse ela, inclinando-se para beijar-lhe a bochecha e rindo do “*Eca, mamãe!*” que sua ação provocara.

Levantou-se e pegou a vela.

— Mamãe?

— Sim?

— Quanto tempo o Sr. Lockheart ficará? — sua voz tinha uma nota de esperança que a fez parar.

— Gosta dele?

O seu aceno vigoroso fez seu cabelo cair sobre a testa, o que a fez se lembrar que ele precisava cortar o cabelo.

— Ele gosta de autômatos. *Construiu* seu próprio, mamãe.

— Construiu foi? — sorriu com o entusiasmo do filho. Estava desapontada por ele não ter mostrado nenhum interesse por escultura, mas ficaria igualmente feliz se ele tivesse paixão por algum outro assunto.

— Ele disse que eu também poderia construir o meu próprio autômato — disse olhando-a timidamente. — Gosto dele, mamãe.

— Eu também — respondeu, e então apagou a luz.



Duas horas depois, Serena ainda estava acordada. Revirou-se na cama tentando forçar o sono, mas não funcionou. Precisava andar, pensar. Então colocou seu roupão e pegou um xale.

Era lua crescente e o lado sul da casa parecia mágico com sua luz prateada. Estacas de pinho foram marteladas na grama áspera onde o *parterre* ficaria, sua forma definida por barbante. O orvalho já havia começado a se acumular na grama desgrehada e seus tornozelos ficaram úmidos enquanto percorria o perímetro do jardim duas vezes. Sua mente, entretanto, estava perto do rio. Estava preocupada com o problema que o Sr. Lockheart havia encontrado em sua barragem e esperava que não fosse necessário muito dinheiro e tempo para consertá-la, embora não pudesse ver como poderia não acontecer.

Mordeu o lábio inferior; fora tolice aceitar essa comissão. Três semanas estudando o trabalho de Capability Brown e olhando jardins não eram treinamento suficiente para assumir um trabalho dessa magnitude. Permitiu que a promessa de dinheiro – riquezas para ela – a atraísse para fora de sua área de especialização. Foi arrogante e tola em resistir à ideia de voltar para a casa dos sogros.

Seus pés a levaram para longe do bloco principal em direção ao oeste. Poderia contornar a asa e entrar pela arcada que corria ao longo do lado noroeste da mansão. Ao dobrar a lateral da casa, viu uma luz vindo de uma das janelas do segundo andar. As janelas do seu aposento começavam na nona e ia até a décima quarta, e esta era, contou para si mesma, parte do último bloco: a suíte master. Estava muito próxima da casa para poder ter uma visão melhor, então caminhou em direção ao pequeno grupo de árvores até seu ponto de vista ser mais claro. Era o quarto do Sr. Lockheart, aquele com chão acolchoado e sacos estranhos pendurados. O quarto estava iluminado, mas ela não conseguia ver nada além do saco menor, o que tinha o formato de uma Pêra. As sombras piscavam ao fundo, significando que alguém – Lockheart provavelmente – estava se movendo. Estava prestes a se virar quando ele apareceu.

Serena respirou fundo, uma boa fungada de ar. Era o Sr. Lockheart, e ele estava sem camisa. Serena tentou não olhar, focando as mãos cerradas na escuridão em vez disso. O que estava fazendo – espionando, pois não havia outra palavra para isso – era perverso. Estava se intrometendo na privacidade do Sr. Lockheart, iria gostar se ele lhe fizesse a mesma coisa?

Seus olhos voltaram para a janela, como se tivessem sido arrastados por uma parelha de bois.

Estava esmurrando o saco com os punhos, alternando as mãos, o movimento tão rápido que era um borrão. Mesmo à distância, podia ver que seu torso nu estava escorregadio devido ao seu esforço físico; seus músculos eram tão distintos que pareciam ter sido desenhados. Seu corpo, apesar de toda a sua musculatura, era magro, duro e desprovido de qualquer gordura. Embora fosse mulher, seu pai e Monsieur Favel cuidaram para que ela tivesse muitas oportunidades de desenhar modelos nus, homens e mulheres escolhidos por seus físicos superlativos. Mas nunca tinha visto um corpo tão definido quanto ao do Sr. Lockheart.

— É como assistir a uma de suas esculturas ganhar vida, não acha?

Serena deu um grito e pulou pelo menos trinta centímetros, seu coração batendo forte dentro das costelas, quase querendo sair. Virou-se com uma das mãos sobre o peito.

— Peço desculpas, Sra. Lombard. Eu a assustei? — McElroy não parecia se lamentar. Parecia estar achando graça da situação. — Devo admitir que estou surpreso em *encontrá-la* aqui, a esta hora da noite, principalmente depois de um dia de trabalho tão árduo.

Não tinha apenas humor em sua voz, mas também ceticismo. O que poderia dizer? Pegou-a olhando, boquiaberta, para um homem seminu.

Então afirmou o óbvio. — Não estava conseguindo dormir.

Ele deu um passo aproximando-se. — Talvez possa ajudá-la com isso.

Serena acreditou que talvez não tivesse ouvido corretamente. Mas o sorriso arrogante e os olhos semicerrados de McElroy lhe disseram o contrário.

Deu um olhar congelante.

— Ah — ele lamentou sorrindo abertamente. Levantou os olhos para a janela e ela fez a mesma coisa. Os dois assistiram Lockheart esmurrar o saco sem parar.

— Isso é algum tipo de treinamento de pugilismo? — finalmente perguntou, decidindo que era melhor esquecer sua falta de educação.

Ele concordou, mas não tirou os olhos da janela. — É o tipo de exercício que os homens da mesma classe que a sua fazem em lugares como o Jacksons Salon, exceto que este é o verdadeiro esporte.

O escárnio em suas palavras fez com que os pelos do seu corpo arrepiarem.

— O que o senhor sabe sobre a minha classe, Sr. McElroy?

Desta vez ele se virou, seu sorriso tão zombeteiro quanto suas palavras.

— Ora lá, Sra. Lombard; seu marido era filho de um duque. É impossível se casar com alguém mais nobre do que isso.

Serena supôs que fora a arrogância que a levou a acreditar que os homens da classe mercante não saberiam da sua origem.

McElroy deu uma risadinha, como se tivesse falado em voz alta. — É claro que faço questão de saber com quem Gareth se associa, mesmo que ele não o faça.

— O Sr. Lockheart conhece minhas conexões.

— Conexões como seus primos Leeland e Sandford Featherstone?

Serena rangeu os dentes. — Primos por casamento.

— Por casamento — concordou.

— Sim, ele sabe — Serena achou seu tom presunçoso e intencionalmente irritante. — Se o *senhor* está tão interessado em manter contato com os sócios de seu parceiro de negócios, por que não o alertou sobre os Featherstones?

— Disse que minha intenção era conhecer melhor seus associados e não tomar decisões por ele — encolheu os ombros. — Featherstone é um amador. Estava roubando, mas também estava prestando um serviço que Gareth acreditava ser necessário. Temo, mas meu amigo tem uma obsessão por ter um ambiente refinado para beber e receber aqueles que criam as leis que o resto de nós deve seguir.

— O Sr. Lockheart disse-me que foi o *senhor* quem iniciou essa obsessão, Sr. McElroy.

Suas sobrancelhas arquearam e o olhar que lhe deu era especulativo, e não apenas acusador. — Ele disse foi? Não é típico de Gareth confidenciar tais assuntos, ou mesmo tê-los em sua cabeça para discuti-los. Parece que ele tem um interesse incomum pela senhora.

— E o senhor acha que isso não é bom.

— Tsc, tsc, Sra. Lombard, ou devo chamá-la de Lady Lombard? Não coloque palavras na minha boca.

— Acredite, Sr. McElroy, não desejo aproximar-me da sua boca. Quanto ao seu outro comentário, não, o senhor não deve me chamar assim — não estava mais se preocupando em esconder o desdém no seu tom. — Não apenas porque seria impreciso, pois o senhor teria que se referir a mim como Lady Robert Lombard, mas também porque declarei que prefiro ser chamada de outra forma: *Sra. Lombard*.

— Ora, *Sra. Lombard*, não há necessidade de ser desagradável. Devo admitir que não entendo por que a senhora sentiria a necessidade de esconder sua luz, ou suas grandes conexões, debaixo de um alqueire, especialmente perto de Gareth.

— Não posso dizer-lhe o quanto me consola saber que o funcionamento da minha mente está além da sua compreensão, Sr. McElroy.

Ele riu.

— A senhora tem uma facilidade notável com o inglês para alguém que se diz francesa.

— Meu pai era inglês, como tenho certeza de que o senhor bem sabe, sendo um homem que investiga tão completamente.

— A senhora está correta mais uma vez. Mas permanecerei perplexo com sua atitude em relação a suas conexões respeitáveis. Ainda não conheci ninguém da sua classe que não tenha tido a necessidade de esfregar esse fato na minha cara. Tenho certeza de que a senhora deve estar se perguntando o que Gareth acha das suas conexões. E, sejamos honestos um com o outro, não é esse o seu verdadeiro objetivo em se enterrar no meio do nada e brincar com terra? Casando-se com um homem extremamente rico, a senhora acredita que será capaz de manipulá-lo facilmente?

Serena bufou. — Parece que o senhor fala por experiência própria, Sr. McElroy. O *senhor* gosta de manipular seu amigo? — não lhe deu tempo para responder. — Recuso-me a dignificar suas calúnias defendendo-me, Sr. McElroy. Direi, entretanto, que acredito que talvez o senhor não conheça seu amigo tão bem quanto pensa que conhece. Ou talvez seus próprios desejos influenciem seu julgamento.

Seus olhos perderam aquele brilho divertido. — O que diabos quer dizer?

— Quero dizer que não passei muito tempo com o Sr. Lockheart, mas certamente passei tempo suficiente para perceber que ele *não tem nenhum* interesse nas coisas que os outros valorizam. Parece tratar a sociedade e sua própria riqueza com semelhante desdém. Talvez seja de suas *próprias* aspirações sociais que o senhor fale com tanta paixão. O senhor fala sobre o assunto com tanto entusiasmo que só posso presumir que tenha algum tipo de interesse pessoal.

Para sua surpresa, ele riu.

— Fico feliz por diverti-lo — mentiu.

Balançou a cabeça negativamente, ainda rindo. — Obrigado, Sra. Lombard, a senhora certamente é muito... imaginativa. Mas temo que seja a *senhora* quem me entenda mal. Gareth não está em busca de uma noiva aristocrática porque deseja adquirir um enfeite que gaste seu dinheiro, zombe da sua origem e que deita na sua cama apenas para fornecer-lhe um herdeiro. Não, minha querida viúva, é por outra razão inteiramente que ele sofreria a condescendência do seu *povo*. A senhora vê, ao contrário de mim, Gareth está preocupado com mais do que apenas dinheiro. Deseja influência sobre as pessoas que a exercem. Quer mudanças, condições de trabalho mais seguras, jornadas mais curtas, limites de idade, salários decentes. Em suma, se preocupa com o bem-estar dos trabalhadores. Para esse fim, está disposto a se prender a uma esposa que tenha tanto interesse nele ou chance de se importar com sua felicidade quanto teria ao voar até a lua.

Na janela iluminada, o Sr. Lockheart parou de esmurrar e segurou o saco de couro com uma das mãos enquanto abaixava a cabeça sobre o antebraço, sua respiração funda óbvia mesmo àquela distância.

— Talvez o senhor possa imitar o seu amigo e expor seu ponto de vista em palavras simples, Sr. McElroy — disse Serena, sem se preocupar em olhar para ele.

O Sr. McElroy se moveu até ficar entre Serena e a janela, seu rosto estava duro como uma escultura de granito, seus olhos brilhando perigosamente. — Gareth Lockheart é o homem mais inteligente que já conheci. Mas, em muitos aspectos, é uma criança. Por não ser motivado por ganância, ciúme ou inveja, não leva essas emoções em consideração ao lidar com os outros. Além de ser a pessoa mais inteligente que conheço, também é o mais honesto, generoso e gentil — estendeu a mão e correu um dedo ao longo de sua mandíbula. — Eu,

Sra. Lombard, sou completamente diferente.

Serena afastou-se dele dando um passo para trás. — O que exatamente...

— Sou bom em ler as pessoas e posso identificar um mentiroso à distância. A senhora, *Sra. Serena Lombard*, está escondendo algo. Consigo sentir o cheiro da mentira na senhora como outros homens conseguem sentir o seu perfume. Se for este maldito jardim ou algum outro esquema que a senhora tenha planejado com Featherstone, advirto-a, Sra. Lombard, suas conexões respeitáveis não a salvarão se eu descobrir que está manipulando meu amigo. Tenha uma boa noite, senhora — virou-se e foi embora, deixando Serena com a sensação de ter levado um tapa na cara.

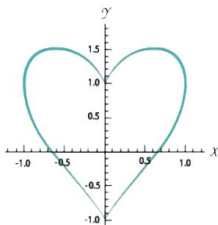
Como ele ousa?

Ela se virou para perguntar exatamente isso, mas ele já havia desaparecido na escuridão sem deixar vestígios. Serena recostou-se contra a árvore mais próxima, sua mente estava girando. O que mais ele sabia? Como poderia saber de alguma coisa? Até mesmo Sandy não sabia, embora suspeitasse, com sua própria aptidão para mentiras e enganos, que algo não estava certo.

Deveria ir embora? Se ela fosse, de onde tiraria dinheiro para o próximo pagamento? Mas se continuasse ali, McElroy seria capaz de cumprir sua ameaça e se veria em uma situação ainda pior? Não tinha intenção de fazer mal ao Sr. Lockheart, mas era difícil lembrar disso com toda a culpa e medo que estava tomando conta dela.

E se tivesse alimentado, mesmo que brevemente, a ideia de se casar com o Sr. Lockheart e dar-lhe as conexões aristocráticas que tanto almejava, seria realmente culpada? Seu pensamento foi direto para o seu filho. Faria qualquer coisa para protegê-lo. Qualquer coisa.

Olhou para a janela, pensando tolaemente que poderia haver respostas ali. Mas agora estava escuro, assim como todas as outras janelas.



Capítulo

Oito

A Sra. Lombard estava tomando café da manhã diante dele, com uma série de planos dispostos sobre a grande mesa.

— Bom dia, Sr. Lockheart — gesticulou para os desenhos. — Levarei os planos conosco hoje.

— Muito bem.

Gareth não precisava dos planos para saber que havia um problema, mas não hesitou. O prato ainda estava cheio de comida e ela tinha acabado de se servir mais uma xícara de café; Gareth ordenou outro bule de café e começou a encher um prato.

Notara que hoje ela estava usando um traje de montaria diferente; este um tom incomum de laranja queimado com debrum em ouro escuro, o estilo e corte, um pouco antiquado. Gareth vestia as roupas que seu valete, Chalmers, preparava para ele após saber dos planos para o dia: calça de couro, um martelo de garra marrom escuro e colete verde com estreitas listras marrons. Chalmers era responsável por escolher e cuidar de suas roupas, duas tarefas que Gareth achava além de fatigante. Sua única condição era que os tecidos fossem confortáveis e que o corte não atrapalhasse seus movimentos mais do que o necessário. Sua memória, quase perfeita na maioria dos assuntos, parecia desenvolver uma amnésia seletiva quando se tratava de roupas e o traje correto para as diferentes ocasiões. Chalmers não o vestia nem o barbeava, mas o austero valete cortava seus cabelos, algo que parecia ser necessário cada vez com mais frequência.

Ergueu os olhos dos planos quando ele se sentou em frente dela. — O Sr.

McElroy não mudou de ideia e decidiu juntar-se a nós?

Gareth fez uma pausa no ato de abrir o guardanapo. — Ele disse que mudou de ideia?

Suas bochechas, já um tanto rosadas, ficaram ainda mais vermelhas. — Não, só pensei que talvez ele pudesse ter mudado.

Gareth se preparou para passar o dia, compôs uma lista de manobra de conversação e respostas ensaiadas. Achava tais listas úteis para as ocasiões em que era esperado passar muito tempo com uma pessoa que não era Declan ou um criado; as únicas pessoas com quem não sentia nenhum remorso social para fazer comentários ou conversas inúteis. A lista de hoje era mais fácil do que o normal, pois parecia ter desenvolvido uma curiosidade real sobre a Sra. Lombard e seu filho, um desenvolvimento incomum para ele. Não que não *gostasse* de pessoas, é claro, mas raramente desejava conhecê-las melhor.

— Seu sotaque é muito leve, Sra. Lombard.

Olhou para ele com tanta surpresa que ele se perguntou se havia errado de novo. Seriam os sotaques – como as funções corporais – outro assunto tabu? Mas não, ela não parecia escandalizada. O mais provável é que tenha ficado surpresa por ele gerar uma pergunta desse tipo.

— Meu pai falava inglês comigo quando eu era criança. Queria que eu fosse fluente em sua língua materna.

— Há quanto tempo a senhora mora na Inglaterra?

— Serão dez anos em breve. Vim pouco antes do meu filho nascer, em 1807.

A resposta dela estimulou uma nova pergunta, que não estava em sua lista. — A senhora me disse da última vez que estive aqui que seu pai a preparou para se tornar uma escultora, isso não é incomum na França?

— É tão incomum quanto aqui — sorriu, e mostrou-lhe o mesmo olhar genuíno e aberto que dera ao filho. Gareth achava que a expressão transformara seu rosto de bonito para belo. Não era, de forma alguma, imune à beleza feminina, mas nunca havia considerado isso tão de perto antes. — Meu pai, como a maioria dos homens, desejou um filho, mas minha mãe morreu ao dar à luz. Tinha uns cinco anos quando ele percebeu que eu tinha aptidão para modelar em argila, além de desenhar. Começou a me levar para seu estúdio. No começo eu só assistia e brincava com pedaços de cera e argila. Fiz minha primeira peça de terracota, e ele ficou tão satisfeito que comprou

um mármore de qualidade – um tipo de pedra mais macia do que a que ele normalmente usava – porque eu ainda era jovem e não tinha força para modelar as pedras mais duras. Quando tinha quatorze anos, comecei a ajudá-lo no estúdio do chateau de Monsieur Favel. Era um escultor já de idade que não trabalhava mais, mas empregava vários escultores e lapidários para completar as encomendas que ainda recebia. Foi uma infância agradável, embora um tanto inconvençãoal — seu sorriso vacilou. — Ou pelo menos era antes da guerra começar — deu de ombros e cortou um pedaço de presunto. — Então sou uma artista por um acaso da natureza. Se meu pai tivesse um filho, provavelmente estaria casada com um escultor agora.

Ele a observou levar o garfo à boca e percebeu que possuía um desejo inesperado de vê-la trabalhando com um martelo e cinzel. Suas mãos não eram as mais bonitas no sentido feminino da palavra, mas eram bem torneadas e hábeis.

— E o senhor, Sr. Lockheart, como é que aprendeu a fazer — sua mão tremulou enquanto procurava a palavra correta — o que quer que seja que o senhor faz?

Como explicar o que ele fazia? Havia tentado, uma vez, com Dec, mas desistiu com o olhar perplexo do amigo. Ela realmente queria saber ou estava apenas sendo educada?

Como se tivesse dito as palavras em voz alta – o que sabia que não tinha – ela respondeu.

— Estou perguntando porque sei que o senhor conhece matemática e as suas aplicações, e meu filho parece ter se interessado por essa área.

Ah, então ela *estava* interessada. — Ele não deseja ser um escultor?

Riu. — Não, temo que seus talentos estejam em outro lugar. Não gosta de qualquer forma de representação artística, mas parece gostar de desenhar quando isso envolve a resolução de um problema, como acontece com seu autômato.

Gareth simpatizava com o menino. A arte e seus sentimentalismos muitas vezes o incomodavam, ou suas tangentes inexplicáveis e falta de uniformidade ou lógica. Mas as máquinas, mesmo algo tão simples como um brinquedo, havia um certo tipo de poesia nelas e na forma como funcionavam. E os números? Bem, havia algo sobre a precisão e a beleza da matemática que fazia sua alma – se é que os humanos realmente possuíam tal coisa – cantar.

— Sempre encontrei padrões matemáticos nas coisas mais mundanas. Já existiam mesmo antes de ser capaz de entendê-los. E quando fui exposto à minha primeira lição sobre a simplicidade e o poder dos números, sabia que precisaria continuar estudando até que pudesse saber tudo sobre eles — fez uma pausa, considerando suas palavras tolas. — É claro que quanto mais aprende, mais percebe que não é possível — não conseguia se lembrar da última vez que falara tanto com um estranho. Felizmente, a Sra. Lombard não pareceu achá-lo estranho.

— Foi assim quando o senhor olhou para o desenho e soube imediatamente que havia um problema, não é?

— Sim, se o desenho estiver na escala correta.

Ela balançou a cabeça, voltando os olhos para os planos expostos.

— A senhora tem um tutor para o seu filho? — essa era uma pergunta que também não tinha vindo da sua lista.

— Ainda não; eu mesma tenho ensinado a ele, mas cheguei ao limite do que posso oferecer. Está numa idade em que deveria ir para a escola, mas isso não é — hesitou —, possível.

Gareth se perguntou por quê. Dinheiro? Apego emocional? Naturalmente, ele não perguntou.

— Ele nos encontrará nos estábulos depois do café da manhã. Disse-lhe que isso não são férias, mas uma oportunidade de aprender. Acredito que apreciará os cálculos necessários para construir uma barragem. Além disso, — sorriu — delirou de alegria quando soube que havia um cavalo esperando por ele.

Gareth olhou para o prato com o estômago apertado. Estava feliz por ter agradado o menino, gostou imediatamente do seu jeito calmo e atencioso. Mas não desejava ser o recipiente de uma gratidão efusiva de Oliver ou de sua mãe.

Empurrou a cadeira para trás com um barulho alto. — Se me der licença, esqueci algo que deveria ter cuidado — fazendo uma reverência e completou. — Vou encontrá-la no local — virou-se antes que ela pudesse responder; o lacaios abriu a porta facilitando sua fuga. Sabia que seu comportamento fora rude, mas não queria ficar preso nos estábulos e ser forçado a suportar uma cena emocional. Só de pensar em enfrentar tal situação o fazia se sentir mal. Percebeu que não comeu muito e tentou se convencer que esse era o motivo

do desconforto. Tendia a esquecer de comer quando estava imerso em pensamentos ou em alguma outra atividade mais interessante. Que intrigante que se esqueceu de comer na presença da mulher. Não conseguia se lembrar de algo parecido ter acontecido antes.



Serena meio que esperava que o Sr. Lockheart não estivesse na barragem quando chegou. Não pôde deixar de se perguntar se havia dito algo que o fez afastar. Mas repassou suas palavras uma dúzia de vezes na última meia hora e não encontrou nada, ao menos nada rude ou ofensivo. Sabia que ele gostava de Oliver, então não deveria ser porque se juntaria a eles. Não, o homem era um enigma.

Os cavalos que trouxe para Serena e seu filho eram de longe uns dos melhores que já haviam montado. Graças à generosidade de seus avós, Oliver montava basicamente desde bebê.

Serena montou muito quando era menina, principalmente em seu pônei, e montava escanchada. Quando montava sentada de lado, era uma boa cavaleira, mas não sentia grande alegria na atividade, apenas no sentido de que era capaz de ir de um ponto a outro com muito mais rapidez.

E então partiram, Serena e Oliver em suas novas montarias, seguidos pelos nove cachorros que encontraram nos estábulos. O mestre do estábulo, Horrocks, disse que Oliver era bem-vindo caso desejasse treiná-los. Os cães haviam passado de desobedientes para companheiros razoavelmente obedientes nas últimas cinco semanas e ela estava orgulhosa de seu filho. Então, quando ele perguntou aquela manhã se poderia trazê-los, concordou.

— Poderá levá-los hoje, Oliver. Mas quero que os faça correr e esgote-os antes de vir assistir os trabalhadores.

Seu filho assentiu, mas ela percebeu que a cabeça dele estava em outro lugar, correndo pela encosta em seu novo corcel, que imediatamente batizou de Starling.

Seu próprio cavalo, uma linda égua de cor de mel e doce como um favo,

adaptou-se às suas habilidades no solo. Tinha que agradecer a Jessup, pois aparentemente fora sua esperteza em notar tais detalhes que lhe proporcionara esse momento para fazer tal relato.

A voz de seu filho interrompeu seus pensamentos.

— Mamãe? — Oliver estava torcido de lado na sela, olhando para ela com uma expressão triste.

Serena riu. — Vá em frente e cavalgue, mas tenha cuidado.

Ele se foi, antes que a segunda frase deixasse sua boca, sua matilha de cães como uma cauda barulhenta de um cometa. Havia deixado de se preocupar quando ele montava há alguns anos, quando descobriu que corria pelo campo sem supervisão de um adulto na companhia de seus primos.

Levou apenas alguns minutos a cavalo para chegar ao local da barragem. A princípio achou que não precisaria de um cavalo, mas depois de duas semanas fazendo cinco ou mais viagens por dia, percebeu que seria uma tolice e nada eficiente.

Viu o cavalo do Sr. Lockheart antes de vê-lo, isso porque ele já havia tirado o casaco e estava dentro de uma vala, usando uma vara para desenhar algo para um grupo de homens que observava.

Desmontou e amarrou sua égua ao lado do cavalo dele. Ele levantou os olhos quando se aproximou.

— Espero que não se importe, Sra. Lombard, mas tomei a liberdade de mostrar aos homens como podem economizar parte deste trabalho e refazer apenas uma pequena parte.

— Claro que não me importo. Fico feliz que o senhor tenha vindo antes de termos posicionado toda a *berma*.

O capataz deu uma risadinha. — Sim, por mais que nós goste de trabalhá, fazê um trabaio duas vez não é algo que eu deseje.

Lockheart voltou ao desenho com sua brusquidão costumeira, nada interessado com brincadeiras. — O único problema que prevejo com este novo percurso é aquela pedra.

— Sim, sinhô, é por isso que nós pensô em mover a *berma* aqui — olhou para Serena —, o cavalêro que veio até aqui com a sinhóra Lombard disse que não importava.

O capataz, Sr. Flowers, estava certo. Ela havia traçado seus planos iniciais muito perto de onde o Sr. Lockheart estava movendo a *berma*. Ficou feliz que

Flowers, um cavalheiro robusto de Kent que trabalhava com seu grupo de trabalhadores mais do que apenas supervisionando-os, tivesse apontado isso para seu empregador. Serena conquistara seu respeito desde que começara o trabalho e eles tinham um excelente entendimento e relacionamento de trabalho. Agora, ela percebeu, ganhou sua lealdade também.

Não que Lockheart parecesse se importar. Sua mente parecia presa na rocha.

— A senhora tem os meios necessários para removê-la? — perguntou.

Ela balançou a cabeça. — Receio não ter insistido no assunto quando me pareceu que não seria um problema — inclinou a cabeça enquanto media mentalmente as dimensões da rocha em questão antes de se virar para o capataz. — O senhor já removeu algo deste tamanho antes?

Flowers coçou a cabeça e a balançou negativamente. — Não deste tamanho. Acho que nós poderíamos cavar mais fundo e rolá-la pro lago.

— Isso seria o mais fácil, mas...

Serena mordeu o lábio.

Os dois homens esperaram.

Serena balançou a cabeça. — Deixa para lá. Isso seria o mais fácil.

— O que a senhora tem em mente, Sra. Lombard? — Lockheart parecia intrigado, ao invés de resignado ou cético, como muitos homens ficariam.

— A rocha seria um belo recurso ao lado do lago. Parece uma pena ter que afundá-la.

Ele olhou para ela, para a rocha e para a encosta; olhou para a pedra novamente, mas agora Serena sabia que ele não estava vendo. De alguma forma, sabia que essa era uma daquelas ocasiões em que ele via os números e símbolos de que falava.

— Li que as grandes pedras das Planícies de Salisbury vêm de muitos quilômetros de distância — falou olhando para a rocha.

Serena olhou para Flowers, que olhou para ela e deu de ombros.

Eles esperaram.

Lockheart virou-se para Flowers.

— Entende as mudanças na nota?

— Sim, senhor.

— Quantos dias a escavação levará, sem incluir a área que a rocha ocupa?

— Se o tempo continuar assim, acredito que terminaremos no final da

semana.

Lockheart assentiu. — Terei pensado em uma maneira de mover a rocha até então. Olhou para algo por cima do ombro de Serena e ela se virou para ver Oliver desmontando. Os cães, ficou satisfeita em ver, estavam sob seu comando.

Quando ela se virou, notou que Lockheart ainda estava olhando com a testa franzida.

Serena esperou até que os homens se dirigissem ao novo local da escavação para falar.

— Espero que não se importe, Sr. Lockheart, mas havia esses filhotes nos estábulos quando chegamos. Horrocks parecia pensar que o senhor estava construindo uma matilha de caça, mas como não havia mestre do canil, disse que Oliver poderia treiná-los.

Oliver chegou ao lado dela. — Bom dia, Sr. Lockheart.

Lockheart olhou de Oliver para Serena e de volta para seu filho. — Estou feliz em ver que cuidou dos cães. Receio não ter contratado um mestre de canil, por isso estou feliz em ver que encontraram alguém que os deseja. Diria que eles estão completamente arruinados para a caça agora?

Serena assentiu. — Horrocks parecia pensar assim. Mas Oliver os tem treinado para se comportarem.

Ele a olhou. — Ah sim?

Oliver fez que sim com a cabeça. — São *bons* cães, senhor. Mas mamãe diz que devem continuar nos estábulos, lá ficam em uma baia onde dormem e passam a maior parte do tempo quando não estou com eles — hesitou. — Mamãe disse que não podem entrar na casa.

Lockheart pareceu intrigado com essa informação e Serena viu que o homem não percebeu que estava sendo manipulado por um mestre naquela arte. Olhou para Serena.

— A senhora não aprova animais na casa, Sra. Lombard?

— Não é isso.

Lockheart tirou o casaco do cabo de uma pá que estava enfiada em uma pilha de terra e o vestiu, sua gravata perfeita desgrenhada e suas lindas e caras botas cobertas de lama.

— Qual é o motivo então?

À luz do sol, podia ver que seus olhos tinham um anel cinza escuro ao

redor do cinza mais claro de sua íris. Seus cílios eram castanho-escuros como seus cabelos e injustamente longos.

— A casa não é minha, Sr. Lockheart.

Ele apenas olhou para ela.

— Não gostaria de tomar tais liberdades trazendo animais para dentro de casa — ela explicou.

— Nunca tive um animal de estimação. As pessoas normalmente os mantêm dentro de casa? — como de costume com esse homem, conseguiu dizer palavras que ela não esperava.

— Bem...

— Meu avô, Sua Graça de Remington tem mais de *vinte* cães. E todos eles moram nos aposentos dele, alguns até dormem na sua cama — Oliver disse, evitando o olhar de Serena.

Lockheart pareceu achar isso intrigante.

— É mesmo?

— Não são, entretanto, cães de caça, Oliver.

— Nem estes, mamãe.

Serena respirou fundo.

— Não tenho nenhuma objeção a cachorros na casa, Sra. Lombard, mas a decisão é sua — continuou quase sem fazer uma pausa. — Tenho algo em mente para mover esta pedra e posicioná-la onde a senhora gostaria. Vou levar alguns dias para reunir os materiais necessários. Espero que não se importe se estendermos nossa visita por mais alguns dias?

Serena estava prestes a lembrá-lo de que a casa era *dele* quando o filho tirou a resposta de sua boca.

— Quer dizer que vai ficar, Sr. Lockheart?

Deu a Oliver seu característico olhar vazio. — Até a pedra ser removida.

— O senhor vai me mostrar como construir um autômato?

Desta vez, Serena respondeu primeiro. — O Sr. Lockheart está aqui para trabalhar, Oliver, não para brincar — falou gentilmente, mas com a firmeza que sabia que ele precisava, uma vez que seu alto astral assumiu o comando. Por Oliver ter sido criado com tanto amor e carinho acreditava que todos desejavam passar um tempo com ele. Serena geralmente permitia que ele aproveitasse do conforto de suas suposições. Afinal, logo cresceria e teria seus próprios problemas. Queria que ele fosse feliz até quando pudesse.

— Que horas suas aulas terminam? — Lockheart perguntou enquanto subia a colina com eles.

— Às três horas, exceto domingo, que é um dia de descanso. Apesar de termos que ir à igreja.

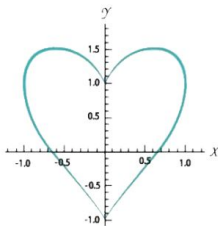
— Venha para a biblioteca às três todos os dias e podemos trabalhar nisso — contraiu os lábios. — Exceto no domingo, é claro.

— Viva! Viva! — felizmente Oliver já estava no meio da colina quando começou a gritar, os cachorros pularam e dançaram ao seu redor, sem saber o que estavam comemorando.

Ela sorriu para seu empregador. — Isso foi muito gentil, Sr. Lockheart, mas o senhor não precisa ser indulgente com ele.

— É algo que vou gostar.

Antes que pudesse agradecê-lo, ele fez uma pergunta sobre a posição do pavilhão. Só quando estavam voltando para casa é que percebeu que ele, mais uma vez, havia evitado qualquer palavra de agradecimento ou gratidão.



Capítulo

Nove

Gareth estava novamente no porão. A escuridão era total; nem mesmo um pontinho de luz. O chão estava úmido, frio e viscoso e o som de coisas deslizando e caindo ao seu redor era ensurdecedor naquele aperto sufocante. Gritou, mas sabia que ninguém viria; nunca vieram antes. Sua voz se foi, sua garganta doía e sua boca fora inundada com o gosto metálico de sangue. Algo pesado e peludo roçou seu tornozelo nu e os dentes como agulhas se afundaram no dedão do seu pé.

Gritou.

O grito rouco e cheio de terror foi como uma catapulta lançando Gareth de pé em sua cama. Não conseguia ar suficiente; era como respirar dentro d'água. Suas mãos agarraram as cobertas de ambos os lados e a escuridão que envolvia seus olhos clareou, queimada pela única vela que ele sempre mantinha acesa, não importa onde dormisse. A vela estava do outro lado do quarto escondida por um escudo de vidro azul, mas fornecia luz suficiente para impedi-lo de se afogar na escuridão aterrorizante.

Medo do escuro; tinha medo do escuro. As vozes zombeteiras das crianças flutuaram em sua mente, como fragmentos de nuvens na lua. As crianças gostavam de descobrir e explorar a fraqueza, e ninguém sabia disso melhor do que Gareth.

Seu coração parou de bater loucamente dentro do seu peito e sua respiração desacelerou. O fino lençol irlandês estava torcido e enrolado em seu torso, encharcado de suor, dizendo-lhe que o sonho que tivera fora longo.

Desembarçou as pernas dos lençóis e colocou os pés no chão, estava

mais exausto do que quando fora para a cama, estava muito cansado então, tendo passado o dia dentro de uma carruagem, examinando uma cervejaria que estava prestes a falir devido a especulação irresponsável do atual proprietário.

Podia estar cansado, mas também sabia que a chance de voltar a dormir depois de um pesadelo desses era zero; sonhos que o atormentavam algumas vezes ao mês. O resultado, como sempre: estava faminto. A sensação era como se tivesse vivido o pesadelo e realmente passado dias no escuro sem comida e água.

Vestiu seu roupão de seda prateada que Chalmers havia adquirido e calçou os chinelos de pele de cordeiro com os pés frios.

Iria até a cozinha e procuraria comida. Ainda não tinha feito isso em Rushton Park, mas Jessup estava familiarizado com seus hábitos noturnos em Londres, então sabia que teria tortas ou pão e queijos esperando por ele, como sempre.

A viagem para a cozinha foi substancial, mas deu-lhe a oportunidade de observar sua casa sem a presença das dezenas dos criados que empregava, pessoas que estavam sempre disponíveis durante o dia para garantir que nunca lhe faltasse nada. Embora Gareth apreciasse empregados eficientes, às vezes sentia-se como um visitante em sua própria casa.

Atravessou o grande salão para o corredor que abrigava a cozinha, a lavanderia, os aposentos dos empregados e tudo o mais que fazia a enorme casa funcionar, somente para ele. O que o fez pensar na mulher e em seu filho.

Sra. Lombard e Oliver, lembrou a si mesmo. Era um péssimo hábito referir-se às pessoas por rótulos em vez de nomes: a mulher, a cervejaria, o arquiteto. Algo sobre colocar nomes em rostos sempre lhe pareceu intrusivo e excessivamente familiar. Apenas mais uma de suas centenas de peculiaridades e pontos fracos, como as arandelas de parede que mantinha queimando durante toda a noite, o que tornava sua conta de velas provavelmente maior do que no Palácio de St. James. É claro que Gareth provavelmente tinha mais dinheiro que o rei e tinha condições de pagar suas contas.

As velas queimavam por todos os lados em todas as partes da casa. Mesmo aquelas partes em que ele raramente entrava, e algumas – uma parte pelo menos – que nunca entraria: os porões. Era um pequeno preço a pagar em sua opinião.

Uma vela estava acesa nas vastas cozinhas e Gareth acendeu mais duas para banir de vez as sombras no ambiente. Em segundos localizou o pão, uma grande roda de queijo branco de que tanto gostava e uma pequena panela de carne em conserva. Preparou seu banquete na mesa de madeira resistente ao lado da lareira e foi para a sala fria buscar uma garrafa de cerveja.

Gareth mastigou sua comida e examinou a enorme e moderna cozinha. Faltava-lhe o aconchego da cozinha compacta de sua casa em Londres, mas havia algo nas cozinhas de que gostava; algo que o confortava. Talvez fosse a proximidade com a comida e o conhecimento de que poderia comer o quanto quisesse. Não precisava ficar com fome nunca mais. Mesmo assim, toda vez que vinha comer, ficava estranhamente satisfeito, mas precisava se forçar a terminar a comida.

Declan sabia dos hábitos alimentares estranhos de Gareth, principalmente porque tinha alguns próprios.

“Aqueles desgraçados nos arruinaram para sempre, Gare. Nossa única vingança é viver bem.” Bem, essa não tinha sido sua *única* vingança, mas Gareth sabia o que seu amigo queria dizer.

Durante anos, Declan cumpriu sua promessa, mas Gareth achava que seus deboches ultimamente tinham desenvolvido um ar de desespero forçado. Quanta bebida, comida, riqueza e mulheres um homem poderia ter? Gareth notou que até mesmo o apetite de Declan tinha diminuído nos últimos anos. Seu amigo também o perseguia muito menos agora, o que deixava Gareth aliviado. Durante anos, o irlandês o importunou sobre beber, jogar e se divertir.

“Precisa viver meu amigo! Viva de todas as maneiras que puder. Sabemos melhor do que a maioria como tudo pode nos ser tirado num piscar de olhos.”

Mas Gareth não gostava de bebidas, jogos de azar, e quanto as mulheres? Bem, mesmo as que contratava custavam mais do que o preço declarado. Com as pessoas, sempre havia mais do que aparentava, o que era tão verdadeiro – ou mais – com as prostitutas quanto com qualquer outra pessoa.

Não que Gareth não tivesse os impulsos sexuais de um homem normal, pelo menos pensava que tinha, embora o comportamento de Declan naquela área o surpreendesse. Certamente não tinha nenhum desejo de se envolver nas orgias de que Dec tanto gostava. A última coisa que ele queria era ter relações sexuais com muitas mulheres, ou mesmo um pequeno número, ao mesmo

tempo. Uma mulher de cada vez era mais do que adequado. Nem se sentiu compelido a experimentar um amplo espectro de tipos de corpos como Declan havia defendido tantas vezes. Gareth não achava que o fato de ter feito sexo com apenas uma pessoa significava que havia algo de errado com ele.

Bufou e colocou um pedaço de carne na boca. Ele *sabia* que havia muitas coisas erradas com ele. Mas não achava que sexo era um de seus problemas. Agora, *mulheres...* bem, isso era...

— Sr. Lockheart?

Assustou-se e o pedaço de carne que tinha na boca desceu pelo buraco. Sua garganta se fechou enquanto seu corpo tentava expelir o objeto estranho de suas vias aéreas sem qualquer ordem consciente de seu cérebro. Seus olhos se arregalaram até que sentiu como se estivessem saindo de sua cabeça, que parecia ter dobrado de tamanho.

Uma forte *pancada* em suas costas fez com que caísse de barriga sobre a mesa e o fez expelir o pedaço meio mastigado para cima da cadeira do outro lado.

Gareth encheu seus pulmões com ar, respirando convulsivamente e tossindo.

— Oh, sinto muito por assustá-lo. Não tente falar, — ela adicionou, não que estivesse pensando em falar ou fosse capaz disso. O pedaço de carne havia saído, mas seu corpo parecia determinado e uma tosse sacudiu seu peito e seus olhos, que não estavam mais esbugalhados, mas profusamente úmidos.

A cena foi extremamente mortificante. Felizmente, a sentiu se afastar, o que aliviou metade do seu estresse e esforço. Caiu sobre os antebraços na mesa e concentrou sua atenção em respirar profunda e uniformemente.

Quando se sentiu capaz de erguer os olhos sem ofegar, tossir ou chorar, encontrou um copo d'água ao lado do prato. Ela estava de pé diante dele, seu rosto uma máscara de preocupação e culpa.

— Está melhor?

Assentiu, pela primeira vez equipado com uma excelente desculpa para sua característica taciturnidade.

— Não consegui dormir e desci para fazer um bule de chá, como de costume. Gostaria de um pouco?

Balançou a cabeça positivamente. Sorrindo envergonhadamente, ela começou a preparar o chá.

Gareth bebeu a água e a cerveja e estava pensando em se levantar para pegar mais quando ela colocou outro copo cheio de água sobre a mesa e removeu o outro copo.

— Obrigado — o agradecimento saiu como um grasnido áspero.

Como não conseguia pensar em mais nada para fazer, devorou o restante do pão em seu prato. Estava se sentindo de volta ao normal quando ela voltou para a mesa com um prato cheio de biscoitos e mais bolos de creme que ela parecia preferir.

— Bolinhos? — ofereceu.

Para variar, Gareth pegou um. O creme frio fez bem em sua garganta ferida.

Comeram em silêncio. Quando ela terminou seu bolo e tomou um gole de chá, olhou para ele.

— Muitas vezes não consigo dormir. Acredito que Jessup está ciente desse fato e deixa algumas guloseimas preparadas.

— Jessup sabe tudo.

Ela riu, embora Gareth não estivesse brincando, o que lhe era uma ocorrência comum. O mordomo era considerado o melhor da sua classe. Gareth, sem querer, ouviu a discussão de alguém sobre como o mordomo era incomparável e lamentando sua incapacidade de poder roubá-lo de Remington. E então Gareth iniciou sua caça ilegal.

— O que achou da cervejaria?

Agora que não estava mais ocupado tentando recuperar o fôlego, notou que ela usava um roupão e seus cabelos cacheados estavam escondidos debaixo de um daqueles horrorosos gorros que algumas mulheres insistiam em usar para dormir. Gareth não suportava a ideia de usar algo que cobrisse sua cabeça para dormir.

Suas sobrancelhas arqueadas e seu olhar indagador lhe disseram que estava aguardando uma resposta.

— Precisa de muito dinheiro e trabalho.

— E o senhor esperava isso?

— Acredito que atenderá às nossas necessidades admiravelmente. Mas o Sr. McElroy pensa o contrário.

Ela apoiou o queixo na mão e franziu a testa. — Por que?

— Acredita que a estrutura já passou do ponto de recuperação.

As palavras exatas de Dec era que a velha cervejaria *estava uma merda*, mas até mesmo Gareth sabia que aquela era uma linguagem inaceitável na frente das mulheres.

— O que irá fazer?

— Nós a compramos.

Suas sobrancelhas saltaram. — Tão fácil assim?

— Isso mesmo.

Gareth poderia ter contado mais para – como o filho do proprietário, um cervejeiro bem conceituado cujo sustento tinha sido dizimado pelas jogatinas de seu pai, chorou copiosamente ao saber que ele e os outros empregados seriam mantidos – mas estava achando o assunto sobre a velha e indescritível cervejaria como um pedaço de seda que não parava de escorregar de seus dedos. Geralmente tinha uma capacidade de concentração admirável que o deixava aquém para qualquer outra coisa. Mas somente agora notara a camisola que ela usava. Era um tecido branco e transparente quase que translúcido, parecia ser macio e estava abotoada até o pescoço. Usava um roupão por cima, também abotoado um pouco menos alto, era uma vestimenta prática de tecido áspero o suficiente para irritar a pele se usado diretamente. Gareth tinha um ponto fraco quando se tratava de materiais finos e luxuosos; estava muito mais interessado na composição de suas roupas do que no corte. O tecido de seu roupão ofendia sua sensibilidade. Não parecia confortável nem suntuoso. Sua mão, que repousava sobre uma coxa, estremeceu e passou por sua cabeça inclinar-se para testar a textura com o polegar e o indicador quando a voz dela o trouxe de volta ao presente.

— Sr. Lockheart, o senhor se sente bem? — inclinou-se para mais perto, projetando-se com o desagradável roupão. Pôde sentir o cheiro dela: um cheiro de sabonete limpo com um toque de grama fresca, algo que notara antes. Deve ter tomado banho, mas não lavado o cabelo. O leve perfume salgado de suor feminino enviou um choque por sua espinha e uma mensagem inegável para seu cérebro: ele a queria.

Era hora dele ir embora.

Gareth pigarreou e desviou o olhar da pessoa que o distraía. — A senhora já terminou?

Ela se recostou um pouco ante o tom frio dele, mas deu-lhe um sorriso que ele estava começando a desejar. — Mais do que suficiente, obrigada —

levantou-se e fez menção de limpar os pratos.

— É tarde, Sra. Lombard, os criados podem cuidar disso pela manhã.

Assentiu. — O senhor está correto, é claro. Sem dúvida, preferem uma bagunça a mim interferindo em seu sistema — deixou a cozinha na frente dele, ele logo atrás segurando uma vela. Ela não trouxera uma consigo, já que o corredor era tomado por elas.

Vinha um pouco mais atrás dela e podia ver a forma de seu corpo sob o roupão feio, que contornava melhor seu corpo do que o hábito ou o vestido que normalmente usava. Tinha quadris cheios e generosos e era fácil imaginá-los debaixo de suas mãos, seus dedos acariciando sua carne macia, segurando-a firme enquanto a penetrava e a levava ao prazer.

Estava teso desde que se recuperou da crise de tosse. Sua imaginação – que tinha vontade própria naquela noite – visualizou dormir com ela, observando seus olhos escurecerem enquanto a levava ao êxtase. Imaginou-se experimentando aquela satisfação particular que só era possível quando se dava prazer a sua parceira, fazê-la gritar e se contorcer, antes de se completar dentro dela.

Gareth cerrou a mandíbula; seu desejo por ela era lamentável, mas era um homem que sabia como exercer autocontrole. Agora que estava ciente do perigo que ela representava para sua concentração, tomaria cuidado para que episódios como este – os dois sozinhos com trajes de tecido fino – não ocorressem novamente.

Hoje à noite a deixaria em sua porta e, em seguida, se despiria e descarregaria sua energia sexual em seus sacos de pancada.

Chegaram à entrada do grande salão e ele a rodeou para abrir a porta. Ela alcançou a maçaneta ao mesmo tempo e suas mãos se encostaram.

— Oh! — tentou puxar a mão a tempo, mas ele a segurou. Ela olhou para baixo e Gareth também, talvez ainda mais surpreso do que ela. Seu corpo agiu sem seu consentimento e ele a puxou. Ela veio em sua direção sem hesitar, os olhos nele, seus seios, que estavam livres sem espartilho, pressionaram contra o peitoral dele. Pela primeira vez ela não estava sorrindo e seus lábios se partiram. Suas pupilas estavam dilatadas; aquilo era um sinal de desejo. Gareth sabia que os seus próprios olhos estariam igualmente escuros. Deslizou a mão sob a curva de sua mandíbula, seus dedos roçando a pele indescritivelmente macia de seu pescoço esguio e então baixou a cabeça e a

beijou.



Seu corpo estava duro e quente, como uma pedra que passou o dia inteiro debaixo do sol.

Serena sabia que deveria ter corrido na direção oposta no momento em que o encontrou na cozinha. Poderia ter partido sem que ele soubesse. Na verdade, não teria sofrido um episódio de tosse dolorosa e embaraçosa se ela tivesse voltado. Mas ele estava de costas para ela quando entrou, e vê-lo com o corpo pressionado contra a seda pesada de seu roupão a inebriou. O tecido caía sobre seu traseiro esculpido como prata derretida e extraiu dela uma pulsação de desejo que quase a fez cair de joelhos. Suas mãos doíam com a necessidade de sentir a textura de seu corpo, o calor e o contorno dele.

Seu olhar frio e especulativo não a preparou para isso, para lábios que eram firmes, macios e quentes e sua língua escorregadia, habilidosa e determinada. Ele a segurou levemente, o que não fazia nada para disfarçar o poder do seu corpo sinuoso. As pontas dos seus dedos brincavam e acariciavam a pele da sua garganta enquanto ele se aproximava mais, seu membro duro empurrando contra sua barriga.

Serena fechou os olhos e respirou fundo ao sentir a excitação masculina crua, vergando contra a coluna muscular de seu corpo. Fazia muito tempo desde que tivera um amante, e nunca um tão bonito ou misterioso como Gareth.

Ele deslizou uma segunda mão ao redor da sua cintura, seus dedos pressionando e massageando seu corpo sem espartilho enquanto mergulhava mais profundamente em sua boca, seus golpes ritmados fazendo seus quadris se contraírem contra os dele. Seria tão fácil simplesmente ceder às sensações há muito reprimidas que ele extraía de seu corpo sem esforço. Inclinou-se mais perto, sua própria mão serpenteando ao redor de sua cintura magra e as descansou no topo de suas nádegas deliciosamente firmes.

Isso é um erro, Serena. Não poderá mais ficar aqui depois disso. A voz

era estridente e irritante, e Serena a ignorou.

Conduziu-a lentamente em direção à parede, esfregando o comprimento rígido de sua ereção contra ela enquanto a empurrava, até que seus ombros encontrassem a parede, mas ele não parou.

Esfregando.

Esfregando.

Esfregando.

Seu membro rígido estava conseguindo que suas partes mais íntimas pulsassem de uma forma que só conseguia imaginar seu corpo forte e insistente entrando nela, mergulhando nela com toda a força que sabia que ele possuía. Podia sentir a luta entre a vontade e o desejo que se enfurecia dentro dele. O menor sinal dela e ele a tomaria bem ali, contra a parede.

Eu posso tê-lo agora. Seus músculos internos se apertaram e ela grudou mais nele quando a pressionou mais contra a parede, seu corpo estava preparado para recebê-lo, suas coxas pareciam liquidificadas de desejo.

Soltou um rosnado baixo e mordeu o lábio inferior dela, sugando-o em sua boca, puxando-a com tanta força que a dor era intensa. Seu joelho cutucou entre suas coxas e ela se abriu para ele.

Precisará deixar este lugar. Será um desastre para si mesma, Serena, mas principalmente para Oliver.

O rosto de seu filho – com uma expressão trágica – tomou conta da sua mente e seus olhos se abriram; nunca seu ardor se extinguiu tão rapidamente.

Colocou as mãos nos braços dele; aquela parte de sua mente que o queria estava encantada por sentir o corpo duro e esculpido dele contra o seu. Mas o rosto de seu filho permaneceu com ela.

Afastou-se e os lábios dele deixaram os dela imediatamente. Quando olhou para cima, viu que estava olhando para ela, seu peito subindo e descendo rapidamente, seu coração batendo forte, firme e rápido contra seus mamilos duros e seios sensíveis.

— Sr. Lockheart? — parecia exatamente como depois de seu ataque de tosse.

Deixou que os braços caíssem para os lados e recuou, colocando um espaço vazio entre os dois.

Seus olhos nunca se desviaram dos dela. — Peço desculpas, Sra. Lombard.

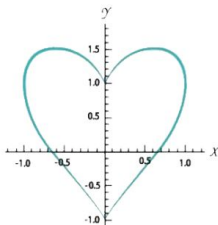
Balançou a cabeça, incapaz de pensar em alguma coisa coerente para dizer.

Ele se virou e abriu a porta, e esperou ela entrar. A jornada silenciosa até os aposentos da família parece ter levado uns cem anos.

Pararam na porta dela e ele fez uma breve reverência. — Boa noite, Sra. Lombard.

— Boa noite, Sr. Lockheart — mas ele já estava indo embora, seu robe de seda retrocedendo pelo corredor e desaparecendo na curva como um fleche prateado.

De volta ao quarto, Serena não pôde deixar de se perguntar se tudo não tinha sido um sonho. Mas quando olhou no pequeno espelho pendurado ao lado da porta, seus olhos estavam brilhando e seus lábios estavam vermelhos e inchados, como se tivesse sido completamente beijada.



Capítulo Dez

Serena desceu para o café da manhã quase três horas depois do habitual. O motivo foi porque não conseguiu voltar a dormir até que o dia amanhecesse. A outra parte era porque esperava evitar encontrar o Sr. Lockheart, um impulso tolo, pois teria que vê-lo novamente eventualmente.

Mas a sala do café da manhã estava vazia quando chegou e Jessup estava examinando o conteúdo dos pratos esfolados quando ela entrou.

— Bom dia, Jessup. Desculpe-me deixá-lo esperando. Um bule de café, por favor — pediu ao lacaio — Raymond — antes de ir fazer seu prato.

— O Sr. Lockheart desceu e saiu logo após o amanhecer.

Ergueu os olhos do prato de ovos frescos que Jessup decerto acabara de trazer.

— Oh?

— Não estará de volta até amanhã. Disse para informar-lhe que foi adquirir alguns materiais que serão necessários para a próxima semana.

— Ah, é claro.

Serena sentiu o alívio de um prisioneiro que acabara de receber uma suspensão temporária.

— Informou-me que Mestre Oliver pode trazer os cães com ele onde desejar e pediu que o aconselhasse sobre o melhor lugar para alimentá-los.

Serena fez uma careta. — Oh, pobre Jessup. É como a casa do duque, tudo de novo.

Jessup se permitiu o fantasma de um sorriso. — Se me permite, Sra. Lombard, sinto muita falta de cães debaixo dos meus pés.

Serena riu. — O senhor mente majestosamente, Jessup. Mas obrigada pela oferta. Mandarei Oliver para a cozinha mais tarde para que possa sentir-se à vontade para instruí-lo.

— Muito bem, senhora.

A porta se abriu. Em vez do laçao trazendo café, era o Sr. McElroy. Serena teve que forçar um sorriso. Não ficava sozinha com o irlandês desde aquela noite do lado de fora da janela do Sr. Lockheart.

— Bom dia, Sr. McElroy.

Ele sorriu e curvou-se, como se sempre tivessem sido outra coisa que não o mais dos cordiais amigos. Era um homem perigoso e Serena dobrara sua intenção de evitá-lo juntamente com seu amigo.

— Café, por favor, Jessup.

O mordomo saiu e McElroy afundou na cadeira em frente dela.

— O senhor não está com fome? — perguntou.

Estremeceu zombeteiramente. — Café primeiro, comida depois. Essa é a ordem civilizada das coisas — disse olhando para o prato dela. — Vejo que a senhora tem uma teoria diferente?

Ela corou, repentinamente ciente de seu apetite mais do que voraz. — Receio ter um ponto fraco por comida, principalmente quando é tão bem preparada como aqui.

— Todos nós temos nossas fraquezas — seus olhos deslizaram por seu torso e seu rosto ficou ainda mais quente. Era um homem muito atraente, mas o ar de dissipação que se agarrava a ele diminuía sua boa aparência e seu charme. Sem mencionar a lembrança de seu comportamento nada cavalheiresco, duas noites atrás.

O laçao chegou primeiro com seu café e Serena serviu uma xícara para os dois.

— A senhora é muito bondosa, madame — disse levantando a xícara em gesto de brinde.

— Entendo que o senhor é o novo dono de uma cervejaria, Sr. McElroy — tardiamente percebera o erro que cometeu. Quando ela teria aprendido tal coisa senão na noite passada? *Tarde* na noite passada, já que chegaram da viagem muito tempo depois do jantar.

McElroy levantou as sobrancelhas e fixou o olhar nela.

— É mesmo? — olhou ao redor da sala, como se o Sr. Lockheart pudesse

estar espreitando em algum lugar. — Gareth acabou de sair?

A porta se abriu e o café que o irlandês pedira chegou, seguido por Jessup trazendo um prato com alguma coisa.

— Morcela, senhor.

McElroy esfregou as mãos.

— Ah! E bem na hora também — olhou maliciosamente para Serena, e ela soube que leu com precisão o alívio em seu rosto. — Devo servir um prato para a senhora?

Serena estremeceu. — Não, obrigada, infelizmente não é um gosto que desenvolvi.

— Morcela não é popular de onde a senhora veio? — perguntou com um sorriso no rosto, mas o sorriso não alcançou seus olhos. Gostaria de saber o que ela estava fazendo acordada no meio da noite com seu amigo. Gostaria de saber tudo sobre *ela*.

— Certamente não na parte da França onde eu morei, Sr. McElroy.

— Ah — comentou enquanto fazia seu prato, mas Serena sabia que era apenas o começo de sua sondagem. Comeu, na esperança que terminasse sua refeição rapidamente. Por mais que não tivesse mais apetite, deixar comida no prato agora seria mostrar fraqueza e o irlandês de olhos afiados não deixaria passar.

Comeram em silêncio, até que Serena começou a pensar que poderia estar errada, quando atacou novamente.

— Diga-me, Sra. Lombard, como a filha de um escultor meio francês conheceu o filho mais novo do duque de Remington? Deve ser uma história e tanto.

Serena quase riu do olhar inofensivo que ele tentou executar. Não estava preocupada, havia contado essa versão particular de sua história diversas vezes.

— Robert, meu marido, fazia parte do corpo diplomático e havia recebido informações destinadas aos aliados britânicos. Encontrou um pequeno grupo de homens que abandonou a *Grande Armée* e estabeleceu seu próprio feudo no pequeno vilarejo não muito longe de onde eu morava.

Ele acenou encorajadoramente.

— Atacaram-no e ele acabou ferido, mas conseguiu matar dois deles antes de fugir. Perdeu a consciência na floresta, eu o encontrei e o trouxe de volta

até o chateau onde o escondi.

— Que história incrivelmente romântica! — recostou-se na cadeira e limpou os lábios carnudos e sensuais com o guardanapo, os olhos arregalados. — A senhora deve ter se colocado em grande perigo, na cara de seus compatriotas.

Mesmo depois de todos esses anos, a raiva cresceu forte e rápido com suas palavras.

— Não eram nada a não ser um bando de errantes, de bandidos que estupravam, roubavam e aterrorizavam o vilarejo. Nossa região era área de comércio entre as nações em guerra por centenas de anos. Não era incomum ouvir quatro línguas faladas em nossa pequena aldeia.

— A senhora terá que me perdoar, Sra. Lombard. Assim como tantas outras pessoas nascidas na Inglaterra, sofro de um vasto oceano de ignorância quando se trata do mundo exterior.

Serena duvidava que esse homem sentisse falta de alguma coisa, seja em seu mundo ou fora dele. Sua resposta insincera era apenas outra parte de seu ato. Fervia de raiva, sem dúvida um alvo de muitos ingleses devido a origem irlandesa, que era ainda mais desprezada do que a sua origem francesa.

— Entendo que seu marido foi morto enquanto levava a senhora e seu filho para um local seguro.

Serena não ficou surpresa por ele conhecer sua história, os detalhes já haviam sido divulgados amplamente quase uma década atrás. Embora suspeitasse que ele conseguira essas informações muito mais recentemente do que isso.

— Sim, a pessoa que faria nosso transporte através do Canal nos traiu. Robert deu sua vida para que eu e nosso filho pudéssemos viver — talvez realmente ficasse tão envergonhado quanto parecia com o final abrupto de sua história, mas Serena duvidava disso. De qualquer forma, fora poupada de ter que suportar mais suas investigações com a chegada de Jessup.

— Sinto muito, Sra. Lombard, mas tem um cavalheiro aqui com os arbustos.

Serena engoliu um suspiro de alívio e sorriu friamente para McElroy antes de empurrar a cadeira para trás.

— Por favor, com licença, Sr. McElroy.

Ele se curvou, seus olhos verdes e severos enrugando. — Claro, claro, a

senhora tem um trabalho a fazer. Mas não importa, terei muito tempo para conhecê-la melhor no jantar de hoje à noite.

Era exatamente isso que Serena temia.



Gareth não precisava voltar para Londres para adquirir os suprimentos que queria. Mas *precisava* buscar paz de espírito. Mesmo uma hora espancando os sacos não mitigou a influência perturbadora da *mulher* – a Sra. Lombard – em seu corpo e sua mente. Já havia experimentado esse nível de obsessão antes, mas sempre em relação a um problema matemático ou novo projeto. Nunca uma mulher. Esperava que se aliviar fosse saciar seu desejo, mas aquela tinha sido uma liberação vazia.

Não conseguia funcionar dessa maneira, não com a nova cervejaria, o projeto do iminente canal e meia dúzia de outros assuntos que exigiam sua total atenção. Precisava ver Venetia. Ela o ajudaria a amenizar o persistente desejo que nublava seu cérebro, normalmente afiado.

Primeiro fora para sua propriedade em Londres, que sempre estava pronta para recebê-lo, seus criados eram bem treinados e bem remunerados para que pudessem esperar seu empregador a qualquer hora do dia ou da noite. Cuidou de alguns assuntos domésticos e depois foi a um comércio que conhecia, especializado em autômatos. Após passar uma hora inspecionando o novo forno na olaria que estava construindo – em uma parte tão perigosa da cidade que o terreno fora comprado a preço de banana – foi para casa para se limpar e vestiu seus trajes formais.

Deixou instruções para que seu quarto fosse preparado, mas não solicitou jantar. Jantaria com Venetia aquela noite, se ela estivesse disponível. Se não estivesse, comeria em algum lugar sozinho. De qualquer forma, sempre dormia em sua própria cama, nunca na Casa Branca, o local de trabalho de Venetia.

A porta do edifício branco imperceptível se abriu antes que Gareth alcançasse o degrau mais alto. Um laçao vestido com um suntuoso veludo

verde e laços dourados o cumprimentou.

— Boa noite, Sr. Lockheart.

— Boa noite. Vim ver a Sra. Hensleigh.

O criado pegou o chapéu, as luvas e a bengala de Gareth. — Vou verificar se ela está recebendo. O senhor deseja aguardar na sala de visita?

Gareth entrou na pequena e opulenta sala ao lado do foyer. Ficou impressionado, como sempre, como o bordel tinha a mesma aparência de todas as outras propriedades em que já entrara, fosse a propriedade de um comerciante próspero ou de um aristocrata orgulhoso e destituído.

O antigo piso de madeira estava polido e brilhava, coberto com tapetes que reluziam como joias. Móveis delicados foram dispostos em torno de uma lareira revestida de mármore que gerava a quantidade exata de calor necessária para combater o frio úmido da casa sem ser sufocante. Pinturas de paisagens idealizadas estavam penduradas sobre as paredes cobertas de seda creme. Ao todo, era o tipo de sala que ele se esforçara para reproduzir em sua casa de campo, mas falhou miseravelmente.

A porta se abriu e ele se virou.

— Que prazer inesperado, Gareth — Venetia Hensleigh era uma das menores mulheres que já pusera os olhos. Parecia uma boneca humana de cachos dourados e grandes olhos azuis do outro lado da sala. Mas quando se aproximou com as mãos estendidas, o olhar em seus olhos e a curva sensual de seus lábios em forma de arco foram suficientes para fazer um homem começar a endurecer. Ou pelo menos era assim que ela sempre o fazia se sentir. Mas não naquela noite, naquela noite não estava excitado, estava apenas aliviado em vê-la.

— Venetia, obrigado por me receber com tão pouco aviso prévio — pegou suas mãos delicadas e deu-lhes um aperto suave antes de se curvar sobre elas. Tinha aprendido a aceitar e desfrutar seu toque, não uma tarefa fácil para um homem que evitava o contato humano da mesma forma que outros evitavam vespas furiosas ou cães raivosos.

— Venha — disse, pegando seu braço antes que ele pudesse oferecer. — Vamos para um lugar mais privado.

Gareth sabia que era o único homem que ela convidava para seu santuário porque foi isso que lhe disse, anos atrás, quando a abordou pela primeira vez. Não ignorava a honra que lhe concedia e sabia que muitos de seus clientes

havam oferecido quantias exorbitantes para passar apenas uma noite com a notoriamente privada madame do bordel mais exclusivo de Londres.

Venetia o conduziu através de seu escritório particular, onde um painel escondia uma porta para os seus aposentos.

— Já faz algum tempo, Gareth. Onde tem se escondido?

— Negócios no Norte e na nova propriedade em Kent.

— Ah sim — disse, olhando para ele, sua cabeça mal alcançava a altura do seu ombro. — Devo dizer-lhe que Sandy Featherstone andou cirando seu nome.

A olhou, surpreso. — Ele veio aqui?

Ela riu.

— Por Deus, não, ele não tem dois xelins para contar história. Keller o viu no novo calabouço de Beacon. Percebeu que ele estava jogando profundamente enquanto bebia — ela balançou a cabeça. — Se eu soubesse que fosse contrariá-lo, o teria alertado. Quem o recomendou?

— Beech.

Soltou um gemido. — Esse homem é um arquiteto surpreendente, mas um tolo em todos os outros aspectos. Se estiver precisando de ajuda para sua casa de campo, ficaria feliz em recomendar alguém.

Ela parou e Gareth abriu a porta que dava para a biblioteca, a sala que inspirou a dele em Rushton Park. Venetia Hensleigh era uma notável colecionadora de primeiras edições e havia derrubado o teto da propriedade para construir uma biblioteca que rivalizava com a de qualquer outra mansão.

Ela o soltou e foi até um aparador com decantadores. — Gostaria de experimentar um uísque novo? Consegui adquirir um barril.

— Por favor.

Venetia era a única mulher que ele conhecia que fumava e bebia destilados. Era considerada uma conhecedora de ambos. Trouxe dois copos e então se moveu em direção ao sofá de couro vermelho que ocupava um lugar de honra em frente à lareira gigantesca. Gareth tinha um carinho por este item específico da mobília, pois eles haviam passado várias noites memoráveis nela. Mas hoje o sangue não fervia na sua virilha, nem sua respiração estava acelerada com a expectativa da noite que se aproximava.

— Sente-se — Venetia ordenou, sorrindo para ele e empurrando-o para o sofá, mas — estranhamente — sentando-se na cadeira ao lado. — O senhor veio

se despedir.

Gareth não deveria ter ficado surpreso com sua percepção; Venetia sempre o lia tão facilmente quanto qualquer um dos milhares de livros alinhados nas suas paredes.

Aqueceu o copo entre as mãos. — Conte-me mais sobre ela.

Para seu horror, suas bochechas ficaram vermelhas, como se ela estivesse esfregando seu rosto entre suas pequenas mãos perversamente habilidosas.

Ela riu, uma risada muito baixa para uma mulher de seu tamanho. — Acho que não o vi corar antes, meu amigo. Pelo menos não a menos que fosse por esforço.

Gareth sorriu com a provocante lembrança de seus muitos – e aventureiros – encontros sexuais.

— Ah, e um de seus raros sorrisos também. Estou com sorte hoje.

Gareth tomou um gole e considerou suas palavras. Era verdade que raramente sorria. Cada vez que o fazia, era imediatamente atingido pelo terror, como se fosse obrigado a pagar caro por tal indulgência.

— Não sabia que vinha para me despedir, Venetia. Como de costume, a senhora está ciente dos meus desejos e necessidades antes mesmo de mim.

— Tenho sentido isso há algum tempo. Faz sete anos que somos amantes, Gareth.

Ele assentiu. Já fazia muito tempo, mas aquela primeira noite estava tão fresca em sua mente como se tivesse sido no dia anterior. Estava sentindo uma pontada de dor por algo – Arrependimento? Tristeza? – enquanto ele olhava dentro de seus olhos azuis. Olhos que protegiam seu conteúdo do mundo com tanta habilidade quanto os dele. Eram iguais, capazes de dar afeto, mas não amor.

— O nome dela é Serena Lombard.

Como de costume, Venetia sabia de tudo.

— Ah, a escultora.

— Conhece o trabalho dela?

— Não só isso, encomendei-lhe um trabalho, não que ela saiba disso — Venetia gesticulou para uma escultura que tinha talvez um metro de altura. Ele tinha notado a escultura antes, mas nunca olhara de perto. Levantou-se e foi até ela.

Era uma mulher, a pedra granulada, em vez de lisa, as pálpebras dos olhos

pesadas e compridas; usava um cocar estranho com uma coroa de serpente.

— É Seshat, uma escriba egípcia dos deuses.

Gareth viu um objeto semelhante a um pedaço de vara presa em uma das mãos.

— O que ela está segurando?

— Uma vara de folha de palmeira, dizem que os antigos usavam como penas.

Passou as costas dos dedos sobre o ombro da estátua. — Calcário?

— Sim.

A estátua tinha um tipo estranho de potência que chamava a atenção. Fez um esforço para desviar o olhar e retomar seu assento.

— Por que a contratou?

— Precisa perguntar? — Uma escultora mulher? Naturalmente, tive que defender sua causa. Por que *resolveu* contratá-la?

Encolheu os ombros. — Featherstone ou Beech a escolheram; eu não sei qual dos dois. Contratei-a para projetar os jardins de Rushton Park.

— Sabia que ela ocasionalmente projetava jardins em pequenas cidades, mas nada tão vasto quanto uma propriedade rural.

— Ela inicialmente resistiu, dizendo que o projeto era muito grande. Mas algo deve ter mudado sua mente.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— De fato.

Gareth franziu a testa.

— Por que diz isso?

— Realmente não sabe, Gareth?

— Só posso supor – com base na sua expressão astuta – que acredita que a decisão dela tenha algo a ver comigo.

— Parece cético.

— Ela é a nora de um duque e uma mulher talentosa e atraente — inclinou a cabeça e Gareth suspirou. — Vejo que pretende me ensinar uma lição, Venetia, e usar o método socrático para isso. Por que não soletra para mim, sou um homem que gosta das coisas simples.

— Oh, besteira! Que vergonha por tentar me enganar, Gareth.

Encolheu os ombros e tomou um gole da bebida, estava muito inquieto para brincar. Ela era muito melhor fazendo joguinhos, de qualquer forma.

— Ela é uma mulher excepcionalmente vibrante, e... demonstrativa e amorosa, pelo menos com seu filho — olhou-a penetrantemente. — Sabe como as coisas são comigo. Não posso dar essas coisas para ela, nem posso ser um pai adequado para seu filho.

— É um homem rico, poderoso e atraente, Gareth. Também é leal e atencioso, por mais que negue. Essa é uma avaliação de uma mulher que conhece os homens. Talvez esteja cansada, mas não penso muito no amor romântico. O amor é egoísta e, ao contrário da paixão, tem expectativas para além daquele momento. Eu sei que é um bom amigo e a amizade – na minha opinião – é muito mais valiosa do que o que chama de amor.

Gareth queria acreditar nela, mas não era do seu feitio aceitar qualquer conclusão sem provas. Mas Venetia também tinha uma resposta para isso, como se conseguisse ler seus pensamentos. Talvez conseguisse, ao menos mais do que qualquer outra pessoa, e isso incluía Declan.

— Mesmo que rejeite esse argumento, tenho outros que são igualmente, senão mais, persuasivos. Ela é uma viúva que sustenta a si mesma e ao filho sem a ajuda da família do marido. Não é inconcebível que desejasse um marido para que pudesse dividir esse fardo, ou tomasse conta deles inteiramente. Ela lhe forneceria as conexões com a aristocracia que tanto almeja e claramente a acha atraente. Qual é então o problema?

Gareth não sabia. Os mesmos argumentos lógicos passaram por sua cabeça, mas faltava uma parte da equação. E isso era mais do que frustrante.

— Não sei — disse finalmente, balançando a cabeça.

Os olhos de Venetia se estreitaram e sua expressão, de repente, tornou-se muito séria.

— O que? — ele se inclinou. — O que foi? Sabe de alguma coisa, eu posso ver.

Ela sorriu e balançou a cabeça mais uma vez.

— Venetia — deixou seu tom falar por si, mas ela apenas riu.

— Este é um lado seu que eu nunca vi.

— Que lado? — estava começando a irritá-lo.

Ela colocou o copo sobre a mesa ao lado da cadeira e desenrolou seu pequeno corpo sinuoso e veio em sua direção.

Ele engoliu em seco ao ver a expressão no rosto dela. Não tinha ido até ali para desfrutar de prazer carnal, mas esta mulher era considerada uma das

mulheres mais habilidosas – sexualmente – de Londres e ele percebeu, de repente, que lamentaria o fim de sua associação, porque isso era o que aquela noite significava: o fim.

Não apenas por causa do sexo, mas porque ela o conhecia. Teve um momento de pesar por não a conhecer bem, mas ela havia colocado uma barreira entre ele e a maior parte de sua vida, ele não era o tipo de pessoa que entrava à força. Pelo menos não quando se tratava dela.

Ela colocou uma mão em cada um de seus joelhos, sua pele branca era um contraste contra sua calça preta. — Sentirei sua falta, Gareth, mais do que esperava ser possível quando me procurou naquela noite, muito tempo atrás. Empurrou suas coxas inflexíveis para que elas abrissem e deslizou de joelhos entre elas. Sua respiração ficou mais pesada e seus olhos se fixaram em seus lábios carnudos, que ela umedeceu com sua língua rosa perversa. — Tive a honra de ser aquela a quem escolheu dar sua virgindade, Gareth. E, de certa forma, foi meu primeiro. Certamente não o primeiro homem a ter meu corpo, mas o primeiro e único amante que tomei voluntariamente — as mãos dela deslizaram por suas coxas, mas pararam perto do seu membro endurecido. Suas pálpebras tremularam, foi necessário um esforço monumental para não se atirar nas mãos dela. Seu corpo a queria, embora sua mente soubesse que sua boca sensual só poderia oferecer um alívio temporário.

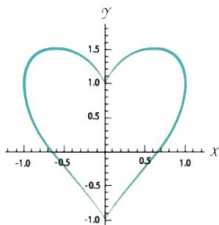
— Sei que não veio para isso, mas não sou boa em dizer adeus, então vou deixar minhas ações falarem por mim — suas pálpebras estavam pesadas enquanto suas mãos acariciavam e massageavam suas coxas tensas. — Feche os olhos, Gareth, e deixe-me acalmar sua mente, pelo menos por um momento.

Gareth colocou as mãos sobre as dela, o gesto impedindo suas ações. — Talvez seja hora de mudarmos nossa associação para outro nível, Venetia — deu uma palmadinha na almofada ao seu lado. — Posso não precisar das mesmas coisas da sua parte, mas valorizo nosso conhecimento mais do que nunca. Por favor, sente-se e fale comigo, ajude-me a entender este novo e intrigante progresso.

Ela hesitou, mas de alguma forma Gareth sabia que não era porque não o desejava, mas porque tal intimidade a assustava.

Finalmente sorriu e se sentou ao lado dele, sua pequena mão ainda na dele.

— O que gostaria de saber, Gareth?



Capítulo Onze

Em algum momento na noite anterior ao evento da remoção da rocha, que as pessoas da vila deram o nome de “*Dia da Rocha*”, começou a chover. Não uma chuva suave de verão, mas uma chuva torrencial que começou pouco antes do anoitecer e continuou durante a noite toda.

Ainda estava chovendo quando Serena acordou pouco antes do amanhecer e abriu as pesadas cortinas de veludo para olhar para fora. Seu quarto, como a maioria das grandes suítes que formavam a ala familiar, tinha janelas com vista para o lado sul da casa. Os *parterre*, que haviam acabado de começar a plantar com arbustos na semana anterior, estavam debaixo d'água, a terra recém-transformada em um lençol marrom que parecia estar deslizando lentamente pela encosta.

Serena praguejou algumas palavras bem escolhidas em francês e se vestiu rapidamente. Estava a caminho da ala dos criados quando encontrou Jessup já conversando com meia dúzia de cavaleiros e outros criados.

— Bom dia, Sra. Lombard, estava instruindo os homens para que espalhassem as lonas que a senhora encomendou.

Serena sorriu. — O senhor é muito bom, Jessup. Era exatamente para isso que estava a sua procura — virou-se para os homens reunidos. — As plantas ficarão bem, mas temo que nossas trincheiras já possam ter sido arrastadas. Por favor, cubram o que puder.

Os homens se dispersaram e ela se virou para Jessup.

— O senhor realmente *pensa* em tudo, não é?

Suas pálpebras baixaram ligeiramente para mostrar que as palavras dela o

agradaram.

— Sei que a senhora provavelmente gostaria de uma xícara de café quente.

— Eu cometeria assassinato por uma xícara de café. Mas não se preocupe, tomarei na cozinha.

— O Sr. Lockheart está tomando café, senhora.

— Está? — perguntou, estupidamente.

— E devo confessar que foi ele quem recomendou as lonas.

— Jessup, seu loroteiro! Muito bem, irei me juntar a ele. Obrigada — já tinha visto Lockheart desde que retornara de Londres, é claro, mas nunca conseguiram ficar sozinhos. Começou a descer para o seu desjejum um pouco mais tarde e acreditava que ele fazia a mesma coisa jantando ainda mais cedo. Dessa forma, só conseguiam se ver na companhia de McElroy ou Oliver, com quem encontrara Lockheart três noites atrás, quando foi visitar seu filho na sala de estudo.

— Mamãe! — Oliver gritou. — Olha o que o Sr. Lockheart trouxe — espalhados sobre a mesa estavam vários autômatos, a metade deles em partes. Oliver respondeu antes que ela pudesse perguntar.

— O Sr. Lockheart e eu os estamos desmontando para que possamos estudá-los.

Serena arriscou uma olhada na direção do seu empregador, que a observava com o olhar frio que agora sabia que poderia esconder uma série de coisas.

— Olha, mamãe — Oliver agarrou a mão dela e puxou-a em direção à mesa, interrompendo a estranha cena. — Veja, este usa um tipo diferente de mola, e este aqui...

Ela passou uma hora desconcertante sendo ensinada sobre o funcionamento interno dos brinquedos. Desde então, o tinha visto todas as noites, quando ele passava para supervisionar o trabalho de Oliver conforme progredia.

E é claro que ela o via no jantar, onde McElroy dominava a conversa e se certificava de que Serena estivesse ciente de sua observação e investigação contínuas do seu passado.

O Sr. Lockheart também ia ao local de trabalho todos os dias, olhava e observava, mas raramente tecia comentários. Uma vez, entrou na baia que ela

usava nos estúbulos, e rapidamente se desculpou quando viu que ela estava trabalhando. Naturalmente, esse foi o fim de seus esforços *naquele* dia.

Parou não muito longe da sala de café da manhã para verificar seu cabelo às pressas em um grande espelho do corredor. Os fios escaparam e se enrolaram na umidade extrema, mas não estava uma ruína completa. Ainda. Endireitou o fichu de renda que usava enfiado em seu velho vestido verde matinal e alisou a saia. Isso teria que bastar.

O Sr. Lockheart se levantou quando ela entrou. — Bom dia, Sra. Lombard.

— Bom dia, Sr. Lockheart — sorriu para Raymond, que já estava se dirigindo para a porta em antecipação ao seu pedido. — Jessup está me trazendo café, Raymond — voltou-se para o outro homem. — Por favor, continue comendo.

Serena distraidamente empilhou comida no prato enquanto imaginava os olhos dele queimando em suas costas. Mas quando se virou, ele estava olhando para um jornal colocado ao lado de seu prato.

Quando se sentou, ele dobrou o jornal e o colocou de lado.

— Obrigada por ter tido a percepção de espalhar as lonas.

— Gostaria de ter pensado nisso ontem à noite.

Serena passou manteiga em um pãozinho quente. — Percebi apenas que estava chovendo às três ou quatro horas da manhã — amontoou compotas em seu pão, maravilhada com a conversa insípida quando tudo que conseguia pensar era em como seu corpo era delicioso. Engoliu em seco, alarmada pela forma como estava salivando, como um predador da selva olhando um pedaço de carne saboroso. Oh, era revoltante.

— Não está dando sinais de que vai diminuir — disse, claramente alheio à turbulência que acontecia dentro dela.

— Não, o céu está escuro. Atrevo-me a dizer que demorará alguns dias até que o solo seque o suficiente. Obviamente, a movimentação da rocha precisará ser adiada. O senhor vai ficar? — não conseguia decidir qual queria que fosse sua resposta. Seu corpo se alegrava quando ele estava perto, mas sua mente — por mais obstinada que fosse — alternava entre celebração e terror.

— Não será possível viajar com este tempo, pelo menos nenhuma viagem que eu queira fazer — ele acenou para Jessup, que entrou com um bule de café fresco. — Tenho muito com o que me ocupar dentro de casa.

Serena também. Estava atrasada com o progresso da sua escultura atual, pois estava muito distraída devido ao seu breve interlúdio com seu empregador para arriscar trabalhar em mármore caro. Em vez disso, estudou as propostas que solicitou para as outras quatro esculturas. Embora quisesse poder fornecer *tudo* o trabalho, sabia que não seria não só imprudente, mas irracional – a variedade na arte era algo sempre desejado – sem dizer egoísta por parte dela. Enviou suas ideias para a Royal Academy, bem como para vários de seus colegas escultores. Era uma ótima ideia espalhar seu trabalho.

— E a senhora vai esculpir, Sra. Lombard?

Essa demonstração sem precedentes de curiosidade do normalmente desinteressado homem a pegou de surpresa. — Talvez. Depende se minha inspiração irá cooperar — essa declaração o intrigou então ela explicou. — É melhor não trabalhar a menos que possa dar toda a minha atenção à peça em questão. Qualquer coisa abaixo da concentração total é uma receita para desastres e muitos materiais caros podem ser arruinados.

— Recentemente, vi uma de suas peças.

— Oh?

— Uma peça egípcia.

— O senhor viu Seshat?

Ele assentiu.

Serena mal podia acreditar. — Foi uma comissão anônima, recebi adiantado — deu um sorriso irônico —, o que é muito incomum no mundo da arte — mordeu a língua, morrendo de vontade de perguntar onde ele tinha visto.

— Eu achei a peça bastante... hipnotizante.

Novamente a surpreendeu, e isso a agradou. Suas bochechas queimaram quando ela olhou para cima, tímida com seu elogio. — Obrigada. Foi uma encomenda difícil porque nunca soube como o proprietário se sentiu em relação a ela — esse era o mais verde que ela podia jogar.

— Eu acredito que ela não se importaria que eu dissesse que valoriza a peça.

Ela? Chamas gêmeas de prazer e ciúme queimaram dentro dela. Era sua amante? E por que uma pessoa desejaria tanto anonimato? Como é que tudo sobre este homem parecia estar envolto em mistério?

— Se não for muito — fez uma pausa, como se estivesse procurando pela

palavra correta, hesitação não era característica dele — intrusivo, gostaria de saber algo sobre o processo de escultura.

O grau de prazer que sua pergunta gerou deveria tê-la assustado, em vez disso, estava apenas satisfeita com sua demonstração de interesse.

— Meu pai me treinou como seu pai o havia treinado, ou seja, como a maioria dos escultores. Começa com anos de moldagem e fundição e, em seguida, avança para algumas das partes menos críticas da obra de um mestre — sorriu. — Eu sou mais uma artesã do que uma artista, infelizmente. Nunca vi um brilho de gênio em meu trabalho — encolheu os ombros. — Mas me dá alegria mesmo assim.

— Como alguém reconhece um brilho de genialidade?

— Ah, esta é a questão. Não poderia descrever, mas eu sei quando vejo — pensou em como poderia expressar o que queria dizer. — O caderno de esboços que o senhor tem na caixa de vidro, aquele pertencente a Leonardo, o senhor se lembra de seus desenhos no final do diário?

Seus olhos ficaram vagos, como se ele estivesse inspecionando o conteúdo na sua memória. Quando sua visão clareou, disse: — Há vários de um velho e um de uma jovem. Esses?

— Sim, esses. Ele é capaz de, com algumas linhas, elevar o comum ao sublime.

Fez uma pausa, movendo seu pedaço de presunto não comido de um lado do prato e depois de volta para o outro. Isso era interessante. Estava inquieto? Nunca o tinha visto agir nada menos do que frio e composto antes. Por que agora? O que poderia...

— Seus esboços não elevam o comum ao sublime?

— Existem alguns muito bons de Oliver quando era um menino, mas – no geral – sou muito mais expressiva com pedra ou até mesmo argila. Não sou como Leonardo, um gênio da Renascença, capaz de se envolver gloriosamente em qualquer meio.

Ele assentiu, mas não respondeu. Então, era isso. Uma breve explosão de conversa com um homem que estava em sua mente com muito mais frequência do que era saudável.



Naquela noite, parecia que estava chovendo há dias. Gareth passou grande parte da tarde com Oliver na sala de estudo. A Sra. Lombard não apareceu e Gareth se perguntou se o estava evitando de propósito.

Oliver era um menino muito inteligente, com aptidão para ciências e matemática, e Gareth relaxava em sua presença mais do que com qualquer outra pessoa que não fosse Dec. O menino não era tagarela e passava boa parte do tempo em buscas solitárias. Gareth acreditava que era por escolha e não circunstância. Era como Gareth poderia ter sido, se sua vida tivesse tomado um caminho diferente.

Enquanto Gareth se vestia para o jantar, considerou a pergunta de Dec no início do dia.

— Quanto tempo planeja ficar aqui, meu velho?

O irlandês nervoso o havia procurado horas após o café da manhã, fazendo Gareth se perguntar – não pela primeira vez – como seu amigo passava a maior parte de seus dias. Sabia como passava boa parte de suas noites, sabia que Declan já havia feito conquistas na vila e continuava com seu entusiasmo de sempre na pousada local.

Estava trabalhando nos livros de contabilidade da cervejaria quando Dec interrompeu. Pousou a pena e recostou-se na cadeira. — Pretendo ficar até terminarmos a *berma*. E você?

Dec encolheu os ombros, inclinou a cabeça para trás até ficar de frente para o teto.

— Seria um inferno viajar com isso — acenou para as janelas sem olhar para baixo. — Não consigo nem mesmo dirigir até a cidade — abaixou a cabeça lentamente, seus olhos verdes penetrantes focados em Gareth. — Gosta do menino.

— Sim — Gareth concordou.

— E da mãe dele?

— O que tem a mãe dele?

A boca de Dec torceu, mas não disse nada.

Gareth sentiu uma irritação ao ver o olhar que tanto conhecia. Por que as

peessoas que conhecia melhor – todas as duas – pareciam pensar que ele era algum tipo de criança ou idiota quando se tratava do sexo oposto?

Provavelmente porque era.

— Fale logo, Declan.

Dec encolheu os ombros e seus olhos se arregalaram. — O que?

— Não gosta dela.

— Isso não é verdade.

— Vai medir palavras comigo mesmo sabendo o quanto não gosto desse passatempo. Muito bem, não *confia* nela.

Mais uma vez deu de ombros. — Não confio em ninguém, exceto em você.

Gareth sabia disso muito bem. Acreditava que seu amigo estava desconfiado em seu próprio detrimento. Mas era possível que mesmo ele não suspeitasse o suficiente. Era cansativo pensar nessas questões, em última análise, sem importância. O que as pessoas poderiam tirar dele além de dinheiro? Sempre poderia fazer mais dinheiro, como sua história havia se mostrado repetidamente.

Gareth endireitou a pilha já reta das folhas de contabilidade que ficava ao lado do livro aberto antes de olhar para cima. — Ficarei aqui até que tenha providenciado o deslocamento da rocha.

Dec acenou lentamente, seus olhos não riam mais. — Muito bem. Devo permanecer até que seja decente para viajar, depois cuidarei de alguns negócios em Londres.

— A cerâmica ou as docas?

— Algo novo — disse misteriosamente.

Gareth sabia que não devia perguntar o que ele queria dizer quando estava com um desses humores. Daria sua vida por Declan McElroy, mas isso não significava que o homem não fizesse com que ele se tornasse positivamente assassino com seu comportamento imprevisível e temperamental.



O último prato foi retirado e Serena se levantou. — Vou deixá-los, cavalheiros, para tomarem seu vinho.

— Talvez a senhora possa nos acompanhar esta noite, Sra. Lombard?

Serena olhou para o irlandês nada surpresa.

— Perdão? — olhou para Lockheart, mas ele parecia feliz em observar.

McElroy deu um sorriso que ela sabia ser feito para desarmar as mulheres. Não funcionou com ela. — A noite está terrível, mas ainda é cedo — seu sorriso cresceu. — Não é uma noite boa para passeios noturnos. Por que não nos retiramos para um lugar mais confortável e nos mantemos entretidos? Não é assim que as coisas acontecem no campo?

Já havia deixado claro que não gostava dela. O que estava aprontando agora?

Serena deu um sorriso misturado com falso pesar. — Espero que o senhor não esteja contando comigo para tocar piano ou cantar. Receio que minhas habilidades não caem nessa direção.

Ele riu. — Tinha algo menos elevado em mente. A senhora joga cartas, Sra. Lombard?

O Sr. Lockheart lançou ao amigo um olhar penetrante, que ele ignorou.

O que estava acontecendo?

— Jogo Cribbage e Piquet. É isso que o senhor quer dizer?

Sua boca se inclinou para o lado. — Algo assim — ele se virou para Lockheart. — O que diz, Gare? Já faz um tempo que não colocamos nossa inteligência contra o outro.

Lockheart lançou ao amigo um olhar longo, silencioso e não muito amigável. Serena achou que aquilo era o equivalente à versão do outro homem de mandá-lo para o inferno. Mas no final, ele concordou.

— Se assim deseja.

McElroy bateu palmas e esfregou-as com entusiasmo. — Excelente! Acredito ter visto uma pequena mesa na biblioteca que poderia ser usada para esse fim — acenou com para um dos lacaios alinhados na parede. — Mande trazer o vinho para a biblioteca. E outro busque um baralho de cartas no meu quarto. Pierson irá mostrar onde um está — ofereceu o braço a Serena que colocou a mão sobre sua manga enquanto olhava para Lockheart.

McElroy sorriu para o amigo. — Desculpe, meu velho, andará sozinho hoje.

As próximas horas foram as mais estranhas de sua vida, uma vida em que não faltavam momentos estranhos. Havia uma tensão entre os dois amigos que não tinha notado antes, e havia um clima desconfortável no ambiente que não entendia.

Uma vez na biblioteca, uma mesa foi colocada mais perto do fogo, um xale foi providenciado para Serena e as cartas foram trazidas.

McElroy quebrou o lacre de um novo maço e começou a embaralhá-los de uma maneira que proclamava sua familiaridade com o jogo mais do que as palavras poderiam dizer.

— Como a senhora se sentiria aprendendo um novo jogo, Sra. Lombard. É chamado de *vingt-et-un*.

O Sr. Lockheart cruzou os braços, mas não emitiu nenhum som.

— Já ouvi falar disso.

— Certamente achei que deveria — seu sorriso lembrava o de uma serpente.

Serena não tinha ideia do que significava seu olhar agressivo e conhecedor e não pôde deixar de se perguntar se ele era uma raposa. Não percebeu o quanto ele tinha bebido durante o jantar, mas, novamente, não estava prestando atenção nele. Por que faria isso quando Gareth Lockheart estava na mesa? Ele parecia uma estátua, como sempre, mas teria jurado que ele estava furioso.

— As regras são muito simples: deve-se acumular *vingt-et-un*, mas nada maior do que isso. Darei duas cartas e a senhora pode pedir mais. O Ás tem um papel especial, pois pode representar um ponto ou onze — suas mãos, que embaralhavam as cartas sem parar, pararam. Olhou em torno. — Mas espere, não temos apostas.

— Não.

McElroy e Serena voltaram-se para Lockheart.

— O que disse, Gare?

— Eu disse sem apostas, não faremos jogos de azar. Distribua as cartas, Declan.

Os homens se entreolharam e foi o irlandês quem primeiro desviou os olhos. Riu e encolheu os ombros, suas mãos retomando seus movimentos rítmicos. — Cumprirei a vontade de nosso anfitrião, Sra. Lombard, a senhora terá que imaginar a emoção, imagine o ar de tensão entre os homens – e

mulher — enquanto apostam suas fortunas, as casas de seus ancestrais e suas próprias vidas — o fogo não era a única coisa crepitante na sala quando ele parou de falar.

— Agora — disse, sua voz de volta ao tom normal. — Existem muitas variações do jogo, mas vamos jogar a que eu prefiro. A primeira carta é virada para baixo — ele distribuiu três cartas —, e a senhora pode dar uma olhada nelas. Ah, mas não deixe ninguém ver — repreendeu quando Serena pegou sua carta, um quatro de ouro. — Agora, coloque a carta para baixo — ela percebeu que Lockheart não descruzou os braços ou olhou sua carta. Seus olhos estavam fixos no amigo. — Nesse ponto — continuou McElroy —, a senhora faria uma aposta e eu, como crupiê, seria responsável por cobrir seu dinheiro. Se a senhora se sair bem, poderá se tornar a banca mais tarde. Aqui está a sua segunda carta — distribuiu três cartas, estas viradas para cima. Serena recebeu um sete, dando a ela onze, e Lockheart um dez, e McElroy um dois.

— Gostaria de outra carta, Sra. Lombard?

— Sim, por favor.

Deu a ela um ás. Ela franziu a testa: vinte e dois ou doze.

— Outra?

— Sim.

Deu a ela um dez.

— Oh, bolas! — ela disse, rindo.

— Que vergonha, Sra. Lombard. Agora eu estaria puxando suas fichas para a minha pilha — virou-se para Lockheart. — Gareth?

Uma veia saltava na têmpora de Lockheart, mas finalmente descruzou os braços e olhou para a carta no final. Balançou a cabeça.

— Ah — McElroy sorriu. — Qual será a carta oculta do Sr. Lockheart? Esse dez dele me deixa nervoso. Devo presumir o pior, Sra. Lombard, que o Sr. Lockheart tem um segundo dez. Isso significa que devo pegar outra carta.

Virou sua carta oculta, que era um dez, e ficou com um total de doze. Serena teria pensado que ele queria outra carta de qualquer maneira.

Sua próxima carta foi um seis. — Dezoito — olhou de Serena para o amigo. — O que a senhora acha, Sra. Lombard? Tem um dez escondido? Ou um cinco?

— Um cinco? Certamente teria pegado outra carta se tivesse apenas

quinze.

McElroy sorriu, seus olhos nunca deixando os de Lockheart. — Isso é verdade, Gareth?

Lockheart suspirou e McElroy riu. — Vou mostrar-lhes.

Lockheart virou sua carta oculta.

— Vinte! — Serena bateu palmas, mais feliz com a vitória dele do que era totalmente necessário. O próprio Lockheart não parecia se importar com isso. Claro que não havia dinheiro em jogo, o que pode ter explicado sua falta de reação.

McElroy pegou as cartas usadas e as colocou em uma pilha com a face para baixo.

— Irei distribuir o restante deste baralho e depois a *senhora* será a crupiê, Sra. Lombard.

Serena descobriu que estava gostando do jogo na terceira ou quarta mão, embora só tivesse ganhado uma vez. Lockheart, por outro lado, parecia vencer a cada vez, e parecia tão feliz com isso quanto da primeira vez.

McElroy conversava quase sem parar enquanto distribuía, facilmente capaz de fazer três ou até quatro coisas ao mesmo tempo.

— Vejo que a senhora tem um grande bloco de mármore nos estábulos, Sra. Lombard, mas ainda não começou a esculpir?

— Correto. Ainda estou fazendo esboços.

Deu um olhar malicioso enquanto distribuía a primeira rodada de cartas.

— A senhora precisa de um modelo para começar seu trabalho, por acaso?

Ela olhou para Lockheart e viu que ele finalmente parecia interessado.

— O senhor está oferecendo seus serviços, Sr. McElroy?

— Não me oporia a doar meu tempo, no interesse da arte, é claro.

Ela inclinou a cabeça e o estudou com cuidado exagerado. — Sim — disse após uma longa pausa, — acho que o senhor seria perfeito.

Ele se envaideceu, lançando a seu amigo um olhar nada sutil de triunfo.

— Entendo que é para ser uma peça clássica. Talvez Apollo? Ou seria Baco?

Ela ergueu a última carta o suficiente para ver: um ás, e então deu a ele um sorriso doce. — Na verdade, será uma tradução de Judite decapitando Holofernes.

A expressão em seu rosto era impagável, mas não tão inestimável quanto a reação do Sr. Lockheart. Jogou a cabeça para trás e riu, o som profundo e

rico e totalmente encantador por ser tão raro. Parecia... radiante, como um homem mais jovem, e Serena não conseguia desviar os olhos.

McElroy deu-lhe um sorriso irônico, aceitando a risada do amigo com uma inesperada boa vontade.

— Suponho que eu tenha merecido isso.

Lockheart assentiu e enxugou os olhos. — Sim, suponho que sim, Dec.

O olhar que o irlandês lançou para Serena foi, pela primeira vez, de respeito.



Aúnica razão pela qual Gareth estava tolerando o comportamento de Dec era querer ver até onde ele queria chegar.

Não, na verdade isso era mentira. Também estava muito fascinado pela Sra. Lombard para deixá-la sozinha na companhia do infame libertino. Tinha sido a experiência de Gareth que as mulheres não podiam resistir ao grande e charmoso irlandês; o pensamento da Sra. Lombard sendo incapaz de resistir a Declan não o agradava nenhum pouco.

Desde que voltou de Londres, sentiu uma estranha e aumentada consciência dela que parecia quase instintiva. Sabia que os animais sentiam uns aos outros dessa maneira, mas nunca esperou tamanha sensibilidade de si mesmo. Era revigorante e enervante ao mesmo tempo. Isso levava a muitas sessões em sua arena particular de pugilismo. E agora o estava fazendo pensar em fazer algumas rodadas com seu melhor amigo.

Declan sabia o quanto ele odiava cartas e ele certamente sabia o quanto odiava ser lembrado da parte que esses jogos tinham desempenhado em sua vida. As cartas eram um vício, e seu amigo, geralmente, não era tão cruel a ponto de esfregar isso na cara dele. Então, por que orquestrou aquela noite era um mistério. Gareth supôs que deveria ter perguntado, no início do dia, exatamente porque não confiava na Sra. Lombard. Mas não queria dar o que estava procurando: uma briga. Sim, reconhecia quando Declan estava procurando uma discussão ou briga e se recusou a ceder.

Parte da tensão na sala se dissipou depois que a Sra. Lombard falou de sua escultura e as rodadas subsequentes passaram sem incidentes.

Quando Dec chegou às últimas seis ou sete cartas, as abriu, com a face para baixo, na mesa.

— Não é o suficiente para uma mão — disse, — mas há outros jogos — seus olhos deslizaram dos dela para os de Gareth e vice-versa. — A senhora sabe quais são essas cartas, Sra. Lombard?

— O que quer dizer?

— A senhora sabe quais estão escondidas, quais cartas não foram jogadas?

Sua testa se enrugou de uma maneira que encantou Gareth. Tinha notado isso acontecendo um pouco ultimamente; achando até mesmo seus menores maneirismos e características únicas encantadoras. Balançou a cabeça após considerar a pergunta de Dec. — Não, não sei, como poderia?

Gareth invejava sua inocência neste assunto.

Olhou dele para Dec. — O senhor sabe? — perguntou.

O que, claro, era a pergunta que Dec queria. Fechou os olhos. — Um rei e nove de copas, um três, sete e dez de espadas e um oito, nove e ás de paus — abriu os olhos e se virou para Gareth. — Estou perto, Gare?

Odiou seu amigo naquele momento. — Um nove de paus, não de copas, e um seis e oito de espadas, não de paus.

McElroy virou as cartas e a Sra. Lombard ficou olhando.

— Mas como? — olhou para Gareth, sua expressão atordoada forçando uma resposta dele.

— Tenho boa memória.

Dec riu enquanto pegava as cartas e entregava a ela o baralho. — O Sr. Lockheart tem uma memória *muito* boa.

— Mas o senhor estava quase certo também.

— Sou bom o suficiente com um único baralho — sorriu para Gareth. — Testamos Gare e ele tem precisão de até seis baralhos.

Serena balançou a cabeça. — Não entendo.

— É simples. Veja...

Gareth raramente levantava a voz, mas desejava fazê-lo naquele momento, não que fosse ceder a esse desejo. Em vez disso, falou ainda mais baixo do que normalmente falava, saboreando o controle que tinha sobre suas

emoções e como escolhia exibi-las, lamentando o fato de não poder controlar o comportamento de Dec tão facilmente.

— Tem alguma razão para mostrar minhas habilidades bizarras esta noite, Declan?

Dec sorriu e encolheu os ombros. — Nenhuma razão que consigo pensar.

— Mas essa é uma habilidade *maravilhosa*, Sr. Lockheart. Por que o senhor chamaria de bizarro? — olhou para ele com a mesma admiração que as pessoas sempre mostravam quando descobriam sua habilidade. Bem, nem *todo mundo* olhava para ele dessa forma. Certamente não os jogadores de cartas e os donos dos clubes de apostas que ele roubou.

Ela inclinou a cabeça de um jeito que era... ele lutou para pensar em uma palavra, e então a evitou quando apareceu na sua cabeça: adorável. Era uma palavra que ele nunca tinha usado antes, nem mesmo para pequenos animais ou crianças ou colunas de figuras organizadas. Queria dar um tapa na testa com a palma da mão, do jeito que fazia quando cometia um erro tolo com alguma fórmula ou equação e de repente via a luz. Exceto que não tinha visto a luz. Na verdade, estava mais no escuro do que nunca. Não só isso, mas percebeu que ela tinha falado enquanto vivia sua não-epifania.

— Eu imploro seu perdão, Sra. Lombard.

— Eu me perguntei se este jogo não seria entediante para o senhor?

Quase riu. Entediante? Não. Evocativo de memórias odiosas e terríveis? Sim.

— De jeito nenhum, Sra. Lombard. Por favor, — gesticulou para as cartas que ela segurava com as duas mãos.

E assim foi, até que o enorme relógio na parede bateu meia-noite.

— Por Deus — disse ela, erguendo os olhos das cartas sobre a mesa, noutra jogada que faria um lance alto e jogaria sem nenhuma estratégia, mas com bastante alegria e contentamento. Gareth acreditava que já estava insensível ao toque dela, ou teria enlouquecido. — Não fazia ideia que era tão tarde — olhou para as janelas, que estavam cobertas por cortinas. — O senhor acha que ainda está chovendo?

Declan foi espiar pela janela mais próxima. — Diminuiu um pouco, mas não parou.

Ela respirou fundo, e Gareth não pôde deixar de apreciar o efeito em seu corpete.

— Deveria saber que tivemos muita sorte com nosso clima — disse enquanto se levantava —, espero que possam me dar licença, mas já passou da minha hora de dormir.

Gareth a precedeu até a porta e a abriu, memórias de uma noite anterior, e outra porta, assaltou sua mente. — Boa noite, Sra. Lombard.

Ao fechar a porta, virou-se para o seu amigo. Declan estava na frente da lareira, cutucando um tronco com a ponta de uma bota muito cara.

— O que foi aquilo? — a fúria que controlou durante toda a noite começou a se libertar de suas amarras.

Declan encolheu os ombros. — O quê? Jogar cartas é tudo o que há para fazer no meio deste pasto.

— Sabe, entre todas as pessoas, como me sinto sobre esse passatempo.

— Sim, bem, é hora de que supere isso.

— Quem pensa que é para dizer o que devo *superar*?

Declan se afastou do fogo, seu rosto estava mais vermelho do que o calor. — Sou a pessoa que o impede de fazer papel de bobo.

— Desde quando? Não é meu guardião ou minha consciência e há muitos anos não preciso de sua proteção ou conselho para organizar meus negócios. E se *fosse* buscar um âmbito moral, certamente não o escolheria — bufou, dando rédea solta à sua raiva. — Nunca foi um modelo de moralidade e responsabilidade social e só piora a cada ano que passa. Na verdade, seus apetites parecem ter dominado todas as outras partes. Economizou algum dinheiro que passou por suas mãos, Declan? Não possui nenhuma casa, nenhuma terra, nada de qualquer valor. Tudo que ganha vai diretamente para beber, jogar, prostituição...

— E desde quando isso é da sua conta? — a voz de Declan estava tão alta que Gareth pensou que provavelmente poderiam ouvi-la da cozinha. Seus olhos se tornaram selvagens e seu rosto um vermelho perigoso. — O que está dizendo? Que não faço a minha parte? — suas sobrancelhas ruivas despencaram como cometas gêmeos, até formarem um ‘V’ ruivo. — É disso que se trata?

A conversa se transformou em uma fantasia obscurantista. Gareth não se sentia tão frustrado há anos e controlar a frustração não era seu forte. — Por Deus! Do que diabos *estamos* falando, Declan?

Declan piscou enquanto seu cérebro traduzia as palavras de Gareth. Foi

então que Gareth percebeu o quão bêbado seu amigo estava, provavelmente nem deveria estar falando com ele quando estava nessa condição.

— Estou dizendo que sei que não precisa de mim, não sirvo para nada neste negócio.

Gareth bufou de desgosto. — Está bêbado, Declan. Vá para a cama e durma.

— Quer sair, não é? — a expressão de Dec era maliciosa e feia. — Para onde, me pergunto?

Gareth diminuiu a lacuna entre eles em uma longa passada. — Diga.

Declan zombou. — Diga-me! Diga o verdadeiro motivo pelo qual não tem tempo para esta discussão. Não é porque bebi um pouco, é por causa dela!

A cabeça de Gareth pulsou. — O que tem ela? O que é que tem ela? Por que não gosta dela? — Um pensamento saiu dos recessos escuros de sua mente e explodiu como uma exibição de fogos de artifício. — Está com raiva porque ela prefere a *mim*.

O rosto de Declan ficou ainda mais vermelho, o que Gareth não acreditava ser possível. Parecia lutar para encontrar fôlego para falar. — *Não* estou zangado — gritou. — Mas se eu *estivesse*, não seria por causa de uma maldita mulher! Seria sobre como é tão ingênuo para saber quando uma mulher está te usando.

— Me usando? É minha funcionária, Declan. Como isso é estar me usando?

Dec deu um olhar de ódio; um olhar que não dirigia a Gareth em mais de duas décadas.

— É aquele cuja mente está confusa e está se comportando como um cachorro no cio e ela, bem, ela é como uma cadela abrindo a...

O punho de Gareth o acertou em cheio, conectando-se profundamente com o lado direito da mandíbula de Declan. Cambaleou para trás, seus braços girando em busca de equilíbrio e não encontrando nada para se segurar. Em vez disso, cambaleou bêbado e desabou no chão, felizmente, na cadeira alguns passos atrás dele. Piedade e angústia surgiram dentro de Gareth por seu amigo. Sua mão doía demais, mas não tanto quanto sua consciência. Era a garrafa de Porto que falou por Declan durante o jogo, sem mencionar o vinho que bebeu no jantar e o uísque um pouco antes. Não só isso, mas era maior, mais lento e estava muito menos em forma do que Gareth.

Também estava desmaiado.

— Declan?

Um suspiro alto e rouco saudou sua pergunta.

Gareth se aproximou, mas não muito perto. Declan jogava sujo e Gareth não o deixaria atraí-lo para perto para depois ser atacado. Mas a cabeça do irlandês pendeu de um jeito que era muito frágil para ser fingimento, e sua respiração estertorosa era a de um homem embriagado.

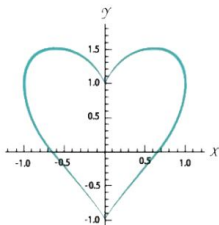
Gareth massageou as têmporas latejantes, o caos de seus pensamentos mais doloroso do que a dor de cabeça que sentia se formando. Não conseguia se lembrar da última vez que lutou com Declan, certamente quando os dois ainda eram crianças, nem conseguia lembrar o motivo. Não que soubesse o motivo *desse* argumento. Declan poderia realmente acreditar que não era parte integrante de seu sucesso mútuo? Gareth tinha feito ou dito algo para fazê-lo se sentir menos valorizado? Não conseguia pensar em nada, mas lidar com os outros não era uma atividade com a qual se sentisse confortável, mesmo quando a outra pessoa fosse seu melhor amigo.

Desejava agora ter contado como *ele* era o único que mantinha tudo sob controle, que sem ele – sua força de caráter, sagacidade, charme e previsão – Gareth e todos os seus malditos empreendimentos não teriam vingado, assim como os pensamentos de Gareth tendiam a fazer. Era verdade que Gareth viu o potencial nos negócios que resgataram e ressuscitaram, mas muitas vezes perdia o interesse depois que o empreendimento dava certo e se mantinha, e era Declan quem cuidava de questões como vender ou operar os negócios resultantes. Não, Gareth não era o único responsável pelo sucesso deles, eram uma equipe. E um sem o outro? Gareth não queria seguir por esse caminho.

— Maldição, Dec, o que aconteceu conosco? — Gareth sussurrou, balançando a cabeça.

Mas não obteve nenhuma resposta.

Gareth encheu seus pulmões com a quantidade de ar que eles suportavam e então o expeliu lentamente. Seu amigo estava com problemas – com dor – e por alguma razão, Gareth parecia estar no centro de tudo.



Capítulo Doze

Gareth estava lendo o último dos livros quando ouviu uma leve batida na porta. Na verdade, estava *olhando* para as páginas e enxergando o rosto de Declan e como estava na noite em que discutiram, a última vez que falara com seu amigo, que partira sem avisar na manhã seguinte. A concentração de Gareth, geralmente tão sólida quanto o Rochedo de Gibraltar, não existia desde então.

— Entre — respondeu.

A porta abriu uma fresta. — Sr. Lockheart?

Gareth removeu os óculos que usava para ler as colunas apertadas de números.

— Entre, Oliver.

O menino entrou e fechou a porta. — Espero não estar interrompendo, senhor.

Gareth fechou o livro-razão. — Não, não está interrompendo nada, pelo menos nada importante. Em que posso ajudá-lo?

— Estava me perguntando — parou, suas bochechas redondas, tão parecidas com as de sua mãe, ficando vermelhas. — Bem, senhor, queria saber se o senhor gostaria de ir pescar comigo.

As sobrancelhas de Gareth se ergueram. — Pescar?

Oliver pareceu não ouvir a incredulidade em sua voz. Em vez disso, acenou ansiosamente. — Sim, há um reservatório acima do rio, onde o senhor e a mamãe estão construindo o lago. É o meu local preferido para pescar e nadar quando o tempo está bom — olhou para a janela com um olhar de

desejo. Era primavera, o sol estava pálido e o céu azul tinha nuvens espalhadas. Gareth reprimiu um arrepio.

Pescar. Tentou pensar o que sabia sobre o passatempo: nada. Olhando para a pilha de papel franziu a testa. Estava cansado de sua frustrante incapacidade de se concentrar. Olhou para cima e encontrou o menino saltando nervosamente na ponta dos pés, esperando.

— Nunca pesquei antes — confessou.

Oliver não ficaria mais surpreso se Gareth tivesse confessado ser uma menina.

— Nunca?

— Nem uma vez. Cresci em Londres, — fez uma pausa — embora suponha que poderia ter pescado no Tâmis. Mas não peixes.

Oliver fez uma careta. — Mamãe diz que os peixes de lá não servem para comer. Diz que não são adequados nem para serem tocados.

Gareth podia muito bem acreditar. Os meninos que conheceu — os meninos de rua — que trabalhavam no rio imundo viviam com pavor de pegar infecções em feridas que poderiam levar à morte.

— Não é difícil — Oliver disse, invadindo as memórias desagradáveis de Gareth. — O senhor pode aprender rapidamente. Eu tenho duas varas de pescar, uma é da mamãe.

— Sua mãe pesca?

Oliver deu uma variedade de sorrisos que Gareth classificaria como ‘de um homem para outro.’ — Ela fica impaciente e costuma desistir, então começa a desenhar. As meninas, em geral, não gostam de pescar.

Gareth sentiu seus lábios se curvarem em um sorriso. — É uma atividade masculina, então?

— Oh, sim — Oliver assegurou.

Gareth se levantou. — Bem, é melhor eu tentar então.

Oliver sorriu para ele de uma forma que o agradou muito. — Vou esperá-lo nos estábulos, onde Horrocks me deixa manter minhas varas.

— Esperar por mim?

— Sim — seus olhos caíram para as roupas de Gareth. — O senhor não trocará de roupa?

Gareth olhou para si. Estava usando seu traje típico do campo, que Chalmers escolhera, garantindo-lhe que era o traje preferido dos cavalheiros

rurais: peles de gamo, botas de cano alto e um casaco de lã – hoje verde – sobre um colete colorido estreito listrado de verde e marrom. Olhou para o menino, que estava vestido de maneira semelhante, embora suas roupas parecessem severamente lavadas e remendadas.

— Não tenho outras roupas.

Isso bastava para Oliver.

Foram primeiro para os estábulos, onde Horrocks, seu cavaliário chefe, ficara boquiaberto, mas se recuperou rapidamente e mandou um rapaz buscar as estacas na sala de arreios.

— Está indo pescar, sim? No buraco do rio azul fundo bem lá em cima?

Oliver fez que sim com a cabeça.

— Tome cuidado com o Velho Harry, rapaz. Vai roubar sua isca e a vara junto com ela se não tomar cuidado.

Oliver riu. — Ora, Sr. Horrocks, o senhor diz isso todas as vezes. Mas nunca vi um peixe assim — virou-se para Gareth. — O Sr. Horrocks diz que o Velho Harry está lá desde que era um menino e que é desse tamanho — abriu os braços o máximo que pôde.

Horrocks deu uma risada enferrujada. — Não, é *desse* tamanho — abriu seus braços.

Armados com conselhos, varas, nove cães saltitantes e ofegantes e uma velha lata de isca, caminharam em direção à parte leste-nordeste da propriedade de Gareth.

— Não é uma caminhada longa, apenas quinze minutos. Podemos cavar nossa isca perto da água.

— Conte-me sobre a isca e como alguém pesca de tal forma para conseguir pegar um espécime como o Velho Harry — Gareth sabia que minhocas eram usadas, mas gostava de ouvir as conversas de meninos. Seu entusiasmo era calmante e o fazia se sentir mais otimista. Já estava feliz por ter decidido vir. O dia estava claro e quente depois de uma chuva duradoura. O solo demorou a secar, mas seria possível remover a pedra antes que muitos dias passassem.

Aquele pensamento o deixou sério. Teria que partir após concluir essa tarefa. Afinal, que outro motivo teria para ficar?



Tolamente, Serena havia parado de se preocupar, pensar e temer Etienne Bardot, então quando ele apareceu inesperadamente, sem avisar e foi uma desagradável surpresa. Era a mesma sensação de encontrar uma mosca boiando em seu chá *depois* de já ter tomado um gole.

Apareceu dois dias depois que as chuvas fortes cessaram, quando as estradas ainda estavam lamacentas, mas não mais intransitáveis para uma carruagem. Quando chegou, ela estava, finalmente, começando a fazer algum progresso com a escultura.

Sua inspiração havia ido embora não muito depois de Declan McElroy ter partido.

Algo deve ter acontecido entre ele e o Sr. Lockheart na noite em que jogaram cartas, porque McElroy tinha ido na manhã seguinte. Partiu a cavalo, levando um dos cavalos de aluguel que o Sr. Lockheart – ou Gareth, como o chamava, pelo menos na sua cabeça – havia trazido para Rushton Park. Sua jornada deve ter sido infernal, de fato, e Serena se perguntou o porquê dessa pressa repentina. Naturalmente, não perguntou a Gareth e ele não ofereceu nada voluntariamente, não que fosse algo diferente do seu normal. Ao menos não durante o dia, porém à noite – todas as noites desde que seu amigo partiu – entrava naquele seu quarto estranho e esmurrava o saco de pancada até que seu corpo magro e musculoso escorresse de suor.

Não sabia se ele visitava a cozinha tarde da noite porque evitava aquela parte da propriedade após escurecer, não importava se a atração para o ver fosse forte demais. É claro, ela queria mais. Mais do que fizeram brevemente naquela noite.

Serena não era cega, sabia que Gareth Lockheart estava intrigado com ela. Sabia que a consideraria uma candidata adequada para desposar, suas ligações com o duque de Remington eram tão prestigiosas e bem-conceituadas quanto qualquer outra. Também sabia que seu amigo faria tudo ao seu alcance para impedir que tal união acontecesse, não que fosse acontecer. Mesmo que McElroy deixasse o assunto em paz, conseguia ver o brilho nos olhos de Etienne quando descobrisse que poderia extorquir dinheiro de um dos homens

mais ricos do país. Não, ela não poderia mergulhar Gareth Lockheart em uma teia tão perigosa de mentiras. Ele estava sendo muito gentil com ela e Oliver. Seu amigo estava certo sobre uma coisa, pelo menos: Gareth Lockheart era um homem gentil e atencioso, mesmo que escondesse sua verdadeira natureza atrás de uma máscara impenetrável. Simplesmente precisaria controlar sua infeliz reação física à sua bela e intrigante pessoa.

Para evitar esses pensamentos e sensações, voltou ao trabalho árduo. Não conseguiriam extrair a pedra e completar a *berma* até o solo secar. Cabia a ela manter-se no cronograma, ou pelo menos se manter ocupada. Colocou suas roupas de trabalho e foi para os estábulos. Não havia ninguém por perto quando ela foi para a barraca nos fundos dos estábulos, mas podia ouvir vozes masculinas e o som de metal batendo e chegou à conclusão de que os homens estavam na forja.

A baia que ela usava era a maior dos estábulos, usada para parir os animais. Foi construída com enormes portas duplas que davam para um pequeno recinto. Com as portas abertas, a luz ficava perfeita; a entrada também era grande o suficiente para que não houvesse nenhum problema em mover a pedra para dentro, o que significava – em teoria pelo menos – que remover a estátua para fora seria igualmente simples. Não que transportar um bloco de pedra e uma escultura acabada fosse a mesma coisa. Não a terminaria completamente, mas manteria algumas seções de pedra responsáveis por sustentar as partes mais delicadas da estátua.

Este era o seu projeto mais ambicioso até agora. Embora já tivesse trabalhado com estátuas de mesma dimensão e complexidade para Monsieur Favel, não projetou nenhuma desde o início. Mas era uma escultora habilidosa e sabia que isso não estava além de sua capacidade.

Fez várias figuras de cera, não parando até que produzisse exatamente o que queria. Suas amostras tinham talvez um pé e meio de altura, grandes o suficiente para fornecer uma referência enquanto trabalhava. Como não podia usar uma máquina apontadora, igual à que costumava usar para Favel quando queria fazer várias cópias de uma estátua popular, dividiu o bloco de mármore em um quadriculado. também copiou os quadriculados no papel, de cada ângulo, e reduziu a escultura a um oitavo do tamanho. Esses não seriam os métodos que Favel teria usado, mas já viu outros escultores empregarem uma variedade de truques para trabalhar em projetos marcantes.

Havia provocado o Sr. McElroy sobre o tema clássico que escolhera esculpir. Não estava esculpindo Judite e seu notório troféu, não que a ideia não tivesse apelo. Em vez disso, escolheu algo que se adequasse ao *parterre*, lugar onde a estátua estava destinada a ser exibida. Pensou sobre o Sr. Lockheart e sua propriedade incomum, sobre o próprio homem, e o que ele representava. Havia escolhido, após muita consideração, o sub-representado titã Grego Ceos, filho de Urano e Gaia, um dos quatro pilares que mantinham a Terra separada dos céus. Ceos era frequentemente associado a mentes e intelecto inquisitivos.

Entre os titãs, ele era mais lembrado por ter sido banido para o submundo, por ter quebrado suas correntes, mas permanecido no Hades como o companheiro eterno de Cérebro. Serena decidiu representá-lo em seu estado “*pré-queda*”.

Espalhou seus desenhos e estava examinando a colocação de seu pé direito quando uma voz asquerosa penetrou sua concentração.

— Ah, está aqui, doce prima!

Serena se virou, embora soubesse a quem pertencia a voz.

Etienne Bardot saiu do corredor sombrio e entrou na grande baía, seus olhos disparando sobre ela. — O que foi? Irá me acertar com sua marreta e jogar meu corpo em um buraco?

Serena olhou para baixo, surpresa ao ver que sua mão agarrava o maior de seus tacos que estavam sobre a mesa.

— Devo admitir que essa ideia tem um certo apelo — respondeu em francês, como sempre fazia. Era a única coisa que podia fazer para evitar que os criados escutassem a conversa, não que isso a tivesse protegido dos membros da família de seu marido, que falavam francês. Serena jogou a pesada marreta sobre a bancada, onde caiu com um ruído fraco. — O que quer?

— *Tsc, tsc, tsc.* Tão rude. Estou lhe procurando há semanas, minha querida Serena.

— Por quê, Etienne? Disse que receberia meu pagamento no final do trimestre. Não tenho nada agora — estendeu as mãos vazias, o ódio que ameaçava sufocá-la pulsava por todo seu corpo.

— Reduziria nosso relacionamento para apenas algumas umas notas e moedas?

— Prefiro reduzir a nada — rebateu.

Ele meramente riu da sua ira e seu olhar fulminante. — Estamos ligados por laços que são muito mais fortes do que dinheiro. Vim ver como está meu filho.

Serena praguejou em três línguas.

Veio em sua direção, suas elegantes e caras botas hessianas, mas de alguma forma espalhafatosas, e seu traje a inflamando ainda mais.

— Não aja como se ele lhe importasse — o percorreu com um olhar que continha cada pingo de ódio que sentia. — Se lhe importasse, não estaria vestido como um pavão enquanto sua própria carne e sangue veste trajes remendados e trapos que nem lhe servem mais.

Estendeu a mão para acariciar seu queixo, mas ela se afastou. Sua boca endureceu e ele se moveu, como a velocidade da luz, que ela se lembrava de todos aqueles anos atrás, jogando-a contra a bancada e prendendo-a contra a parede.

— Se esqueceu quem segura o chicote, Serena. Precisa que a lembre? — Baixou a boca sobre a dela, beijando-a cruelmente e repetidamente. Ela fez o que sempre fazia e permaneceu imóvel e flácida.

Ele se afastou e agarrou seu queixo com um aperto paralisante. — Serena a estátua, sim? — a apertou até seus olhos lacrimejarem, mas ela se recusou a soltar um gemido. Seus olhos azul-acinzentados escuros, tão parecidos com os de Oliver, olharam para ela. Queria bater nela, mas o amor por sua própria pele e conforto o impediram. Afinal, como ela poderia ir para a sociedade e conseguir o trabalho que precisava para pagar sua chantagem se parecesse uma servente maltratada?

— Bah! — a empurrou, batendo sua nuca contra a parede, o que deixou seus ouvidos zumbindo. — Não a quero; está velha e passada — cuspiu, mas ela não conseguiu ver onde caiu, pois, sua visão estava tomada por manchas pretas. — As mulheres me *amam* aqui. Todos os tipos, ricos, pobres, belas...

Serena não se importava, desde que ele ficasse bem longe dela. Não que ele fosse. Não, era a galinha dos ovos de ouro, e ele os pegava sem remorso e sem cessar.

Ouviu suas botas nas tábuas de madeira e piscou rapidamente, até que pôde ver sua sombra tremeluzindo enquanto caminhava.

— Se acha importante por eu ter vindo aqui para vê-la. Estou a caminho

de Dover, onde tenho negócios.

Serena sabia o que isso significava: contrabando. Etienne Bardot era um criminoso de uma longa linhagem de criminosos e ela lamentou o dia em que uma desgraça o levou a seu pequeno canto do mundo. Um parisiense de nascimento, fugiu da cidade após um infeliz incidente que culminara em um membro influente do governo local morto.

Juntou-se ao exército e rapidamente se encontrou, conseguiu reunir um grupo de criminosos com ideias semelhantes e desertaram na primeira oportunidade. Foram de aldeia em aldeia, até que encontraram uma tão mal defendida, tão carente de homens – homens que estavam mortos por uma guerra que não tinha sentido ou que foram enviados para se tornar bucha de canhão – poderiam estabelecer um feudo particular.

Sua visão clareou o suficiente para ver que ele não estava olhando para ela, e sim para o bloco de mármore. Balançou a cabeça e gesticulou antes de se virar para ela. — Por que faz isso? Poderia viver do duque; ele lhe cuidaria e do menino — bufou. — Oliver é o único filho de seu querido e amado filho morto.

Serena puxou o cabelo para trás, que se soltara quando ele a enfrentou. — O quê? E viver contigo sempre à espreita? Acha que essas pessoas são bobas só porque são ricas? E agora que a guerra acabou, acha que as pessoas não saberão quem realmente é? *O* que realmente é?

Ele acenou, descartando suas preocupações. — Pessoas dessa classe raramente viajam.

— *Você* viajou.

Ele havia voltado ao seu humor habitual e imperturbável e apenas sorriu para sua isca rude. — Sim, mas eu sou o estranho. Estou, eh, dizem mesmo? Ah sim, escalando na hierarquia social.

Era imundo e inferior a um parasita, mas era inteligente o suficiente para saber disso. O que o tornava ainda mais perigoso.

— Bem, só vim prestar minhas homenagens. É uma pena que não tenho tempo para ficar para conhecer seu patrão e ver o menino. Mas quem sabe na volta?

Serena esperava que ele fosse atropelado por uma carroça ou baleado por seus conspiradores criminosos, mas seu tipo era difícil de matar.

Deu-lhe uma reverência zombeteira, tirou o chapéu, foi embora, seus

passos ecoando no prédio vazio.

Desabou contra a parede quando não podia mais ouvi-lo, seu corpo inteiro tremendo e seus dentes batendo. Colocou os braços em volta do corpo, abraçando-se como faria com Oliver se acordasse de um pesadelo.

Oliver. E se Bardot não tivesse realmente ido embora, mas sim ido procurá-lo?

Saiu correndo da baía antes que tivesse formulado o pensamento, sua mente estava como um animal enlouquecido, preso em uma armadilha.

Oliver. Onde ele estava?

Pare. Pense.

Obedeceu a voz que a guiou para fora da França e para longe de Bardot e dezenas de outras pessoas que a teriam matado pelo que havia carregado com ela.

Pescar. Oliver tinha ido ao seu quarto aquela manhã para dizer-lhe que Nounou havia concordado em deixá-lo pescar, em recompensa por ter se comportado durante os dias em que não conseguiram sair de casa.

Voltou para sua improvisada área de trabalho e pegou a capa, o chapéu e a bolsa do gancho onde os pendurara. Além de seu caderno de desenho que sempre carregava, a bolsa continha todo o seu dinheiro, uma pintura em miniatura de Oliver em uma caixa de couro – um item pelo qual trocara uma peça de escultura com outro artista – seus votos de casamento e o anel de sinete ouro e esmeralda de Robert, com suas iniciais gravadas na pedra.

Serena levava a bolsa com ela para todo lugar, uma lição que aprendera em seu detrimento há mais de uma década, quando fora pega e forçada a fugir e abandonar as informações que levaram Etienne Bardot até sua porta.

Oliver preferia uma curva no riacho onde a água se acumulava como uma piscina funda. Caminharam juntos e ela prometeu que tomaria banho com ele quando o tempo estivesse quente. Havia uma pedra particularmente atraente que pairava sobre o riacho e ela lhe disse que sob *nenhuma* circunstância deveria mergulhar ou nadar sozinho. Era um menino que honrava sua palavra, então não se preocupou.

Correu, e andou até o riacho, sua respiração vindo em suspiros afiados e irregulares, especialmente depois que viu a marca de botas muito maiores ao lado das pegadas familiares de Oliver.

Oh Deus, implorou, por favor, deixe-me estar enganada. Até mesmo

Etienne não faria uma coisa dessas, se fizesse teria que cuidar do menino e sabia que ele não tinha consideração por ninguém além de si mesmo.

Mas depois se lembrou da ameaça que ele fizera seis meses atrás, quando se recusou a pagá-lo principalmente porque quase não tinha dinheiro: *“Vou levá-lo, Serena, e aposto que encontrará o dinheiro para recuperá-lo, não é?”*

Alcançou o topo da elevação que dava para o pequeno rio e derrapou até parar. Duas figuras estavam lá embaixo, e nenhuma delas era Etienne Bardot.

Serena moveu-se rapidamente para a sombra de um bosque próximo de Scots Pines.

Oliver estava lá embaixo, rindo, seu corpinho magro vestido apenas com suas ceroulas molhadas. Estava no topo da grande pedra e Gareth Lockheart despido da cintura para cima dentro do rio, gritando algo em um tom masculino inconfundivelmente provocador.

Segurando os joelhos com os braços, Oliver respondeu pulando da pedra, jorrando uma grande quantidade de água sobre seu espectador.

Serena apertou a garganta, onde sua respiração ficara presa, seus olhos piscando descontroladamente.

Mas Oliver saiu da água como uma espécie de peixe, sua característica, *“Viva!”* claramente audível.

Os dois se consultaram, apertaram as mãos, como se estivessem concluindo algum tipo de negócio, depois Gareth, quase nu, se virou e caminhou em direção à costa.

Engoliu em seco quando ele emergiu da água, o linho fino que ele usava era tão translúcido quanto a asa de uma libélula.

— Minha. Nossa.

Serena havia aprendido sua arte com um escultor rural que não tinha paciência para as delicadas sensibilidades de seus equivalentes urbanos. Quando a treinou em anatomia, usava todo tipo de corpo como modelo. Mulheres, homens, jovens, velhos, tinha visto dezenas de corpos. Mas nunca tinha visto um igual ao de Gareth Lockheart. Teve um vislumbre de seu torso na janela naquela noite, mas não o tinha visto por completo.

Quadris estreitos e poderosos presos às pernas que fariam uma estátua de Atlas orgulhosa. Ele se movia com a graça atlética que admirava nele mais de uma vez, mas agora podia apreciar totalmente. Deslizou a mão pela frente de

suas ceroulas para puxar o tecido que grudava em suas partes íntimas, cujas dimensões eram bastante impressionantes, mesmo considerando o efeito da água fria.

Escalou a grande pedra, suas ações proporcionando-lhe uma excelente vista de seu traseiro, que as mãos dela acariciaram tão brevemente.

Caminhou até o fim da pedra, disse algo para Oliver que o fez rir, e então se lançou no ar, respingando tanta água que fez seu filho gritar de alegria.

Serena percebeu que estava sorrindo tanto que seu rosto doeu. Tirou sua capa e a colocou no chão antes de se sentar, pegou seu caderno e começou a desenhar.



A água estava gelada e seus testículos se contraíram em seu corpo, devia estar louco por ter permitido que Oliver o convencesse a nadar. Mesmo com todos os mergulhos, seus pelos tinham arrepiados. Mas tinha que admitir, enquanto os dois estavam deitados na margem gramada permitindo que o sol tímido, mas surpreendentemente quente secasse seus corpos, ele estava sentindo uma sensação de paz que nunca havia sentido antes.

— Sr. Lockheart?

Ele virou a cabeça e protegeu os olhos com uma das mãos. — Sim?

— O senhor frequentou a escola quando era garoto?

Gareth considerou sua pergunta e quão honesto deveria ser em sua resposta. Uma criança não deveria saber que existiam coisas como orfanatos – e certamente não os pesadelos que frequentemente aconteciam nelas – mas também, merecia saber como era a realidade.

— Pode-se dizer que eu cresci em uma escola. Morei em um orfanato.

Oliver se virou de lado, seus olhos brilhando com interesse e simpatia. — Quer dizer que o senhor não sabe quem é sua família?

Gareth assentiu.

As sobrancelhas de Oliver enrugaram de preocupação. — Mas o senhor tinha amigos lá, não tinha?

Gareth percebeu que isso era importante para o menino. — Eu tinha. O Sr. McElroy era meu melhor amigo, e ainda é.

Oliver ficou aliviado e Gareth se maravilhou com sua capacidade de empatia.

— Gosto do Sr. McElroy. Ele me mostrou como esculpir um cachorro em uma castanha-da-índia.

Gareth olhou para o céu. — Sim, o Sr. McElroy é muito bom com uma faca — uma imagem das mãos de Dec cobertas de sangue passou por sua mente e Gareth fechou os olhos.

— Todos os meus primos foram para escola, sou o único que ainda não fui — fez uma pausa e Gareth se voltou para ele.

— Qual escola? — Gareth perguntou, embora pudesse adivinhar.

— Todos, menos Julian, foram para Eton. *Ele* vai para Harrow.

— Oh, e por quê?

— A mãe dele é filha do duque e se casou com o conde de Synott que frequentou Harrow.

Enquanto Oliver descrevia seus outros primos, Gareth considerava as conexões respeitáveis dos meninos. Serena Lombard pode trabalhar para viver, mas claramente não precisa. Venetia, com toda a sua sabedoria, não avaliou a situação corretamente, em sua opinião. Uma mulher como a Sra. Lombard nunca consentiria em se casar com um bastardo desajeitado e inarticulado de um orfanato de Londres. E isso é o que ele era, um bastardo. Pelo menos foi o que Herbert Jensen, o homem que dirigia o orfanato, bem como meia dúzia de outros empreendedores menos respeitáveis, lhe disse.

“Pode ter uma habilidade, garoto, mas ainda assim é um bastardo, não se esqueça disso.” Quantas vezes Jensen disse a mesma coisa para ele? Até a noite em que Dec e Gareth finalmente disseram que não obedeceriam mais às suas ordens, bastardos ou não.

O som de um estômago roncando o puxou de volta do abismo, virou-se e encontrou Oliver corando furiosamente. — Acho que estou com fome.

— Eu também, vamos voltar?

— Mas não pegamos nenhum peixe.

— Tenho certeza de que a cozinha vai nos alimentar mesmo assim.

Vestiram-se, as roupas aquecidas pelo sol caíram bem em suas peles frias e úmidas. Chalmers sem dúvida se perguntaria o que diachos ele estava

fazendo, pensou, olhando para suas botas sujas de lama e camurça manchadas de grama.

— Quer voltar por um caminho diferente? Posso mostrar-lhe a velha mina.

— Se assim deseja — Gareth pendurou a gravata no pescoço, mas não fez nenhum esforço para amarrá-la.

Oliver o conduziu rio acima, para longe do lago proposto. Gareth tinha uma ideia geral dos limites de sua propriedade e acreditava que poderiam continuar nessa direção por algum tempo antes que corressem o risco de invadir a propriedade do seu vizinho mais próximo, o escudeiro que lhe vendera a propriedade.

Após cerca de dez minutos, passaram por um pequeno grupo de árvores e chegaram a uma clareira.

— Veja — Oliver apontou para o cume de uma rocha que estava parcialmente coberta por alguma árvore — Gareth não tinha o menor conhecimento de botânica — e dava para um buraco escuro. Seguiu Oliver, seus passos mais pesados quanto mais se aproximavam. Era uma pequena abertura parecida com uma caverna, não mais do que um metro e meio de altura e talvez um pouco mais de largura.

Oliver caiu de joelhos e rastejou em direção a ela.

— Oliver! — a chamada foi como uma explosão na clareira silenciosa, ele e o menino se assustaram com o som.

Oliver se virou com os olhos arregalados.

— Saia daí — Gareth ordenou, ciente de que falava com muita rispidez, mas incapaz de fazer o contrário com o menino tão perto da boca negra como breu, que parecia transmitir malevolência.

Era uma criança obediente e voltou imediatamente. — Não ia entrar, Sr. Lockheart.

— Ótimo. É muito provável que essa coisa seja instável. Mandarei que seja bloqueada. Já entrou nela?

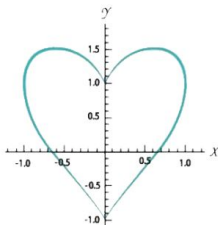
— Não senhor, minha mãe me disse para nunca entrar em um lugar assim, que pudesse cair sobre minha cabeça.

— Esse é um bom conselho — Gareth engoliu o pânico que sentiu por apenas olhar para a caverna negra, forçando-se a falar com mais calma. Estava assustando o menino.

— Venha, de repente fiquei com muita fome.

Oliver sorriu, a tensão do momento anterior já era coisa do passado.

Enquanto se afastavam da caverna, Gareth não pôde deixar de sentir que algo os observava; algo que não estava nada feliz em vê-los partir.



Capítulo Treze

Gareth determinou que o solo estaria seco o suficiente para mover a pedra em três dias se não houvesse outra chuva torrencial. Isso significava que tinha apenas mais quatro dias.

Estavam jantando, um momento do dia que Gareth passara a gostar, embora se sentisse culpado por estar tão satisfeito que, sem Dec por perto, poderia participar mais da conversa. A Sra. Lombard acabara de perguntar-lhe sobre seu sistema de roldanas e quanto tempo levaria para configurar o dispositivo.

— Vou precisar de apenas um dia, e a maior parte dele apenas para colocar as toras na posição.

— Os aldeões estão bem ansiosos por esse evento. Acredito que o senhor terá muitos espectadores.

Ergueu os olhos da sopa e arqueou as sobrancelhas. — É mesmo?

Ela riu. — Certamente o senhor já ouviu os burburinhos quando está na cidade?

— Lamento, apenas visitei a forja na cidade.

— Bem, se o senhor fosse no Kings Head ou no Empório da Sra. Cooper, saberia que é o assunto da cidade.

Gareth não tinha ideia do que isso significava. Que possível interesse as pessoas da cidade poderiam ter na movimentação de uma pedra a pelo menos cinco quilômetros de distância?

A Sra. Lombard abriu e fechou a boca. E então abriu novamente.

Estava claro que tinha algo a dizer, mas não sabia como; Gareth esperou.

— Não quero ultrapassar os limites — disse, com as bochechas corando e lembrando-o muito de seu filho.

— Sra. Lombard, se a senhora sabe de algo que eu deva ouvir, por favor, me diga.

— Ia sugerir que o senhor fizesse uma pequena celebração em torno do evento.

— Uma celebração?

— Alguma coisa informal. Uma maneira para que possa conhecer seus vizinhos.

Gareth duvidava que seria político dizer para ela o grande esforço que havia feito para evitar encontrar com seus vizinhos, os evitou ativamente quando apareceram nos primeiros dias.

— Existe uma grande curiosidade sobre o senhor, Sr. Lockheart. O latifundiário, que dera um núcleo social para a área, é velho e frágil e se desfez de boa parte de sua propriedade. Acredito que o senhor comprou uma grande parte dele?

— Sim. Ele não tem herdeiro imediato e não gosta de toda a família. Acredito que é considerado um tanto excêntrico. Achava divertido falar de *outra pessoa* sendo excêntrica, para variar. — O escudeiro estava ansioso para vender tudo, então comprei a totalidade de seu terreno, incluindo a casa. Ele reside lá em virtude de uma propriedade que lhe concedi.

— O senhor é o proprietário de *todas* as terras que cercam a vila?

— Sim.

— Minha nossa. E os inquilinos do escudeiro?

— Agora são meus inquilinos.

Um olhar de compreensão floresceu em seu rosto.

Ele não resistiu e perguntou: — O que foi?

— Isso explica os novos telhados, o projeto de drenagem e outras melhorias. Os aldeões não falam de outra coisa, quando não estão falando do movimento da Grande Pedra. Mas acreditam que o escudeiro é o responsável, o que os confunde, já que ele tem sido notoriamente mal-intencionado desde que tomou posse de suas propriedades.

— Não quis que as pessoas que moravam aqui fossem transferidas. O escudeiro está velho; embora não seja um homem gentil nem generoso, acredito que tornaria seus últimos dias desagradáveis se soubessem que ele

próprio não passa de um inquilino — Gareth olhou da Sra. Lombard para os dois lacaios parados na frente do aparador. Olhou fixamente para eles, até ter certeza de que havia comunicado sua mensagem. Pagava o dobro para os seus criados do que qualquer outro empregador da área; esperava que o dinheiro extra comprasse suas discrições.

A expressão no rosto da Sra. Lombard o deixou desconfortável, então mudou de assunto. — Conte-me mais sobre esta celebração que a senhora tem em mente.



Um dos outros aspectos da vida sem Declan era que Gareth não precisava mais beber vinho do Porto todas as noites. Detestava a bebida e só mexia no copo para fazer companhia ao amigo. Aprendera, depois de comparecer a mais do que seu quinhão de jantares de negócios, que homens de negócios não confiavam em um homem que não bebia com eles.

Mas agora poderia se juntar à Sra. Lombard na biblioteca depois do jantar, onde passavam algumas horas juntos antes que ela fosse para a cama. Ele não tinha ideia se ela vagava pelos corredores desde aquela noite na cozinha, já que ficava em seus aposentos para evitar descobrir. Na verdade, as noites dele assumiram um padrão bastante tedioso depois que ela se desculpou. Trabalharia por mais uma hora e depois iria para seus aposentos, gastando sua frustração reprimida nos infelizes sacos de pancada. Chalmers já precisou consertar o menor quando sua costura rompeu, certa noite.

E quando isso não servia para acalmá-lo, aliviava-se com sua mão. Desde que era jovem nunca abusara de si mesmo com tanta frequência. E mesmo isso não serviu para fazê-lo dormir melhor algumas noites. Mas pelo menos libertava sua mente por algumas horas para que pudesse pensar. Começou a trazer seu trabalho para seus aposentos e a traçar seus planos e recomendações nas primeiras horas do dia.

Declan tinha partido há uma semana e Gareth ainda não tinha notícias dele. Havia prometido a si mesmo que não se preocuparia com o amigo até

depois que tivesse movido a pedra, totalizando dez dias sem a presença de Dec. Sairia daqui um dia depois de concluir o projeto e iria primeiro para Londres. Conhecia os hábitos de Declan quase tão bem quanto os seus. Devia estar em Londres, provavelmente em um bordel. Possivelmente até na Casa Branca, embora tendesse para estabelecimentos mais simples. Onde quer que estivesse, Gareth o encontraria.



Apenas dois dias antes da partida do Sr. Lockheart, Serena percebeu que estava mais do que apenas apaixonada por ele.

Como tratamento especial, Oliver teve permissão para ficar acordado até mais tarde do que o normal e se juntar aos adultos para jantar.

Foi Gareth quem a convidou, fazendo uma visita especial em sua oficina para fazer o pedido.

Serena começou a trabalhar na estátua no dia seguinte à visita de Etienne, e o trabalho estava indo muito bem. Estava estudando os desenhos que havia espalhado pela parede quando ouviu algo atrás dela. Seu coração saltou em seu peito e cem pensamentos correram por sua mente no tempo que levou para se virar, era Etienne? Havia voltado como ameaçou que faria?

Mas não, não era ele.

— Lamento incomodá-la, Sra. Lombard — seus olhos cinza-claros evitavam cuidadosamente as dezenas de desenhos sobrepostos e bagunçados que cobriam as paredes. — Entendo que muitos artistas não gostam que seus trabalhos sejam vistos antes da conclusão.

Serena sorriu. — Não sou tão presunçosa, Sr. Lockheart. Se tivesse essas reservas, nunca teria sobrevivido no estúdio em que fui treinada e que tinha três ou quatro escultores aprendizes trabalhando o tempo todo — fez uma pausa. — Gostaria de ver o que encomendou para a peça central do seu jardim?

Ele entrou na baía. — Já sei, Judite segurando uma imagem da cabeça do Sr. McElroy.

Serena riu. — Isso foi rude da minha parte, não foi?

Uma diversão rara fez com que seus olhos brilhassem. — Gostaria de ver o que a senhora está realmente esculpindo.

Ela se virou, intensamente ciente de seu corpo quando ele se aproximou para ficar ao seu lado. Apontou para o primeiro dos desenhos. — Estes representam todos os lados, começando pela frente; escolhi uma figura clássica incomum.

Ela se virou a tempo de ver um sorriso minúsculo, mas irônico, em seus lábios. — Ah, para uma propriedade incomum e seu dono incomum.

— Algo assim — gesticulou para o primeiro desenho. — Este é Ceos, já ouviu falar dele?

— Meus conhecimentos sobre os clássicos não são os melhores. Uma divindade grega, talvez?

— Perto, era um dos titãs e está associado ao intelecto e às mentes inquisitivas.

Quando ele não falou nada, ela se virou. Foi quando percebeu que ele não estava olhando para a parede, mas para seu caderno de desenho, que estava aberto em um desenho dele de corpo nu, visto por trás. Antes que ela pudesse se recompor e lançar-se sobre o caderno, ele se inclinou e virou a página. O outro desenho era da frente e não havia dúvida de quem era.

Continuou virando as páginas, parando apenas quando encontrou uma em branco. Treze esboços ao todo; nunca os tinha contado antes.

O corpo de Serena estava fervendo; uma mistura de vergonha, embaraço e excitação a inundava a cada página que ele virava.

Olhou para ela, seus olhos cinzentos invernais, como um lago coberto de gelo.

— Parece que a senhora tem uma vantagem sobre mim, Sra. Lombard.

Serena tentou sorrir, mas falhou miseravelmente.

— Diria que são de sua imaginação, mas os detalhes — ele balançou a cabeça e olhou para baixo, virando as páginas rapidamente antes de levantar os olhos novamente. — Bem, isso é sem dúvida o que eu vejo quando me olho no espelho. A senhora é uma grande desenhista. Quando foi isso?

— No rio.

Suas sobrancelhas arquearam-se sobre os olhos gelados. — A senhora estava lá?

— Fui para verificar se Oliver estava bem. Mas quando cheguei, estavam nadando e se divertindo. E se eu tivesse te interrompido? Bem — encolheu os ombros.

— Então, em vez disso, a senhora me espiou e me desenhou — aquela não era uma pergunta.

Respirou fundo. — Sinto muito, Sr. Lockheart. Eu nunca deveria...

Ele levantou a mão e ela parou.

— Não quero suas desculpas, Sra. Lombard.

— Não quer? — sua resposta soou mais como um guincho do que uma resposta.

— Não, quero uma oportunidade de fazer meus próprios esboços.

— O que?

Ele acenou, sua expressão era séria e indecifrável como sempre.

— Eu — ela limpou a garganta e tentou novamente — lamento, mas não sei o que quer dizer.

Ele olhou para a pequena área do curral, suas pupilas se estreitando contra o sol. Era um dia quente, o mais quente daquela primavera.

— É um dia quente e agradável para nadar.

— Não — disse ela, percebendo de repente o que ele queria dizer com dolorosa clareza. — Definitivamente não.

— Sim — pegou o relógio e olhou para ele. — Acabou de passar das onze. Tenho alguns assuntos para tratar, mas devem ser concluídos em uma hora — substituiu o relógio. — Estará mais quente em uma hora, também. Digamos meio-dia em ponto — virou-se e saiu da baia.

Serena ficou apenas olhando; esperava que ela nadasse com ele? O homem deve estar louco!



No final das contas, o Sr. Lockheart não tinha intenção de ir nadar com ela. Quando Serena chegou na hora marcada o encontrou sentado em um cobertor debaixo de uma árvore, com algo que parecia um bloco de papel ao

lado dele.

Virou-se quando ela se aproximou, mais uma vez pegando seu maldito relógio.

— Excelente, a senhora chegou na hora certa.

— Só vim dizer que não tenho intenção de nadar com o senhor.

— Também não tenho intenção de nadar com a senhora.

Seus ombros caíram e ela deu uma risada aliviada. — O senhor estava com o rosto tão sério que não consegui perceber que estava brincando, deveria ter adivinhado.

— Não estava brincando, Sra. Lombard. Nunca brinco.

— Perdão?

— É verdade. Receio não ter a mentalidade necessária para fazer humor. Apenas disse a verdade: não *tenho* intenção de nadar. Vim desenhar — gesticulou para o livro, que notara ser um livro-razão, fora tudo que conseguira encontrar em curto prazo, ela supôs.

— Não posso acreditar que esteja falando sério.

— Estou falando muito sério.

— Isto é bastante... *bíblico*, não acha? Olho por olho e tudo mais?

Ele inclinou a cabeça, como se estivesse considerando a questão. — Sim, suponho que possa chamá-lo assim.

Colocou uma mão em cada quadril. — Como o senhor chamaria isso?

— Não é vingança, certamente. Pagamento, talvez?

— Pagamento?

— Entendo que os escultores empregam modelos, não é?

— Bem... sim, mas o que isso tem a ver com *isso*? — ela gesticulou ao redor deles.

— A senhora me desenhou, mas não pagou por isso. Gostaria do *seu* desenho como forma de pagamento.

— Por que simplesmente não pago ao senhor os honorários de modelo?

Seus lábios se flexionaram em um leve sorriso. — Ora não, Sra. Lombard, não é assim que as coisas funcionam.

Serena estava sem palavras, uma condição que raramente experimentava. Olhou para ele, que olhou friamente de volta.

Estreitou os olhos. — Muito bem. O senhor quer me ver nadar? Então vou nadar. Marchou em direção ao rio, esperando a cada segundo que ele a

chamasse de volta. Mas não a chamou. Parou na beira da água e se virou. — Vai me forçar mesmo a fazer isso?

Encolheu os ombros exageradamente. — Se a senhora deseja molhar suas roupas ao invés de removê-las, esta é sua prerrogativa.

Serena fechou os olhos e riu.

Tire-as; sabe que quer; quer que ele a veja.

Serena teve que concordar com a voz zombeteira. Afinal, havia posado mais de uma vez para Monsieur Favel quando ele ou outros escultores precisavam de um modelo feminino. Réplicas de seu corpo estavam espalhadas por toda Europa, armadas com escudos, capacetes alados e togas que expunham os seios.

Queria que a visse. Seu corpo, embora fosse o de mulher madura, era exuberante e bem proporcionado e os homens a achavam atraente. Não tinha nada do que se envergonhar e carecia da vergonha arraigada de uma inglesa quando se tratava de nudez.

Olhou ao redor, seus olhos movendo-se para a encosta onde o observou quando estava se banhando.

Viu seu olhar. — Instruí Jessup que gostaria de ficar sozinho e avisar aos criados que esta parte do rio é privada. Os homens não estão cavando hoje, pois fizeram tudo o que podiam até depois de amanhã. Acredito que as chances de sermos pegos são inferiores a onze por cento.

Queria perguntar-lhe como tinha chegado a uma porcentagem tão ridícula, mas não fazia sentido atrasar o inevitável.

O vestido que usava era o tipo de vestido que uma mulher de poucos recursos usava. Amarrado no pescoço e abaixo dos seios, onde o corpete era ajustável para ser possível qualquer mudança de tamanho ou para servir uma nova dona sem a necessidade de alterações. Tirou o fichu primeiro e jogou-o no chão. Gareth viu a cena e franziu a testa, lembrando-a de sua propensão para organização. Bem, isso era muito ruim. Desamarrou a fita do seu chapéu e jogou-a na outra direção, apreciando a forma como sua testa se enrugava ainda mais, quase como se a dispersão das roupas o deixasse fisicamente desconfortável.

Agachou-se para remover primeiro uma bota e depois a outra antes de se levantar e chutá-las em duas direções diferentes.

Gareth se levantou. — *Sra. Lombard* — não aumentou a voz, mas falou

com muito mais ênfase do que de costume.

Fez uma pausa e olhou-o de forma inocente com os olhos arregalados.

— Algum problema, Sr. Lockheart?

Ele fez um gesto vago e inquieto com uma das mãos. — Talvez a senhora queira colocar suas roupas aqui, sobre o cobertor. Ordenadamente.

— Não.

— Não?

Quase riu alto.

— O senhor queria que eu me despisse e tomasse banho, senhor. Estou fazendo exatamente isso. Posso continuar?

Podia ver sua mandíbula se movendo de um lado para o outro e quase podia ouvir seus dentes rangendo mesmo com o barulho da água corrente.

Ele se sentou, suas costas eretas como uma vareta, sua expressão uma de determinação severa. Serena começou a sentir pena dele e do óbvio tormento que o tornado das roupas estava causando nele. Mas se lembrou de que isso tinha sido ideia dele, então colocou a mão atrás do pescoço e puxou a fita.



Os eventos da última hora e vinte e sete minutos ficaram um pouco confusos. Na verdade, nada ficou muito claro a partir do momento em que viu as representações nuas de si mesmo no caderno de esboços da Sra. Lombard.

Seu cérebro, geralmente o mais confiável dos seus órgãos, o havia abandonado completamente. Em vez disso, era como se algum estranho diabólico tivesse assumido o controle de seu corpo e começado a emitir comandos frios e chocantes. Comandos com os quais concordava de todo o coração, aliás, mas que mal podia acreditar que fosse capaz de pronunciar com tanto domínio.

Estava tendo um dos melhores dias de sua vida, até o momento em que ela começou a atrapalhar sua diversão, jogando suas roupas de uma forma que certamente não era natural para qualquer homem ou mulher.

Agora, sua mente parecia ter se partido. O diabinho que projetara esta

tarde de pompa sem paralelo estava gostando muito da exibição, como foi evidenciado por uma ereção que ficava entre nove vírgula nove e dez na escala de Mohs de dureza mineral.

Mas a *desordem* total em torno dela...

Seus lábios se curvaram de uma forma que não se lembrava de ter visto antes, quase como se ela estivesse... *zombando* dele. Mas isso não era possível. Afinal, era *ele* quem estava vestido.

Ela colocou a mão atrás do pescoço e tudo na sua vida se reduziu àquele momento. Seus olhos se encontraram quando ela puxou a fita e seu decote desceu um pouco mais. Colocou a outra mão nas costas, seus movimentos sinuosos e estudados, como os passos de uma dança sensual. A segunda fita não fez nenhuma mudança apreciável em sua roupa até que deu um leve puxão e o tecido abriu o vestido um pouco mais até escorregar pelos seus braços e descer sobre seus quadris.

Seu peito doeu e ele percebeu que tinha esquecido de respirar. Inalou profundamente quando ela saiu da poça do seu vestido e foi em sua direção.

Seus olhos dispararam da pilha bagunçada de roupa para o espartilho simples em forma de ampolheta. Por baixo do espartilho, havia uma camisola fina, amarrada na cintura com uma única anágua feita de musselina branca.

Olhou para o rosto dela quando percebeu que havia parado de se despir. Ela sorriu e, em seguida, estendeu a mão para o laço da cintura da anágua e soltou-o com um único puxão. Novamente, o traje deslizou para o chão sem nenhum som.

Ela o deixou cair tão descuidada e insensivelmente quanto o vestido, mas seus olhos não viam nada exceto *ela* naquele momento. Como um navio preso no gelo, eles permaneceram fixos em suas meias, ligas, a bainha de seu chemise – felizmente curta – e o pedaço de pano confortável que a comprimia na manifestação final do desejo masculino.

Suas vestes eram modestas, puídas (*graças a Deus! Graças a Deus!*) no caso de seu chemise. Mas nunca tinha ficado tão excitado, nem mesmo quando Venetia exibia as melhores rendas ou seda.

Inclinou-se o suficiente para oferecer um vislumbre de seu magnífico seio, puxando a liga e jogando-a para trás.

Gareth gemeu, um som animalesco que o envergonhou profundamente. Ela sorriu e soltou a segunda alça, jogando-a diretamente em seu colo.

As meias escorregaram, tirou primeiro uma e depois a outra, enrolando-as como uma bola que o fez fechar os olhos por alguns instantes, antes de jogá-las em algum lugar à sua esquerda.

Alcançou as suas costas para pegar os laços, os ombros arqueando de uma forma que sugava toda a umidade de sua boca. Puxou os laços e então usou as duas mãos para afrouxar alternadamente a roupa que a resguardava até que também escorregassem para o chão.

O sol estava atrás dela e ele viu imediatamente que o espartilho havia apenas se moldado à sua figura natural, e não o contrário.

Deu um último passo e seu pé tocou o cobertor.

Gareth engoliu em seco, seus olhos na altura do ápice de suas pernas longas e bem torneadas. A bainha de seu chemise dançava na altura do seu joelho, o vento brincando com ela como que para provocá-lo.

Cutucou a folha que ele trouxera com o dedo do pé. — É melhor começar a desenhar, Sr. Lockheart, vou querer inspecionar os resultados — virou-se sem esperar por uma resposta e delicadamente escolheu um caminho não em direção à costa, e sim à grande pedra que pairava sobre ela. Iria pular.

Um remorso se apoderou dele, abriu a boca para dizer que havia mudado de ideia, mas era tarde demais; pulou, uma das mãos fechando o nariz e a outra segurando a bainha do chemise.

Gareth já estava à beira da água quando ela submergiu. Pegou o cobertor e o segurou diante de si.

— Sra. Lombard, venha e deixe-me colocar este cobertor sobre a senhora antes que pegue um resfriado.

Tirou a água de seu rosto, mas mais fluiu de seus cabelos. — O que? — perguntou batendo os dentes. — Onde está seu ca-ca-caderno, Sr. Lockheart?

— Não seja teimosa, venha e enrole-se nisso.

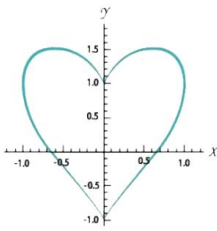
Seu rosto estava ficando roxo e era teimosa, mas começou a sair da água.

— Por Deus!

Parou ao som de sua voz e seguiu seus olhos. Ela parecia mais nua do que com a chemise fina moldada em suas curvas gloriosas, delineando o triângulo escuro entre suas coxas e os mamilos rosados e duros que pendiam em seus seios altos e cheios.

Gareth percebeu que deixara cair o cobertor e logo o pegou sem tirar os olhos dela.

Seu rosto ficara rosado em algum momento durante a breve caminhada em sua direção, depois Gareth colocou o cobertor sobre seus ombros como uma capa e a puxou para perto, pegando seu rosto com as duas mãos e se inclinando para ele.



Capítulo Quatorze

Serena nunca sentiu tanto frio em sua vida, mas quando os olhos dele percorreram pelo seu corpo, explodiu em chamas. E quando a beijou, esqueceu do frio e deslizou seus braços ao redor de sua cintura, desta vez apoiando as palmas das mãos no traseiro dele. Ele soltou um som abafado de aprovação e se aproximou mais, o couro frio e macio de suas calças contra a barriga dela.

Ele a beijou como se quisesse devorá-la, seus lábios exigentes, sua língua invasora, seus dentes roçando e beliscando enquanto dedos longos e poderosos massageavam seu pescoço, até que repousaram em seus ombros. Ele se afastou e descansou sua testa contra a dela, sua respiração afetada.

— Se a senhora deseja que eu pare, diga-me agora.

Ela colocou suas mãos para dentro de suas calças e puxou o que parecia ser metros de camisa antes que pudesse alcançar seu membro duro e pulsante.

Ele inalou bruscamente enquanto ela explorava sua forma, enquanto acariciava sua clavícula e se afastavam da margem do rio. — Aqui não, venha para debaixo das árvores.

Serena agarrou o cobertor envolto em seus ombros e o segurou com uma das mãos, usando a outra para pegar a mão de Gareth e seguindo-o para baixo da copa das árvores. Encolheu os ombros e tirou seu casaco.

— Tire seu chemise e coloque isso, ficará mais quente assim.

Soltou o cobertor e ficou feliz com a contração de seus músculos faciais e o alargamento de suas pupilas, que transformaram seus olhos de gelo cinza e severos para envolventes piscinas negras de calor. Muito lentamente, levantou

a chemise molhada sobre a cabeça.

Ele murmurou algo enfático sob sua respiração e um sorriso triunfante curvou seus lábios enquanto ela tirava a roupa molhada.

Estava prestes a jogar a roupa no chão quando ele a pegou e balançou a cabeça.

— Não — entregou-lhe o casaco e a observou colocá-lo com olhos tão penetrantes quanto os de um raptor. As abas do casaco – que nele iam até a altura dos joelhos – batiam em seus tornozelos. Quando estava coberta, ele levou seu chemise molhada e a estendeu sobre a grama para secar no sol.

O casaco a diminuía e o cheiro limpo dele era estonteante. Fechou os olhos e estremeceu de antecipação.

— Está com frio? — ele disse em seu ouvido, seu hálito era quente em sua têmpora e seus beijos eram suaves sob sua orelha. — Irei aquecê-la.

Suas mãos, fortes e quentes, entraram por entre a abertura do casaco e pousaram nos quadris dela. Segurou sua cintura e a apertou levemente, o gesto fazendo-a se sentir pequena e delicada, duas coisas que ela sabia que não era.

— Hmmm — cantarolou contra ela, seus beijos descendo por sua mandíbula, forçando sua cabeça para trás, até que mordiscou e lambeu a parte inferior de seu queixo. Tomou seu tempo, seu foco no prazer dela ao invés do seu próprio. Era um ataque diferente de qualquer outro que ela já experimentou e seus braços penduraram inutilmente ao lado do seu corpo enquanto as mãos dele percorriam por ele. Lambeu, beijou e saboreou sua garganta, roçando suas clavículas estranhamente sensíveis enquanto descia para os seus seios.

Serena gemeu quando ele lambeu um mamilo duro e frio com a ponta quente da língua, e depois se foi. Ela se empurrou contra ele. *Mais*.

Ele a tomou em sua boca e a chupou até que um calor começou a irradiar de seu seio. — Tão linda — sussurrou no vão entre eles, e então trocou de mamilo e a atormentou até que fosse preciso morder o lábio para não gritar.

De repente, o calor que ele emanava desapareceu e ela abriu os olhos.

— Venha — pegou sua mão e a puxou para baixo ao lado dele no cobertor. Suas mãos deslizaram entre as abas do casaco que ela usava – o casaco *dele* – apertou seu traseiro com mãos fortes, moldando seu corpo ao dele. Lábios e dentes deslizaram sobre sua garganta, mandíbula e orelha enquanto suas mãos – suas mãos tão perversas – acariciavam, provocavam e

massageavam.

— Desabotoe-me.

Uma onda de prazer a percorreu ao som de seu comando, falado com uma paixão silenciosa. Colocou as mãos entre seus corpos, traçando o comprimento duro dele que lutava para ser libertado.

Gemeu e a apertou mais, seus dedos afundando em sua carne macia. Ela o acariciou uma vez, duas vezes, três vezes até que seu corpo poderoso começou a vibrar com uma necessidade, e então, com alguns movimentos hábeis, abriu a aba de suas calças e o liberou.

Respirando, irregularmente ao seu toque, ele se deitou de costas, puxando-a com ele, seus olhos cinzentos com as pálpebras pesadas enquanto olhavam para ela. — O chão é muito duro e não quero te machucar — explicou em uma voz áspera de luxúria que ela mal reconhecia. — Quero que me monte, Serena.

Ela estremeceu com aquelas palavras cruas, seus dedos trabalhando nos botões de seu colete enquanto ficava de joelhos. Ele a observou escarranchar nos seus quadris com um olhar sensual e pálpebras pesadas, uma expressão de êxtase em seu rosto.

Serena levantou a camisa dele assim que o colete se abriu, gemendo de alegria com a estrutura de músculos debaixo de suas mãos. Seu abdômen rígido ficou ainda mais rígido e flexionou quando ele respirou fundo, suas mãos a segurou no lugar enquanto flexionava seus quadris e esfregava seu membro duro contra a parte mais sensível de seu corpo.

Aquilo era demais e então Serena fechou os olhos. Mordeu seu lábio inferior quando ele se posicionou na sua entrada, forte, insistente e escorregadio.

Quando abriu os olhos, foi para encontrou-o a observando atentamente, suas mandíbulas estavam rígidas enquanto a acariciava, a ligeira curva de seus lábios como a de um homem confiante em sua capacidade de lhe trazer prazer.

— Toque-se — falou as palavras chocantes em um tom chocantemente ainda mais normal. Com seu olhar de descrença, ele acenou: — Sim, toque seus seios, seus mamilos, provoque-os por mim.

Ela engoliu tão seco que achava que era possível ser ouvida por cima do barulho do rio distante. Suas mãos se moveram lentamente por suas costelas até que ela tocou um dedo na ponta de um mamilo. As mãos dele apertaram

dolorosamente em seus quadris e seus movimentos de penetração tornaram-se espasmódicos.

— Mais — forçou a palavra com os dentes cerrados.

Ela colocou um dedo na boca e chupou antes de girá-lo em torno de seu outro mamilo. Seus lábios se abriram e sua respiração ficou áspera enquanto ele lutava para controlar o ritmo de suas investidas. Serena inclinou a cabeça para trás, rendendo-se à sensação que crescia dentro dela. Estava sonolentemente ciente de que ele ainda não tinha entrado em seu corpo e ainda assim a estava conduzindo de forma constante e implacavelmente em direção ao seu clímax, acariciando e esfregando contra sua parte sensível até que seu corpo inteiro zumbisse com uma tensão deliciosa. Não aguentou mais nenhum segundo sem se desfazer.

Serena gozou forte, as ondas de prazer golpeando-a, se sobrepondo, apenas para depois continuar caindo sem parar. Percebeu, vagamente, que ele parou de se mover, olhou para baixo e o encontrou olhando para ela com uma fome extasiada.

— Quero estar dentro de você.

Assentiu, com a cabeça trêmula, levantando-se dele.

Sua mão se moveu para onde eles se tocavam e ele se posicionou contra sua entrada. Quando ergueu os quadris, entrou nela com força. Engasgaram quando ele entrou inteiramente, os ecos de seu clímax se contraindo em torno de seu membro grosso. Gareth estremeceu e arqueou, os músculos de seu estômago, tórax e ombros tão definidos que pareciam ter sido esculpidos no mais fino alabastro.

Serena se inclinou para frente até que seus seios roçassem seu peito, suas mãos agarrando o cobertor em cada lado de seus ombros enquanto se inclinava para tomá-lo ainda mais fundo. Apenas poucos centímetros separavam seus rostos, e a essa distância ela podia ver os fragmentos finos e cinzentos que formavam sua íris. Apertou seus músculos internos e os olhos de Gareth se arregalaram, suas mãos como borboletas em sua cintura.

Ela girou os quadris e as narinas dele dilataram. O aperto dele aumentou em sua cintura, mas não assumiu o controle do ato. Deixou-a ditar o ritmo e profundidade, a pele pálida de seu rosto ruborizando com paixão enquanto o montava inexoravelmente, seu próprio corpo estava tenso com antecipação, sua atenção estava voltada para o seu prazer depois que lhe dera o dela.

E quando ele enrijeceu e gritou, seu lindo rosto não estava mais sob seu controle e seu corpo pulsava dentro dela, Serena se sentiu tão triunfante como se tivesse acabado de completar uma bela obra de arte.



Gareth só gradualmente se deu conta da pedra espetada em seu pescoço e do graveto cravado nas suas costas; mas não se importou. O corpo quente e macio deitado em cima dele valia mil vezes mais desconforto. Ainda estava dentro dela, seu pênis muito delirante de alegria para ter amolecido completamente. Na verdade, começou a desejá-la novamente antes mesmo de emergir da névoa prazerosa que inundava seu corpo e seu cérebro.

Ela se mexeu ligeiramente, a firmeza arredondada de seus seios nus contra o peito dele fazendo-o endurecer.

Ela tremeu levemente e ele percebeu que estava rindo.

Gareth recostou-se o máximo que pôde – não muito – e levantou o queixo dela, até que pudesse ver seu rosto corado e seu sorriso malicioso.

— Acha minha condição engraçada, Sra. Lombard?

Ela riu abertamente e depois enterrou o rosto em seu peito. — Muito.

— Ora!

Isso só a fez rir ainda mais. O que o fez sorrir. *Era* engraçado quando se pensava nisso. Os homens eram apêndices de seus órgãos reprodutores tanto quanto o contrário.

Gareth flexionou seu pênis rapidamente endurecido e a sentiu apertar em resposta. Grunhiu quando ondas de prazer percorreram seu corpo.

Ela se apoiou e cruzou os braços sobre o peito dele, olhando para ele com um olhar interrogativo. — O senhor não fez o desenho.

Gareth sorriu com aquelas palavras inesperadas e ela olhou com olhos arregalados. — *Pode* rir!

— Sim, posso. Gareth empurrou uma mecha molhada de cabelo para trás de sua testa. — Mas não sei desenhar.

— Todos podem desenhar.

Balançou a cabeça. — Não eu.

Seus lábios tremeram. — Acho que está tentando me fazer chorar, Sr. Lockheart. Essa pode ser a coisa mais triste que já ouvi. Acredito que terei que provar que o senhor está errado.

— Ah é? — Gareth descobriu que não conseguia manter as mãos longe de seu corpo e acariciou sua cintura fina até seu traseiro exuberante, seu pênis endurecendo sem esforço desta vez.

Suas pálpebras baixaram e seus músculos se apertaram.

Gareth engoliu em seco. Ela o deixaria.

Ela se inclinou e beijou seu peito onde o ‘V’ de sua camisa amarrotada pendia aberto.

— O senhor tem muito pouco pelo no peito.

Suas mãos congelaram.

Ela o *lambeu*. — Não é muito diferente de uma escultura.

Gareth limpou a garganta, que parecia se amontoar de objetos estranhos a cada golpe de sua língua. — E isso é bom ou ruim? — sua voz era um coaxar irreconhecível.

Ela riu contra sua pele úmida, sua língua e boca indo em direção ao mamilo direito.

Gareth gemeu e virou os dois de lado. Ela deslizou uma perna sobre seu quadril e continuou sua distração, lambendo e chupando enquanto ele começava a se mover dentro dela, sua mão descendo entre seus corpos.

— Hmmm, sim, por favor — sussurrou quando ele massageou seu clitóris inchado.

Fizeram amor lentamente desta vez, seus movimentos lânguidos e completos, sua memória muscular catalogando suas respostas e armazenando-as para uso no futuro, sua mente esperando que aprendizado fosse novamente necessário.



Gareth juntou suas roupas e depois vagou até o rio enquanto Serena se

vestia.

Penteou o cabelo úmido com os dedos, torceu-o e prendeu-o com os poucos grampos que conseguiu encontrar. Disse a si mesma que parecia a mesma de sempre quando colocou o chapéu sobre os cabelos emaranhados e bagunçados.

Tinha acabado de sacudir o cobertor e dobrá-lo quando uma voz gritou da encosta.

— Olá.

Serena levantou a cabeça e não conseguiu segurar uma palavra suja de sair de sua boca. Olhou para o rio e viu que Gareth ainda estava longe para ouvi-la. Mas *tinha* ouvido Etienne, e seu rosto exibiu a primeira carranca que ela vira. Olhou de forma ameaçadora enquanto subia a margem, com a intenção de alcançar o estranho que invadiu suas terras.

— Sr. Lockheart!

Ele parou imediatamente e se virou.

Deu a ele um sorriso pesaroso que provavelmente parecia mais uma careta que realmente era para ser. — Receio que esse é meu primo.

— Seu primo? — olhou de Etienne – que estava usando roupas mais adequadas para um bordel do que para um dia no campo – e de volta para Serena.

Foi em direção a ele, seus olhos em Etienne, que estava sorrindo de orelha a orelha e balançando sua bengala enquanto cambaleava encosta abaixo com suas botas hessianas.

— O nome dele é Etienne Bardot. Contei-lhe que minha mãe era francesa?

— Sim, a senhora mencionou — seu olhar, mais uma vez, era mais distante que a lua. — E ele mora por aqui?

— Não, passou aqui dias atrás a caminho de Dover — percebeu que ele achou estranho que ninguém tivesse mencionado um visitante e se apressou em acrescentar. — Foi apenas uma breve visita, tinha negócios esperando por ele, mas mencionou que poderia passar por aqui quando voltasse — olhou em seus olhos velados, tão diferentes de alguns minutos antes, e quis chorar. O pouco de abertura que havia entre eles havia desaparecido. — Não há razão para...

— Disseram que estaria aqui, Serena, mas não sabia que estava

acompanhada — o sorriso malicioso de Etienne e seus olhos brilhantes a fizeram querer esbofeteá-lo.

— Sr. Lockheart, este é Etienne Bardot, meu primo. Etienne, este é meu patrão, Sr. Lockheart.

Etienne fez uma reverência digna de crédito. — É um prazer, senhor. Minha prima me falou muito sobre o senhor — mentiu.

Embora a expressão de Gareth não vacilasse, Serena sabia que essa era uma notícia indesejável para o homem intensamente reservado.

— Contei ao meu primo sobre minha comissão aqui, Sr. Lockheart — olhou venenosamente para Etienne, mas ele ignorou.

— Então, deve estar por aqui inspecionando o rio e o paisagismo?

Serena não confiava em si mesma para responder ao sorriso insinuante dele.

— Estávamos voltando para a propriedade quando o senhor chegou — a voz de Gareth era tão fria quanto seu olhar duro e cinzento, e até o bom humor de Etienne esmaeceu sob o tom frio dele.

— É claro, é claro. Posso me juntar a vocês, se não se importarem?

Subiram a colina, as botas inadequadas de Etienne escorregando.

— O senhor acabou de voltar de Dover, a Sra. Lombard me disse.

— Ah, sim — Etienne fez uma careta para uma bola de lama que grudou na ponta de sua bota antes brilhante.

— O senhor tinha negócios lá?

— Sim, tinha — removeu a lama com a bengala e a única coisa que conseguiu foi acertar o dedo do pé. — Droga!

Gareth pigarreou e Etienne olhou para cima, seus olhos girando para a sobranalha levantada do outro homem e a carranca de Serena.

— Oh, perdoe-me pelo meu linguajar vulgar, prima — esqueceu a bota e sorriu para seu anfitrião. — Tenho vários interesses por aqueles lados.

— Eu também — disse Gareth —, talvez possamos compartilhar mais conexões?

A consciência culpada de Etienne o fez parecer apreensivo. — Mais?

— Sim, além de nosso conhecimento mútuo com a Sra. Lombard.

— Ah, entendo — riu, claramente aliviado. Serena não havia percebido antes o quão burro ele era, um péssimo ator. Gareth Lockheart farejaria as mentiras dele como um cão fareja uma raposa.

— Er, não, duvido que tenhamos. Eu sou novo na Inglaterra, como a Sra. Lombard pode ter dito ao senhor.

— A Sra. Lombard não me disse nada sobre o senhor.

Novamente, Etienne riu. — Estou arrasado ao ouvir isso — sorriu para Serena, mas seus olhos estavam duros como ferro. — Especialmente quando a considero minha prima *favorita*.

— O senhor tem muitos primos, Sr. Bardot?

Embora a voz do Sr. Lockheart soasse a mesma de sempre, o grande volume de palavras que falara desde que deixou o rio traía sua suspeita para qualquer um que tivesse passado algum tempo perto dele. Serena rezou para que seu *primo* se calasse, mas Etienne sempre se considerou o homem mais inteligente em qualquer ambiente.

— A única da Inglaterra.

— Dois.

— Perdão? — Etienne perguntou.

— O senhor tem dois primos, a Sra. Lombard e o filho dela.

Etienne riu, embora o Sr. Lockheart não tivesse dito nada engraçado. — Sim, é verdade, que tolíce da minha parte. Seria meu primo de segundo grau, não é? Ou primo de primeiro grau por parte de mãe? — acenou com a mão enluvada. — Nunca consigo me lembrar de tais distinções.

— O senhor veio visitá-los, Sr. Bardot? Amanhã teremos uma espécie de evento, seguido de comemorações na cidade. A Sra. Lombard organizou tudo; um jantar e um pequeno baile no Kings Head, nossa pousada local.

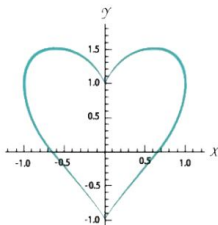
Etienne ficou momentaneamente sem fala com sua oferta. Serena também. Não apenas pela efusividade atípica de Gareth, mas pelo horror absoluto de ter Etienne em qualquer lugar, a cem léguas de seu filho.

O rosto de Etienne corou, provavelmente em antecipação ao que poderia roubar se tivesse permissão para ficar na propriedade de Gareth.

— Obrigado, Sr. Lockheart, ficaria honrado em ficar por um período. Diga-me, de que evento o senhor está se referindo? — o restante da caminhada foi dedicado ao interesse dissimulado de Etienne no movimento da rocha e às explicações estranhamente abrangentes de Gareth.

Enquanto isso, a mente de Serena girava sem parar tentando descobrir uma maneira de tirar o homem que a estuprou, a engravidou e agora a chantageava, para fora da propriedade antes que fizesse algo estúpido e

expusesse suas mentiras.



Capítulo Quinze

Gareth não sabia o que havia entre Serena e Etienne Bardot, mas suspeitava que não era afeto de primos.

Embora não pudesse identificar *exatamente* o que sentia, não estava disposto a descartar sua percepção aguçada quando se tratava de assuntos que o interessavam. E nada o interessava tanto quanto Serena Lombard.

Gareth sabia que deveria se sentir envergonhado com o alívio que sentiu quando Bardot chegou e o salvou de ter que ter uma conversa delicada com uma mulher com quem fez amor não uma, mas duas vezes. Mas seu alívio superou qualquer vergonha ou remorso.

Certas ou erradas, as palavras de Dec criaram raízes em sua mente da mesma forma que o líquen penetrava os tijolos e argamassa: *“Deixou sua riqueza amolecer sua cabeça; é da sarjeta de Londres e ela era esposa do filho de um duque. Acredite em mim, Gareth, mulheres boas podem vir atrás de homens como nós apenas para um sexo mais violento, mas isso é a única coisa que farão, nos levar para suas camas.”*

As observações de Venetia não poderiam ter sido mais diferentes das de Dec.

Então, tinha dois amigos com opiniões completamente diferentes sobre sua situação. Em qual deles deveria acreditar?

Gareth disse a si mesmo que a resposta era irrelevante. Pediria sua mão em casamento, não importava em qual dos amigos decidisse acreditar. Se não o quisesse, ficaria desapontado, já resistiu a muitas decepções, diversas vezes e sobreviveu. Ainda assim, não queria fazer uma oferta se isso apenas a

colocasse na desagradável posição de ter que recusá-lo.

Em todo caso, tinha tempo para decidir; não poderia falar com ela sobre o assunto com o primo presente.

Etienne Bardot era um homem que gostava de se ouvir falar, poderia rivalizar até mesmo com Dec nessa questão. Mas enquanto Declan McElroy era divertido, espirituoso e – em última análise – gentil, Bardot era egocêntrico, vaidoso e desinteressante. Também se agarrava a prima como um carrapato.

Só depois que Serena pediu licença – perto da meia-noite – Bardot partiu para seus aposentos.

Gareth deu um suspiro de alívio quando teve a biblioteca só para si. Desde que conhecera Bardot naquela tarde, não ficou um segundo longe dele. Quando foi ao lago entregar a rede feita especialmente para ele, Bardot foi com ele. Quando desceu para jantar cedo, na esperança de pôr em dia alguma correspondência antes do jantar, Bardot o estava esperando para jogar uma partida de bilhar.

Conversou sem parar durante o jantar sobre suas atividades em Londres – jogos de azar, tiro e boxe no Jacksons – sua excursão para caçar com um amigo no outono passado, a recepção calorosa que recebeu da companheira de Serena, a adorável e distinta Lady Winifred Sedgwick e assim por diante. Quando Serena os deixou para tomarem vinho, Bardot consumiu a maior parte de uma garrafa em trinta minutos.

Gareth estava preocupado, esperando que Serena já tivesse ido para a cama quando voltassem para a biblioteca, porque então se sentiria no direito de subir para seus aposentos também.

Mas ela estava esperando por eles.

Ouviu a conversa do primo, serviu chá e finalmente se desculpou, seu rosto normalmente radiante estava tenso.

Gareth se livrou das garras de Bardot logo depois, deixando-o sozinho na biblioteca.



Serena andava como um gato preso em uma gaiola. Já passava da uma da manhã e ela sabia que Gareth havia voltado para seu quarto não muito depois da meia-noite, porque ouviu seus passos distintos quando passou por sua porta.

O quarto de Etienne ficava bem em frente ao dela. Serena sabia disso porque pedira a Jessup para colocá-lo lá. O velho mordomo não mostrara nenhum interesse nem mesmo um piscar de olhos, mas ela sabia que seu pedido o surpreendera. Sem dúvida acreditava que eles eram amantes. As pessoas tendiam a pensar que ela tinha uma moral mais relaxada por ser francesa. Não importava que a realidade fosse o oposto; as mulheres francesas de sua classe nunca teriam tido a liberdade que ela tinha na Inglaterra. Era uma pena que Jessup agora questionasse sua moral, mas isso era muito melhor do que ele saber a verdade.

Ouviu a porta de Etienne abrir e fechar meia hora depois que Gareth fora para a cama, então puxou uma cadeira para perto de sua porta e se sentou, preparando-se para passar a noite em vigília. Mas suas pernas e pés tremiam tanto que teve que perambular, seus ouvidos se esforçando para ouvir o movimento do lado de fora.

Sem nenhuma surpresa, o som quase inaudível de uma porta se fechando alcançou seus ouvidos assim que o relógio do corredor bateu duas horas da manhã.

Serena abriu a porta e o pegou indo em direção à escada, usando roupa de dormir.

— Etienne! — o sussurro dela foi como o estalo de uma pistola no silêncio mortal do corredor e ele deu um pulo e um grito de surpresa antes de se virar.

Serena abriu mais a porta e fez sinal para que ele entrasse. Fechou a porta silenciosamente atrás dele e se virou; Etienne estava vermelho e seu peito arfava.

— O que quer? — exigiu, suas mãos descansando nos quadris cobertos por uma túnica púrpura e dourada ridiculamente espalhafatosa.

— Aonde está indo? — Exigiu em francês.

Seus olhos brilharam sobre ela, seus lábios torcendo quando viu que ela ainda estava vestida com as roupas do jantar. — Esperando por mim, não estava?

— Por favor, me diga que não está planejando roubar esta casa.

Ele ergueu um ombro e deixou os braços caírem antes de se virar e rondar o quarto deliberadamente. — O que tem a ver com isso?

— É meu *trabalho*, Etienne. Uma posição que está me pagando bem, o que significa que posso *pagá-lo* bem. Mas não se for demitida porque meu primo não consegue manter as mãos para si mesmo.

Novamente ele deu de ombros, levantando a tampa da pequena caixa de joias com um dedo e deixando-a cair novamente quando viu as joias baratas que continha.

— O carregamento que eu esperava em Dover foi perdido. Um dos homens que trabalhavam para mim foi capturado por policiais, dois dos outros foram mortos.

Os dedos de Serena coçaram para estrangulá-lo. — O que esperava? Os ingleses têm patrulhando a costa em números cada vez maiores, até eu sei disso.

— Eles sabem quem sou.

Serena cobriu o rosto com as duas mãos e se encostou na porta. — Por favor, me diga que não usou seu nome verdadeiro.

Virou-se para ela, todo o medo que estava sentindo agora evidente em seu rosto. — Não seja tola! Mas sabem como eu sou, e não demorará muito para que descrições minhas circulem pela costa.

— Então vá para Londres.

— Não é tão simples assim.

— Por que não? — Serena teve que lutar para não gritar.

Ele fez uma careta e passou a mão pelo cabelo cuidadosamente despenteado, despenteando-o ainda mais. — Devo dinheiro.

Serena não poderia ter ouvido direito. — O que disse?

— Me ouviu, caramba!

— Não estou acreditando nisso.

Pela primeira vez, não tinha nada malicioso ou espirituoso para dizer. — Tive uma sequência de azar, e uma onda de má sorte. Se o carregamento tivesse chegado esta semana, estaria bem. Mas agora? — deu um suspiro de autopiedade que a fez querer arrancar sua cabeça.

— Tenho outra entrega marcada para a próxima semana.

— *O que?* — Não esperou que ele falasse. — Deve alertá-los, não devem

vir ou mais pessoas podem morrer.

— Se não receber essa remessa, estarei arruinado.

Era ainda mais asqueroso do que sempre suspeitou. Serena marchou até a caixa de joias baratas e colocou-a de lado, seu conteúdo lamentável derramando-se sobre a penteadeira. Pegou um alfinete de chapéu e enfiou-o no fundo da caixa, erguendo-o. Embaixo estava um colar dado a ela pela mãe do duque. Valia muito dinheiro, ou pelo menos valia antes dela vender várias joias. Pegou-o e arremessou na cabeça dele.

Ele se abaixou, mas o fecho roçou sua bochecha.

— Está louca? — exigiu, correndo um dedo sobre o pequeno arranhão e inspecionando-o. Quando ela não respondeu, abaixou-se e pegou o colar, seus olhos se arregalando. — Tem me enganado — acusou.

— Pegue. Amanhã irá embora, e não verei seu rosto miserável novamente. Esta é a última vez que permitirei que tire até mesmo um centavo de mim, Etienne. Prometo que, se vier me procurar de novo, mandarei prendê-lo por chantagem, o que é um crime. Vou deixar o país e voltar para a França. Ao contrário de você, posso ganhar meu próprio pão. Agora, diga-me como posso avisar os homens que estão arriscando suas vidas para lhe trazer mercadorias?

Ele a varreu com um olhar que exalava desprezo. — Por que se preocupa com esses estranhos? Além disso, o que pode fazer?

Nesse momento, Serena decidiu que o mataria se não fosse embora no dia seguinte. Talvez tivesse visto algo em seus olhos, porque sua mão apertou as joias brilhantes.

— Tudo bem, faça o que quiser, faça algo estúpido e acabe sendo morto por um punhado de estranhos, não me importa. Pegue um papel, vai precisar anotar isso.

Serena anotou instruções para chegar a uma cabana de contrabandistas, nomes de três homens – se considerasse Picareta, Pé Comprido e Chapelão nomes – e a frase sem sentido que chamaria a atenção deles: cavala fresca a preço de banana.

— Como podem sequer pensar em passar uma mensagem com o canal cheio de agentes?

— Não entende esses homens; são como ratos, precisam apenas de uma fresta minúscula para passarem.

— E por que concordariam em realizar este serviço?

— Porque recebem parte da remessa. Além disso, se os homens que estão vindo forem pegos, é possível que entreguem seus nomes aos agentes.

Ela assentiu. — Muito bem, quanto tempo eu tenho?

— Até o final da semana — ele agarrou seu pulso e apertou. — Por que está fazendo isso?

— Realmente é tão burro assim? — ela se desvencilhou. — *Sabe* porquê. Se eles te encontrarem, estarão a apenas um passo de Oliver e eu. Se o homem que eles têm em custódia agora não falar nada, quem garante que os próximos não falarão? — a voz dela tremia de raiva com a estupidez dele e o perigo que colocara todos eles.

— O que vai dizer para eles?

— Vou dizer que está morto.

Ele se encolheu para longe dela. — Isso é um pouco demais, não acha?

— Deseja ser capturado? Se *eles* acharem que está morto, a notícia se espalhará. Se tiver sorte, será esquecido para sempre.

Um sorriso lento e feio curvou seus lábios. — Seria uma ótima criminosa, Serena.

— Graças a sua pessoa, *sou* uma.

Ele riu e caminhou em direção à porta.

— Espere! — sibilou, mas ele já tinha aberto e saído para o corredor. — Etienne!

Ele se virou e se aproximou. — Sim, minha querida?

— Não se esqueça, partirá pela manhã.

Ele sorriu, e com a velocidade da luz baixou sua boca sobre a dela, dando-lhe um grande beijo molhado antes que ela pudesse se afastar.

Ela o amaldiçoou no silêncio de sua mente, observando até que ele entrasse em seu quarto e fechasse a porta antes de fechar a sua e desabar contra ela.

Isso nunca acabaria?



Gareth estava cansado de esperar. Qual era o objetivo, afinal? Por alguma razão, tinha certeza de que ela estava acordada e desejando falar com ele, talvez tanto quanto ele.

Empurrou a roupa de cama e vestiu o roupão e colocou os chinelos, seu corpo já respondendo ao pensar encontrá-la na cozinha, sozinha.

Sorriu para si mesmo ao sair do quarto, sem perceber que havia se esquecido de trazer uma vela na pressa de vê-la. Seu sorriso se alargou, talvez estivesse superando seu medo do escuro ao mesmo tempo em que estava superando seu medo das mulheres?

Virou na lateral que levava ao longo corredor e congelou no caminho. Era Bardot que estava saindo do quarto de Serena, vestido com seu roupão e chinelos, o cabelo espetado em todas as direções. Deu um passo em direção à porta e depois se virou, como se tivesse sido chamado. Sorriu e se inclinou para a porta apenas o suficiente para segurar Serena e beijá-la com um estalo. Rindo de uma maneira que fez Gareth querer quebrar seu crânio, se virou e se arrastou pelo corredor até seu quarto e entrou. Só quando a porta foi fechada, Gareth ouviu a porta dela se fechando, como se não tivesse sido capaz de desviar os olhos dele até o final.

Gareth não poderia ter dito quanto tempo ficou paralisado no tapete felpudo enquanto sua mente, como uma máquina bem lubrificada, repassava as possibilidades. Sempre era desaconselhável tirar conclusões precipitadas. Será que Bardot estava com dor de cabeça e fora pedir um remédio para a prima? Mas um homem não incomodaria uma mulher, nem mesmo uma parente, em tão altas horas. Bardot teria chamado um criado. Gareth sabia que seu valete, Chalmers, mantinha todos os remédios conhecidos à disposição. Esse era o dever de um criado pessoal.

Além disso, era impossível negar que não saíra de seu quarto como um homem com dor de cabeça; parecia um homem que saiu da cama de sua amante, despenteado e usando um roupão.

E depois teve aquele beijo e aquela arrogância.

Quando alguém removia o improvável, ficava com a resposta mais provável.

A inquietação que sentiu desde o momento em que conheceu Bardot começou a mudar e assumir uma forma diferente. Gareth poderia passar a vida perdendo suas sutilezas, mas se havia uma coisa que sabia era os homens

que ganhavam a vida manipulando e enganando os outros. Afinal, esses homens pagaram sua juventude e inocência e fizeram dele o que era hoje.

Então, Dec estava certo. Ela não era o que parecia: a viúva excêntrica do filho de um duque. Não, era uma mulher forçada a abrir caminho usando seus talentos e inteligência. O fato de ter reconhecido Featherstone primeiro – um charlatão, embora desajeitado – e agora Bardot, um criminoso um pouco menos óbvio, não era coincidência. Estava envolvida com aqueles homens e ele só podia pensar que suas intenções eram arrancar dinheiro dele.

Levou um momento para reconhecer a emoção estranha que o dominou. Sua respiração regular apenas uns minutos antes tornou-se áspera e rápida, como se tivesse corrido. Seu coração batia forte no peito, que de repente parecia muito vazio. E uma bola dura e fria de algo se formou na boca do seu estômago.

Gareth estava com raiva. Não, essa era uma fúria fria e assassina, uma emoção que não sentia desde a noite em que ele e Dec fugiram do orfanato. O pensamento momentaneamente o desviou da raiva que florescia dentro dele. Dezenove anos atrás, sua raiva tinha sido tão aguda e mortal quanto uma flecha, dirigida ao homem que o usou, explorou e aterrorizou durante anos.

Mas esta noite?

O rosto dela surgiu em sua mente com a clareza de um retrato a óleo. Ele a viu como tinha estado naquela tarde, quando o levou para dentro de seu corpo não uma, mas duas vezes. Sorriu como se... como se fosse *ele*, Gareth Lockheart, que queria, não o dinheiro dele. *Ele*.

E esta noite ela tinha levado outro homem, seu verdadeiro amante, para seu quarto, para seu corpo.

Gareth odiava Etienne Bardot por ter o que ele queria para ele. E odiava Serena Lombard, uma mulher sem coração que brincava com ele tão facilmente como um gato brinca com um rato. E ela o fizera com uma doçura enganosa que o fez querer quebrar todos os móveis da casa inteira.

Mas e o principal de seu ódio? *Que* guardou para si mesmo, para o tolo que se convenceu de que as pessoas não são todas iguais. Odiava a voz idiotamente otimista em sua cabeça que o fizera bater em seu melhor amigo quando o homem estava apenas tentando salvá-lo da humilhação, dor e decepção.

O primeiro impulso de Gareth foi marchar pelo corredor, abrir a porta e

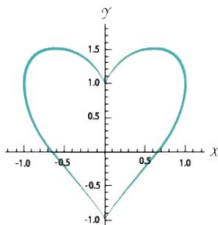
mandá-la embora naquela mesma noite.

Mas então se lembrou do menino.

Ela pode ser uma manipuladora virtuosa e uma fraude, mas não havia nenhum menino de dez anos que pudesse se comportar com tanta inocência e doçura quanto Oliver.

Gareth engoliu sua fúria ardente, não querendo descer ao nível dela e infligir dor a alguém que não tinha feito nada para merecê-la.

Seu forte sempre foi paciência, concentração desumana e um impulso implacável para resolver qualquer problema que enfrentasse. Tramaria, planejava e esperaria até que tivesse uma punição que se adequasse ao crime. E então se vingaria.



Capítulo Dezesseis

Gareth já estava no local de trabalho quando Serena acordou na manhã seguinte. Quando perguntou a um criado sobre Etienne, soube que seu ‘primo’ tinha partido ao amanhecer.

Realmente não esperava que ele obedecesse tão facilmente, mas sem dúvida estava ansioso para levar o colar para quem quer que fosse que receptasse seus bens roubados. Serena havia beliscado seu café da manhã, sua mente vasculhando a questão da viagem a Dover até que pensou que fosse ficar louca. Não havia maneira de contornar isso, ninguém que pudesse enviar em seu lugar. Oh, não era *sua* responsabilidade. Cada passo que as autoridades davam em direção a Etienne era um passo em direção a ela também. Blefou quando disse que confessaria a verdade. Não, seu plano era diferente. No final do mês, receberia o pagamento do primeiro trimestre. Seria o suficiente para retornar para Paris com Oliver e Nounou. Uma vez lá, poderia procurar comissões. Haveria pessoas que se lembrariam de Favel e de seu pai e lhe dariam trabalho. Seriam pequenas coisas no início, mas ela seria capaz de mantê-los alimentados e alojados com o dinheiro desse trabalho.

Desistiu de comer e foi procurar Oliver. Deveriam caminhar juntos, já que Nounou não tinha interesse de fazer parte do que ela chamava de “*tolice*”.

Oliver estava praticamente morrendo de medo e não reclamou nem mesmo quando ela disse que não poderia levar os cachorros.

— Acredito que vai haver muita gente e eles vão acabar atrapalhando. Além disso, não vai querer ter que cuidar deles e perder toda a emoção, não é?

— O Sr. Lockheart disse que pode ter sido assim que as grandes estátuas

da Planícies de Salisbury foram movidas. Mamãe, a senhora sabia disso?

Sabia, mas só porque havia lhe dito umas seis vezes. — É mesmo? — perguntou, feliz em ouvir sua conversa animada ao invés de seus próprios pensamentos. Ocorreu-lhe, infelizmente, que Oliver tinha se apegado bastante a Gareth Lockheart nas semanas que esteve em Rushton Park. Era uma coisa boa que ele deixaria a propriedade no dia seguinte. Já seria de partir o coração tirar Oliver de um lugar que estava começando a considerar como um lar.

Tinha sido uma idiota por aceitar esse trabalho e acreditar que poderiam viver uma vida normal. Com Etienne sempre por perto, nunca poderiam viver normalmente. Sua chantagem constante garantiria que nunca tivessem dinheiro suficiente para viver de outra forma que não uma existência precária. E embora matá-lo tivesse um pequeno apelo, sabia — uma vez que seu temperamento esfriou — que nunca seria capaz de matar outro ser humano. Nem mesmo alguém que merecesse.

Embora estivessem adiantados, já havia um número surpreendente de pessoas circulando e admirando as dimensões da pedra, observando o mecanismo simples de Gareth para movê-la e, em geral, apreciando o clima de feriado do dia ensolarado e quente.

Gareth estava conversando com o Sr. Flowers e os dois olhavam para a área que logo estaria coberta de água.

Oliver pegou a mão dela. — Mamãe, lá estão Robbie e Tom — apontou para os dois garotos que eram sobrinhos da cozinheira.

— Pode ir brincar com eles, apenas certifique-se de ficar bem longe dos trabalhadores assim que o trabalho começar.

Ele se foi, os outros dois garotos correndo para encontrá-lo.

— Sra. Lombard?

Serena se virou e encontrou a Sra. Cooper, a dona do armazém na cidade. Sorriu.

— Olá, Sra. Cooper, consegui fugir e deixar o Sr. Cooper no comando hoje?

Riu. — Não, não. É feriado para ele também. Além disso, hoje não tem uma alma na cidade para comprar alguma coisa, é como uma cidade fantasma — aproximou-se um pouco mais. — Espero que não seja precipitado da minha parte, mas trouxe um pouco de limonada e um barril de cerveja. As outras moradoras trouxeram algumas coisas também — suas bochechas

redondas coraram. — Não costumamos ter um dia como este, muita gente reunida, então pensamos em fazer um pequeno piquenique.

— Que ideia maravilhosa, Sra. Cooper — Serena notou que havia cobertores sendo colocados sobre as traseiras das poucas carroças robustas de Rushton Park, que estavam servindo como mesas improvisadas de bufê. — Não sei por que não pensei nisso, talvez tivéssemos uma barraca e mesas.

A Sra. Cooper acenou. — A senhora também trabalhou muito organizando a festa de hoje à noite.

Serena riu. — Bem, *não* posso levar o crédito por isso. O Sr. Jessup faz magia quando se trata dessas coisas, fez todos os preparativos para as festividades desta noite.

Outra senhora, uma estranha, se aproximou, e logo Serena foi cercada por moradores felizes e tagarelas da cidade.



Gareth a sentiu antes mesmo de vê-la. Não era uma pessoa mística, muito pelo contrário, mas soube, sem dúvida, quando ela chegou. Os pelos de sua nuca se arrepiaram assim como a sua pele ao tomar consciência de sua presença. E então o Sr. Flowers olhou por cima do ombro, sorriu e disse: — Ah, aí está a Sra. Lombard.

Em vez de se sentir satisfeito por estar certo, Gareth ficou nervoso com a resposta de seu corpo. Consequia controlar sua mente, mas não o seu corpo. Mas conseguia mesmo? O que aconteceu no dia anterior passou por sua mente e ele franziu a testa. Pensar na cena do rio o fez estremecer; ela o manipulou tão habilmente como o desenho que esboçara.

Felizmente, para sua sanidade, a raiva esfriou durante a noite e o resultado foi uma emoção mais estável, como minério forjado no fogo, as impurezas foram queimadas até que apenas o ferro frio e duro permanecesse.

Gareth não a dispensaria; por que deveria? Ela não significava nada. Apenas um desarranjo temporário de seus pensamentos. Nem perderia tempo planejando e elaborando uma vingança. Simplesmente a ignoraria, o que

provavelmente era o suficiente para ferir seu orgulho.

Satisfeito com sua decisão, afastou os pensamentos improdutivos e voltou sua atenção para a tarefa que tinha em mãos.

A roldana, a rede e o sistema de toras de Gareth acabaram movendo a grande pedra morro acima em quase metade do tempo que ele havia planejado. Acreditava que toda a aldeia e mais alguns fazendeiros haviam aproveitado o dia como feriado e vindo assistir ao evento. As mulheres trouxeram comida, crianças corriam de um lado para o outro, cachorros latiam e o sol brilhava seus raios benevolentes sobre tudo aquilo.

Se não estivesse se sentindo tão reprimido, teria apreciado imensamente a visão da grande pedra rolando para fora de seu buraco como se esse fosse seu desejo o tempo todo. A roldana tinha se movido com admirável suavidade, as toras uniformes que escolhera estavam rolando tão seguramente quanto as melhores rodas de carruagem. Quando a pedra alcançou o cume da pequena colina, o público efervesceu. O Sr. Flowers deu uma palmadinha no ombro dele e então percebeu o que tinha feito quando Gareth se encolheu.

— Ah, me desculpe Sr. Lockheart.

Antes que Gareth pudesse responder, outra mão tocou seu outro ombro e deu um leve aperto.

— Parabéns, Sr. Lockheart!

Virou-se ao som da voz *dela*, seu rosto com a mesma expressão que sempre usava: uma expressão que não revelava nada de seus pensamentos.

— Obrigado, Sra. Lombard. Foi muito mais tranquilo do que esperava — como a estava observando com a intensidade de um cientista monitorando um experimento, viu como sua resposta fria e civilizada a surpreendeu, e não de uma forma agradável.

Seu sorriso esmaeceu um pouco e ela deu um passo quase imperceptível para trás.

— Nossos vizinhos forneceram comida e bebida para as festividades — gesticulou em direção às carroças e lençóis do lado oposto do que logo seria o lago. — O senhor se importaria de se juntar a mim?

Olhou nos olhos castanhos dela, procurando algum sinal de sua natureza dúbia, mas estavam claros e brilhantes, embora a ligeira marca entre eles falasse de seu nervosismo com o comportamento distante dele.

Ofereceu-lhe o braço. — Seria um prazer.



Serena deu uma última olhada no espelho. Por ser um baile de campo, estava usando seu vestido formal mais simples que possuía. Todos os quatro vestidos que trouxera de Londres foram presentes do duque e da duquesa. Por serem gentis e atenciosos, sempre lhe davam roupas em seus aniversários, para que não parecesse ser caridade.

Serena sabia que acreditavam que ela estava estupidamente orgulhosa por recusar a parte que reservaram para o filho mais novo, mas se sentia culpada o bastante pelo engano que perpetrava cada vez que levava Oliver para vê-los. E além do mais, não suportava ter que usar a herança de seu filho falecido.

O vestido que usava era de uma gloriosa seda verde azulada que fazia com que seus cabelos castanhos brilhassem e seus olhos parecerem verdes, em vez de castanhos. Era decotado – talvez escandalosamente baixo para o campo – mas combinava com sua figura exuberante e o tecido transparente da saia se agarrava a ela, embora tivesse acrescentado uma segunda anágua à pequena que viera com o vestido.

Em volta do pescoço, usava uma corrente simples e uma cruz. Não tinha valor sentimental, mas era algo que ela mesma comprou para que seu pescoço não aparecesse nu nos grandes eventos que comparecia, sempre que visitava Keeting Hall. Já teve um belo crucifixo de sua mãe, mas, como tudo que possuía de valor, incluindo a carta de Robert, foi deixada para trás quando foi forçada a fugir do continente.

A jovem criada que costumava servir Serena tinha arrumado seu cabelo em um penteado alto com cachos soltos, um estilo que embelezava seu rosto e o fazia parecer menos redondo e angelical. Decidiu usar sua pesada capa de veludo, pois as noites tendiam a esfriar. Sabia que ninguém em Londres usaria um traje tão prático, mas este era o campo e ela sempre valorizou o conforto acima da moda, em qualquer caso.

Provavelmente voltaria com Gareth em sua carruagem; seu corpo estava na expectativa o dia todo com esse pensamento. Finalmente teriam a chance de conversar, sozinhos. Talvez pudessem superar a estranheza que parecia existir entre eles naquele dia.

Mas quando chegou ao grande salão, encontrou apenas Jessup.

— Boa noite, Sra. Lombard.

— Olá, Jessup.

— O Sr. Lockheart foi retido, senhora. Pediu que avisasse que se juntaria à senhora, mais tarde, no Kings Head — gesticulou para a porta. — A carruagem está esperando.

Serena sentiu como se toda a luz da sala tivesse sido apagada. Abriu a boca para perguntar o que o poderia estar detendo, mas sabiamente se conteve. Seria impertinente fazer a outro funcionário essa pergunta sobre seu empregador. E era isso que era: funcionária do Sr. Lockheart.

Agradeceu a Jessup e ao laçao que a acompanhou até a carruagem luxuosa. Uma vez dentro, caiu contra o assento de couro macio, sua mente agitada e seus olhos brilhando com lágrimas repentinas. Piscou com força, atordoada pela forma como seu corpo estava reagindo. Por que estava agindo como uma tola tomada por emoções? Quão mortificante seria aparecer na frente de toda a cidade sem o Sr. Lockheart, com os olhos vermelhos e chorando?

Nos dez minutos que levou para chegar à cidade, reviveu a tarde do dia anterior uma centena de vezes, filtrando cada conversa e cada olhar em busca de um significado oculto. Mas a verdade era que ele tinha se comportado da maneira que costumava se comportar, exceto pelo fato de propor que ela tirasse a roupa, é claro. Mas mesmo isso tinha sido feito de maneira séria e profissional.

Mas e a forma como fez amor com ela? Serena estremeceu ao se lembrar de sua habilidade com seu corpo e da maneira terna, mas confiante, como a tocou. Tinha sido um amante generoso que se certificou de que ela experimentasse o êxtase antes de ter seu próprio prazer. Mas isso significaria que ele tinha sentimentos profundos por ela simplesmente porque era um amante atencioso?

Serena tinha pouquíssima experiência com homens. Tinha Etienne, é claro, mas isso tinha sido contra sua vontade. Teve alguns amantes em seus primeiros anos na Inglaterra, principalmente na esperança de poder limpar a mancha desprezável de Etienne de sua mente.

O primeiro foi um colega escultor, um homem egoísta e competitivo na cama e fora dela.

O segundo tinha sido um arquiteto doce e impressionável, um homem mais jovem que ela que rapidamente se apaixonou. Isso tinha acabado mal e estava convencida de que os amantes não valiam o risco. Na verdade, essas duas experiências a fizeram se perguntar do porquê esse alvoroço todo com amantes. A única coisa boa que tirou dos casos foi que Etienne não lhe arruinou para sempre o amor físico.

Agora, aqui estava nessa bagunça. Apaixonada por seu patrão, um homem recluso e privado que era famoso por evitar as mulheres, pelo menos nunca ouvira falar de nenhum caso enquanto ele morava em Londres. Tinha certeza de que ele não entreteve nenhuma mulher enquanto esteve no campo nas últimas semanas. Quer dizer, outra mulher além dela.

A carruagem parou e ela respirou fundo. Era hora de descer e ser social, uma atividade que geralmente achava prazerosa. Mas naquela noite, só queria ficar sozinha com seus pensamentos. Ou pensando nele.



Gareth estava feliz e irritado com a mensagem que recebera. Feliz porque provava que Dec ainda estava vivo, irritado com o motivo do bilhete.

A mensagem era de uma estalagem, a cerca de cento e sessenta quilômetros de Rushton Park. A nota foi escrita por um estalajadeiro chamado Trencher. Parecia que Declan havia alugado um quarto e desfrutado dos ‘benefícios adicionais.’ Gareth tinha certeza de que sabia o que isso significava, mas ficou sem meios para pagar por isso. Leu nas entrelinhas o resto. Dec emergiu de seu estupor por tempo suficiente para discutir, mas finalmente se rendeu após negociar a suspensão da sua expulsão, dando o nome conhecido de Gareth como garantia de pagamento.

— Maldição.

— Senhor?

Gareth ergueu os olhos. Tinha esquecido que Jessup estava esperando. O imperturbável mordomo pareceu surpreso e Gareth percebeu que provavelmente nunca havia praguejado na sua presença.

— Devo dizer ao mensageiro para esperar?

— Sim. Leve-o até a cozinha e alimente-o. Quando terminar, terei o que é necessário para podermos partir.

— Muito bem, senhor. E a Sra. Lombard?

— Sra. Lombard?

— O senhor irá acompanhá-la ao Kings Head em seis minutos.

Ah, isso.

Levantou a mão para passá-la sobre o cabelo e viu Jessup estremecer. Abaixou a mão sem mexer no cabelo. — Traga a carruagem para levá-la. Por favor, diga que me juntarei a ela em breve.

O mordomo fez uma reverência e saiu.

A mente de Gareth oscilou entre a condição de Declan e a Sra. Lombard. Iria para esta cidade, aonde quer que fosse, e traria o idiota de volta para casa. Mas achou que não precisava fazer isso no meio da noite. Iria ao baile e partiria ao amanhecer. Partir pela manhã fazia parte de seu plano, de qualquer forma. Simplesmente iria para um destino diferente.

Escreveu uma breve mensagem e incluiu um rascunho de uma quantia bem superior à conta vigente, indicando que consideraria o pagamento conforme a descrição adequada. Embora duvidasse que houvesse uma pessoa entre Rushton e Bicklesfield ou Bigglesworth, ou como quer que se chamasse, que não soubesse das orgias de Dec.

Gareth foi pessoalmente até a cozinha, sua presença fazendo com que os criados se levantassem e ficassem inquietos. Dera a noite de folga para todos irem à festa e muitos aceitaram a oferta. Os únicos que permaneceram foram a cozinheira, Horrocks, um dos jardineiros cujo nome nunca tinha ouvido falar, duas copeiras que não deviam ter mais de dez anos de idade e um homem magro com aparência e constituição de um postilhão.

— Está esperando uma mensagem?

— Sim, Sr. Lockheart — o homem puxou o topete e fez uma reverência desajeitada.

— Sente-se e termine sua refeição — Gareth instruiu. Colocou a carta lacrada sobre a mesa quando o garoto obedeceu. — Escrevi uma carta para o seu mestre e incluí o dinheiro. Certifique-se que ele não termine nas mãos erradas.

O postilhão levantou-se pela metade, lembrou-se de si mesmo e sentou-se

novamente, assentindo. — Sim, senhor. Partirei em poucos minutos.

Gareth parou a caminho da porta da cozinha. — Não no mesmo cavalo, eu presumo?

— Oh, não senhor, troquei de cavalo na cidade antes de vir até aqui.

Gareth passou por Jessup no corredor e ordenou que a carruagem fosse trazida. Preferia caminhar, mas não faria um quilômetro com os sapatos ridículos que Chalmers insistiu que usasse. Suspeitava que suas pantalonas pretas, fraque e camisa branca o deixariam muito mais bem vestido, mas não se deu ao trabalho de discutir com seu valete, com quem nunca havia discutido antes. Ficou surpreso com essa repentina preocupação com sua aparência. Certamente não era uma preocupação tola sobre o que *aquela mulher* poderia pensar? Ele se instruiu para pensar nela apenas como *aquela* mulher e não Sra. Lombard e, *certamente não* Serena, na privacidade de sua própria mente.

Gareth decidiu evitar sua companhia o quanto pudesse. Essa decisão foi duramente testada meia hora depois, quando se viu cara a cara com todas as pessoas do condado, vendo *aquela mulher* dançar com um jovem fazendeiro robusto e parecer estar se divertindo.

O chefe *de fato* da cidade, na ausência do escudeiro, era o Sr. Pillsbury, um fazendeiro de alguma importância, cujas terras eram contínuas com as de Gareth no lado oeste, não que o homem soubesse disso, é claro. O Sr. Pillsbury e sua esposa, que era uma cabeça mais alta e metade da cintura de seu esposo rotundo, prenderam Gareth ao lado da tigela de ponche, tornando impossível que ele saísse e dançasse com *aquela mulher*. Não que quisesse, é claro.

— E o senhor fará entretenimentos em Rushton Park este ano, Sr. Lockheart? — a Sra. Pillsbury perguntou, batendo os cílios de uma forma que o distraía, mas não da maneira que ela provavelmente pretendia.

Gareth percebeu que a estava encarando. — Entretenimento? — repetiu a única palavra que conseguia lembrar ter ouvido, o dia estava muito quente e não tinha uma janela no ambiente.

— Sim, bailes, jantares e coisas do tipo.

— Não planejei essas coisas — suas palavras foram recebidas por um som de suspiro, fazendo Gareth notar que estavam cercados pelos moradores da cidade, principalmente mulheres, sem que ele percebesse. Mulheres com suas

carrancas.

— Er, isso talvez possa mudar se os jardins forem concluídos a tempo — mentiu.

Um suspiro de alívio tomou conta da sala, uma onda de ar esfriando seu pescoço. A Sra. Lombard estava agora conversando com o fazendeiro de pescoço curto, enquanto um grupo de homens de aparência similar estavam atrás a uma distância respeitosa, como suplicantes aguardando sua vez no santuário.

Gareth colocou sua xícara intocada de seja lá o fosse na mesa. — Se me der licença — murmurou, sem perceber que o Sr. Pillsbury estava falando até que ele gaguejou e parou.

— É claro, senhor.

Gareth abriu caminho por entre os corpos, seus olhos indo de entre o rosto sorridente e o decote profundo, ambos parecendo que acenavam para ele como um farol falso atraindo um navio em direção às rochas escondidas. Vagamente se lembrava de sua intenção de ignorá-la, mas não conseguia mais se lembrar *por que* achava que era uma ideia tão excelente.

Bem, não havia vergonha alguma em alterar um plano, não que já tivesse feito uma coisa tão radical assim antes.

Ela olhou para cima assim que ele passou por um grupo de garotas vestidas em tons pastel, que pareciam um cacho de flores.

— Sr. Lockheart.

Meia dúzia de cabeças masculinas viraram na direção dele quando o chamou. Gareth assentiu vagamente, sem fazer contato visual com ninguém além dela. Positivamente *desprezava* conhecer pessoas em grupos.

— Boa noite, Sra. Lombard. Gostaria de me desculpar por abandoná-la e tê-la feito fazer um passeio solitário de carruagem.

O sorriso dela estava tão despreocupado como sempre. — Sem ressentimentos, Sr. Lockheart. Espero que esteja tudo bem?

— Sim.

Ela esperou, como se ele fosse dizer mais alguma coisa. Como se fosse uma prática sua divulgar seus assuntos pessoais como um arauto.

Gesticulou para o homem mais próximo dele, o homem robusto sem pescoço.

— Tenho certeza de que se lembra do Sr. Paget.

Olhou para o estranho sem pescoço, que sorriu abertamente, e então de volta para ela. Estava sendo sarcástica? Preparando uma armadilha? Gareth nunca tinha visto aquele homem na sua vida.

— Sem dúvida, o senhor notou a linda passarela que ele construiu na semana passada — fez uma pausa e então acrescentou prestativamente. — No pátio leste. No Rushton Park — seu sorriso despreocupado se tornou tenso.

Gareth nunca vira o homem, disse tinha certeza. No entanto, não havia nada a ganhar insistindo nesse ponto.

— Fiquei muito impressionado com a passarela — disse a Paget dando-lhe um sorriso. Voltou-se para a *mulher*. — A senhora gostaria de dançar, Sra. Lombard?

Ela olhou para trás. — Oh, a próxima dança, o senhor quer dizer?

Gareth olhou por cima do ombro e percebeu que todas as mulheres que ele tinha passado estavam dançando e não apenas perambulando.

Virou-se e a pegou mordendo o lábio, os olhos mais uma vez brilhando.

— Sim, talvez a próxima dança seja melhor.



Serena não tinha percebido o quão socialmente estranho Gareth era até aquela noite, a primeira vez que o vira interagir com estranhos. Afinal, um jantar com ela e seu melhor amigo dificilmente seria qualificado como um evento social.

Dera-lhe um olhar fixo e desconcertante, o mesmo que lhe dera em casa. Poderiam muito bem estar sozinhos por toda a atenção que ele dava às cerca de cem pessoas que circulavam pelo local, a maioria das mulheres o observava, esperando serem notadas por ele, queriam ser apresentadas.

E sua reação ao Sr. Paget? O homem estava trabalhando em sua casa há *semanas*. Sua óbvia falta de reconhecimento foi mortificante. Serena de repente se lembrou de um comentário – um entre milhares – que o Sr. McElroy havia feito durante sua estada: — Gareth não é um homem normal.

Na época achou que ele poderia estar se referindo à sua aparência, que

certamente estava bem acima dos outros homens. Ou talvez seu intelecto, que era mais aguçado do que qualquer outra pessoa que tivesse conhecido. Agora percebeu que McElroy quis dizer *isso*. Essa impermeabilidade.

A maneira como estava ao lado dela, por exemplo, observando os casais que dançavam com fascinação extasiada e ignorando a conversa. Ora, estava olhando para eles como se nunca tivesse *visto* uma pista de dança antes.

Um pensamento horrível a atingiu. Inclinou-se para mais perto dele.

— Sr. Lockheart?

— Sim? — não conseguia desviar o olhar dos dançarinos.

— Não quero ser impertinente, mas o senhor já dançou antes?

Isso chamou sua atenção. Arqueou as sobrancelhas de uma maneira que o fez parecer senhorial e altivo. — Não dessa forma.

— *Não dessa forma?* — sibilou entre lábios sorridentes. — O que *isso* quer dizer?

Ele encolheu os ombros. — Andei observando, não parece difícil.

Ela não pôde deixar de rir. — É uma pena que a próxima dança será bem diferente.

— Alôôô, Sr. Lockheart! — aproximando-se deles, e trilhando os dedos, vinha a Sra. Pillsbury.

Serena riu da expressão horrorizada dele e ele lançou um olhar ferido.

— Diga a ela que está com dor no tornozelo — disse Serena com o canto da boca.

— O que?

— Dor no tornozelo — disse, escondendo suas palavras com uma tosse.

— Sr. Lockheart, gostaria de apresentá-lo à filha mais velha do meu primo Ephraim Plunkett, Lily.

Gareth se portou com uma reverência elegante. — É um prazer conhecê-la, Srta. Plunkett.

A Sra. Pillsbury parecia ter algo preso no olho, ou talvez um tique. De qualquer forma, nunca parou de bater os cílios. Cutucou a bela jovem para que se aproximasse de Gareth, e para poder fazer isso, seu cotovelo acidentalmente cutucou Serena no processo.

— Oh, Sra. Lombard — a velha senhora olhou para ela como se só naquele momento a tivesse notado ali. — Não a vi.

Sua improvável admissão fez com que o objeto de seu interesse olhasse

agudamente de Serena para Pillsbury e para a jovem. Esperou que a compreensão tomasse conta, mas deveria esperar em vão.

Serena não tinha encontrado a Sra. Pillsbury na cidade antes, mas a ouviu ser mencionada como a queima-chama principal da área. O que não havia sido mencionado era o desejo militante da Sra. Pillsbury de ver sua parente mais jovem se envolver nas mais felizes conexões matrimoniais. Permaneceu destemida em sua tarefa, mesmo em face da indiferença óbvia de Gareth Lockheart para a adorável jovem parada a poucos centímetros de distância.

Embora tivesse vindo para apresentar sua sobrinha e, sem dúvida, garantir pelo menos uma dança para ela, a voz da Sra. Pillsbury zumbia sem parar com uma variedade de assuntos.

Gareth primeiro olhou para ela, depois começou a se mexer sem parar, e finalmente deu-lhe as costas e olhou para Serena.

A voz da Sra. Pillsbury rangeu até uma parada relutante em sua demonstração sem precedentes de desinteresse.

— Pensei um pouco nas árvores que a senhora recomendou para a entrada, Sra. Lombard.

Um som de cacarejo descontente veio da direção da Sra. Pillsbury, mas Gareth pareceu não notar, seu olhar fixo nos seus belos – e ela sabia, macios e habilidosos – lábios comprimidos em uma linha severa que a fez pensar que ele não estava pensando sobre árvores, em absoluto.



ASra. Pillsbury parecia uma espécie de grande rebarba. Uma rebarba que falava e que se movia.

Quando Gareth conseguiu bloquear a incessante voz de sua cabeça e se concentrar em algo mais importante – como *aquela mulher* – a Sra. Pillsbury propôs outro esquema.

— Receio, mas Lily tem a constituição bastante delicada, Sr. Lockheart. Talvez o senhor possa acompanhá-la a algum lugar onde ela possa descansar e buscar um copo de limonada? — a diabólica mulher colocou a mão no ombro

da sobrinha e deu-lhe um empurrão em sua direção.

Gareth olhou para Serena, que estava olhando para ele com um leve sorriso, sua expressão expectante e curiosa. Quase como se estivesse *gostando* da sua perseguição.

— Seria um prazer..., er, Sra. Pillsbury — tinha esquecido o nome da moça. Isso *nunca* aconteceu. Não se lembrava de ter esquecido nada antes em sua vida. Colocou o pensamento preocupante de lado e conduziu a garota até uma cadeira vazia, sua tia tagarelando sem parar atrás dele. Depois de ajeitar as duas e cuidar de seus confortos, aventurou-se até a mesa de refrescos, que ficava do lado oposto da sala que *aquela mulher* estava, que, de qualquer forma, havia se juntado à horda de admiradores e parecia ter se esquecido completamente dele.

Gareth acabara de pegar um copo de limonada do lacaio que o serviu quando sentiu alguém ao lado dele. Virou-se e encontrou Edward Poundsworth, um colega membro da London Mathematical Society, sorrindo para ele.

Gareth ficou boquiaberto com a visão inesperada; era como encontrar um dentista arando um campo ou um alfaiate calçando um cavalo.

— Poundsworth — disse estupidamente.

— Que bom vê-lo aqui, Lockheart! — Poundsworth deu uma palmadinha nas costas dele e Gareth notou-se contraindo antes que ele percebesse. Tinha sido tão maltratado esta noite que estava quase entorpecido.

— O que faz aqui? — perguntou rudemente.

— Visitando meu tio, Sir Richard — Poundsworth tirou os óculos e começou a limpá-los no punho do casaco mal ajustado. Estava sempre fazendo isso, mas seus óculos — os mais grossos que Gareth já vira — pareciam estar sempre impressos com o polegar e manchados.

— *O senhor* é um dos parentes do Escudeiro Nelby — foi tudo que Gareth conseguiu pensar em dizer, apenas ciente de como sua pergunta soou mal-educada depois que as palavras foram ditas.

Mas Poundsworth, um tipo jovial, apenas riu. — Sim, um de seus muitos sobrinhos e sobrinhas. Estou aqui fazendo minha visita anual, embora não tenha vindo nos últimos anos — recolocou os óculos e Gareth tentou não fazer uma careta enquanto o olhava através dos óculos que pareciam ter sido lambidos por uma vaca. — Entendo que comprou todas as propriedades do

velho cavalheiro — Gareth deve ter feito alguma expressão sem perceber. — Oh, por Deus, não zombe de si mesmo, meu velho — Poundsworth ergueu a mão para dar-lhe uma palmadinha reconfortante no ombro, mas pareceu se lembrar da antipatia de Gareth em ser tocado no último minuto. — Eu perdi a remoção da pedra hoje, o que foi uma grande decepção. Ouvi dizer que foi um momento muito divertido. A propósito, fostes à última reunião?

Havia apenas uma *reunião* que ele poderia estar se referindo: a reunião mensal da London Mathematical Society.

Gareth não tinha ido, mas leu sobre a discussão nas atas que eram impressas e divulgadas após cada encontro.

— Viu o que Congreave propôs para a Equação de Bexam?

Gareth colocou a limonada na mesa de refrescos.

— Ele fez alguma recomendação? — perguntou franzindo a testa. — Não estava nas minutas.

— Não, ele propôs isso na semana passada em uma reunião improvisada em Sheffles. Sheffles era uma das poucas cafeterias que restavam em Londres. Era um buraco sujo em uma parte perigosa da cidade; o tipo de lugar cujo dono não parecia se importar com os membros do LMS comandando mesas e discutindo matemática o dia todo.

Poundsworth sorriu para Gareth. — Deixe-me mostrar o que o idiota propôs.

Um tempo indeterminado depois, Gareth e Poundsworth estavam debruçados em um canto da mesa de bebidas. O homem de estatura baixa trouxe um pequeno bloco de notas com ele, porque *seu* valete não respirou fundo nem lançou os olhos para o céu porque tal coisa distorceria a linha tênue de seu casaco. Também teve a presença de espírito de trazer um lápis, que Gareth estava usando para desmascarar a última teoria dos charlatões de Congreave.

— Veja aqui, Poundsworth — mas quando seu companheiro não fez comentários sobre sua fórmula, Gareth levantou os olhos.

Serena Lombard estava sorrindo para ele.

Gareth se levantou.

— Achei que o senhor gostaria de saber que é hora do jantar.

Poundsworth piscou como uma coruja através dos óculos agora manchados com pó de grafite.

Gareth olhou ao redor e percebeu que, de fato, a dança havia acabado.

Poundsworth foi o primeiro a se recuperar.

— Por Deus — riu, suas bochechas redondas vermelhas e brilhantes. — Estamos de castigo agora, meu velho.

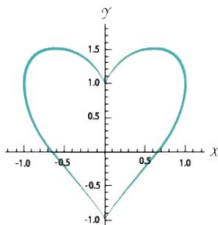
Gareth se sacudiu. — Sra. Lombard, este é Edward Poundsworth.

— É um prazer, Sr. Poundsworth — gesticulou para uma mesa do outro lado da pista de dança agora vazia, onde o Sr. e a Sra. Pillsbury e sua sobrinha estavam sentados olhando furiosamente em sua direção.

Gareth olhou para o copo vazio na mesa; deve ter bebido a limonada durante a discussão acalorada.

— Temo que o senhor terá que compensar a Sra. Pillsbury por sua negligência, Sr. Lockheart.

Gareth percebeu a diversão em sua voz, confirmando sua suspeita de que ela *sentiu* prazer em seu desconforto, e continuava a sentir.



Capítulo Dezessete

A curta viagem de volta para Rushton Park foi silenciosa. Gareth parecia estar focado em algum assunto; sem dúvida no problema matemático que ela o viu debater com seu amigo Poundsworth no meio da dança.

Serena sorriu ao recordar suas expressões. Sentiu-se como se tivesse perturbado dois meninos que acabaram de assaltar um ninho de pássaros ou que foram pegos roubando doces da cozinha. O rosto de Gareth estava animado e corado, seu cabelo geralmente perfeito, estava como se um pequeno furacão tivesse feito um estrago e deixado uma pilha de feno no topo.

Estudou seu rosto à luz do lampião que iluminava a carruagem. Estava olhando pela janela ou para seu reflexo no vidro, seu perfil forte e angular voltado para ela. Uma lembrança do dia anterior varreu sobre ela: Gareth com seus olhos queimando dentro dos dela, suas mandíbulas cerradas e narinas dilatadas enquanto segurava seu corpo contra o dele, acariciando-a com penetrações profundas e controladas.

Engoliu em seco e olhou para o seu colo. Por que não estava falando com ela? Estava determinada a dizer algo quando o som de paralelepípedos sob as rodas lhe disse que já haviam chegado em casa.

Gareth abriu a porta antes mesmo que a carruagem tivesse parado, desceu os degraus e a ajudou a descer. Deram suas coisas a um laçao que os esperava e caminharam em silêncio até o pé da escada. Estava prestes a perguntar se gostaria de tomar chá quando ele se virou.

— Obrigado pela noite agradável, Sra. Lombard.

Antes mesmo que pudesse abrir a boca para responder, ele deixou o

corredor em direção à biblioteca.

Esse era um comportamento estranho até mesmo para Gareth Lockheart.

Serena continuou a contemplar suas ações estranhas enquanto se despia e colocava a camisola e o roupão.

Ainda estava pensando sobre isso, quando ouviu a voz de alguém falando no corredor. Quando espiou pela porta, viu as costas de Gareth e seu valete virando o corredor.

Fechou a porta e olhou para o relógio; já passava da uma. Os entretenimentos do campo terminavam cedo e haviam deixado Kings Head antes da meia-noite. Ficou andando de um lado para o outro e hesitou por quase uma hora. Já sabia que não conseguiria dormir.

Pensou em perguntar diretamente o que estava acontecendo. Era o tipo de homem que apreciava a franqueza, isso notara quase que imediatamente.

Serena gemeu. Mulheres respeitáveis não abordavam homens em seus aposentos a uma hora da manhã. Mulheres respeitáveis não abordavam homens em seus aposentos a *qualquer* hora do dia ou da noite. Mulheres respeitáveis também não se despiam na frente dos homens no meio do dia.

Jogou-se na poltrona ao lado da lareira e tirou o caderno de desenho de sua bolsa. Acrescentou os outros itens – a miniatura, os votos do casamento e o dinheiro – na bolsa que usou aquela noite, mantendo-a com ela, como sempre. Mas não havia espaço para um caderno de desenho. Tinha dezenas de cadernos de desenho, mas este que continha os desenhos de Gareth se tornara um item de valor. Folheou o caderno até encontrar seu desenho favorito. Aquele em que ele olhava para Oliver, que estava na beira da água. Seu rosto exibía um sorriso que nunca tinha visto antes e sabia que eles estavam trocando provocações sobre masculinidade ou a falta dela.

Cuidadosamente arrancou a página do caderno e dobrou-a, prendendo-a com os votos de casamento. Pronto, agora não teria que se preocupar em perder todos os rastros dele caso ela e Oliver precisassem fugir.



Gareth bateu no saco de couro com uma selvageria fez com que uma das costuras se abrisse e derramasse areia sobre o chão acolchoado. Agarrou o saco com as duas mãos, apoiando a cabeça nos antebraços enquanto recuperava o fôlego.

Sua mente parecia ter se organizado em dois campos distintos. De um lado estava a razão, a calma e a matemática, ainda estava aborrecido por ter sido interrompido antes que ele e Poundsworth pudessem terminar sua contraprova. Por outro lado, estava *aquela mulher*. Havia tomado posse da metade de sua concentração. Talvez até mais de cinquenta por cento.

Gareth balançou a cabeça por aquele pensamento inútil.

Disse a si mesmo que havia feito a coisa certa – a coisa *cavalheiresca* – quando a deixou sozinha no corredor. Tinha que confessar que quando acordou naquela manhã não tinha abandonado totalmente seus planos de tomá-la e depois abandoná-la insensivelmente. Mas em algum momento durante a noite, mesmo sem estar ciente disso, percebeu que essa vingança infantil e mesquinha estava abaixo dele. Estava abaixo de qualquer pessoa, ou ao menos deveria estar.

Então, em vez de tomá-la, colocou o rabinho entre as pernas e foi para a biblioteca para fazer os preparativos para sua partida pela manhã. No entanto, aqui estava, às duas horas da manhã, esmurando este saco infernal.

Mandou Chalmers para a cama depois que o homem o deixou meio louco com perguntas sobre para onde estavam indo, por quanto tempo e assim por diante.

— *Irá* para Londres e me esperará lá, Chalmers — a última coisa que Gareth precisava era mais espectadores para o mau comportamento de Dec. Não que seu obstinado valete não tivesse visto nada disso antes. Ainda assim, Gareth decidiu que queria fazer a viagem sozinho. Durante anos vestiu-se sozinho sem o auxílio de um valete, poderia muito bem fazer isso de novo.

Depois de mandar Chalmers fazer as malas, tirou a roupa e começou a exorcizar o que quer que seja que o possuía. Deveria ter coberto as mãos, percebeu, olhando para os nós dos dedos inchados e machucados. Ouviu um som atrás dele e respirou fundo.

— Chalmers, estava — parou. Não era Chalmers, mas *aquela mulher* que estava na porta.

Ela engoliu em seco com tanta força que pôde ouvir do outro lado do

cômodo.

— Sinto muito, eu bati. Pensei que seu valete estivesse aqui. Ouvi os dois conversando há pouco. Achei que talvez não tivessem me ouvido por causa das atividades, eu não — parou quando ele veio em sua direção, os olhos de Serena varrendo seu peito nu e mirando mais abaixo, onde seu corpo tinha começado a se alegrar com sua chegada inesperada.

Parou a poucos centímetros de distância dela, sem se preocupar em colocar seu robe ou esconder seu corpo suado ou sua ereção crescente. Se ela insistisse em invadir sua privacidade, poderia lidar com as consequências.

— Em que posso ajudá-la, Sra. Lombard?

Ela lambeu os lábios de uma forma que fez seu membro pulsar, seus olhos fazendo a jornada de seus quadris até seu rosto com a velocidade de uma tartaruga.

Novamente, engoliu em seco, seu peito subindo e descendo em pequenos tremores.

— Sua mala está ao lado da porta, está partindo? — a voz dela estava tensa e o agradeceu saber que pelo menos poderia desacreditá-la com seu corpo.

— Pela manhã.

— Mas disse que ficaria até começarmos a encher o lago.

— Mudei de ideia.

Ela balançou a cabeça lentamente, sua expressão estranhamente... acometida.

Uma bola de raiva subiu de seu estômago e o sufocou momentaneamente. Era uma atriz impressionante; não devia brincar com pedra e terra, e sim andar sobre as tábuas. Como *ousava* agir como se se importasse com o que ele fazia ou para onde ia? Não significava nada para ela levar seu amante para sua cama uma noite e ir para a cama de Gareth na outra?

Deu um passo à frente, pela primeira vez se livrando de sua meticulosidade obsessiva e não se importando que estivesse suado e sem dúvida cheirando como um animal no curral. — Ainda não me disse o que posso fazer por você, Sra. Lombard.

Teve que inclinar a cabeça para conseguir ver seus olhos.

— Está bravo comigo?

A pergunta o deteve como um muro de pedra. Antes que pudesse pensar em uma resposta, ela o tocou, a mão em seu peito tão leve quanto uma brisa

suave.

O controle de Gareth estalou e esmagou sua boca na dela com uma ferocidade que deixou um gosto metálico de sangue tomando conta da sua. Seu sangue, o sangue dela, dos dois, não sabia e não se importava. Os dedos dela mergulharam em seu cabelo e ela o puxou para baixo, encontrando sua língua violentamente devastadora com a dela.

Empurrou seus quadris contra os dele e sua mente ficou em branco enquanto se esfregavam como feras no cio. Vagamente, ouviu um tecido se rasgar e percebeu que era o roupão dela. Afastou-se de sua garganta, que chupou forte o suficiente para deixar uma marca, e olhou para ela. Fora as mãos dela que rasgara os fechos de seu roupão ao tentar abri-lo. Gareth pegou a camisola frágil que ela usava por baixo com as duas mãos e terminou de rasgá-la com um sibilo longo e suave.

Ela encolheu os ombros e foi removendo a camisola até que caísse no chão. Quando tentou tirar as ceroulas dele, a deteve, pegando seus dois pulsos e erguendo-os acima de sua cabeça.

— O que foi? — perguntou, seus olhos sonolentos que estavam tomados por paixão apenas há alguns instantes, se arregalaram em choque enquanto a segurava com um aperto cruel. Gareth fez uma pausa para admirar a musculatura de seus braços, que era a de uma mulher que trabalhava com as mãos, conectada ao corpo exuberante e maduro de uma mulher feita para o prazer.

— Pare de se contorcer — ordenou.

Ela parou, seus lábios estavam entreabertos e sua respiração superficial e irregular.

Levantou ainda mais as suas mãos sem qualquer resistência dela, esticando-a até que ela ficasse na ponta dos pés. Admirou sua forma tensa e vulnerável, a posição elevada de seus braços fez com que seus seios se erguessem até que os mamilos rígidos apontaram para cima. Caminhou com ela a curta distância até a porta.

— Vou soltá-la, Sra. Lombard. A senhora pode pegar meu roupão e usá-lo para voltar para o seu quarto, ou pode agarrar a moldura da porta com as mãos e fazer exatamente o que eu disser. A escolha é sua.

Soltou as mãos dela, esperando que elas caíssem. Em vez disso, permaneceram onde estavam, entrelaçadas.

Observou a garganta dela se mover, como se fosse difícil encontrar as palavras e pronunciá-las.

— Quero ficar.

As mandíbulas de Gareth cerraram-se e seu corpo se enrijeceu quando uma antecipação insuportável trovejou por ele. Seu cérebro gritava para tomá-la, mergulhar dentro dela, saciar a necessidade feroz que tinha dela. Mas se controlou com a mesma firmeza com que acabara de segurá-la.

— Segure o batente da porta com as mãos.

Ela obedeceu e ele assentiu. — Mantenha essa posição — a mão dele foi para o laço que segurava suas ceroulas, os olhos dela seguindo cada movimento. Soltou o cordão e tirou as ceroulas finas, saindo de dentro delas e pegando-a do chão. Tomou seu tempo para dobrá-la antes de colocá-la em cima de uma cadeira, uma atividade vagarosa que servia apenas para testar seu controle sobre ela, já que Chalmers simplesmente as jogaria em um saco de roupa suja quando as encontrasse.

Aproximou-se dela, mas não deixou seus corpos se tocarem. Serena estava com os olhos cravados em sua ereção, que pulsava e umedecia sob seu olhar. Aproximou-se o suficiente para que seu membro sensível descansasse contra a pele de sua barriga. Um ruído satisfatório veio do fundo de sua garganta e ela estremeceu e fechou os olhos, inclinando a cabeça para trás.

— Olhe para mim.

Engoliu em seco convulsivamente, mas abriu os olhos.

Flexionou os quadris, a ação esfregando levemente seu pênis contra sua barriga macia. Gareth estremeceu ao ver seu pulso acelerado e mamilos endurecendo, sinais de desejo que ela não podia fingir. Pode estar usando-o, mas pelo menos ela queria isso também, queria seu corpo e o que poderia fazer com ela, tanto quanto ele.

— Quero me enterrar bem dentro de você — esfregou seu membro contra ela, fazendo-a ofegar enquanto sussurrava em seu ouvido. — Mas acho que já sabe disso, não é? — afastou-se até que seus corpos não estivessem mais se tocando e levantou as mãos que mal roçaram seus mamilos endurecidos, acariciando-os com movimentos circulares leves.

Estremeceu e foi de encontro a ele, arqueando as costas, os músculos impressionantes de seus braços como as cordas tensas de um arco enquanto agarrava a moldura da porta de madeira acima de sua cabeça e se esticava na

direção dele.

Gareth gostaria de amarrar seus pulsos e seus braços para contê-la, mas não tinha paciência para esses joguinhos essa noite, nem mesmo tinha o impressionante conjunto de equipamentos de Venetia. Decidiu que gostava ainda mais disso: fazê-la voluntariamente fornecer sua própria escravidão. Acariciou sua cintura com toques leves, o corpo dela tremia e seus olhos eram quentes e desejosos, a pulsação no seu pescoço acelerada.

Tomou seu tempo, evitando seus mamilos pequenos e duros e traçando a curva sensual do seu quadril, a ondulação macia e aveludada de seu estômago e a carne trêmula de suas coxas. Um pequeno rosnado zangado veio de dentro de seu corpo.

Gareth poderia ter dito que a provocação era pior para ele. Seu corpo *doía* de desejo, mas ela era um banquete e teria apenas esta chance de saborear cada parte dela.

Chupou seu seio, fazendo-a pular. E depois o outro, e de volta ao primeiro, alternando e chupando, puxando e beliscando sua carne tenra. Ela se contorcia embaixo dele, perseguindo sua boca com o corpo quando ele se afastou.

Parou tão abruptamente quanto começou. — Braços acima da cabeça, Sra. Lombard.

Gareth memorizou seu olhar de descrença atordoada e guardou-o cuidadosamente em sua mente, como um esquilo ganancioso armazenando nozes para os tempos difíceis que viriam.

Recolocou as mãos de volta na moldura.

— Mais alto — disse quando ela parou, mexendo a cabeça quando seus cotovelos estavam retos. — Assim mesmo, mantenha-os assim — caiu de cócoras, o movimento repentino novamente fazendo-a dar um pulo. Quando olhou para cima, viu que a cabeça dela havia se afastado da parede e suas mãos haviam aliviado um pouco.

Desta vez só precisou levantar as sobrancelhas e os braços dela se esticaram. Mas seus olhos permaneceram fixos nele.

Deleitando-se com seu poder, inclinou-se para frente e lambeu o dourado que cobria a ondulação suave de sua barriga. Respirou fundo, mas ele ignorou, sua língua circulando a depressão rasa de seu umbigo antes de mergulhar nele.

— Oh.

Gareth sorriu contra sua pele aveludada, sondando a covinha sensível enquanto suas mãos deslizavam de seus quadris até os tornozelos, traçando a forma deliciosa de suas pernas. Para cima e para baixo. Para cima e para baixo. Até que circulou cada um de seus tornozelos delicados com as mãos e os afastou suavemente.

Os pés dela se separaram sem resistência e ele se agachou para ficar mais confortável. Desta vez, quando acariciou suas pernas, parou no ápice de suas coxas. Seus quadris tremiam sob suas mãos enquanto seus polegares se moviam em direção ao seu sexo. Gareth desviou o olhar por tempo suficiente para ter certeza de que ela ainda estava obedecendo. Seus olhos continham uma mistura de desejo e curiosidade que lhe disseram que nunca a boca de um homem estivera nesta parte de seu corpo antes.

Saber disso enviou um raio de luxúria direto para seu pênis, fazendo com que abrisse os lábios e tomasse seu pequeno botão pulsante em sua boca.



Serena mordeu o lábio inferior com força para impedir que seus sons animais não escapassem, mas não funcionou. Era tudo o que podia fazer para se manter de pé. O resto de suas faculdades havia desaparecido, resultado do prazer transcendente que emanava dentre suas pernas.

Apenas a imagem dele era o suficiente para fazer com que seu corpo entrasse em êxtase: ombros largos e esculpidos, mãos poderosas movendo-se para cima e para baixo sobre suas coxas, bíceps ondulando com uma força controlada enquanto a conduzia à loucura.

Queria ver seu rosto na sua pior maneira, mas seus cabelos castanhos desgrehados escondiam o que sua boca e língua perversas estavam fazendo.

Havia acreditado que as mãos dele em seu corpo no dia anterior – tinha sido apenas ontem? – eram a sensação mais erótica possível. Estava errada.

Ele a fez abrir mais as pernas e ela se permitiu abrir ansiosamente. Uma parte distante de sua mente dizia que sentiria vergonha mais tarde. Mas por

enquanto...

Sua boca era quente e esperta e parecia ter meia dúzia de línguas. Seu clímax veio rápido e forte, surpreendendo um grito quando seus quadris resistiram sob seus lábios. Ainda estava tremendo com os tremores secundários quando ele se levantou e a levantou do chão com um movimento poderoso. Serena circulou a cintura de Gareth com as pernas enquanto as mãos dele deslizaram por baixo de seu traseiro. Seus lábios estavam vermelhos e molhados, seus olhos pretos como carvão.

— Pode soltar o batente agora.

Era possível ouvir triunfo e diversão em suas palavras, mas não se importou. Faria tudo o que ele pedisse para se sentir assim novamente.

— Me toque.

Beijou-o como uma pessoa faminta, consumindo-o como ele acabara de fazer, saboreando seu próprio sabor na língua dele. Levantou-a ainda mais enquanto se beijavam, até que sentiu seu quente e insistente membro cutucando seu sexo.

Afastou-se dela, apenas o suficiente para que ela pudesse ver entre seus corpos. O estômago dele, definido, enrugado e suado, o dela ruborizado, macio e trêmulo.

Ergueu-a mais ainda até que ela pudesse ver sua ereção. — Guie-me para dentro de você.

Serena o alcançou, deleitando-se com sua respiração rápida e a sensação dele contra a pele sensível da sua mão. Acariciou-o primeiro, espalhando a umidade de sua pequena abertura por todo o seu membro sedoso antes de posicioná-lo na entrada de seu corpo.

Um som baixo de prazer retumbou de dentro dele que começou a baixá-la sobre seu membro, centímetro por centímetro duro como pedra, não parando até que estivesse totalmente dentro dela.

Serena inclinou os quadris, fazendo-o entrar ainda mais fundo, fazendo-o gemer.

O som desse homem composto se desfazendo era quase tão prazeroso quanto a sensação de seu comprimento espesso preenchendo seu corpo.

Quase.

Serena beijou sua mandíbula, seu queixo, sua bochecha, seu pescoço, qualquer coisa que pudesse alcançar, enquanto ele começava a se mover. Saiu

lentamente e, em seguida, penetrou violentamente.

Ambos grunhiram de prazer.

— Gareth — sussurrou em seu ouvido. — Sim.

Abriu mais as pernas para se estabilizar enquanto a penetrava profundamente com cada impulso brutal. O poder que estava exercendo o estava fazendo respirar como um fole, seus músculos flexionando e esticando e tão duros como ferro sob sua pele lisa. A visão de seu esforço era quase tão excitante quanto o que ele estava fazendo com ela.

Quase.

Mesmo agora – quando já tinha sido levada ao clímax uma vez – continuou esfregando aquela parte sensível de seu corpo toda vez que penetrava nela, levando-a ao limite antes mesmo dele.

Um prazer estonteante a consumiu; estava vagamente ciente de que ele havia começado a respirar com mais dificuldade, seus músculos menos coordenados com cada impulso. Forçou suas pálpebras pesadas a se abrirem, desesperada para vê-lo se desfazer.

Seus olhos estavam fechados, suas mandíbulas apertadas e suas narinas dilatadas com cada movimento de seus poderosos quadris. Começou a tremer, a perder aquele último pedaço de controle, e com um grito rouco, uma última investida e se esvaziou dentro dela.

Serena se agarrou a ele, ouvindo as batidas de seu coração contra o peito, deleitando-se com a sensação de seus braços fortes ao redor dela; não queria deixá-lo ir.



Gareth deixou seu corpo por um momento, os tremores que o atormentavam diminuíram gradualmente até que tudo que restou foi uma letargia pesada e uma sensação de contentamento.

Mas não dormiriam nesta posição.

Levantou-a um pouco mais antes de endireitar as pernas com um gemido e carregá-la para o quarto ao lado, onde a deitou suavemente em sua cama.

Sorriu para ele, fez um som de contentamento e, em seguida, se enrolou e adormeceu. Gareth balançou a cabeça surpreso e puxou os cobertores para cobri-la. Quando estava coberta, seus olhos já estavam fechados, respirava em um ritmo profundo e regular.

Gareth a deixou dormindo e nu caminhou até a câmara de banho que ficava ao lado de seu vestiário. Como todas as suítes da casa, havia uma lareira que aquecia um tanque de água acima dela. O tanque ficava escondido por um painel de madeira, sobre o qual alguma alma empreendedora havia pintado uma cena pastoral. Girou a válvula que fazia jorrar água quente para a banheira.

Depois de submergir, deitou-se e relaxou. Somente por fora. Por dentro, sua mente outrora organizada estava como um navio apreendido por marinheiros amotinados.

Deveria ter dito para ela que nada estava errado, mandando-a embora. Deveria ter dito que nunca pretendeu que suas interações fossem além de um relacionamento de negócios. Em vez disso, encenou uma fantasia sexual.

Ao pensar nessa fantasia, começou a ficar tenso novamente. Venetia fazia tudo que Gareth sonhava, e muito mais. Não o surpreendeu que gostasse de restringir suas amantes. Sabia o suficiente sobre si mesmo para perceber que valorizava o controle acima de tudo: controle sobre os eventos, sua pessoa, seus arredores, sobre qualquer coisa que importasse. Controlar o prazer de sua amante tinha sido o próximo passo lógico.

Sempre gostava de suas noites com Venetia, mas esses dois incidentes explosivos com a Sra. Lombard? Gareth balançou a cabeça; não tinha palavras para o que estava sentindo agora.

As mulheres eram muito diferentes, é claro, mas não era só isso. Com Venetia, ele se deitava com ela, a deixava e a esquecia até a próxima vez que precisasse de liberação sexual.

No momento, estava muito mais distante de esquecer Serena Lombard do que *antes* de se saciar. Até onde podia discernir, cada encontro com ela parecia deixar uma marca mais profunda em sua mente e diminuir sua capacidade de controlar seus pensamentos, o que era algo que geralmente fazia com uma rigidez impiedosa.

E por falar em rigidez, nunca seu corpo fora tão exigente e insaciável no passado. Havia ejaculado uma hora atrás e a queria novamente.

Balançou a cabeça e se dedicou ao trabalho de lavar seu corpo, ignorando sua ereção insistente do jeito que ignorava qualquer outra diversão que era perda de tempo. Quando terminou o banho, tomou as rédeas e direcionou seu cérebro para um outro caminho.

Declan.

Era quase quatro da manhã. Logo estaria claro, pelo menos o suficiente para cavalgar.

Estava barbeado e vestido para sair em meia hora. Quando entrou em seu quarto, viu que ela ainda estava dormindo, mas havia se virado. Expôs um seio delicioso no processo, seu cabelo jogado sobre o travesseiro, meio para cima, meio para baixo.

Poderia ir para a cama com ela. Colocar sua boca em seu mamilo rosado e explorá-lo no conforto de seus próprios aposentos, dessa vez na horizontal. Não na beira de um rio rochoso ou exibindo sua força contra uma parede, mas com conforto.

Estava totalmente teso e a meio caminho da cama, com a mão na gravata, quando se lembrou de outro homem que se gabou por causa desta mulher apenas um dia atrás. Algo feroz e frio se retorceu em suas entranhas e Gareth levou a mão até sua barriga, sentindo como se tivesse sido esfaqueado. Mas não havia nenhum furo, nenhum corte e nem sangue. Nenhum ferimento, na verdade. Ao menos nenhum ferimento que o olho humano pudesse ver.



Serena estava tendo um sonho delicioso. Estava com Gareth, estava fazendo amor, segurando-a com força em seus braços. Estava tão apertada que não conseguia se mover. Muito apertado, na verdade. Abriu a pálpebra e sentiu um momento de terror ao não reconhecer onde estava.

E então tudo voltou, como uma enxurrada de uma calha. Levantou-se desajeitadamente, atrapalhada pela roupa de cama, que parecia ter se enrolado em torno de seu corpo do pescoço aos pés.

A primeira coisa que notou é que estava sozinha e que havia velas

queimadas nas arandelas de parede e no cômodo ao lado, o cômodo onde eles...

Desviou o olhar do batente da porta, corando fortemente, embora não houvesse ninguém para ver.

Ele tinha visto.

Cobriu o rosto em chamas com a mão gelada. Senhor. Ele tinha visto *tudo*. Certamente tinha visto mais de seu corpo do que ela própria já tinha visto.

Empurrou a roupa de cama e ouviu algo estalar. Um pedaço de papel, o nome dela – Sra. Lombard – escrito na frente por uma escrita tão perfeita que parecia a impressão de um livro.

Quando desdobrou a carta, uma segunda folha de papel caiu; era um cheque bancário, mas com o valor para o restante de seu trabalho, e não para o trimestre combinado.

Abriu a carta com as mãos trêmulas.

Sra. Lombard,

Anexado está o pagamento acordado pela totalidade do seu trabalho. Paguei-lhe todo o restante que falta, em vez de um quarto, pois não prevejo retornar para Rushton Park por algum tempo.

A mão de Serena tremia tanto que não conseguia ler a pequena e clara letra. Engoliu em seco e abriu a carta sobre a cama.

Por favor, envie qualquer pergunta ou solicitação de fundos para a minha agência em Londres. Tomei a liberdade de entrar em seus aposentos apenas para escolher uma camisola e um roupão. Ambos estão no banco aos pés da cama. Os criados foram instruídos de que a senhora não está se sentindo bem e que devem evitar a ala da família e de hóspedes até o final do dia.

Seu criado,

Gareth Lockheart.

Serena olhou para a carta como se fosse uma víbora viva; como ousava tratá-la assim como uma espécie de meretriz? Agarrou o pedaço de papel e rasgou-o em pedaços.

— Seu... seu... *demônio*. Sua *cobra sem coração*! Não, cobra é boa demais para você; uma cobra tem coração.

Ou pelo menos Serena achava que tinha. Baniu o pensamento inútil e agarrou o pedaço de papel e os rasgou em pedaços ainda menores.

— Seu canalha! Seu *poltrão*! Seu autômato! — Esta última parte gritou.

Lançou-se para fora da cama e pegou a camisola, cuidadosamente dobrada, é claro, do banco e a jogou sobre a cabeça, seus olhos varrendo o quarto extremamente limpo e escasso com um olhar mordaz. Puxou o robe e saiu de lá, sem fazer nenhum esforço para se esconder.

Disse a si mesma que estava *feliz* por ele ter fugido como um covarde, escapulindo na escuridão da noite como um vira-lata com o rabo entre as pernas. Teve amantes, ele era apenas mais um. Embora fosse um amante diferente de todos. Serena desenraizou esse pensamento – e qualquer outro pensamento positivo que pudesse ter surgido – como ervas daninhas.

Ao chegar ao quarto, lavou o rosto com água gelada, prendeu o cabelo em um coque tão apertado que a cabeça doía e vestiu a roupa de trabalho. A única coisa a fazer em um estado de espírito como aquele era trabalhar com itens inquebráveis, como pás e terra.

Foi primeiro para a sala de estudo, temendo o que teria que dizer para Oliver. Mas quando chegou, encontrou-o completando, feliz, o dever de matemática que lhe havia atribuído um dia antes das festividades.

— Olá, mamãe! Adivinha o que o Sr. Lockheart me deixou?

Serena mordeu a língua.

— Veja — ergueu um punhado de pedaços de metal. — São as peças que ele fez de acordo com meu esquema — Oliver se levantou e foi até sua mesa de trabalho, que estava organizada em pilhas, cada uma marcada com clareza e ao lado de desenhos mecânicos claramente desenhados. Parou na frente do projeto do outro lado. Mas quando Serena tentou olhar para ele, balançou a cabeça. — É uma surpresa, mamãe. A senhora não pode ver ainda.

— E se eu entrar sorrateiramente aqui e espiar enquanto você dorme?

Riu e balançou a cabeça.

— A senhora não faria isso — franziu a testa. — Faria?

Foi a vez dela rir. — Venha aqui e abrace a sua mãe.

Obedeceu e ela fechou os olhos enquanto o abraçava com força. — Você está crescendo — acusou no topo de sua cabeça. Ele balançou a cabeça e se afastou, velho demais para se submeter a abraços e carinhos.

— *Nounou* fez uma pequena marca na moldura da porta. Cresci quase meio centímetro desde que cheguei.

Serena se perguntou se algum dia seria capaz de olhar para a moldura de uma porta novamente sem sentir uma onda de calor entre as pernas.

— Estou quase terminando meu trabalho de matemática e depois vou trabalhar na minha história — não parecia tão entusiasmado com seus estudos de inglês e francês quanto ficava com matemática e história.

— Quando terminar, desça até o *parterre* e poderá me ajudar. Até pagarei pelo seu trabalho.

— A senhora vai?

Serena se sentiu péssima com a empolgação dele. Dava-lhe tão pouco dinheiro que até centavos para doces eram ganhos com dificuldade. Graças a Etienne. A lembrança do patife a fez se lembrar de Dover. Fechou os olhos por um momento. Bem, pelo menos não teria que explicar sua viagem para seu empregador, não é mesmo?



Biddenden era o nome da cidade que Declan havia escolhido para sua vida no campo e Biddenden Twins era o nome da estalagem onde estava hospedado.

Gareth tomou seu tempo, forçando-se a demorar. Por que a pressa? Afinal, o que o esperava não seria nada agradável. Mesmo tendo feito várias paradas e acalmado sua montaria, Trovão – um nome ridículo que Oliver deu ao cavalo quando soube que Gareth ainda não o tinha batizado – estava cansado e ele também quando chegaram na pequena cidade agrícola.

A primeira pessoa que Gareth viu ao entrar no pátio foi o postilhão que trouxera a mensagem.

O homem de estatura pequena disparou para frente para pegar a montaria de Gareth.

— Boa tarde, Sr. Lockheart.

Gareth balançou a cabeça, tirando as luvas enquanto olhava com aprovação ao redor do pátio limpo e arrumado. Pelo menos não parecia ser o tipo de lugar onde houvesse lençóis úmidos e fosse tomado por insetos.

— Ah! Bem-vindo, bem-vindo, Sr. Lockheart, presumo. — Um homem corpulento de avental veio correndo em sua direção, seu sorriso ofuscante

prova que o dinheiro extra fora bem concebido.

— É o Sr. Trencher?

— Sim, senhor, a seu serviço. Willie, pegue a mala do Sr. Lockheart e leve-a aos seus aposentos — virou-se para Gareth. — Coloquei-o ao lado do Sr. McElroy, pois acredito que é assim que o senhor gostaria.

Gareth agradeceu a duvidosa honra e o seguiu até a estalagem.

— O Sr. McElroy saiu? — olhou ao redor do interior escuro da taverna, achando que este era o lugar mais provável para encontrá-lo. Mas apenas dois fazendeiros estavam sentados na escuridão quase total.

Trencher fez um gesto para que Gareth o seguisse até o corredor, onde parou e olhou com um olhar vermelho e desconfortável.

Gareth suspirou. — Eu mesmo falarei com ele se estiver acompanhado, Sr. Trencher.

— Ah, sim, quanto a isso. Bem, o Sr. McElroy não sai de seu quarto há algum tempo. Desistimos de enviar as meninas para limpar, são minhas filhas, o senhor vê, e...

— Sim, é claro. Entendo que é melhor manter as mulheres longe dele. Está doente?

— Oh, não, nada sério. Apenas um pouco com as pernas trêmulas, se o senhor me entende.

Gareth franziu a testa. Era como pensava: bêbado.

— Como ele está conseguindo as bebidas?

Percebeu que a pergunta surpreendeu o estalajadeiro. — Ora, nós levamos para ele, senhor.

— O senhor deve parar com isso imediatamente. Quando ele chamar, traga cerveja e nada mais forte que isso — fez uma pausa, considerando os próximos dias e como provavelmente seriam desagradáveis. — O senhor disse que me colocou nos quartos adjacentes. Existem outros quartos?

— Oh, sim, mais dois ali e outros dois no sótão.

— E eles estão ocupados?

— Qual, senhor?

— Todos eles.

Coçou a testa, claramente confuso com a direção e o ritmo da conversa. — Ainda não, senhor. É uma época devagar, a primavera está...

— Desejo reservá-los.

Trencher semicerrou os olhos. — Perdão, senhor? O senhor acabou de dizer...

Gareth percebeu um grande cansaço crescendo dentro dele. Esse tipo de transação ou discussão, em que muitas outras palavras eram ditas além do necessário, fazia com que ele quisesse se enfiar na cama e se esconder.

— Sim, vou pagar por cada quarto aqui. Não reserve para mais ninguém.

— Uh...

Gareth jogou as luvas dentro do chapéu e entregou os dois ao estalajadeiro, junto com seu chicote. — Meu valete não se juntará a mim. O senhor tem alguém para atender às minhas necessidades?

— Ah, sim, senhor. O marido da minha filha é...

— Por favor, envie o cavaleiro com minhas coisas e me encaminhe ao quarto do Sr. McElroy.

O quarto de Declan ficava no final do corredor, que era escuro, estreito e mal iluminado. Gareth fez uma nota mental para pedir mais velas. Bateu na porta e esperou. Quando nenhum som veio de dentro, bateu novamente com mais força.

— Que diabos você quer? — uma voz reconhecível rugiu.

Gareth abriu a porta e teve que se abaixar quando uma bota passou por sua cabeça e pousou no corredor.

Declan estava deitado na cama, os lençóis emaranhados ao redor dele, garrafas vazias no chão e o fedor nojento de odor corporal e vômito pairava sobre o quarto como uma nuvem.

Declan se inclinou para vasculhar o chão ao lado da cama em busca de mais projéteis. Apareceu com uma garrafa vazia na mão e congelou no ato de jogá-la.

Seus ombros desabaram. — Ah, é você.

Gareth respirou pela boca. — Estava esperando outra pessoa?

Dec jogou a garrafa na cama ao lado dele, onde tilintou contra algo. — Sabia que não haveria dinheiro sem um sermão.

Gareth fechou a porta, caminhou até a janela, abrindo-a, enchendo os pulmões de ar que não cheirava a esgoto.

Virou-se e apoiou no peitoril, não queria se afastar da fonte de ar. — Se bem me lembro, foi *você* quem *me* deu um sermão na última vez que conversamos.

Declan não respondeu. Parecia pior do que Gareth jamais o vira; magro, com a barba por fazer, pele amarelada e pouco saudável.

Gareth olhou para seu melhor amigo no mundo. A única pessoa que sabia tudo sobre ele e ainda o apoiava.

— Não quero lhe dar um sermão, quero ajudá-lo.

O irlandês se voltou como um cão raivoso que fora chutado. — Bem, *não pode* me ajudar, Gareth! Estou além de ajuda.

— Ninguém está além de ajuda. O que aconteceu?

— O que diabos você acha que aconteceu?

— Você perdeu muito dinheiro com jogatinas?

— Perdi *tudo* com jogatinas.

Algo frio desceu por sua espinha. — Tudo? O que está querendo dizer?

— É um *maldito* gênio, descubra — olhou-o venenosamente. — Não se preocupe, não toquei em nada que pertença a você ou à empresa. Tudo que perdi era meu.

Gareth nem mesmo considerou a possibilidade de que Declan pudesse ter apostado tudo o que tinha. Mas era verdade, o outro homem tinha direitos administrativos sobre todas as contas de Gareth. Ainda assim, a quantidade de dinheiro que Dec jogou fora deve ter sido na casa das centenas de milhares. Metade de tudo o que já ganharam, na verdade. Há quanto tempo isso estava acontecendo? Como Gareth poderia não ter percebido?

Esfregou a têmpora, que latejou pesadamente durante boa parte do dia; a dor de repente ficou aguda.

— Então, nem tudo acabou.

— Sua metade é sua. Não vou aceitar suas malditas esmolas.

— Não poderia gastar todo o dinheiro que tenho em cem anos, e cada dia entra mais. De acordo com meus cálculos, nossa nova cerâmica pode ser nosso empreendimento de maior sucesso. Com os contratos que...

— Não me importo.

— Declan, sempre foi aquele que entende as outras pessoas, suas fraquezas, nuances, expressões, desejos, maquinações. É uma grande fraqueza minha não conseguir ver o cerne de nenhum problema que envolva as pessoas — o rosto de Serena apareceu em sua mente, o baniu impiedosamente. — Mesmo você, a única pessoa que *me* conhece, a pessoa mais próxima que um irmão, eu realmente não conheço. Olho para você e fico perplexo com o que o

move, o que lhe interessa, o que o faria feliz. Confio em você com minha vida, com tudo o que tenho, e daria minha vida para salvar a sua — balançou a cabeça, seu medo mais profundo e assustador do que qualquer um que pudesse se lembrar desde que os dois eram meninos. Desde aquela noite em que tudo mudou. — Sei que sente o mesmo, sei disso. Tão certo quanto conheço a Sequência de Fibonacci ou o Teorema de Pitágoras.

Ergueu os olhos das mãos cerradas e encontrou o amigo o encarando, olhos vazios e mortos.

— Deixe-me ajudá-lo Declan, por favor. Porque se morrer, matará nós dois.

Ficaram sentados em silêncio por tanto tempo que Gareth achou que nunca fosse responder.

— Não sei o que me aflige, Gare. Não sei — disse, como se Gareth tivesse respondido. — Não pude acreditar na primeira vez que compramos uma empresa, mudamos de ideia e ganhamos dinheiro — balançou a cabeça enquanto lembrava do passado, o fantasma de um sorriso em seus lábios. — Eu me sentia rico, *tão rico* — ergueu o olhar. — Mas esse buraco dentro de mim, entende?

Gareth entendia.

— O dinheiro não o preencheu, parece apenas tê-lo aumentado.

Gareth assentiu. Não tinha palavras melhores para o que Declan estava descrevendo, mas conhecia o sentimento tão certo quanto conhecia seu reflexo em um espelho. Percebeu rapidamente que o dinheiro não resolveria o problema. Para ele, foi a busca pelo conhecimento que preencheu o vazio, pelo menos enquanto permanecia enterrado lá dentro durante a busca. Sempre que se aventurava no mundo mais amplo – qualquer ocasião sem um livro, fórmula ou jornal – olhava para baixo e descobria que o buraco havia aumentado, que estava parado na borda, olhando para algo pior do que a escuridão.

— Tive que fazer aquilo, não tive? — era uma pergunta que Declan não fazia há dezenove anos.

Gareth assentiu. — Era eu ou ele, Dec. Depois de mim, ele teria ido atrás de você. Você nos defendeu, você salvou minha vida.

— Eu sei, eu sei — as palavras saíram como um gemido. — Já disse isso a mim mesmo diversas vezes. Mas uma vez assassino, sempre assassino.

Gareth não acreditava nisso, mas seu amigo precisava de algo mais. — Não acho que o buraco possa ser preenchido com dinheiro, ou bebida, ou jogo, ou uma fila interminável de mulheres — Dec abriu a boca, mas Gareth levantou a mão. — Deixe-me terminar. Não estou dando-lhe um sermão, estou dizendo em voz alta o que é verdade sobre nós dois. Não jogo nem bebo, mas me enterro nos números e na clareza e entorpecimento que me dão. Quando não posso, sou... bem, viu o que eu sou. Não consigo funcionar em uma sociedade, não consigo falar com as pessoas de quem somos sócios ou investidores — balançou a cabeça negativamente —, não posso ir a um baile no campo sem fazer papel de idiota. Mas recentemente percebi momentos em que não sinto essa dor. Quando ajudo o garoto, quando tento fazer algo por outra pessoa, de alguma forma eu — deu de ombros, frustrado com sua incapacidade de descrever o conteúdo de sua própria cabeça. — Não sei, é simplesmente... *melhor*.

Declan espalhou as mãos nos lençóis sujos, olhando para eles como se nunca os tivesse visto antes. — Alguns dias, tudo parece tão sem sentido. Sair da cama, até — disse levantando os olhos. — Acha que é assim para todo mundo?

Era assim? Gareth abriu a porta da sua mente, onde guardava as coisas nas quais não queria pensar. A mulher foi a primeira daquelas coisas a escapar, inundando sua mente com a imagem, o cheiro e a sensação dela. Era inquieta e miserável e apenas parte de uma pessoa? Achava que não, embora muitas vezes sentisse que algo escuro se escondia sob seus olhos risonhos e modos despreocupados. O que mais sabia? Quando começou a se importar com as emoções dos outros e como interpretá-las? Ou as suas próprias emoções, na verdade.

— Não sei — Gareth admitiu. — Mas sei que não quero viver assim, odiando tanto minha vida para querer apressar o seu fim, não se puder evitar — suas palavras não o surpreenderam, embora nunca as tivesse pensado tão claramente antes.

— Gare?

Gareth ergueu os olhos.

— Sobre a mulher...

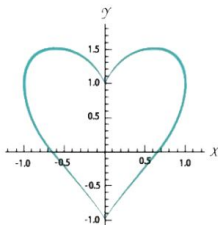
— Não se preocupe com isso.

— Não, quero dizer que sinto muito. Nunca deveria ter dito as coisas que

disse, eu estava errado.

Tão claro quanto uma pintura em um museu, Gareth viu Serena beijando seu amante, como fizera inúmeras vezes desde então. Balançou a cabeça e desviou o olhar.

— Não estava errado sobre ela, Dec. Sobre ela, estava certo.



Capítulo Dezoito

Serena desejou, não pela primeira vez, estar na suntuosa carruagem de Gareth, e não na carruagem de aluguel. Mas usar sua carruagem até Dover teria sido ultrajante, mesmo para uma pessoa que ainda estava muito zangada com o Sr. Gareth Lockheart.

Usou a carruagem dele até Sittingbourne; não teve outra escolha. Disse a Jessup que arranjaría uma carruagem para a viagem de volta, mesmo que isso consumisse uma boa parte de seu salário. A carruagem de aluguel tinha custado meio guinéu cada trajeto, o que era – a seu modo de pensar – um assalto, especialmente porque tiveram que fazer um pedaço a pé em um trecho miserável da estrada por onde a carruagem não conseguira.

Quando comprou a passagem e indagou sobre o horário, o estalajadeiro da pousada tinha se gabado de que a carruagem faria a viagem em cinco horas, seus olhos descartando-a como indigna de viajar nela de qualquer maneira, pois era mulher e estava sozinha.

Mas Serena não foi capaz de levar Nounou e deixar Oliver desprotegido. Já tinha sido difícil deixá-lo. Mais de uma vez, imaginou Etienne chegando a Rushton Park, seja para verificar seu progresso em Dover, seja para arrancar mais dinheiro dela. Viajar sozinha era um risco, mas não podia pagar o dobro da tarifa e Nounou a teria atrasado.

A carruagem partiu de Sittingbourne às sete horas, o que significava que ela teria de pagar por hospedagem em Dover, se houvesse algum lugar respeitável que a aceitasse.

No final das contas, depois de duas horas presos em uma vala e outra hora

para consertar um problema com uma roda, só chegaram à estalagem de Dover depois das três da manhã. Serena estava cansada até os ossos, todos os músculos e nervos doíam depois das oito horas de viagem batendo os dentes na carruagem ou escalando terreno irregular e íngreme.

Além de sua exaustão física, sua ansiedade com as demandas incessantes de Etienne, o comportamento inexplicável de Gareth e a perspectiva de enfrentar um grupo de contrabandistas ingleses, cobraram seu preço.

A estalagem estava acostumada a idas e vindas estranhas, e os preparativos já estavam sendo feitos para a partida da carruagem, de Dover, todas as manhãs às quatro horas, uma viagem deliciosa que Serena esperava fazer no dia seguinte.

Pela primeira vez, não trouxe todo o conteúdo de sua bolsa. Havia deixado seus votos de casamento e a preciosa miniatura enfiada sob as ferramentas em sua grande caixa de madeira, que mantinha trancada na sala de arreios. Trouxe seu caderno de desenho, no qual havia dezenas de retratos de Oliver e, é claro, todas menos uma das que havia desenhado de Gareth. Jessup adiantou seu pagamento, em cheque, dos seus serviços domésticos, mas ela não teve tempo ou oportunidade de levar ao banco. Como resultado, carregou apenas o que estimou ser necessário para esta viagem.

Pediu um café da manhã farto e comeu na sala comunal, que estava lotada de passageiros que apareciam para reivindicar um lugar na próxima carruagem. A pousada estava ocupada demais para que alguém prestasse atenção nela, pediu um segundo bule de chá depois de terminar o primeiro.

A luz estava fraca nas ruas estreitas de Dover quando pagou sua refeição e se dirigiu ao estabelecimento onde poderia encontrar os homens com quem precisava conversar.

— O contrabando não é o único problema — Etienne disse a ela. — Encontrará dois deles nas docas, onde fazem um show de cuidar de uma fileira de potes de caranguejo. O terceiro é um sapateiro com uma loja na Marine Parade.

Serena decidiu tentar o sapateiro primeiro. Afinal, um sapateiro manteria um horário regular. Os outros dois podem ficar na água por vários dias pescando.

Serena soube através de um postilhão chocantemente jovem que a distância entre Snargate Street e a loja do sapateiro era de apenas alguns

minutos a pé. As pessoas se moviam e os peixeiros já estavam montando barracas quando chegou ao porto. Ficou bastante surpresa ao perceber que o sapateiro estava situado a uma pequena distância da alfândega. Isso não era *estranho* para um contrabandista?

Serena não gostou nada da aparência do estabelecimento, que tinha a fachada escura e sombria, a vitrine única cheia de sapatos velhos e uma placa de madeira desbotada. Uma luz fraca brilhou além do vidro sujo e salpicado de moscas, indicando que provavelmente estava aberto.

Entrou e encontrou uma sala estreita com um homem na outra extremidade. Parecia ter a idade dela e levantou os olhos para cumprimentá-la. — Pois não?

— Estou procurando por Chapelão.

— Cê tá? — ele voltou sua atenção para a bota, cuspindo e polindo. — E quem é ocê?

— Etienne Bardot me enviou.

O som rouco e ensurdecedor parou. — Pai! — Gritou alto o suficiente para ser ouvido na alfândega do outro lado. Retomou seu trabalho.

Um cobertor pendurado se moveu atrás dele e um homem mais velho e corcunda apareceu. Os dois consultaram-se em voz baixa, olhando-a severamente. Bem quando estava começando a se perguntar se deveria sair e tentar um dos outros em sua lista, o homem mais velho acenou para ela.

— Venha até aqui — desapareceu atrás da cortina.

Serena engoliu em seco; ele queria que o seguisse até atrás da cortina?

O sapateiro continuou trabalhando em sua bota, sem lhe dar atenção. Ela não queria passar por uma porta coberta com um cobertor em uma loja de sapato que cheirava a mofo e a botas velhas, mas o que mais estava esperando?

Caminhou passando por pilhas de calçados esfarrapados e passou bem longe do jovem. Do outro lado do cobertor havia uma sala apertada com um forte cheiro de repolho e corpos sujos. Era tudo um único cômodo: cozinha, mesa tomada por louças sujas, duas camas com pedaços de cobertores retorcidos e uma pequena lareira a carvão que mal cortava a umidade.

O velho já estava sentado em uma das duas cadeiras e apontou para a outra.

— Bardot mandô ocê?

Levou um momento para decifrar as palavras dele, ditas com um sotaque ainda mais forte do que aquele falado em Rushton Park.

— Sim. Vim avisá-lo para abortar seus planos para a próxima remessa. O senhor deve saber que a última remessa do Sr. Bardot foi interceptada? — ele continuou a olhá-la. — Acredito que dois homens morreram e um outro foi detido.

O velho fumou seu cachimbo e a observou através da fumaça. Seu rosto parecia uma máscara de couro curado.

— E Bardot mandô ocê?

Serena perguntou se ele tinha ouvido o que acabara de dizer.

Falou com mais clareza desta vez. — Estou aqui para garantir que nenhum de vocês seja pego pelos fiscais. É possível que saibam da remessa pelo homem que estão mantendo detido.

Ele chupou a haste do cachimbo.

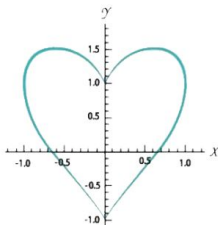
Serena suspirou e se levantou. — Isso é tudo que vim dizer. Gostaria que o senhor alertasse os seus associados. Espero ter lhe poupado alguns problemas.

Virou-se e voltou pela cortina. O jovem sapateiro tinha ido embora e uma cortina amarela esfarrapada fora puxada para baixo para cobrir a janela. Quando Serena tentou abrir a porta, a encontrou trancada. Puxou novamente, dessa vez com mais força, achando que talvez não tivesse girado a maçaneta da forma correta.

Ouviu o som de uma bota se aproximando atrás dela, logo antes de uma luz brilhante explodir em seus olhos, acompanhada por uma dor aguda e o som de sua própria voz.

— O que — ela queria dizer mais, mas foi tudo o que conseguiu dizer.

A última coisa que Serena pensou ao deslizar para o chão foi que deveria ter dito para Gareth que o amava.



Capítulo

Dezenove

Gareth rapidamente percebeu que não podia simplesmente pegar Dec e ir embora. O homem vinha abusando de si mesmo há semanas. Estava magro, fraco e tinha desenvolvido uma sede terrível por bebidas. Sem discutir o assunto abertamente, o irlandês concordou tacitamente com a remoção de qualquer coisa mais forte do que a cerveja da estalagem.

A primeira noite foi ruim, mas as duas seguintes foram ainda piores. Na quarta noite, Declan dormiu a maior parte da noite, mesmo que Gareth não conseguisse.

O sonho o pegou quase imediatamente quando deitou a cabeça no travesseiro. Passaram-se anos desde que começara a ser atormentado por ele noite após noite. Era grato pelos gritos que dava, esses gritos o acordaram em duas ocasiões, não podiam ser ouvidos além dos quartos que o cercavam. E do outro lado estava a suíte de Declan, e seu amigo não estava em condições de ouvir nada além de sua própria agonia.

Passaram a maior parte dos dias jogando cartas, dormindo ou lendo. Conseguia descansar dando breves cochilos. Quando não conseguia dormir, tentava resolver as equações no jornal que trouxera com ele. Quando Dec começou a se sentir melhor, passava a maior parte lendo um livro de romance que a esposa do estalajadeiro lhe emprestara.

No quinto dia sem beber e com refeições regulares, Declan estava com o rosto rosado e quase saudável. Naquela manhã, o homem que Gareth contratara como valetê temporário ajudara o irlandês tomar um banho, fizera-lhe a barba e lhe dera um corte de cabelo que o deixava com a aparência mais

aceitável.

Estava usando uma camisola limpa e um roupão novo, recostado numa cadeira ao lado da janela lendo o romance miserável chamado *Emma*. Estava gostando muito do livro e já havia interrompido Gareth diversas vezes para ler alguns versos.

— Aqui Gare, escuta este: as coisas bobas deixam de ser bobas quando feitas por pessoas sensíveis de forma destemida — riu e deu um tapa na coxa.

Gareth cerrou os dentes e olhou para a página quase em branco à sua frente. Embora estivesse grato pela capacidade do livro de entreter seu amigo e manter sua mente longe de pensamentos mais destrutivos, desenvolveu um ódio permanente pela implacável Emma Woodhouse, por sua amiga estúpida que se apaixonava e desapaixonava com mais frequência do que a maioria das pessoas trocava de meia, e o bajulador Sr. Elton, cuja subserviência implacável apenas reafirmava todas as suspeitas que Gareth já tinha feito sobre vigários e clérigos.

Agora que seu amigo parecia ter recuperado um pouco de sua saúde e bom humor, Gareth não se sentia mais consumido por preocupação com ele a cada minuto. Em vez disso, agora tinha muito tempo para se preocupar com outras coisas. Enquanto Declan dormia e convalescia, Gareth pensava cada vez mais nos motivos pelos quais era imperativo que voltasse para Rushton Park. Disse a si mesmo que não precisava de nenhuma desculpa, pois aquela era a *sua casa*, mas odiava pensar como pareceria idiota se lamentasse depois da carta que havia deixado para ela.

Lembrar-se da carta fez com que fizesse uma careta, embora tivesse se assegurado de que não havia dito nada cruel. Tentou imaginá-la beijando Bardot e desenvolver algum tipo de raiva como forma de desculpa pelo teor frio da carta. Mas descobriu que seu pensamento sobre aquela imagem mental chocante havia esmaecido durante o tempo em que estivera fora. Seus pensamentos tinham sido substituídos por imagens mais prazerosas, a lembrança de seu corpo envolto na sua camisola molhada e translúcida, ou seus braços acima de sua cabeça, seu corpo vulnerável às suas mãos e a sua boca.

Fechou os olhos com nojo quando percebeu que estava, mais uma vez, duro como uma estaca.

— Gare, dê uma olhada aqui. Aquele não é um dos seus cavaliários?

Gareth ergueu os olhos. — O que?

Declan estava inclinado, olhando pela janela, que dava para a parte de trás da estalagem.

— Sim, juro que é o sujeito chamado Timkins. E aquele se parece com um de seus novos cavalos, aquele que o menino chamou de Relâmpago.

Gareth saiu de trás da mesa para olhar pela janela. Sim, era Timkins, ele estava falando com o estalajadeiro, seguindo-o para dentro. Mas que diabos?

Houve uma batida na porta alguns minutos depois.

Timkins e o estalajadeiro estavam no corredor.

— Ah, Sr. Lockheart. Este cavalheiro disse que tem uma mensagem para o senhor. Pensei em acompanhá-lo e me certificar de que...

— Sim, é meu empregado. Obrigado, Sr. Trencher. Entre, Timkins.

Gareth fechou a porta na cara do estalajadeiro antes que ele pudesse recomençar a falar e se virou para o jovem cavaleiro. — O que aconteceu?

— O Sr. Jessup me enviou, senhor — Timkins, familiarizado com a preferência de seu mestre pela brevidade, entregou-lhe um envelope grosso.

Olhou para seu criado coberto de pó e percebeu que, decerto, saíra bem cedo para chegar a alcançá-lo antes do meio-dia. — Vá se recompor, Timkins. Reservei todos os cômodos deste andar e os de cima, escolha um deles para você.

Timkins acenou e saiu sem dizer uma palavra.

Gareth percebeu que Declan havia se levantado de sua cadeira e estava olhando para a carta em suas mãos.

Abriu a carta e encontrou duas folhas de papel separadas. A primeira trazia a escrita elegante de Jessup:

Sr. Lockheart,

Esta carta foi encontrada à primeira luz do dia por um dos criados, encravada entre as portas principais (a carta trazia a data de hoje) e dirigida ao senhor. O senhor notará a palavra “urgente” escrita no envelope e o seu nome. Dada a natureza da sua forma incomum de entrega, achei melhor enviar Timkins imediatamente. Teria consultado a Sra. Lombard, mas ela fez uma viagem inesperada para ajudar um amigo doente em Dover.

Atenciosamente,

M.J. Jessup

Os olhos de Gareth prenderam-se na última frase, que claramente não era nada da natureza de Jessup. Por que consultaria a Sra. Lombard sobre esse assunto? A resposta para isso era simples: não consultaria. Jessup não falava sobre os negócios de Gareth com ninguém. Era um modelo de discrição. Se acrescentou esta frase, foi para indicar – em seu jeito inescrutável – que algo estava errado.

Gareth olhou para cima e encontrou o olhar impaciente de Declan. Entregou-lhe a carta e abriu o segundo envelope, que era menor.

Para o Sr. Garth Lockhart,

aquele que é um homi insensível de negóssio. Estamos com uma pesoa que o sinhô conheci e por encuanto ela istá sigura, mas não prometemo que ela vai continuá sigura. Se o sinhô quisé sabê se ela istá com boa saúde, vai tê que vi até aqui sem ninguém com o sinhô e é pra trazê £2000 de recompensa pelo nosso trabaio duro. Vem sosinho até o Ship Hotel em Dover e diga pros homi que quer comprá um cavalo cinza. Nós vai esperá só até a lua nova.

Gareth leu a carta três vezes, mas ainda não fazia sentido. A lua nova seria daqui a quatro dias. Tinha quatro dias. Olhou para cima e encontrou Declan segurando a carta com um olhar perplexo no rosto. Seus olhos se voltaram para a carta que Gareth segurava. — E então?

Gareth dobrou a carta novamente. — Lamento, mas é uma questão de bastante urgência. O mármore italiano da Sra. Lombard está detido na alfândega em Dover.

A expressão de Declan era cômica.

— Mármore? Tudo isso por causa de uma pedra? — o espanto rivalizava com o ceticismo.

Gareth teria que agir com cuidado - outra coisa em que não era bom - se quisesse manter seu amigo fora disso. — Não é um escultor, nem eu. Parece, porém, que este é um mármore bastante único pelo qual ela estava esperando. Foi para Dover para tentar resolver o problema, mas estão se provando bastante... resistentes. Preciso ajudá-la.

— E o que pode fazer?

— Querem ver a papelada original. Sabe como esses fiscais são. Lembra do problema que tivemos com a peça que precisávamos para a fábrica em Manchester?

— Mas isso foi durante a guerra, e vinha da América.

Gareth guardou a carta e encolheu os ombros. — O que posso dizer, Declan, não vão liberar o mármore até que tenham visto os documentos — virou-se para a escrivaninha e começou a reunir seus livros e papéis.

— Vou contigo.

Gareth fez uma careta para a mesa. — Isso não será necessário.

— Por que não? Ou não quer que eu vá?

Soltou um suspiro lento antes de se virar, sua mente tentando criar uma mentira conveniente e convincente. Mentir era mais um de seus pontos mais fracos.

Então, pensou na verdade e se virou. — Eu odeio pedir, Dec...

A testa de Declan enrugou. — Odeia pedir o quê?

— Não pediria se não achasse necessário. Mas sem a Sra. Lombard, não há ninguém para supervisionar os trinta e tantos homens que estão trabalhando em Rushton. Acha que pode ficar por alguns dias, só até eu voltar?

— Quer que eu supervisione o projeto do seu jardim?

Gareth sabia que ele faria isso – que queria fazer isso – pela leve contração no canto da sua boca. Era sempre o que denunciava Declan na mesa de cartas quando tinha uma boa jogada.

— Seria apenas por alguns dias.

Dec balançou a cabeça lentamente, mordendo o lábio como se estivesse considerando o assunto. — Admito que estava começando a ficar irritado por ficar deitado o dia inteiro. Olhou para cima e sorriu, parecendo mais com o velho Declan desde que Gareth chegara. Coçou a barriga. — Também devo admitir que sinto falta das excelentes refeições da sua cozinheira e de seus tentadores bolinhos de creme.

Gareth se obrigou a sorrir e agir normalmente, embora por dentro se sentisse desmoronando.



A estrada de Dover era tão execrável quanto Gareth se lembrava. Mesmo sua carruagem, um meio de transporte de qualidade e design incomparáveis, não poderia proteger seu corpo dos sacolejos e sacudidelas.

Considerou levar seu cabriolé que era mais leve e rápido, mas não gostaria de transportar a Sra. Lombard de volta naquele veículo.

Pararam para trocar de cavalos em Canterbury, embora já tivesse trocado uma vez em Sittingbourne e a distância entre as duas cidades não fosse mais do que oitenta quilômetros. Mas Gareth estava determinado a recuperar o tempo perdido e cavalos novos eram a melhor maneira para fazer isso.

As horas sozinho em sua carruagem deram-lhe muito tempo para pensar.

Levar Declan para Rushton Park tinha sido simples o suficiente, seu amigo estava farto de Biddenden. Mas fazer arranjos para Dover sem avisar Declan sobre o que realmente estava acontecendo tinha afetado Gareth. Se Dec tivesse adivinhado o que Gareth realmente faria, teria insistido em ir com ele.

A tensão de mentir para um homem que não era apenas seu melhor amigo, mas também perito em mentir – e geralmente muito bom em farejar mentirosos – foi compensada pelo conhecimento de que Declan permaneceria em Rushton Park e manteria Oliver em segurança.

Gareth ficou chocado com a alegria – sim, não havia outra palavra para isso – que sentiu ao ver o menino novamente. E quando Oliver se jogou em suas pernas e o abraçou, não se importou com aquela invasão pessoal. Na verdade, descobriu sua mão dando tapinhas no ombro do menino antes mesmo que percebesse.

Naturalmente, Declan assistiu a tudo isso com um sorriso largo e um brilho descontroladamente divertido nos olhos. Seu amigo estava ciente de sua aversão a ser tocado por outras pessoas; Dec sabia melhor do que ninguém que uma mudança radical estava ocorrendo dentro dele. Talvez até mais do que Gareth, que simplesmente deixou o assunto de lado. Tinha muito o que fazer para ficar sentado, refletindo sobre os mistérios desinteressantes da sua própria cabeça.

Depois, mandou cartas e recebeu mensagens a qualquer hora do dia e da noite, passou um tempo mostrando os planos que Serena havia traçado e o progresso atual para Declan. Havia aproveitado o tempo para caminhar até o novo lago com Oliver, que estava fora de si de tanta empolgação por ser o

primeiro a mostrá-lo. Finalmente, depois de fazer tudo em que pôde pensar, correu para Dover, levando apenas dois cavaleiros – Timkins e Butler – que cavalgaram no baú, armados. Gareth estava viajando com uma boa quantia em dinheiro e a estrada era conhecida por atrair ladrões com suas frequentes carruagens postais.

Chegou a Dover em tempo recorde, embora a estrada estivesse esburacada e tomada por lama seca. Gareth odiava pensar como deveria ter ficado depois das últimas chuvas.

O Ship Hotel era um ponto fixo em Dover e estava em alta quando Gareth chegou. Teve que pagar o dobro da taxa habitual para reservar dois dos melhores quartos, mas acreditava que era um dinheiro bem gasto. Não conseguia imaginar a condição de Serena depois de quase uma semana nas mãos de seus captores, mas ela desejaria um banho e privacidade.

Em Rushton Park, ele próprio foi ao quarto dela e fez a mala. Ficou chocado ao ver o quão pouco ela possuía e estava com a esperança que ela tivesse mais roupas, mas que havia deixado a maior parte delas em Londres.

Quando ele subiu para o quarto de Oliver naquela noite para se despedir, notou que as roupas do garoto estavam limpas e passadas, mas estavam remendadas e bem gastas. A compreensão o consumiu desde então; ela realmente ganhava tão pouco?

Gareth baniu os pensamentos. Estava aqui, agora, e precisava manter sua mente fixa no problema em questão.

Depois de uma rápida visita ao seu quarto, desceu para a taberna, que estava repleta de clientes àquela hora da noite; sua clientela, uma mistura variada de marinheiros e viajantes recém-chegados do último navio.

Foi até o bar, onde um bruto de aparência carrancuda com um tapa-olho o cumprimentou com uma careta e perguntou o que queria comer.

Gareth pediu uma cerveja e quando o homem trouxe sua bebida, empurrou uma moeda de ouro pelo balcão. — Desejo comprar um cavalo cinza — o efeito sobre o homem foi milagroso. Seu único olho se arregalou e o seu sorriso transformou-se em um sorriso de escárnio, revelando uma boca cheia de dentes estragados que fez Gareth estremecer.

— Um cavalo cinza, cê diz? Eu conheço um homem que tem um cavalo cinza. Espere na ponte de pedra em Folkstone Road à meia-noite — virou-se e foi embora sem dizer uma palavra, mas a moeda havia sumido.

Gareth levou a caneca à boca, notou a impressão digital gordurosa na borda rachada e colocou-a de volta à mesa sem beber. Olhou para o relógio; tinha um pouco mais de duas horas de espera. Foi para a sala privada que tinha escolhido e pediu uma refeição, esperando que os padrões de limpeza no resto do hotel fossem mais elevados do que os da taberna.



Serena estava com frio, cansada, assustada e faminta por algo além de peixe seco e cerveja amarga. Mas principalmente estava entediada.

Perdeu a noção dos dias em sua pequena prisão escura, acreditava que teria passado pelo menos cinco dias, com base no número de vezes que a alimentaram. Pegaram sua bolsa, seus sapatos e sua capa para certificar que não fosse muito longe caso escapasse.

Havia pelo menos meia dúzia deles, embora os únicos rostos que viu foram dos dois sapateiros. Os outros permaneceram na sala externa e discutiam em voz baixa. Sabia que estavam discutindo sobre ela.

O mais velho veio até ela, não muito depois de terem-na levado para aquele lugar. Sabia disso porque sua cabeça ainda latejava e doía devido ao golpe.

Estava encolhida em uma cama desconfortável, tentando dormir sem sucesso quando a porta se abriu e um homem entrou.

Serena se levantou, estremecendo com a dor que o movimento causou.

— Discurpa pela sua cabeça, moça — sentou-se em uma cadeira, fumando seu cachimbo infernal.

— Eu sinto muito por ter despendido tempo, trabalho e dinheiro para vir até aqui para alertá-lo. Deveria tê-lo deixado buscar a mercadoria e levado um tiro. Eu deveria ter...

— Não tem mercadoria nenhuma.

— O que?

Chapelão assentiu. — E ninguém foi preso ou morto.

— Está mentindo.

Ele balançou a cabeça, um brilho de pena em seus olhos.

Serena olhou para ele. — Mas, por quê? Por que ele me diria uma coisa dessas?

— Não sei.

— Então, se não houve prisão e não teve nenhum problema, por que me trouxe aqui?

Ele encolheu os ombros.

Serena teve vontade de gritar.

— A verdade é que seu primo não é uma pessoa boa. Ele é podri até os osso. Ele tinha umas pessoa para pegá as mercadoria de nós, mais nós foi mais isperto e acertamo eles. Mais infelizmente *nóis* errou ele e ele deu no pé.

Serena desvendou o discurso distorcido lentamente. — Quer dizer que ele tentou enganá-lo?

Ele assentiu.

Ela riu, um som desagradável sem humor. — Bem, lhe asseguro, não significo nada para meu primo. Se sua intenção é que ele me resgate, vai ficar esperando por muito tempo.

— A senhorita mim entendeu errado, moça. Nós num istá esperando ele não.

Serena só conseguia olhar. Quem mais ele poderia acreditar que pagaria pela libertação dela? Não tinha nada nela para indicar qualquer relacionamento com ninguém. Só tinha um pouco de dinheiro e...

— Oh, não.

Ele assentiu. — Oh, sim. Até mesmo nós já ouviu falá de Gareth Lockart. Um dos homi mais rico da Inglaterra — fez uma pausa. — Ele é um bucado istranho pelo que nós pôde vê. Mais ele tem o coração moli.

— Só porque você encontrou um cheque dele não significa que vai me resgatar. Sou empregada dele.

Isso fez o velho rir. — Oia, sim, e uma boa empregada.

Seu rosto queimou na sala fria e úmida. — *Não* sou amante dele. Sou sua paisagista e escultora.

— Ah então é assim que as pessoa elegante istão chamando isso hoje em dia? — riu de uma forma que a fez desejar estar com seu maior macete e um de seus cinzéis.

Serena acenou. — Vá em frente, ria e espere. Vai esperar muito tempo.

Ele ficou de pé, jogou a cinza do seu cachimbo no chão e pisou sobre ela, ainda rindo sozinho. Idiota.

Essa foi a última vez que alguém falou com ela. Mas não a última vez que alguém entrou em seu quarto. O sapateiro mais jovem chegou no terceiro dia e não trouxe comida. Teria reconhecido a luz em seus olhos, mesmo se não tivesse começado a desabotoar a aba de sua calça assim que entrou.

— O que você quer? — exigiu, ganhando tempo enquanto seu sangue gelava.

Ele riu. — Quero prová um poco o que os homi rico comi — os olhos dele piscaram bruscamente enquanto a fitava dos pés à cabeça, para seus cabelos sujos e desgrenhados há dias. Podia imaginar que devia estar parecendo – e cheirando – horrível, mas a protuberância em suas calças a convenceu de que ele pensava o contrário.

Recuou contra a parede, seus olhos correndo o perímetro do quarto em busca de algo que pudesse usar para acertá-lo, batê-lo ou golpeá-lo. Mas a única coisa que tinha era a cama em que ela estava deitada e um velho banquinho que era pesado demais para tentar levantar.

— Vou gritar — ameaçou, quando ele se aproximou, sua calça engordurada e manchada se abrindo para revelar ceroulas ainda piores.

— Não com a boca cheia, ocê não vai.

De repente, era 1806 novamente. Era inverno e ela estava se escondendo na casa de Favel com duas outras mulheres. Comiam o que podiam colher, evitando acender qualquer fogo para não chamar a atenção dos soldados que estavam roubando e estuprando seu próprio povo.

Estava voltando do bosque, onde havia encontrado um pato gordo na armadilha de algum caçador ilegal. Valeria a pena arriscar acender uma fogueira para comer um pouco de carne. Estava com pressa, tão animada com seu tesouro que não prestou atenção quando virou a lateral dos estábulos abandonados de Favel e deu de cara com um peito duro. O peito de Etienne Bardot, no final. O líder de seu pequeno bando de estupradores e saqueadores.

Esse foi o começo de um pesadelo que durou cinco longos meses.

O jovem sapateiro, nem sabia o nome dele, aproximou-se da beirada da cama e abaixou suas ceroulas imundas.

— Seja uma boa menina, agora — disse, empurrando seus quadris em direção a ela. Exatamente como Etienne havia feito tantas vezes.

Ela sorriu e então abriu a boca o quanto conseguiu.

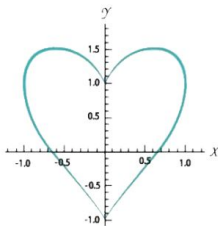
No próximo minuto ele estava chorando com as mãos nos quadris desnudos e sangue jorrava por entre seus dedos quando os homens abriram a porta. Serena encontrou força em lugares que nem sabia que existia. O suficiente para levantar o banco pesado e prendê-lo por entre as pernas.

Os homens a levantaram da cadeira e a colocaram sobre a cama. Eles se inclinaram sobre o sapateiro que chorava e se contorcia e pegaram suas mãos, praguejando com o que encontraram.

— Leva ele até o velho Fletcher — disse um dos homens, ambos usando máscaras de lã escura, aquelas que eram usadas à noite na água.

— Sim — disse o outro virando-se para ela, os olhos arregalados. — A senhorita acertô ele em cheio, moça. Mais acho que ele mereceu.

Serena estava no canto, os joelhos puxados até o peito, tremendo mesmo com o suor que ardia em seus olhos. Em sua boca podia sentir o gosto de sangue e o quarto em que estava parecia ser o mesmo que escapara, dez anos atrás.



Capítulo Vinte

Gareth não se surpreendeu quando sentiu a ponta de uma pistola tocar sua nuca. Tinha ouvido o homem se aproximando por entre as árvores, afinal. Ele tinha feito mais barulho do que uma manada de cavalos.

— Não tente nada engraçado.

— Não tenho nada engraçado planejado — Gareth disse, falando a verdade.

Seu captor grunhiu e o revistou, rapidamente encontrou o pacote de dinheiro. Chalmers ficaria muito aborrecido se soubesse que Gareth havia guardado um objeto tão volumoso em seu casaco, um dos favoritos de Gareth, um superfino verde escuro.

Ouviu vozes abafadas atrás dele; então, tinha mais de um. O relincho suave de um cavalo lhe disse que soavam como uma manada porque, na verdade, haviam trazido uma manada de cavalos. Nada inteligente se estivessem se aproximando de um homem que não quisesse ser capturado.

Depois de um debate acalorado, durante o qual a pistola desapareceu da nuca, uma segunda voz falou.

— Vou vendá os seus olhos e depois você vai subir neste pône. Eu isto seguro as rédeas, então é meu você não tentará escapar.

Gareth quase sorriu. Escapar? Depois de ter se dado tanto trabalho para ser capturado?

Mas o cheiro e a textura do pedaço de pano que lhe cobria os olhos tiraram qualquer sorriso que pudesse ter no rosto. Engoliu em seco com a sensação e teve que se esforçar para não vomitar. A ironia de estar mais

incomodado por um pano sujo do que por uma pistola carregada não passou despercebido.

Quando a venda estava no lugar, sentiu mãos tocarem seus ombros empurrando-o para perto do forte cheiro de cavalo. Na verdade, trouxeram para ele um pônei, uma daquelas raças robustas próprias para montar nas montanhas. Seus pés quase se arrastando no chão, pois o cavalo era muito pequeno. Se tivesse escolha, teria caminhado e poupado o pobre animal, mas não lhe ofereceram, não quis discutir. Ou falar com eles, na verdade.

O pônei se virou e voltou pelo mesmo caminho que tinha vindo, ou próximo o suficiente. Era possível ouvir o som de outros animais por todos os lados, então havia outros e eles não o colocaram em um cavalo em miniatura apenas para humilhá-lo.

Contou enquanto caminhavam, medindo os minutos. Aproximadamente aos quinze minutos, sentiu o cheiro forte do ar salgado pouco antes de começarem uma descida íngreme. Imaginou que teriam seu covil em algum lugar perto da água.

Demorou mais nove minutos antes que o terreno se nivelasse. O som agora era de cascos sobre as pedras, podia sentir o cheiro de ar úmido e salgado. Então, estavam indo em direção à praia. Mas três minutos depois, voltaram para cima novamente e folhas e galhos roçaram seu corpo. Pararam menos de um minuto depois.

— Tudo bem, desça — aquele era o primeiro homem e segurou o bíceps de Gareth, fazendo-o ficar tenso. — Devagar, pronto. Eu istô com a minha pistola — deu um forte puxão e Gareth quase caiu do cavalo.

— Ocê tem bastanti carni, deve sê por causa do tanto de dinhêro que ocê tem, né?

Risadas grosseiras saudaram esse gracejo maçante, e Gareth calculou que talvez houvesse cinco homens no total. Sentiu um cilindro cutucando seus ombros.

— Ande.

Entraram em uma espécie de habitação, algo com piso de madeira, que aumentava o passo de botas ao seu redor. Outra consulta em voz baixa e, em seguida, dedos movendo-se rudemente atrás de sua cabeça.

Piscou os olhos na escuridão, vagamente distinguindo pelo menos quatro sombras que pairavam às bordas do que parecia ser um pequeno ambiente,

quase vazio.

O homem menor, o único sem capuz, deu um passo em sua direção segurando o pacote de dinheiro nas mãos. — Aqui não tem £2000.

— Está certo.

— O acordo era £2000.

Gareth respeitou bastante a unicidade de propósito do homem.

— Receberá os outros £1500 quando eu a vir.

Suas palavras causaram murmurinhos entre eles e uma das figuras, que mancava, empurrou o homem menor e alcançou o pescoço de Gareth.

— Fiquem parados! — o líder gritou. Para um homem pequeno, tinha um impressionante par de pulmões e um tom de comando. Mesmo assim, o homem muito maior hesitou, e por um momento Gareth pensou que ele fosse desobedecer. Mas seus ombros cederam e ele abaixou as mãos, recuando com sua estranha curvatura flácida.

Outra conversa se seguiu, desta vez mais alta e menos cuidadosa, como se ele fosse surdo e ao mesmo tempo de confiança, rico e com a construção robusta.

Como se fosse um idiota.

Gareth sabia a que estava destinado, o contrabandista nunca o teria deixado ver seu rosto se tivesse qualquer intenção de deixá-lo sair vivo daquela cabana. Para esses homens, £2000 era uma fortuna, mesmo dividida entre cinco. Não apenas discutiram sobre Gareth e suas opções, mas também discutiram sobre seu companheiro que estava faltando, o quinto membro, cujo atraso estava causando uma certa preocupação.

Gareth examinou a lama na ponta de sua bota lustrosa e franziu a testa enquanto seus captores finalmente concordaram que não havia mal em deixá-lo ver Serena, já que estariam juntos em breve, de qualquer maneira. Gareth acreditava que aquilo tinha uma finalidade ameaçadora.

O homem menor se aproximou e gesticulou para a única porta além da que usaram para entrar, e Gareth o precedeu. Havia um cadeado velho na porta e o homem se atrapalhou com a chave por um bom tempo até que ela deu um clique quase inaudível. Removeu o cadeado e empurrou a porta.



Havia muito mais atividade do que o normal do lado de fora da prisão de Serena nas últimas horas. Em seu quarto sem janelas, não sabia dizer se era noite ou dia, mas deviam ter trazido sua refeição do meio-dia horas atrás. Não que a substância das refeições tivesse mudado, era peixe seco e cerveja, três vezes ao dia. Pediu água a um de seus carcereiros, algum tempo atrás, mas ignoraram seu pedido. Também haviam ignorado seu pedido para que esvaziassem seu penico, até que ameaçou jogá-lo na próxima pessoa que passasse pela porta. O incidente da mordida fez uma coisa pelo menos, os convenceu de que poderia ser perigosa.

Acreditava que estavam ali para se livrar dela. Serena não era burra. Poderia identificar o sapateiro e seu filho. Nunca a deixariam ir embora, mesmo que Gareth mandasse alguém com o dinheiro do resgate. Esse pensamento estava pairando no fundo de sua mente por dias, mas esta foi a primeira vez que parou para pensar sobre a situação: iria morrer. Ou nesta pequena cela miserável ou com pedras amarradas aos tornozelos no fundo do oceano. A única coisa que a consolava era saber que Oliver seria bem cuidado. Sem ela para ser chantageada, Etienne não teria motivo para contar ao duque e à duquesa sua verdadeira origem. Oliver iria morar com os avós, como sempre quiseram.

E mesmo que a verdade vazasse de alguma forma, Gareth cuidaria de Oliver. Tinha visto sinais de sua bondade em toda sua propriedade. Ele pode não se importar mais com ela, mas o viu com seu filho, viu como perdeu um pouco de sua reserva na companhia de Oliver. Gareth cuidaria dele.

Aceitar seu destino a fez se sentir mais forte, menos sozinha, em vez de com mais medo. Então, quando ouviu o barulho da fechadura, levantou-se com um salto, recusando que seus captores a encontrasse no canto ou encolhida na cama.

A porta se abriu, mas em vez de um carcereiro encapuzado, foi Gareth quem entrou.

Serena achou que era fruto de sua imaginação. Alto, grande, rosto severo, vestido com perfeição e sem um fio de cabelo fora do lugar. E muito quieto.

Deu um passo à frente com a mão estendida. — Gareth?

Um leve rubor subiu em suas bochechas ao som de seu nome e Serena se lançou sobre ele. — É real! — Suas palavras foram abafadas contra o peito musculoso dele, com seu perfume maravilhoso e seu confortável peitoral.

Seus braços se fecharam em torno dela com mais força do que os anéis de metal em um barril.

Sentiu a pressão dos lábios dele no topo de sua cabeça. — Serena.

Olhou para cima ao som de seu nome de batismo em seus lábios e ele reivindicou sua boca, seus beijos ferozes, seu aperto tão forte que doía.

Mãos se colocaram entre eles, como se para separá-los. — Já chega — uma voz ordenou, enquanto outro par de mãos a puxava, ou pelo menos tentava.

— Cristo! Eles estão mais apertado que dois mardito marisco — outro disse, causando risos por toda parte.

Um metal frio foi colocado contra sua têmpora e os braços de Gareth a soltaram.

— Já chega, já chega. Isso é muito comovente. Agora, nós qué o resto do dinhêro.

Antes que Gareth pudesse responder, houve três batidas rápidas, uma pausa e depois outra.

Quem segurava a arma baixou o braço. — Já era hora. Abra a mardita porta, Kedge.

As coisas se tornaram um borrão naquele ponto.

Gareth deu-lhe um empurrão que a lançou de volta para a cama enquanto gritava: — Vá! — como se ela tivesse alguma escolha. Ele virou o cotovelo direito e um estalo *retumbante* encheu o pequeno quarto, seguido por um rugido agonizante quando o homem caiu para trás, cambaleando para fora do quarto sobre um dos outros homens. Gareth fechou a porta com força e deslizou o banco pesado na frente dela no momento em que um tiro de pistola soou e estilhaços da porta de madeira se espalharam pelo quarto.

O corpo de Gareth pousou sobre o dela e ele a arrastou para o chão, cobrindo-a como um escudo humano enquanto um segundo tiro encheu o ar, este soando mais longe.

— Fique quieta — ordenou, quando ela tentou se levantar para ver.

Ocorreu-lhe que ele gostava de dar ordens, mas decidiu que essa seria

uma atitude sábia para obedecer.

— Estará segura em breve — disse a ela, aliviando seu peso sobre um cotovelo para que não a esmagasse. O que era muito ruim, na verdade, já que ela gostava muito de ser esmagada. Embora ela supusesse que sua condição atual era uma afronta a um homem tão exigente com a higiene quanto ele.

— Quem são eles?

— Oficiais, policiais e um agente da Bow Street Runner chamado Steele.



Serena precisou de dois banhos para poder tirar toda a sujeira e eliminar o cheiro que estava impregnado nela.

Exatamente como Gareth previra, a briga terminou rápida e fatalmente para dois dos contrabandistas. Serena não podia dizer que lamentava ver que seu quase estuprador estava entre os dois que haviam sido baleados. Seu pai ainda estava vivo, mas bastante machucado.

Piscou para Serena enquanto os homens o arrastavam. — Desculpe, moça.

A carruagem de Gareth aguardava no topo de uma escalada tortuosa, que ela fez nas costas de um pequeno pônei robusto. Foi mantida refém em uma cabana de um contrabandista meio cavada na encosta de um penhasco, a menos de um quilômetro de distância da cidade.

Gareth permaneceu na cabana quando ela partiu. — Precisei ficar para dar mais detalhes aos policiais — disse a ela quando não mais a segurava, já que agora estava envolta em uma capa – uma das suas – e usando sapatos, também dela. — Você vai ficar bem para a viagem de volta ao hotel? Timkins e Butler estarão com você, e dois dos policiais.

Serena sorriu. — É menos de um quilômetro, vou ficar bem. No momento, tenho mais medo do meu próprio cheiro do que dos contrabandistas.

Ele nem sequer esboçou um sorriso diante da fraca tentativa de humor dela, ao invés disso acenou com seu jeito abrupto e se voltou para os homens que estavam esperando por ele, como se aquele breve momento de ternura nos braços um do outro nunca tivesse acontecido.

Isso tinha acontecido horas atrás, e ele ainda não tinha vindo vê-la, embora o tivesse ouvido entrar no quarto ao lado meia hora antes.

Deixou o cabelo solto, esperando que algumas das pesadas massas de cachos secassem. Gareth trouxera camisola e roupão, bem como uma roupa adequada para a volta para casa. Ela doou as roupas que usou durante a semana para uma das criadas, disse-lhe para queimá-las. Mas como vestidos eram caros – mesmo os fedorentos, esfarrapados e remendados – não se espantaria se visse uma das criadas usando seu vestido nas ruas de Dover no dia seguinte. Não se importava.

Caminhou de um lado para o outro inquieta, sem seu caderno de desenho para ocupá-la ou seu relógio pequeno e barato para lhe dizer as horas, pois os ladrões haviam pegado os dois.

Finalmente, quando não aguentava mais, caminhou até a única porta que sabia que os separava e abriu.

Ele estava com o peito desnudo, deitado na cama, lendo um livro, o quarto brilhando com as luzes de velas.

Abaixou o livro e deu a ela um de seus olhares, Gareth Lockheart, a combinação arrogante e indecifrável que fazia tão bem.

— Está *lendo*?

Arqueou as sobancelhas para ela. — Como pode ver.

— Não ia falar comigo?

Ele cruzou os braços sobre o peito, o movimento mais do que um pouco perturbador.

— Achei que estivesse dormindo.

Só conseguiu balançar a cabeça, estava muito enraivecida para fazer qualquer outra coisa. Como poderia ler uma hora dessas? Poderiam ter morrido! Eles podem ter...

Estendeu a mão para ela. — Venha aqui.

Ela vibrou com o tom dele, que seu corpo reconheceu instantaneamente, mas balançou a cabeça negativamente. — Sempre dá ordens?

Ele pareceu considerar sua pergunta, que qualquer outro homem teria sabido que era retórica. — Sim, para falar a verdade.

Os lábios de Serena se contraíram para sorrir com a resposta de Gareth Lockheart, mas se conteve a tempo, mantendo uma carranca. Com muita dificuldade.

Então viu algo em seu rosto, um olhar que nunca tinha visto antes. Era um sorriso. Um sorriso glorioso, crescendo devagar, um sorriso honesto e que lhe expunha os dentes.

Serena ficou olhando.

Ergueu a mão novamente. — Estava apenas brincando. Pode, *por favor*, deitar-se comigo nessa cama um tanto quanto torta, mas limpa?

Não consegui se conter e abriu a boca, dando-lhe um olhar que era apenas em parte de espanto zombeteiro. — Gareth Lockheart sabe fazer provocação?

Ele assentiu. — Ele sabe.

— E Gareth Lockheart sabe dizer “por favor”?

— Às vezes.

— E Gareth Lockheart tem dentes. Sei que tem, porque os vi pela primeira vez quando sorriu.

— Sim, você está correta em todos os aspectos. Mas agora Gareth Lockheart está se perguntando por que estamos falando sobre ele na terceira pessoa. Venha aqui, por favor.

Foi até ele. Como não poderia?

Quando levantou a roupa de cama para ela se juntar a ele, notou o lençol luxuoso. — Trouxe o *seu* jogo de cama? — perguntou do lado da cama.

— Chalmers sempre empacota um jogo quando viajamos. Descobri que tinha empacotado um jogo de lençol e que a criada parecia feliz em colocá-los na cama.

Serena podia imaginar a emoção da garota, além de provavelmente ter se imaginado sobre eles.

— Notei que não há nenhum na minha cama.

— Achava que sua cama fosse supérflua.

— E o que quer dizer com isso?

— Serena, meu braço está prestes a cair.

Subiu ao lado dele, que a puxou para perto de seu corpo comprido, musculoso, cheiroso e nu.

— Hmmm — cheirou seu cabelo. — Está com um cheiro bem melhor do que antes.

Riu, ninhada à sua garganta. — Tenho que admitir, estava me perguntando como você conseguiu me tocar.

Apertou os braços ao redor dela. — Teria feito a mesma coisa se você tivesse ficado naquele buraco miserável o dobro do tempo.

Sua garganta se apertou. — É mesmo? E se tivesse ficado três vezes mais tempo?

Hesitou antes de dizer: — Hmmm, talvez não.

Ela riu, as lágrimas derramando antes que pudesse detê-las.

Ele a segurou e olhou para ela, seu belo rosto de repente lembrando-a dos cavaleiros em suas armaduras. Sua expressão impassível era como uma placa facial por baixo de um capacete de guerra. E naquela noite a placa havia deslizado um pouco para o lado, permitindo-lhe um vislumbre de uma expressão que nunca tinha visto em seu rosto antes: ternura misturada com confusão.

Serena achava que não poderia contar a verdade sobre porque estava ali. Isso mataria qualquer chance de mais olhares como o que estava lhe dando.

— Por que você está chorando?

— Porque estou feliz.

Inclinou a cabeça. — Sei que sou um idiota monumental quando se trata de ler outras pessoas, mas lágrimas não são um sinal de tristeza?

— Não para mim — disse, seguindo as palavras com uma grande fungada.

A fez chorar ainda mais quando começou a beijar suas lágrimas. Oh, ela não podia suportar isso.

— Por que está sendo tão bom comigo? Por quê? — Exigiu saber, afastando-o rudemente.

Ele se inclinou para trás e apoiou a cabeça sobre a mão, a ação causando movimentos fascinantes para cima e para baixo em seu torso nu.

— Por quê? — Repetiu, refletindo sobre a pergunta com seu jeito sério e pensativo. — Não tenho certeza, mas passei a acreditar que as emoções perturbadoras que tenho sentido ultimamente podem muito bem ser aquela coisa mítica chamada amor — encerrou essa declaração bem no estilo Gareth com um segundo sorriso na mesma noite, mas desta vez era um sorriso zombeteiro.

— Amor? — Foi tudo o que ela conseguiu dizer, e até mesmo essa palavra saiu de forma estrangulada e espremida, como se tivesse passado por um espremedor antes de deixar a sua boca.

Ele assentiu. — Sim, acredito que Gareth Lockheart a ama.



Gareth ficou genuinamente alarmado: Emma Woodhouse *não* havia caído em lágrimas quando Knightly declarou seu amor por ela. Esse choro, ao contrário do choro anterior, veio na forma de soluços devastadores de uma criança, ou de uma pessoa em luto por algo terrível, como uma morte. Gareth não podia fazer ou dizer nada que parecesse ajudar. Então, a segurou, colocou o queixo sobre sua cabeça enquanto ela se aninhava nele e chorava até que o peito dele estivesse encharcado. Finalmente, os soluços transformaram-se em pequenas aspirações e depois em fungadas bastante agressivas. Quando pensou que poderia ter acabado, gentilmente a afastou dele para procurar pistas sobre seu próximo humor.

— Oh, não faça isso — ela disse, enterrando-se de volta antes que ele pudesse ver algo além de um nariz vermelho. — Estou tão mortificada.

Pelo menos foi o que ele pensou que ela tivesse dito, embora tivesse soado mais como, *iztou tão bortificada*.

— Ah...

— Pode *be* dizer o que aconteceu?

Gareth decifrou novamente e presumiu que ela se referia aos eventos daquela noite, em vez de sua metamorfose emocional e da sua declaração embaraçosa.

— Sim, claro. Seus captores me enviaram uma mensagem indicando que eu poderia querer resgatá-la.

Ela mudou com esta informação, mas ainda não mostrou seu rosto. — Disseram o motivo?

Gareth sorriu para si mesmo com a pergunta. — Não — esperou que ela dissesse mais alguma coisa, porém permaneceu em silêncio. — Mas eu suspeito que tenha algo a ver com seu primo.

Isso com certeza chamou a atenção dela. Se contorceu até que ele pudesse ver seu rosto. Estava linda, mesmo com os olhos inchados e o nariz vermelho. A expressão em seus olhos, ele não gostou nada de ver: medo. Então, fez o que pôde para aliviar isso.

— Lembrei-me que seu primo veio recentemente de Dover, mas estava a

caminho de Londres. Perguntei-me se ele havia mudado de ideia e voltado para cá. Se fosse isso, talvez tivesse vindo aqui para ajudá-lo.

Seu corpo enrijeceu, mas ela não falou nada.

— Emprego um agente cujo julgamento confio implicitamente, o Sr. Steele, a quem você conheceu brevemente hoje. Enviei-lhe uma mensagem para encontrar Bardot. Sabia que Steele o encontraria. Acontece que ele ainda estava em Londres. Limpou a garganta. — Temo que o resto do que tenho a dizer pode não lhe agradar. Deseja ouvir?

Ela assentiu, o terror substituindo o medo em seus olhos.

— O Sr. Steele descobriu certas coisas ao perseguir o Sr. Bardot, nenhuma delas particularmente boas. Quando teve a chance de falar com ele pessoalmente – o encontrou jogando em uma parte perigosa da cidade – conversou por muito tempo e assuntos bem sensíveis. Um dos assuntos que discuti foi associação dele com você.

Serena fechou os olhos.

— Serena.

Ela balançou a cabeça. — Sinto muito. Eu o atraí até aqui para uma morte certa, se você não tivesse se antecipado em saber que...

Segurou seu queixo com um aperto suave, mas firme, e o levantou. — Por favor, olhe para mim.

Ela olhou. — Sinto muito, muito, Gareth. Fui terrivelmente tola.

— Não, estava com medo, e por capricho de um homem muito inescrupuloso. Franziu a testa. — Temo que o Sr. Steele tenha deixado Bardot em uma péssima condição, mas me deu a informação de que eu precisava desesperadamente, tanto para resgatá-la quanto para aceitar meus sentimentos por você.

Ela se apoiou no travesseiro, o ato fez com que seus seios ficassem na direção do rosto dele. Como a maioria de suas roupas, sua camisola foi lavada e usada até ficar desgastada; podia ver seus mamilos, suas pontas delicadas contra o tecido, a poucos centímetros de seu rosto.

— Gareth? *Gareth?*

Olhou para cima e encontrou a dona dos mamilos que o enfeitiçaram.

— Hmm?

— Perguntei o que ele disse.

— O que quem me disse?

Ela respirou fundo, olhou para seus seios e puxou as cobertas para cima.

— Espere — disse.

— Em um momento. Primeiro, podemos terminar esta discussão?

Gareth teria preferido o contrário, mas podia ver que ela poderia ser persistente neste ponto.

— Bardot contou a Steele como encontrou a carta de Lombard quando vasculhou o castelo onde você cuidou dele até a morte. Bardot guardou a carta, pensando que a parte sobre a criança não ser de Lombard poderia ser útil. Depois da guerra, quando as coisas ficaram muito desconfortáveis para ele permanecer na França, foi para a Inglaterra, lembrou-se da carta de Lombard e a procurou. Tem te chantageado desde então.

Percebeu que ela ainda estava esperando e seus olhos se estreitaram. — O que mais espera que eu diga?

Ela balançou a cabeça, mas até mesmo Gareth poderia identificar os sinais reveladores de sua mentira. Ele se sentou, subitamente menos feliz, embora não soubesse dizer o porquê.

— Há algo que não me contou?

Ela estremeceu com a dureza em sua voz.

Começou a levantar as cobertas, mas a mão dela o deteve. — Por favor, não vá embora.

— É amante dele?

— O que? Não!

Gareth acreditava que a expressão de repulsa em seu rosto foi mais convincente do que sua resposta. Mesmo assim, havia algo que precisava saber.

— Então por que o beijou?

Ela balançou a cabeça, a testa cheia de rugas.

— Beijar? Eu nunca o beijei.

— Aquela noite, a noite em que ele ficou em Rushton. O vi sair do seu quarto, e o chamou de volta e depois...

Ela riu, mas quando viu sua expressão, balançou a cabeça vigorosamente. — Não, não, não. Não estou rindo de você; estou rindo do que acha que viu. Eu o chamei para alertá-lo para não vasculhar sua propriedade e roubar nada porque eu estaria observando. E foi então que *ele* me beijou — fez uma careta de desgosto. — Lavei a minha boca descontroladamente depois.

Gareth caiu de costas no travesseiro, fraco de alívio.

Ela se inclinou sobre ele, seu cabelo uma cortina com babados ao redor deles.

— É por isso que estava agindo como um idiota comigo antes de partir?

Ele sentiu seu rosto esquentar.

Deu um soco no braço dele. Com vontade.

Ele soltou um grunhido de dor e esfregou o braço.

— Isso doeu.

— Mereceu. Se estivesse lá quando eu acordei, teria usado uma marreta.

— Peço desculpas.

Ela grunhiu.

— Mas estava me contando sobre Bardot.

— Lembra-se do que disse antes?

Gareth lembrava de tudo o que dizia, sempre foi assim.

— Sim — disse, hesitante. Ele deveria pedir esclarecimentos? Ou deveria...

— Estava falando de verdade?

— Sobre se desculpar?

Bateu nele novamente.

— Ai! — Agarrou seus pulsos e rolou em cima dela. — Talvez eu precise amarrá-la.

O olhar de pura luxúria que brilhou em seu rosto com suas palavras fez seu corpo inteiro aquecer. — Acredito que talvez eu precise amarrá-lo — disse, inclinando-se em sua direção e beijando sua garganta.

— Terei que considerar isso — teria *muita* coisa para considerar. — Mas pare de tentar me distrair. E me agredir. Diga-me o que você quis dizer.

Seu olhar cintilou. — Você sabe, sobre amor.

— Oh. Isso — depois da reação dela, esperava que *ela* tivesse esquecido.

— Desculpe-me por ter chorado. Acontece que me senti envergonhada.

A cabeça de Gareth começou a ficar com aquela sensação pesada e entorpecida de quando se via confuso por obscuras convenções sociais.

— Serena...

— Eu o amo, Gareth. O amo tanto que dói.

Foi sua vez de engolir em seco várias vezes antes que pudesse falar. Mas ainda estava confuso. — Então por que está envergonhada?

Ela suspirou e ele saiu de cima dela, trazendo-a com ele. — Diga-me, Serena. Sempre precisará falar francamente e ser direta comigo. Não sou bom em adivinhar o que está pensando ou por quê.

— Eu sei. Não estou tentando ser obscura de propósito. É só que — ergueu as mãos. — Bardot é o verdadeiro pai de Oliver.

Gareth sentiu como se ela tivesse acabado de bater nele novamente, mas com força dessa vez. — Mas disse...

— Sei o que eu disse, *ele não era* meu amante — rolou de costas e passou as mãos pela massa de cabelo, puxando com tanta força que Gareth estremeceu. — Não sei como explicar a guerra para alguém que não a viveu.

Poderia ter dito que sabia um pouco sobre guerra, e um dia lhe contaria. Mas não hoje. Hoje esperaria, lhe daria tempo.

Ela deu um suspiro enorme. — Bardot liderou um bando de criminosos que aterrorizaram nossa pequena aldeia. Ele foi ao antigo castelo, me encontrou e me estuprou repetidamente por cinco meses.

A palavra *estupro* ecoou em sua cabeça, sem parar. O cérebro de Gareth paralisou, o sangue em suas veias estava tão quente que parecia ferver.

Ela sacudiu seu ombro. — Gareth? *Gareth?*

A viu, mas era como se ela estivesse no fim de um túnel longo e estreito. Um túnel vermelho.

— Gareth, por favor, não te contei para que ficasse furioso. Não...

— Vou encontrá-lo e matá-lo — não reconheceu sua própria voz.

Ela se encolheu, balançando a cabeça. — Não, por favor, deixe isso para lá agora.

— É um animal, um animal louco que precisa ser abatido.

— Alguém irá matá-lo, mas não será você — colocou os braços ao redor dele, depositando beijos em sua orelha, pescoço, bochecha e até mesmo em seu nariz. — Meu amor, minha vida, por favor.

As palavras tinham um poder que ele não teria imaginado: ele era seu amor.

Ela deve ter sentido a tensão sair dele porque seu próprio corpo relaxou. — Eu o amo demais para arriscar que algo ruim aconteça com você, Gareth. Por favor, prometa que vai esquecer tudo isso?

— Prometo — mentiu. Para sua paz de espírito, a deixaria acreditar que havia esquecido.

Viu que ela estava esperando que falasse. — Vai me dizer como conseguiu escapar?

Assentiu e deitou-se no travesseiro. — Sempre havia meia dúzia de soldados de ambos os lados passando por nossa área. Robert Lombard era um deles. Era o mensageiro de um general ou outro e usava uniforme de oficial. Mesmo assim, Bardot o teria matado. Eles o pegaram cavalgando pela floresta e o tiraram do cavalo. Trouxeram-no de volta, pensando em torturá-lo, mas os convenci de que ele deveria ser rico, que seu anel de sinete trazia o selo de um aristocrata. Disse que deveriam mantê-lo vivo e pedir resgate. Então, fizeram Robert escrever uma carta para o duque.

Gareth assentiu, era um plano inteligente.

— Viveu por alguns meses, mas estava gravemente ferido, não sabíamos o quanto até ser tarde demais. No tempo que ficamos esperando, comecei a conhecê-lo melhor. Não o amava, mas o admirava muito. Via o que Bardot fazia comigo e o desprezava por isso. Foi ele quem bolou um plano. O padre da nossa aldeia sabia o que se passava no castelo, mas ele era velho e frágil e nada podia fazer para impedir os estupros e o roubo. Mas concordou em escrever votos de casamento para nós, mesmo que precisasse contrabandear para Robert, para que pudesse colocar seu selo em nossas assinaturas.

— Uma carta que Robert escreveu ao duque caiu de um pacote, embora eu não soubesse disso até mais tarde. Mas Bardot deve ter suspeitado que algo havia acontecido e estava ficando inquieto à medida que Robert ficava cada vez mais fraco. Acho que Robert sabia que iria morrer, embora sempre falássemos que estava melhorando, que iríamos fugir juntos. Pouco depois de Bardot enviar a segunda carta, Robert ficou muito doente devido a algo que o médico da aldeia não conseguiu tratar – e morreu. Bardot pensou em manter a mentira, de que estava vivo, por tempo suficiente para receber o resgate — olhou para o teto, linhas de tensão ao redor de seus olhos enquanto contava a história. — Mas verdadeiras tropas francesas chegaram na aldeia, centenas delas. Vieram enquanto eu estava fora com o padre aguardando-o terminar os votos de casamento. A notícia se espalhou pela aldeia de que todos no castelo foram presos por abrigar desertores conhecidos. O padre Bastian me deu todo o dinheiro que tinha, até o pouco que arrecadou para a igreja. Saí apenas com as roupas do corpo, o dinheiro que ele me deu e os votos de casamento. Robert tinha escrito uma carta para mim que escondi em casa, essa carta

explicaria as coisas para seus pais caso não sobrevivesse — seus olhos estavam vidrados de lágrimas. — Não pude voltar para pegar a carta, mas Bardot sim. O resto você sabe.

Gareth se sentiu esgotado só de ouvir sua história. Não era de se admirar que seus olhos parecessem assombrados às vezes. Puxou-a para mais perto, segurando-a com força.

— Não tem com o que se preocupar. Steele deixou claro para Bardot que seus dias de chantagem haviam acabado. Esclareceu as coisas usando a força, de acordo com o relatório dele no início da noite — Gareth só podia lamentar não ter dito para deter o homem. Agora teriam que encontrá-lo novamente. E o que Gareth faria com ele deixaria a surra parecer uma lembrança agradável.

Serena bocejou, estava exausta. — Sinto muito, não sei por que, mas de repente estou morta de cansaço.

Gareth sabia por quê. Carregava seu medo há anos. Não o surpreenderia se dormisse duas semanas seguidas. Iria certificar-se de que ela tivesse todo o descanso de que precisava.

Roçou o pescoço dela. — Durma.

— Mas quero...

— Sei o que você quer. Acredite em mim, em breve você receberá mais do *que* será capaz de suportar — empurrou seus quadris contra ela para ilustrar seu ponto.

— Mas eu o quero *agora* — suas palavras soaram como um sussurro quando uma de suas mãos desceu entre eles, estabelecendo-se em sua ereção.

Respirou fundo. — Por Deus, Serena.

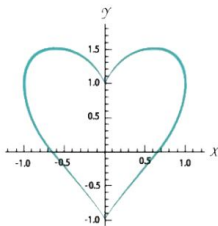
Ela riu.

— Você está tão — um bocejo abafou o que quer que ela fosse dizer e seu aperto se afrouxou.

Gareth respirou fundo e puxou-a para mais perto. — Xiii — sussurrou em seu cabelo perfumado, beijando-a levemente. — Durma meu amor.

A respiração dela estava pesada e profunda antes mesmo dele terminar de falar. Relaxou na cama, embora soubesse que nunca poderia dormir com ela. A abraçaria o máximo que pudesse e então dormiria no quarto dela. Não tinha sentido antes, mas agora estava exausto, pois vinha tendo pesadelos todas as noites. Tinha esperança que os pesadelos tivessem voltado porque estava preocupado com Dec e apavorado com Serena nesses últimos dez dias.

Gareth dizia a si mesmo para se levantar e dormir um pouco, mas a segurou até quase o amanhecer, até que não pudesse mais ver direito. Então, sem fazer barulho, levantou-se da cama, cobriu-a até o queixo, apagou todas as velas que ainda gotejavam em seus encaixes, exceto a que estava em sua mão, e foi para o quarto ao lado dormir sozinho.



Capítulo Vinte e Um

Por um momento, Serena pensou que estava de volta à prisão. Mas a roupa de cama macia e perfumada de Gareth a aliviaram desse medo. O quarto ainda estava escuro, embora uma linha amarela brilhante mostrasse onde as cortinas estavam, o brilho por trás delas mostrando que o dia já tinha amanhecido.

Sabia que a cama estava vazia antes mesmo de sentir os lençóis vazios ao seu lado. Tentou se lembrar da noite anterior, mas apenas uma coisa vinha na sua cabeça. Contou tudo, e mesmo assim ele disse que a amava; fechou os olhos e sorriu enquanto apertava o travesseiro dele contra o peito, inalando seu perfume limpo e inebriante. Mas *onde* ele estava?

Serena abriu os olhos, afastou as cobertas e foi até a sala adjacente; estava vazia. Quando abriu a porta do quarto que lhe reservara, viu que a cama estava desarrumada e uma porta adjacente estava aberta.

Encontrou-o sentado à escrivaninha com uma pilha organizada de papéis de um lado e uma pilha fechada de correspondência do outro. Olhou para ela, seus olhos demorando um momento para focar antes de se aguçarem.

— Ah, acordou — devolveu a pena para o suporte e recostou-se. Embora seu rosto não tivesse mudado de expressão, agora o conhecia bem o suficiente para perceber que ele estava feliz em vê-la.

Serena se sentiu tímida sob seu olhar, seus olhos cinzas escureceram quando a fitou dos pés à cabeça.

— Acordei e não o encontrei na cama — disse olhando para os papéis. — Está trabalhando?

— Trouxe algumas coisas comigo, mas metade das correspondências são de hoje — virou-se e pegou uma carta da pilha. — Aqui está uma carta de um conhecido mútuo.

Serena pegou a carta e reconheceu a letra do filho. A carta estava endereçada a Gareth. — Posso ler?

Ele assentiu. — É para nós dois.

Abriu a folha que estava com a data do dia anterior e continha apenas algumas frases grandes repetidas. Somente a última linha tinha algo a ver com ela.

Serena bufou. — Que atrevido ele é, escrevendo para pedir uma peça que precisa. Reservou apenas um trechinho para sua mãe, para dizer que o cachorro comeu seu caderno de desenho e que preciso comprar outro para ele — balançou a cabeça negativamente.

Gareth riu e aquele som – tão doce e infantil – já não era mais novidade, Serena só conseguiu ficar olhando. Era incrivelmente adorável, mesmo com aquelas olheiras. — Você dormiu aqui, Gareth?

Virou-se quando ela fez aquela pergunta.

— Não queria incomodá-la.

Ela balançou a cabeça, surpresa que pudesse ser tão inteligente, mas tão ignorante quando o assunto eram as mulheres, ao menos quando se tratava dela.

Foi em sua direção, puxando seus joelhos até que ele se virou e ela ficou pressionada entre o ‘V’ de suas coxas. Colocou as mãos em seu rosto, acariciando levemente a pele debaixo dos seus olhos. Um leve rubor espalhou-se por suas maçãs do rosto e ele fechou os olhos, seus longos cílios pretos fazendo sombras nas suas bochechas. Podia dizer, pela dificuldade de sua respiração, que ele não estava intocado por suas ações.

Abaixou-se e beijou sua mandíbula, até alcançar seu ouvido. — *Queria* que tivesse me incomodado — sussurrou, seu rosto aqueceu quando ela disse aquilo, e ele a olhou.

Seus olhos estavam abertos e as pupilas dilatadas, pegou seus quadris e puxou-a contra ele, sua cabeça aninhou entre seus seios, suas mãos segurando seu traseiro enquanto suas mãos a massageavam.

— Hmm — seu rosnado retumbou em seu peito e ela fechou os olhos. Era tão *perfeito*, tão *certo*.

Ele virou a cabeça e gentilmente deu uma mordiscada na lateral de seu seio.

Ela riu. — Vai me devorar?

Sua boca quente vagou por seu corpo acima do tecido fino da sua roupa, beliscando e chupando até que o tecido ficasse úmido.

— Quando voltarmos para Rushton, vou amarrar seus braços e suas pernas nos quatro pilares da minha cama, bem forte para que não possa se mover ou se contorcer. E quando estiver amarrada e aberta para mim, tomarei meu tempo para desfrutá-la. Vou lambê-la, chupá-la e morder cada pedaço do seu corpo.

As palavras e o desejo puro e confiante com que as pronunciou enviaram uma onda paralisante de luxúria direto para sua parte mais íntima.

— Vai? — Seu coração bateu forte com a imagem erótica que ele pintou com sua franqueza.

— Hmmm — segurou-a com força, sua língua traçando uma linha até seu umbigo. — Levante sua roupa para mim.

Serena obedeceu com entusiasmo.

Deslizou a mão entre suas coxas e a penetrou com seu longo dedo do meio. Ela estremeceu, seu corpo perdendo a força quando começou a bombeá-la com uma precisão lenta e rítmica, seu rosto empurrando sua roupa mais para baixo e sua boca quente fechou em volta do seu seio.

— Oh, Gareth.

Chupou forte seu seio ao som de seu nome e um segundo dedo se juntou ao primeiro enquanto a movia com o braço que estava livre, posicionando o traseiro dela sobre sua coxa musculosa.

— Abra mais — a boca dele deixou seu seio apenas para se mover para o outro, enquanto sua mão acariciava sua coxa.

Abriu os joelhos e ele deu um grunhido presunçoso de aprovação, seus lábios e língua continuavam sugando e provocando seu mamilo sensível até pensar que ficaria louca; o tempo todo seus dedos estavam mergulhando para dentro e para fora, seu polegar esperto circulando seu botão até se arquear sobre seu braço, explodindo de prazer.

Levantou-a em seus braços e a levou para o quarto, com os olhos semiabertos, observou-o através de uma névoa de puro contentamento, começou a rir quando a jogou na cama e se posicionou na beirada. Seu rosto

estava sério e seu olhar era tão quente que ela sentia estar sendo queimada por eles, enquanto arrancava as suas calças e o libertava. Serena já estava avançando lentamente em sua direção quando ele deslizou as mãos por baixo de suas coxas, puxou-a para si e ergueu seus quadris para fora da cama e entrou com um golpe selvagem.



Seu famoso autocontrole havia se desfeito. Olhar para o lado e encontrá-la o fez perceber – com uma clareza ofuscante – que ela lhe pertencia. Poderia olhá-la sempre que quisesse. E a maneira como o procurou apenas confirmou que poderia tê-la quando quisesse, pois ela se sentia da mesma forma, ou quase isso.

Envolveu suas pernas ao redor de seus quadris enquanto a penetrava.

Palavras de muito tempo atrás, tão insidiosas quanto serpentes, invadiram sua mente e o inflamaram.

“Não vai se apaixonar tão facilmente, Gareth. Mas quando isso acontecer, irá se apaixonar perdidamente.”

As palavras de Venetia eram como um aviso, e ela estava certa.

Havia se apaixonado, mas não estava sendo tão difícil como sempre temeu. Em vez disso, amar Serena o tornara mais forte, menos vazio e mais humano.

Olhou para o rosto dela enquanto a penetrava com um vaivém sem parar, seus lábios exuberantes se abriram e relaxaram, mas ainda assim estavam sorrindo, sua pele manchada de paixão, seus calcanhares cavando em seu traseiro enquanto ficava apertada em torno dele, puxando-o mais, querendo-o inteiro, e então ele explodiu dentro dela com uma intensidade que o cegou.

Ainda estava flutuando, alguns momentos depois, quando ela chamou seu nome.

Fez força para abrir suas pálpebras pesadas, ainda estava enterrado dentro dela, os joelhos apoiados na cama. Estava sorrindo para ele, seu cabelo gloriosamente emaranhado, sua camisola um embolado em volta do pescoço e

seus olhos tomados por suas travessuras provocantes de sempre.

— Sim? — tudo o que conseguiu foi forçar aquela única palavra.

— Podemos ir para casa?

Gareth olhou para baixo, para onde seus corpos ainda estavam unidos, uma preocupação borbulhou através da euforia ainda nublando sua mente. — Quer dizer, *agora*?

Ela riu. — Quero dizer amanhã, já é muito tarde hoje — colocou a mão sobre a dele. — Sinto falta do Oliver.

Ficou aliviado.

— Eu também. — Abaixando-se sobre a cama, sentiu uma sensação de vazio quando não estava mais dentro dela.

— Também quero voltar para casa para que possa fazer o que prometeu.

— O que prometi? — repetiu, provavelmente soando tão bobo quanto parecia.

Ela balançou a cabeça e se contorceu um pouco. — Sabe o que é... aquela coisa na sua cama.

Gareth achou que devia ser o homem mais burro do mundo: coisa? Na cama?

Finalmente entendeu e olhou fixamente para o rosto extremamente corado dela.

— É insaciável — disse, não se preocupando em esconder seu grato espanto.

Ela cobriu suas bochechas quentes com as mãos. — Sei, e isso não é maravilhoso?

Gareth não pôde evitar, jogou a cabeça para trás e riu de pura alegria.



Descansaram o resto do dia e fizeram todas as refeições no quarto. Fizeram amor mais uma vez, comeram mais um pouco e depois Serena cochilou. Acordou e encontrou Gareth observando-a dormir.

— Nunca dorme?

Enrolou uma mecha de cabelo em seu dedo. — Seu cabelo é muito bonito.

Serena zombou dele. — Deve estar parecendo um ninho de pássaro. Sempre parece quando adormece com ele molhado.

Mesmo nu na cama, Gareth estava impecável, *especialmente* quando deitado nu na cama.

— Quando se casará comigo?

O coração dela saltou com a pergunta, mas para fazer troça, lançou um olhar malicioso.

— Ninguém me pediu em casamento ainda.

Ergueu os olhos do cabelo dela, aquele olhar tinha o poder de desconcertá-la e deixá-la exposta, embora estivessem nus em todos os outros aspectos.

— Quer ser minha esposa, Serena?

Pegou a mão que brincava com seu cabelo e levou-a até os lábios, beijando-a, o gesto fez com que ele parecesse desordenado. — Ficaria honrada em ser sua esposa, Gareth.

Reivindicou-a com um beijo profundo e terno, deixando-a sem fôlego, como sempre.

— Então, quando se casará comigo?

Ela riu. — É implacável, foi assim que acumulou toda a sua fortuna?

Como de costume, interpretou suas palavras literalmente. — Declan me disse que posso ser obstinado, e muitas vezes não soa como se estivesse falando sério.

— Tenha certeza de que *quis* dizer isso como um elogio. Tem uma capacidade bastante singular de concentração. Percebi algumas dessas mesmas características em Oliver.

Acenou, novamente pegando um cacho grosso e brincando com ele.

— É um menino muito inteligente. Seu trabalho com o autômato que está construindo é bem concebido e bem feito — olhou para ela. — Iria se opor se lhe contratasse um tutor?

— Tenho me perguntado se estou fazendo um desserviço por querer mantê-lo perto de mim. Seus avós se ofereceram para mandá-lo para a escola, mas...

— Mas o ama demais para ficar longe dele.

Estava certo, mas esse deveria ser o fator determinante para a educação de

seu filho? — O que acha que seria melhor?

Encheu os pulmões e deixou o ar sair lentamente, sua expressão conservadora. Não era homem de dar respostas rápidas e impensadas a perguntas importantes, e o filho dela já era importante para ele. Mais uma coisa que ela amava nele.

— Acredito que o benefício de escolas como Harrow ou Eton é que são amplamente sociais. É possível contratar tutores com credenciais muito melhores do que seus professores mal pagos. Seu filho receberia uma educação melhor em casa, conosco, mas não teria aquela *coisa* inefável que une a classe dominante inglesa. É preciso decidir se vale a pena manter essa qualidade, quero dizer essas conexões, sem a presença dele em sua vida.

Como sempre, estava correto e direto ao ponto.

— Menciona a classe dominante, mas o controle dela não é mais tão inviolável, você e o Sr. McElroy e dezenas de outras pessoas são provas diárias disso. Talvez a associação de meu filho com *você* o beneficie mais do que os costumes de vínculos antiquados. Além disso, tem seus avós para isso.

Virou-se de lado e apoiou a cabeça na mão. — Irá contar-lhes toda a verdade, agora que não depende mais deles?

— Esse não é o motivo pelo qual não contei a verdade ainda, ou pelo menos não foi o motivo principal — traçou a fascinante musculatura de seu abdômen, abrindo um sorriso quando seu corpo saltou ao toque de suas mãos. Agarrou a mão dela e ela olhou para os olhos cinzentos que se acenderam.

— Gostaria de saber o motivo, Serena.

Serena não sabia se poderia fazê-lo entender e, mesmo que entendesse, acreditaria nela? Olhou para o rosto que esperava pacientemente e sabia que lhe devia muito.

— No início, precisava desesperadamente da ajuda deles. Era uma mulher grávida em um país estranho, sem casa ou família e com muito pouco dinheiro. Por mais estranho que possa parecer, precisavam de mim também. Fui a última pessoa a ver seu filho, mesmo aquele pedacinho que eu tinha dele era mais do que tinham. E é claro que acreditaram que eu estava carregando o filho dele. Isso não eliminou a dor que sentiram, mas a aliviou. E depois que Oliver nasceu? — deixou escapar um som que era meio suspiro, meio gemido. — Depois ficou ainda mais difícil, agora meu filho ama essas pessoas e sente que pertence a essa família. Se contar a verdade agora, todos irão se

machucar, principalmente se souberem que Oliver é o filho bastardo de um desertor, ladrão e estuprador — sua boca se torceu com desgosto. — Entende?

Gareth ainda segurava a mão que havia capturado e a massageava distraidamente, o que não tornava suas carícias eróticas menos perturbadoras.

Hesitou e depois assentiu. — Entendo.

— Mas não concorda? — podia ouvir a reserva em sua voz, mas não uma condenação direta.

— Não, não concordo. Mas vejo o problema de uma perspectiva diferente. Nunca conheci meu pai ou minha mãe e daria todas as riquezas e posses que tenho por apenas alguns momentos para confrontá-los — parecia e soava tão calmo como sempre, mas aquela confissão fez sua alma doer por ele. Apertou a mão dela suavemente. — Mas isso não significa que ache que o que esteja fazendo seja errado.

A distinção que ele fez era boa, podia muito bem aceitá-la. — Talvez um dia conte tudo para ele, quando for mais velho — olhou-o, por baixo dos cílios. — Quando tiver seus próprios irmãos para chamar de família.

Aquilo chamou sua atenção.

Ele pegou a mão que segurava e levou-a para baixo das cobertas, conduzindo-a até seu membro duro e quente.

Ela deu uma risadinha.

— Terminamos de falar agora?

— Sim.



No início, os sons de angústia eram como parte de seu sonho, um som agudo e desesperado, alguém estava em perigo e sentindo com dor. Serena corria pela floresta que se transformou em uma casa, o som agonizante ficou mais alto, mas nunca a alcançava. Chegou na extremidade, a agitação de seus braços a lançou diretamente sobre a cama.

Sua respiração estava vindo em suspiros curtos e árdus enquanto o quarto se materializava ao seu redor. Aquele era o quarto de Gareth, a cama

estava feita com os lençóis dele, mas estava sozinha. Numa mesa ao lado, uma vela estava quase se apagando próximo a porta de conexão.

O som do seu sonho estava vindo daquela direção. Levantou-se da cama, sem se preocupar em pegar seu roupão, e correu até lá.

Do outro lado da porta, o quarto estava bastante iluminado e Gareth se contorcia na cama. Seu corpo rígido estava contorcido, quase como forma fetal. O suor escorria de seu corpo e um horrível e ofegante grito escapou por entre seus dentes cerrados, estavam se batendo tão fortemente que era possível ouvir do outro quarto.

Apressou-se até a cama, mas hesitou, sua mão a centímetros do ombro dele. Como acordá-lo sem assustá-lo? Enquanto hesitava, os gemidos aumentavam. Sem saber o que fazer, colocou uma mão levemente sobre o ombro dele.

Sua reação foi explosiva, a palavra “*Não!*” saindo de sua boca tão alto que as vidraças chacoalharam. Virou-se e agarrou o ombro dela, o golpe forte o suficiente para arremessá-la para fora da cama.

Serena levantou-se e o encontrou completamente encolhido no canto, seus olhos disparando como os de um animal preso e apavorado. Não se parecia em nada com o homem que conhecia, seus belos traços estavam distorcidos por puro terror.

— Gareth, meu amor, sou eu, Serena. Está tendo um pesadelo, é apenas um sonho — o acalmou. — Gareth — estendeu a mão e tocou seu pé. Ele se assustou, mas não se afastou. Em vez disso, seus olhos focaram nela, suas íris saltando descontroladamente antes de focarem totalmente, suas pupilas eram como um buraco negro.

— Serena — sua voz soou áspera e rouca, como se tivesse gritado durante horas. — Não deveria estar aqui — tossiu depois de forçar uma frase completa. Ela subiu na cama ao lado dele e deslizou o braço ao redor de seu torso, esfregando suas costas e fazendo círculos, depois levantou-se e beijou o topo da sua cabeça, que estava encharcada como se tivesse sido imerso em água.

— Claro que eu deveria estar aqui — sussurrou, segurando forte seu corpo trêmulo.

Segurou-o assim até que sua respiração diminuiu um pouco e seus tremores pararam, até que saiu do transe e, sem olhar para ela, deixou a cama.

— Gareth?

Ele parou em frente à porta do outro quarto, ainda de costas para ela enquanto tendia para frente e agarrava o batente da porta, quase como se estivesse se apoiando. Sua cabeça caiu para um lado e ele a balançou para frente e para trás.

— Não queria que você visse isso, não quero que você me veja assim.

Balançou a cabeça negativamente. — Não quer que eu veja o quê, que teve um pesadelo? É uma coisa normal da vida, todos nós temos um de vez em quando...

— Não, Serena, isso *não* é normal e não acontece de vez em quando.

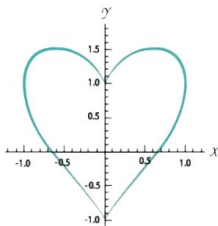
— Não entendo.

— Não quero que entenda, é por isso que durmo sozinho.

— Mas quero entender. Eu quero...

Virou-se para ela então, sua expressão quase tão horrível quanto a que usara durante o pesadelo; uma expressão selvagem, frenética e meio enlouquecida. — Não posso falar sobre isso, precisa entender o que estou dizendo. Não quero dar poder a isso, ou nomes e voz. Já é ruim o suficiente quando estou preso dentro dele... é... é — passou a mão pelo cabelo e o puxou com tanta força que Serena se assustou. — Já destruí minhas noites, não vou permitir que destrua os meus dias também — encarou-a, seus olhos suplicantes. — Eu não posso. *Não* posso.

Ela assentiu tremendo, enxugando as lágrimas de seu rosto. Cruzou o quarto e a abraçou, esmagando-a até que não pudesse respirar.



Capítulo

Vinte e Dois

Partiram na primeira luz do dia. A atmosfera na carruagem estava pesada e Gareth sabia que ela não se esquecera da noite anterior. Martirizou-se nas horas seguintes, deveria ter trancado a porta. Mas sabia que esse era um tipo de desculpa. Serena não era o tipo de mulher que aceitaria portas trancadas, quartos separados e vidas separadas. Se casasse com uma verdadeira filha da aristocracia, como havia planejado, a visitaria uma vez por semana e depois voltaria para sua própria cama e ninguém saberia.

Olhou para onde ela estava sentada, de frente para os cavalos, e afastou aqueles pensamentos. Estava esperando por ele.

Deslizou para um lado do assento estreito. — Não vai se sentar ao meu lado?

Suas palavras o aqueceram. — Não vai ficar apertado?

Olhou para o corpo dele como uma onda de calor. — Sim.

Gareth sentou-se ao lado dela, o corpo quente e macio ao lado dele. Ela colocou a mão em seu joelho e ele a pegou; ambos olharam para os dedos entrelaçados.

— Minhas mãos são feias.

Gareth abriu a pequena mão de Serena sobre sua palma, virando-a para ver os dois lados. Como vinha trabalhando ultimamente havia calosidades nelas, um pequeno corte na ponta de um dedo, pele rachada na parte de trás e o formato do seu polegar era prova da força e habilidade que tinha nas mãos.

Levantou sua mão até a boca e beijou a palma.

— Eu gosto das suas mãos.

Cutucou-o com o ombro. — Deveria me contradizer, Gareth, dizendo como são lindas, adoráveis e delicadas.

Sua boca se curvou em um sorriso, como parecia fazê-lo prontamente na companhia dela. — Não sou adepto a bajulação ou flerte, Serena. Posso dizer que suas mãos são lindas para mim, porque são suas e porque são capazes de criar arte e porque dão prazer quando estão no meu corpo — suas bochechas queimaram com as últimas palavras, seus olhos se afastando timidamente. Levantou o queixo dela, forçando-a a encontrar seus olhos. — Vai me achar um bobo, eu temo, mas risos, sorrisos e gracejos não são tão fáceis para mim como parecem ser para outros homens. Declan diz que é porque não me esforço, mas isso não é verdade. Não tenho capacidade para poesia ou prosa floreada, coisas obscuras confundem meus pensamentos, polui minha razão — virou-se e deslizou um braço por trás e por baixo dela, levantando-a para colocá-la sobre seu colo, seu quadril apoiado no seu membro endurecido.

Ela sorriu com pura felicidade, suas emoções, para ele, eram fáceis de ler como um livro.

Beijou a ponta do seu nariz. — Tenho muito pouca experiência com mulheres, Serena. Em toda a minha vida, amei apenas uma.

Ela segurou seu queixo e puxou seu rosto para beijá-lo. — Não gosto de pensar que possa estar com outra mulher. Isso me faz querer quebrar coisas.

Gareth roçou um beijo em sua boca, aquecido por suas palavras possessivas.

— Apaixonei-me por você do jeito é, Gareth. Consegue me dizer mais com um olhar do que a maioria dos homens com um volume grande de poesia.

— Não gosto de pensar que possa estar com outros homens — disse, ecoando suas palavras. — Isso me faz querer reivindicá-la novamente, me faz querer tomá-la e lembrá-la de que agora é minha.

Ela se mexeu nos braços dele, até que se sentou com uma perna em cada lado das suas pernas, seus olhos ficaram pesados e o sorriso preguiçoso e faminto. — Nunca fiz amor em uma carruagem — suas mãos hábeis já estavam ocupadas no fecho de suas calças, ele ergueu os quadris para que ela pudesse puxá-las para baixo. Sua mão se fechou ao redor de seu membro e ele deixou escapar um grunhido baixo de prazer.

Acariciou-o até que seu membro ficasse úmido, seus olhos nunca

deixando os dele.

— Quero esboçá-lo assim.

Endureceu ainda mais. — Não me pagou a minha última sessão.

Isso a fez rir. — Não é um modelo profissional, deveria agradecer a oportunidade de fazer parte de uma grande galeria de arte.

— Mesmo um novato deveria receber algum pagamento. Levantou suas saias e anáguas até os quadris, seu pênis pulsou com a imagem insuportavelmente erótica de suas meias e as ligas que as segurava. Acima dos joelhos não havia nada além de coxas desnudas e macias. Sua boca ficou molhada ao ver seus cachos.

Levantou as sobrancelhas. — Novato? — O polegar dela girou em torno da abertura lisa e úmida, cravando levemente as unhas na sua carne dura.

Gareth estremeceu sob a combinação inebriante de prazer e dor. — Maldição, Serena!

— Cuidado com a linguagem, Gareth.

Ele afastou a mão dela e se posicionou na sua entrada quente e úmida, entrando com força. Ambos suspiraram e depois congelaram, saboreando aquela união.

A carruagem atingiu um enorme buraco e ela agarrou seus ombros para não cair, seu sexo apertou em volta dele enquanto seu traseiro exuberante balançava para cima e para baixo.

Gareth gemeu. — Amo a estrada para Dover — murmurou, guiando os dois ao prazer enquanto a risada dela enchia a carruagem.



Mal tinha amanhecido quando chegaram ao longo caminho que levava ao Rushton Park.

Serena prendeu os cachos soltos debaixo do chapéu e endireitou sua roupa amarrotada. Naturalmente, Gareth de alguma forma conseguiu permanecer calmo e imperturbável, embora o tivesse montado tão selvagememente como um jóquei de Ascot.

— Sabe que nossa chegada assim — fez um gesto que abrangia tudo —, sozinhos e na mesma carruagem vai escandalizar a vizinhança.

Levantou uma sobrancelha com uma intrigante indiferença. — Isso a incomoda? — a pergunta mostrou mais do que sua expressão que aquilo não a incomodava.

— Tento não deixar escândalo por onde passo. Mas não, não posso dizer que estou extremamente incomodada.

— Vamos nos casar em breve e as pessoas vão esquecer de tudo isso.

Ela sorriu com seu tom suave e sua expressão impassível. Adorava saber que apenas ela — dentre todas as pessoas — via o homem verdadeiro e apaixonado debaixo daquela máscara rigidamente controlada. Sua felicidade diminuiu um pouco quando pensou no que ele mantinha em segredo até mesmo dela, mas teria uma vida inteira para aprender mais sobre ele e ajudá-lo a superar o que quer que fosse.

Gareth se inclinou para frente, seus olhos estavam fixos na janela, a atmosfera ficando tensa.

— O que foi?

— Não sei, mas parece que todos os criados da propriedade estão na frente da casa.

— Talvez Jessup os tenha trazido para nos dar as boas-vindas?

— Talvez — mas não parecia convencido.

Serena se inclinou sobre ele para olhar quando pararam em frente à casa. Dezenas de olhos a encararam, nenhum deles feliz ou acolhedor.

Gareth abriu a porta e chutou a escada para baixo antes mesmo que a carruagem tivesse parado de se mover.

Declan atravessou a linha de criados em direção a eles enquanto Gareth ajudava Serena a descer da carruagem, seus olhos já vasculhando o agrupamento de pessoas, procurando por uma pequena figura.

Seu coração deu sobressaltos e bateu tão forte que parecia que fosse abrir um buraco em seu peito. As coisas ficaram mais lentas e mais nítidas, e Serena sentiu como se estivesse se movendo no ar pesado enquanto seus olhos abriam e fechavam cada vez mais rapidamente.

— Oliver, onde está Oliver? — praticamente murmurou as palavras, pois sua boca parecia estar dormente. — Oliver.

— É sobre o menino — Declan disse, seu rosto como uma parede de

granito. — Foi levado. Descobrimos cerca de quinze minutos atrás — estendeu um pedaço de papel sujo e dobrado.

O braço de Serena não obedecia a nenhum comando da sua cabeça, então foi Gareth quem abriu o pedaço de papel. Olhou para ela.

— É Bardot. Levou Oliver e não vai nos dizer para onde está até que eu pague £5000.

Só quando o braço de Gareth a envolveu, Serena percebeu que estava caindo.



Gareth não ficou surpreso que a mente de Serena tivesse simplesmente se desligado. Sabia muito bem, como qualquer pessoa que passasse por várias situações estressantes acumuladas uma após a outra, eventualmente desencadearia essa resposta do corpo para se salvar da loucura. Havia se perguntado sobre a força que ela tinha após ser feita prisioneira por uma semana. Seu rosto estava mais magro, um sinal claro de sofrimento, mesmo que seus sorrisos e sua aparente força o tivessem levado a acreditar que não ficara comovida. Sabia que ela tinha acreditado que morreria naquela cabana, e a culpa de tê-lo levado até lá deve ter sido esmagadora.

Sua criada francesa, uma mulher de rosto severo que parecia assustar até mesmo Jessup, o enxotou do quarto de Serena como se fosse uma mosca incômoda.

— Vá embora. Se o senhor quiser ajudá-la, traga seu filho de volta.

Gareth concordou, e saiu. Mas parte de sua mente ainda estava naquele quarto com ela, quando ele precisava de todas as suas faculdades mentais naquele momento.

“Não estou sozinho nisso. O vigiaremos de perto, então não tente enviar mensageiros às autoridades ou ao seu homem em Londres, Steele.”

Dizia a breve carta.

“Amanhã pode enviar alguém para sacar o dinheiro de seu banco em Londres. Um mensageiro chegará na manhã seguinte para dizer para onde

levar o dinheiro. Depois de entregá-lo, outro mensageiro indicará onde encontrar o menino. Não desvie dessas instruções.

Olhou para Declan. — Diga-me novamente o que sabemos.

Dec assentiu e respirou fundo. — Uma das criadas o viu chegar. Deve ter deixado sua carruagem escondida em algum lugar e caminhou até a casa — coçou a cabeça e franziu a testa. — Foi a primeira coisa que fizemos, procuramos por qualquer sinal dele ou qualquer vestígio de um possível cúmplice, mas não encontramos nada.

Gareth não achou aquilo surpreendente. A propriedade era vasta e havia centenas de lugares onde uma pessoa poderia se esconder.

— Quem foi a última pessoa a ver Oliver e quando?

— A babá dele. Disse que ele terminou seu trabalho às três e disse que estava indo para a biblioteca para procurar um livro que estava querendo.

Gareth assentiu. Bardot havia entrado em casa.

— Então, está desaparecido por cerca de — olhou para o relógio, embora o tivesse olhado tantas vezes que já sabia que horas eram — talvez umas quatro horas. Oliver deve ter ido por vontade própria. Não consigo imaginar Bardot arrastando uma criança de dez anos sem que ninguém percebesse.

— Sim, essa foi a nossa conclusão também. Pode ter entrado na casa pelo solário, pelo laranjal, pela biblioteca ou por qualquer outra maneira. Acredito que estava à vontade.

Gareth pensou no que Serena lhe contara. Pode ter impedido Bardot de perambular naquela noite em que ficara hospedado em Rushton, mas quem disse que ele não voltou uma outra hora? Foi um criminoso ao longo da vida e deve ser um mestre em escapar ao ser capturado, pois estava na Inglaterra depois de tudo que fizera durante a guerra.

— Vou presumir que ele tem conspiradores. Também vou supor que estão observando nossas idas e vindas. Não tem lua hoje, então não poderíamos ir contra suas instruções e mandar algum mensageiro para Londres, mesmo que quiséssemos. Com os criados todos em posição, acredito que veremos qualquer pessoa antes que possam nos ver — assim que escureceu o bastante, Gareth posicionou criados em vários pontos da propriedade, incluindo o telhado. Se alguém se aproximasse de qualquer direção, seria notado.

— Já considerou que tudo isso é um estratagema e ele pode ter homens esperando por quem quer que vá buscar o dinheiro em Londres?

Tinha considerado isso. — Acho que é possível. Mas parte de mim acredita que não colocariam um cavaleiro sozinho na estrada com tanto dinheiro, é um alvo perfeito para ladrões, a menos que eles mesmos fossem esses ladrões. É por isso que partirei pela manhã — não enviaria um de seus criados para fazer algo tão perigoso.

— Não, eu irei.

Gareth abriu a boca, mas Declan levantou a mão.

— Ela vai precisar de sua presença aqui, Gareth. E se algo der errado, se *estivermos* errados em pensar assim, vão roubar o mensageiro. Ou se o mensageiro for roubado por outro ladrão — a preocupação era visível no seu rosto firme. — Vai precisar ajudá-la e talvez tenha que tomar algumas decisões difíceis.

Gareth sabia que ele estava certo.

— Deixe-me fazer isso por você, irmão.

Quem mais poderia ir? Em quem ele confiaria mais do que Declan? Ninguém.

Assentiu.

— Muito bem, partirei à primeira luz do dia. Pensei que talvez poderia...

A voz de Declan sumiu quando a ideia o atingiu. *É claro! Que bobo* tinha sido.

Levantou e se dirigiu até a porta.

Declan levantou rapidamente da cadeira. — Aonde está indo?

— Os cachorros.



Serena resistiu à atração que a arrastava para consciência, tinha que engolir o líquido ou se afogar. Engoliu em seco convulsivamente e tossiu, depois engoliu novamente.

— *Bon* — disse uma voz.

Serena não estava dormindo, mas também não estava acordada, estava em algum lugar no intermédio. Estava se escondendo de algo ruim.

Oliver.

Sentou-se abruptamente, frenética. — Oliver!

— Xiiiu, a senhora não está fazendo bem algum agindo assim — isso em francês, as palavras duras, mas ainda calmantes. Nounou estava do outro lado da cama, suas mãos ocupadas com um copo da mesinha de cabeceira.

Serena empurrou os cobertores, girou as pernas e imediatamente deslizou para o chão. Olhou para cima e o quarto estava balançando de um lado para o outro de uma forma que a fez ficar tonta.

— Nounou — o nome foi mais como um grasnido vazio, sua cabeça caiu para os lados, como se não conseguisse se equilibrar sobre seu pescoço.

Duas mãos fortes a ergueram como uma boneca de pano e a deitaram suavemente na cama. Uma porta se fechou e alguém a cobriu novamente.

— Agora durma, *mignon*. A senhora não ajudará em nada nessa condição.

— Mas, — sua boca estava pesada e como se tivesse cheia de algodão — o que?

— É só um pouco de leite de papoula, agora durma.

Ela queria gritar com Nounou, mas dezenas de pequenas mãos agarraram seu corpo e a puxaram cada vez mais para baixo.



Gareth e Declan seguravam peças de roupa de Oliver que Nounou disse que usou recentemente. Os cães seguiam Oliver para todos os lados agora que moravam na casa. A única vez que os colocou nos estábulos foi quando tinha algo para fazer e não podiam acompanhá-lo. Houve um ou dois acidentes na casa e Serena disse que deveriam ficar na baia quando ele não estivesse com eles.

Os cachorros começaram a ganir e a cheirar antes mesmo que Gareth abrisse a porta do estábulo. Foram treinados para não pular, mas eram indisciplinados e inquietos, e esperavam o comando para deixarem a baia.

Gareth se agachou na palha limpa e estendeu o pedaço de tecido. Os cães enlouqueceram, pularam e farejaram emitindo sons que ele só podia supor que

indicavam felicidade canina.

— Certamente conhecem o cheiro dele.

Pegaram duas lamparinas para o caso de terem que se separar por algum motivo, mas acenderam apenas uma, e mantiveram a outra com os vidros abaixados quase que totalmente, permitindo apenas um estreito círculo de luz que mal iluminava o chão dois passos à frente deles. Pegaram dois dos cães e soltaram o resto.

Os únicos sons ao deixarem os estábulos foram o fungar de focinhos e o estridular de milhares de insetos noturnos. Ambos estavam vestidos com roupas escuras e esconderam o quanto puderam a pele que ficara à mostra. Gareth mal podia ver a sua própria mão.

Os cães à frente estavam invisíveis, mas estavam próximos o suficiente para serem ouvidos. Os dois que seguiam na frente puxaram na mesma direção, em direção ao rio.

Gareth pensou brevemente na mina que Oliver o conduziu naquele dia e ficou aliviado por ter mandado fechar a entrada, principalmente porque os cães pareciam estar indo naquela direção.

Tropeçaram e praguejaram baixinho atrás deles, o coração de Gareth ficava cada vez mais pesado ao passo que os cães os levavam diretamente para a mina. Mas, de repente, os dois cães nas guias pararam e Gareth ouviu um rosnado distinto e estalo entre os cães à frente.

— O que foi? — Declan sussurrou.

Gareth não fazia ideia. Esta era a primeira vez que estava com os cães – ou qualquer cachorro para falar a verdade – sem a companhia de Oliver. Sabia que seu amigo sofria da mesma falta de experiência. O lugar onde cresceram não tinha cachorros, seriam apenas mais uma boca para alimentar.

O rosnado dos cães tornou-se mais alto e quase selvagem.

— Por Deus! — Dec sussurrou. — Se houver alguém aqui, certamente ouvirá isso. Consegue fazê-los ficarem quietos? Mas que diabos está acontecendo?

Gareth percebeu que seu cachorro começou a correr em direção ao rio e à velha mina. O cachorro de Dec estava puxando na direção oposta.

Bufou suavemente. — Estão tendo uma discussão canina, olhe para eles, Dec.

Um momento de silêncio e depois Dec respondeu: — Por Deus, está certo.

O que diabos fazemos agora?

— Nos dividimos, nós dois temos pistolas e lanternas. É óbvio que algo aconteceu aqui, o suficiente para fazer os cães pensarem que ele foi em duas direções. Oliver conhece esta área como a palma da sua mão, talvez tenha escapado de Bardot e fugido? Não tenho certeza, mas vamos nos separar — ajoelhou-se na grama para acender sua lanterna.

— Acha que conseguiremos separá-los? — Declan perguntou, agachando-se ao lado dele, seus olhos reluzindo na luz fraca.

— Parecem querer isso. Além disso, Oliver os treinou para obedecer a comandos — abaixou os vidros das duas lamparinas até partirem. — Acredita que está familiarizado o suficiente com o desenho da propriedade para encontrar o caminho de volta para a propriedade, Dec?

— Sim, explorei a região todos os dias enquanto estive fora e o menino me levou para além do lago onde encontrou um velho barraco de caça. Na verdade, me ocorre que pode ser a direção que os cães queiram seguir. Passamos muito tempo lá, ele acendeu até mesmo uma fogueira e fez chá. Havia também vários outros itens dele no lugar, me disse que costuma cochilar e ler lá, Bardot pode saber disso.

Gareth mordeu o lábio, sabia da existência da cabana, é claro. — Talvez deva ir contigo.

— Acho que devemos seguir as duas trilhas — hesitou. — Acha que os cães vão latir e fazer barulho se sentirem o cheiro dele?

Gareth levantou um pouco o vidro da lamparina e estalou os dedos e todos os nove cães convergiram para eles. — Sentem — sibilou, satisfeito e surpreso quando obedeceram ao seu comando. Dezoito olhos caninos o olhavam, poderia jurar que sabiam que isso não era um jogo.

— Rastriem agora — disse com a voz um pouco mais alta. É claro que os cachorros não emitiram nenhum barulho, mas notou que seus corpos se contraíram em antecipação.

— Oliver os levou para caçar lebres e usou este comando. Espero que funcione para rastrear seu dono — tirou o relógio do bolso. — São dez horas e sete minutos agora. Acho que devemos nos encontrar nos estábulos em um determinado momento, não importa o que estejamos fazendo ou o que tenhamos encontrado.

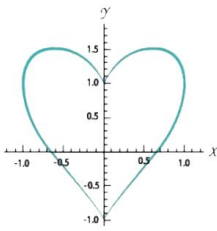
— Concordo.

Mentalmente, Gareth fez a jornada para a cabana e de volta para casa a pé, acrescentando alguns minutos para imprevistos e trilhas falsas. — Daqui duas horas? Devemos nos encontrar de volta nos estábulos à meia-noite sete minutos.

Dec riu.

— O que é tão engraçado?

Uma mão pousou em seu ombro e deu um aperto. — Nada. Vejo você de volta aos estábulos à meia-noite e sete minutos.



Capítulo Vinte e Três

Serena acordou com a cabeça latejando e a boca como se estivesse cheia de algodão.

Nounou sentou-se ao lado da cama, remendando algumas peças de roupa de Oliver.

O corpo de Serena sentou-se sem qualquer comando da sua cabeça.

— Oliver!

O nome do seu filho saiu num sussurro rouco.

Nounou colocou as roupas de lado. — Espero que a senhora não se comporte como uma boba e comece a correr ao alcance de nada.

Serena se sentia como se tivesse levado um tapa na cara. Abriu a boca, preparada para dar o sermão da sua vida, mas Nounou ainda não tinha terminado.

— Suponho que acredita que desmaiar de exaustão ajudará de alguma forma a encontrar seu filho.

Encontrou o olhar escuro de Nounou, suas sobrancelhas pretas desenhadas em um ‘V’. Fechou a boca.

— *Bon*. Agora, coma — gesticulou para a mesa de cabeceira, onde uma bandeja com pão, manteiga e geleia a esperava, também um bule com algo quente: chocolate.

Enquanto Serena pegava a bandeja, Nounou contou o que acontecera durante as cinco horas que dormira.

— Há vigias em todos os lugares caso alguém se aproxime. Alguém vai sair à primeira luz do dia para coletar o dinheiro — encolheu os ombros e

voltou seus olhos novamente para a costura. Embora desse a impressão de estar calma, Serena viu como os músculos de seu pescoço estavam se destacando, seus ombros curvados de tensão. — Não sei quem vai buscar o dinheiro. Agora — olhou para cima e a olhou diretamente nos olhos — o Sr. Lockheart e o outro levaram os cachorros para ver se conseguem rastrear o cheiro de Oliver.

Serena olhou para a janela, mas as cortinas estavam fechadas. — Conseguem enxergar no escuro? — ficou trancada em um buraco por uma semana então não sabia se tinha lua ou não.

— Não muito bem, mas levaram duas lamparinas e diminuíram o fogo — sorriu para Serena de repente. — Isso me lembrou da minha infância em Marselha, com os *contrebandiers*.

Serena supôs que deveria estar chocada com o fato de Nounou ter se envolvido com contrabando, mas as pessoas nunca eram o que pareciam.

— Há quanto tempo saíram?

Nounou olhou para o relógio no manto, era meia-noite e meia. — Um pouco mais de duas horas.

Serena tomou o restante do chocolate e afastou a bandeja, esperando que Nounou fosse impedi-la de deixar a cama. Em vez disso, Nounou acenou para o pé da cama, onde havia um vestido verde escuro de mangas compridas, meias limpas, sua pelica azul escura e suas botas de couro surradas, todas as peças que usava para trabalhar.

— A senhora pode se vestir para ser útil, se chegar a hora.



Gareth suspirou aliviado quando viu que a entrada da mina ainda estava bloqueada com pedras. Mas seu alívio não durou muito quando os cães continuaram farejando uma trilha ao norte, para além da área que havia explorado com Oliver naquele dia.

Conduziram-no ao redor da pedra que continha a entrada para a velha mina, passando por cima de um afloramento de rochas que deveria se estender

até o leste e cruzar com o rio. Enquanto tentava achar uma área que não fosse tão íngreme, encontrou uma seção de rocha que parecia ter sido escavada para fazer uma passagem estreita, os cachorros entraram nela como água sendo jorrada. Gareth os seguiu mais devagar, carregando a lamparina diretamente na frente do corpo para passar pelo corte estreito.

Havia um pequeno abismo inesperado, quase quebrou a lamparina na rocha quando escorregou em algumas pedras soltas e aterrissou de bunda com um baque. Ficou parado por um momento para tentar ouvir alguma coisa, os cães não estavam mais por perto, ouvia apenas insetos.

— Aqui — comandou com a voz baixa, e nada.

Quando Gareth tentou se levantar, percebeu que o terreno ainda era irregular. Não teve escolha a não ser aumentar um pouco mais a luz. Levantou um pouco o vidro da lamparina, o suficiente para conseguir ver alguns metros à frente. Era uma queda de pelo menos um metro e meio, e mais à frente estava o que parecia ser o outro lado da pedra com árvores crescendo confortavelmente nas rochas, nenhum sinal dos cachorros.

Desceu a encosta com uma chuva de pedregulhos e terra. Quando chegou no fundo, encontrou mais arbustos crescendo nas proximidades e em volta da protuberância rochosa. Um caminho grosseiro havia sido aberto através do mato onde encontravam as árvores e a respiração de Gareth acelerou.

Empurrou uma moita espinhosa que arranhou suas botas e sua pele. Sons de fungadelas e gemidos vieram do canto de cima da pedra que ele estava seguindo. Seu coração batia forte com a combinação de expectativa e pavor quando encontrou o grupo de cães correndo para frente e para trás na frente de uma abertura na rocha que um dia fora fechada com tábuas. Todas, exceto as duas tábuas inferiores, haviam sido arrancadas da parede. Os cachorros estavam farejando a madeira quebrada e dançando em volta delas, seus corpos se retorcendo de excitação. Algo branco chamou sua atenção ao lado de um dos pedaços de madeira, abaixou-se para pegar. Era um pequeno pedaço de papel, dobrado várias vezes. Desdobrou-o lentamente, seu coração alternando entre excitação e pavor; reconheceu a letra de Oliver. Era parte de uma mensagem maior, as letras estavam escritas com o lápis de grafite e a folha de papel pertencia ao pequeno bloco que lhe dera.

— Leve isso contigo — disse, dando ao menino um dos mesmos blocos de papel que sempre carregava. — Quando tiver uma boa ideia, não vai querer

não ter nada onde anotá-la.

Gareth acreditava que aquelas anotações de Oliver eram sobre o autômato que estava fazendo como presente surpresa para sua mãe.

Dobrou cuidadosamente o bilhete e o enfiou dentro do casaco. Um dos cães chegou perto o suficiente para cheirar seu rosto e Gareth deu uma palmadinha no animal e depois coçou entre suas orelhas, do jeito que vira Oliver fazer diversas vezes.

— Ele está aí dentro, não está? — perguntou ao cachorro, sabendo como isso era ridículo. Mas o cachorro pareceu gostar, pois abanou o rabo com o dobro da força ao som de sua voz.

Gareth se levantou e se aproximou da abertura com as pernas mais pesadas do que blocos de chumbo. O arbusto havia sido pisoteado e depois puxado para trás em um esforço irrelevante para cobrir os passos. Gareth levantou a luz até iluminar o que havia atrás das tábuas.

— Por Deus! — forçou as palavras para fora de suas mandíbulas congeladas.



— **P**assou-se uma hora da hora marcada para se encontrarem. A gente precisa fazer alguma coisa — Serena disse a si mesma que havia mostrado uma contenção incrível nos últimos trinta minutos.

McElroy levantou os olhos da planta da propriedade que o desenhista havia feito.

— Deve ter encontrado algo por aqui, na velha mina de giz.

Serena parou na ponta da mesa onde ele estava sentado e olhou para o mapa, embora estivesse gravado em sua mente.

— Gareth fechou a entrada da mina no dia em que a descobriu — não conseguia suportar a ideia de Oliver ou Gareth em qualquer lugar perto da velha mina, que os moradores consideravam não apenas assombrada, mas terrivelmente instável em algumas partes. Havia ameaçado Oliver de morte se fosse descoberto vasculhando as ruínas, que Flowers, seu capataz de

construção, disse que não era usada há anos.

— A gente costumava desafiá os otro meninos quando nós era jovem. Era tolice nossa, mas meninos são tolos, né — admitiu quando Serena expressou suas preocupações. — Mais o Sr. Lockheart fecho as última delas. As otra abertura fecharu sozinha com o tempo ou foru fechada com pedra durante os ano.

Lembrara dessas palavras agora.

— Existem outras entradas, entradas que foram fechadas há muito tempo.

McElroy a olhou com firmeza. Quando não estava sorrindo, parecia muito mais velho, linhas profundas esculpiam o entorno da sua grande boca e dezenas de linhas menores mapeavam a pele em torno de seus olhos verdes. — Sei que tenho apenas meu instinto para continuar, mas Gareth deve ter encontrado algo. Ele é, como bem sabe, bastante pontual.

A boca de Serena se curvou em um sorriso ao pensar nele ordenando que o encontrasse no rio em uma hora e vinte e três minutos.

— A senhora também deve ter percebido que ele também não gosta de lugares escuros e apertados.

Acenou, lutando contra uma onda de raiva e ciúmes por este homem saber mais sobre Gareth do que ela. — Sabia que ele não gostava do escuro, mas não sabia nada sobre espaços pequenos.

McElroy não esclareceu. — Vou pegar os cachorros e seguir a trilha de onde nos separamos.

— Vou com o senhor.

Inclinou a cabeça ao olhar para ela e finalmente encolheu os ombros.

— Muito bem. Não tenho tempo para discutir e a senhora é teimosa e fará o que bem entender.

Serena estava começando a gostar cada vez mais do irlandês depois que o conheceu melhor. Ela se virou e se dirigiu para a porta.

— Só preciso da minha capa e estarei pronta.



Acaverna mais adiante da entrada era muito mais larga e alta do que Gareth esperava. Certamente era duas vezes mais espaçosa do que os diagramas que vira de uma mina da Cornualha que Dec queria adquirir.

A lamparina iluminava apenas alguns metros à sua frente, embora tivesse levantado o vidro e aumentado o fogo. Era impossível entrar naquele buraco escuro sem ela. Mesmo com a luz, suas entranhas estavam agitadas e suas mãos tremiam ao passo que investigava o que era, essencialmente, uma grande e sinuosa caverna. Dele não saía nenhum túnel, que num passado distante deve ter servido como uma espécie de área de teste. Não, sabia de apenas duas maneiras de sair da vasta caverna: por onde ele entrou e a entrada bloqueada.

Um dos cães estava sentado sobre as patas traseiras, apoiadas no topo da tábua que escalara. Gareth olhou para o animal ansioso para evitar olhar para o que o aguardava do outro lado da caverna: um buraco que descia direto para o inferno.

Um som sufocado surgiu por entre seus dentes que tremiam. Mesmo com seu senso de humor nada fácil, conseguia apreciar a ironia. Uma caverna, com outra caverna menor dentro dela. Tudo o que faltava na situação eram as dores de fome paralisantes e as costas inchadas e ensanguentadas das surras que o Sr. Jensen costumava lhe dar. Ah, e ratos, nunca se deve esquecer dos ratos.

Não havia tempo para histeria, sabia disso. Na pior das hipóteses, o papel provava que Oliver esteve ali. Pode ter sido dias atrás, ou pode estar ali agora.

Gareth se aproximou do buraco e agachou-se antes de se inclinar sobre a borda e abaixar a lamparina. Apoios para mãos e para os pés foram esculpidos na parede áspera e degraus de metal colocados na pedra em grandes intervalos. Quando abaixou a lamparina para enxergar o poço, o que conseguiu ver foi o que parecia ser um chão coberto por pedras secas.

Olhou em volta da caverna, procurando por algo que pudesse ser usado para amarrar a lamparina na sua cintura. Infelizmente, não usava gravata porque possuía apenas lenços de pescoço.

Mas a caverna continha apenas esqueletos de pequenos animais, ramos, galhos e maior quantidade de teias de aranha que já tinha visto em toda a sua vida.

Então se lembrou da guia do cachorro. Tinha escapado de sua mão quando deslizou pela encosta. Voltou até a abertura e encontrou todos eles esperando,

estranhamente quietos e ansiosos. Rapidamente removeu a corrente da guia e amarrou-a com um nó ao redor da alça de metal da lamparina, depois deu um nó na corda e circulou o seu pescoço. Pendurou-a nas suas costas, apertando um pouco a sua garganta, mas não o bastante para deixá-lo sem ar.

Tirou as luvas, pois seria mais fácil ter apoio nas mãos, mas as suas mãos – seu corpo inteiro na verdade – estavam melados de suor, então as colocou de volta.

Ao dar outra olhada no poço, agradeceu aos céus por não ter medo de altura, pois era só o que lhe faltava. Segurou o degrau de metal superior e deu um puxão forte antes de virar as costas para o buraco. Começou sua lenta descida na escuridão.



O coração de Serena estava batendo forte e não era porque tinha acabado de escorregar por uma encosta juntamente com muitas pedras, pedregulhos e sujeira.

— A senhora está bem?

McElroy se inclinou em sua direção, a nuvem de sujeira obscurecendo ainda mais a luz fraca da lamparina.

— Estou bem, onde estão os cachorros?

Ajudou-a a se levantar e depois se virou. Os cães tinham partido, mas a trilha que haviam seguido estava clara.

— Gareth, ou alguém, recentemente esteve aqui — sussurrou. — Teremos de ir em fila ou então correremos o risco de ser destruídos pelas amoreiras. Segure a ponta do meu casaco.

Segurou a lamparina à sua frente e deu pequenos passos. Ela o seguiu, quase cega, arrastando os pés pelo terreno irregular.

Serena disse a si mesma para não ficar muito agitada. Era possível que Gareth tivesse vindo aqui e seguido em frente. Embora fosse apenas um palpite, não achava que Etienne já tivesse simplesmente deixado a propriedade. Quanto aos co-conspiradores, não conseguia imaginar quem ele

poderia ter tratado tão mal que agora o traíra. Provavelmente estaria sem dinheiro e não haveria estalagem ou albergue que aceitaria uma criança que estivesse lutando. Oliver sabia que nunca deveria seguir ninguém para fora da propriedade. Não, ele estava aqui, na propriedade, e este era o melhor esconderijo possível para um homem sem outra opção a não ser sequestrar seu próprio filho.

Gemidos baixos e fungadas a tiraram de seu torpor e McElroy parou. Olhou ao redor e viu nove cães saltitantes e uma grande abertura na frente da rocha.

— Oh, meu Deus! — o antecipou e depois percebeu que não podia ver sem a lamparina. — Rápido, a luz, bem aqui.

Ele levantou a lamparina por cima do ombro enquanto a seguia.

Pararam na abertura da caverna. — Deve ter entrado aqui — começou a levantar o pé para passar pela madeira quebrada, mas uma grande mão a deteve.

Ela se virou, furiosa. — Meu filho está lá dentro!

— Não sabemos disso ainda, o que planeja fazer? — não esperou por uma resposta. — Vamos analisar a situação com calma.

Serena o fulminou com o olhar, preparada para lutar com unhas e dentes, mas a preocupação que viu em seu rosto sério a fez parar.

— Muito bem, o que sugere?

— Vou entrar primeiro e iluminar o ambiente. Depois, vou explorar o lugar e, em seguida, *ajudá-la* a entrar, uma vez que determinar que é seguro.

Ela deu um aceno abrupto, seu estômago dando um nó quando ele desapareceu para dentro e alguns preciosos segundos se passaram antes que levantasse o vidro, permitindo que a luz iluminasse a caverna.

— É enorme — virou para encará-la. — A senhora diz que esta era uma velha mina de giz?

— Sim, mas não por centenas de anos — olhou por cima do ombro. — O que é aquilo ali no canto?

A luz mudou para o outro lado da caverna.

— É uma espécie de eixo — sua voz era um eco sinistro e o viu se abaixar. — Parece levar para outro nível — levantou-se e voltou em direção a ela, sua expressão ainda séria. — Esse poço é a única outra maneira de sair daqui. Os cães não estariam esperando fora da caverna se Gareth não tivesse

descido. E aquele buraco escuro é o seu pior pesadelo.



Gareth se enganou ao acreditar que o poço era seu pior pesadelo.

Este era seu pior pesadelo.

O teto já estava desabando quando ele entrou no maior dos dois corredores que saíam do poço, um gemido baixo e agudo o convenceu de que estava indo na direção correta. Deu um passo cauteloso, como se isso fosse o suficiente para manter o teto sobre sua cabeça. Mas sabia que era uma presunção tola.

Uma poeira fina obscureceu o túnel à sua frente e penetrou dentro das suas narinas e garganta, fazendo com que puxasse a camisa até o nariz para poder respirar.

Caminhou por menos de um minuto até chegar na fonte da poeira. Uma seção da parede e do teto havia caído e fechado tudo, exceto uma pequena parte da caverna. Uma mão humana jazia sob uma grande pedra, os dedos estavam imóveis.

— Olá, tem alguém aí? — a voz aterrorizada de Oliver chamou.

Uma onda de alívio o atingiu com tanta força que o deixou tonto.

— Oliver — respondeu. — É o Sr. Lockheart.

Ouviu um soluço sufocado e seus olhos seguiram a direção de onde parecia vir, acima do deslizamento de rocha. Gareth precisava mantê-lo calmo.

— Está ferido, Oliver?

Após vários fungos ouviu: — Uma pedra caiu no meu braço, mas não acho que esteja quebrado. Mas o Sr. Bardot está preso debaixo de uma pedra grande. Disse para ele que deveríamos voltar quando vimos a madeira quebrada, mas não quis me ouvir. Ficou muito zangado e me jogou por cima dos escombros e, antes que pudesse escalar, elas caíram sobre ele. Tentei desenterrá-lo, mas a parede continuou caindo...

Um estalo nauseante e, em seguida, um rugido estranhamente abafado

interrompeu tudo o que ele estava prestes a dizer. Gareth se apertou com mais força contra a parede da caverna, como se isso fosse salvá-lo, pois o teto desceu com toda a força de um metro de altura, cobrindo o local onde Gareth acabara de deixar.

— Sr. Lockheart! — o grito sufocado do menino atravessou a poeira.

A garganta de Gareth estava tomada por poeira ou giz que o impedia de falar, mas levantou a lamparina e escalou as pedras para chegar mais perto do buraco enquanto limpava o nariz e a boca.

— Afaste-se do desmoronamento, Oliver — ordenou roucamente assim que outra seção do teto e parede desabou.

Algo pesado e afiado caiu em cima da sua bota direita e ele soltou um grunhido abafado de dor. Foi preciso muito esforço para tirar seu pé debaixo dos detritos que se soltaram das rochas maiores, assim como a areia de uma ampolheta preenchendo a lacuna.

Seus olhos queimavam por causa da areia, lacrimejando enquanto piscava e tentava enxergar alguma coisa. Não que precisasse tomar decisões difíceis, havia apenas uma: passar pelo vão para o outro lado sem derrubar tudo sobre o garoto.

— Oliver? — chamou com a voz rouca.

— Estou aqui.

Gareth fechou os olhos aliviado. Pigarreou várias vezes, a luz da lamparina iluminando as rochas e pedregulhos que ainda se moviam enquanto caíam no corredor onde teve o desmoronamento mais recente.

— Não toque mais na parede ou tente mover as pedras, Oliver, entendeu? — Gareth falou com a calma de sempre, pois não queria alarmar o menino, mas as palavras em si enviaram uma mensagem sombria.

— O senhor acha que vai desabar mais, não é, senhor?

Gareth ignorou a pergunta. — Vou passar a lamparina pela fresta. Quero que pegue — os dentes de Gareth começaram a bater no momento em que a ideia de se separar da lamparina passou por sua cabeça, precisou usar todo seu esforço para forçar as palavras seguintes. — Deve segurá-la pela estrutura de metal para não se queimar. Quando a tiver, quero que examine com muito cuidado o restante do corredor. Notei velhas vigas quadradas, veja se alguma delas caiu antes de prosseguir. Nesse caso, pare e não prossiga. Entendido?

— Sim, senhor. Não seguirei adiante se vir algum sinal de instabilidade.

Gareth sorriu para si mesmo. — Muito bem, vou esperar aqui. *Na escuridão total.* Mexeu-se tão cuidadosamente quanto pôde, mas qualquer movimento parecia fazer com que mais pedras caíssem em cascata. Quando chegou o mais perto que pôde do topo, ergueu a lamparina e esperou até sentir um leve puxão e então a soltou, mergulhando na escuridão conforme a luz diminuía.

Engoliu em seco e se preparou para o que quer que viesse a seguir, forçando a voz zombeteira que acompanhava a escuridão. Concentrou-se em regular sua respiração, tentando não mover ou tocar em nada que pudesse derrubar o que restava do teto sobre sua cabeça. A escuridão ficou ainda pior, solidificando-se em algo frio, úmido e vivo. Lutou contra a compulsão de se apenar, de desaparecer, de se esconder.

Oliver e Serena. Extraiu os nomes do medo que estava sentindo e as repetiu em sua cabeça. *Oliver e Serena.* O frio diminuiu, tentou pensar nos rostos deles; estava aqui por causa deles, porque os amava.

Aquele pensamento foi como uma brasa no início, aumentando a chama enquanto mantinha a imagem na cabeça. Imaginou o rosto de Serena quando disse que o amava, ou como Oliver ficou quando levantou os olhos de algum trabalho que fizera particularmente bem, buscando a aprovação de Gareth.

Cem anos se passaram antes que a voz de Oliver flutuasse pela fenda.

— O túnel se ramifica um pouco à frente. O corredor está nivelado, mas o outro parece que leva para um poço.

A voz do menino o despertou de seu devaneio e Gareth percebeu uma coisa imediatamente: não estava mais tremendo.

— Acha que é estável, Oliver? — parecia calmo e confiante, igual a um homem quem um menino podia confiar.

— As vigas de madeira ainda estão no lugar, embora uma esteja cedendo. Não tem sujeira e o ar é mais limpo onde os corredores se dividem.

Gareth ficou mais uma vez impressionado com a inteligência do menino.

— Acha que é ar fresco?

— Acho que sim, senhor. Fico tentando me lembrar onde fica essa parte da caverna. Acho que pode ligar diretamente abaixo da seção que o senhor mandou bloquear.

Gareth pensou a mesma coisa. Esta parte do corredor estava condenada, era apenas uma questão de tempo. Como se o tivesse ouvido, um grande

pedaço se partiu em algum lugar próximo e atingiu o chão da caverna com um *boom* gigante.

Um pó de giz espesso e enjoativo preencheu seu túmulo que ficava cada vez menor.

— O senhor está bem, Sr. Lockheart? — pela primeira vez, a voz do menino tinha uma ponta de histeria.

Gareth abaixou a camisa, que puxou para cima sobre a boca.

— Oliver?

— Sim, senhor?

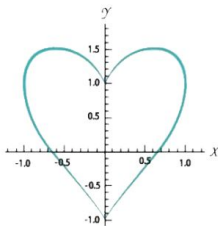
— Vou tentar abrir mais a lacuna e passar por ela — parou e tossiu, engasgando com a poeira fina antes de poder falar novamente. — Quero que pegue a lamparina e vá para o outro lado, perto da bifurcação — hesitou, não querendo assustar o menino, mas precisava dizer aquilo. — Se algo acontecer comigo, afaste-se dessa caverna. O Sr. McElroy sabe que estamos aqui, ou saberá em breve, e alguém virá.

Oliver demorou a responder.

— Sim, senhor.

— Ótimo. Agora vá para a bifurcação.

Contou até cem antes da sua pequena prisão ficar completamente às escuras e depois olhou na direção do buraco negro.



Capítulo Vinte e Quatro

— O túnel está bloqueado por um desmoronamento e pude ouvir pedaços ainda caindo. O rosto de McElroy estava manchado de suor e poeira, sua pele tinha listras cinza e brancas.

— O senhor viu...

— Não vi nada além de pedras. O ar está tomado por uma poeira muito fina. Giz, suponho.

A mente de Serena deu um sobressalto e se esquivou do impensável. Em vez disso, balançou a cabeça e juntou as mãos, como se isso fosse impedi-la de desabar.

— Precisamos abrir a outra entrada, aquela pela qual passamos no caminho até aqui.

McElroy concordou. — Concordo. No entanto, não sabemos se Bardot está lá, ou até mesmo se Oliver está lá. A única coisa que sabemos de fato, graças à presença dos cães, é que Gareth está lá embaixo. Precisamos lidar com isso em sigilo ou corremos o risco de alertar a pessoa que Bardot colocou para nos vigiar.

— Sim, claro. Mas e se...

Pegou o relógio do bolso do casaco imundo. — São quase quatro horas. Deixamos a casa há três horas. Preciso voltar e me preparar para partir para Londres conforme planejado.

Serena podia ver pela sua expressão que ir embora em um momento como aquele estava quase acabando com ele. Colocou a mão em seu braço e ele deu um sorriso esperto.

— Voltaremos para casa e traremos os dois lacaios maiores. A abertura da caverna foi fechada com pedras pesadas, mas dois homens fortes serão capazes de mover o bastante para dar acesso, ou sair dela.

— Esse é um plano sensato, exceto por uma coisa, vou esperar na entrada da caverna. Não podemos nos dar ao luxo de desprezar um par de mãos extra — ela sorriu para ele. — Sei muito bem como lidar com pedras.



Gareth sentiu como se tivesse comido meio quilo de terra. Olhou para o menino, que estava sentado contra a parede da caverna, seu pequeno corpo tenso ao vê-lo voltar a consciência.

— Sinto muito, senhor.

Gareth só conseguiu levantar as sobrancelhas, mas foi o suficiente.

— Por desobedecê-lo e voltar.

Uma risada corajosa saiu de sua garganta. — Fico feliz que tenha voltado.

Gareth conseguiu atravessar o buraco, mas quando estava prestes a descer até o chão da caverna, uma pedra acertou sua nuca e o derrubou. Quando acordou encontrou pequenas mãos envolvendo as dele, puxando-o com força suficiente para deslocar seus ombros, mas movendo-o centímetro a centímetro.

Levantou-se, fazendo uma careta de dor para o seu pé direito enquanto mexia seus dedos. Doíam, mas não achava que seu pé estivesse quebrado. Cada osso de seu corpo rangia e doía enquanto se levantava.

Oliver estava ao lado dele. — Pode se apoiar em mim se precisar, senhor. Sou mais forte do que pareço — sorriu para Gareth, seus dentes um branco surpreendente em seu rosto sujo.

Sim, Gareth pensou, certamente é, exatamente como sua mãe.

Mancaram juntos em direção à bifurcação no corredor. Gareth ficou surpreso com a forma como o resto do corredor parecia sólido e claro. As vigas e suas peças transversais eram velhas, antigas até imaginava. Números e letras foram gravados nelas, levando-o a acreditar que eram parte de algum

sistema há muito tempo perdido. Essas cavernas normalmente se estendiam por quilômetros, como as de Chiselhurst, que ainda estavam sendo exploradas. Poderiam andar por quilômetros, mas acreditava que a suposição de Oliver estava correta; estavam em algum lugar abaixo da abertura que havia selado.

— O senhor precisa descansar?

Gareth percebeu que estava respirando alto e com dificuldade, mas balançou a cabeça negativamente. — Acabei de engolir muita poeira e talvez até uma ou duas pedras — seus lábios se contraíram em um sorriso, o que fez os ombros estreitos do menino cederem de alívio. — Vamos descansar quando chegarmos no final desse poço.

— Mamãe está brava? — Oliver perguntou, cortando Gareth com um olhar nervoso.

— Brava?

— Não sabe que eu entrei na caverna com Monsieur Bardot?

Ah, isso. — Não, não sabíamos onde você estava.

Sua resposta pareceu deixar Oliver ainda mais infeliz.

— O que foi? — Gareth perguntou.

— Ela vai ficar muito brava quando descobrir que eu estava aqui.

De alguma forma, Gareth acreditava que ela o perdoaria. — Ficará aliviada por saber que você está seguro.

— Sim vai. Mas *depois* ela ficar muito brava.

— Ah, então é assim que as mães funcionam?

Chegaram a uma pequena área semicircular, igual à da base do outro poço, e Gareth se sentou no chão, mais grato do que gostaria por poder sentar por um momento.

O menino se sentou com as pernas cruzadas ao lado dele, perto o suficiente para que um joelho descansasse na sua coxa. Entendia o impulso de tocar outra pessoa em um momento de estresse, mas ficou surpreso por não sentir a repulsa que geralmente acompanhava esse contato humano.

— Lembro que o senhor cresceu em um orfanato, seus pais morreram? Meu papai morreu lutando na guerra, foi um herói — orgulho tingido de pesar coloriu sua voz.

Gareth pensou no pai verdadeiro do menino – um ladrão chantageiro que sequestraria e pediria resgate pelo seu próprio filho – de repente entendeu por

que Serena estava tão relutante em contar para Oliver a verdade sobre sua origem.

— Por que você e o Sr. Bardot desceram nessas cavernas?

— Ele me disse que encontrou algo surpreendente e que seria uma boa surpresa para minha mãe quando voltasse para casa — lançou para Gareth um olhar nervoso. — Quando disse que não tinha permissão para entrar aqui, ele disse que estaria tudo bem se estivesse comigo — mordeu o lábio, um gesto igual ao de sua mãe. — Acho que não havia realmente nada aqui, o que o senhor acha?

Gareth se perguntou qual resposta faria o menino se sentir menos ansioso ou tolo. Finalmente encolheu os ombros. — Ouso dizer que pode haver uma série de coisas interessantes aqui. Infelizmente, permanecerão enterradas. Acredito que nunca mais será seguro explorar essas cavernas.

Oliver fez que sim com a cabeça. — Ainda assim, é uma pena, não é?

Gareth olhou para a pequena caverna em que estavam e percebeu, em choque, que concordava com o menino. Não poderia ter dito quando, exatamente, deixou de ficar aterrorizado pela escuridão, confinamento e pressão acima de sua cabeça, mas sabia que não se importava mais. Esperava que isso tivesse desaparecido para sempre, mas para o momento, estava grato por ter sumido.



Serena estava em um estágio meio dormindo, meio acordada. A noite ainda estava um breu, embora não fosse demorar muito para amanhecer. Sentou-se contra a entrada da caverna, como se a mera proximidade com as pedras fosse o suficiente para aproximá-la do homem que sabia estar preso lá embaixo. Estava entre querer que seu filho estivesse com ele, e não querer que estivesse enfrentando esse perigo. Ainda assim, estar com Gareth seria melhor do que estar com Etienne.

Foi muito difícil não gritar de frustração e bater com os punhos nos blocos de pedras empilhados atrás dela enquanto aguardava os lacaios chegarem.

Disse a si mesma que a cautela de McElroy era sábia. Ser precipitado e atrair a atenção colocaria Oliver em perigo. Mas esperar? Cada segundo que Gareth passava dentro daquelas cavernas seria como uma hora para ele.

Fechou os olhos para ignorar aqueles pensamentos, mas isso acabou criando imagens novas e mais insidiosas: Oliver, preso e sozinho; Gareth no escuro, seus olhos ardendo com um desespero indescritível. A ideia de que ele estava enfrentando seu pior pesadelo pelo seu filho a fez amá-lo ainda mais, o que não achava ser possível.

Serena baixou a cabeça e orou. Meu Deus, por favor, não deixe nada acontecer a nenhum...

— Aah! — do nada uma pedra ricocheteou em cima do seu chapéu e pousou do seu lado.

— Olá?

Por um momento, achou que estivesse enlouquecido e ouvido a voz do filho na pedra. Mas depois ela girou e ficou de joelhos, pressionando a testa contra a pedra áspera e fria.

— Oliver? — a voz dela não parecia mais com ela.

— Mamãe!

Não percebeu que estava chorando até que uma lágrima caiu sobre seu punho fechado, engolindo em seco tentou perguntar. — O sen... — Sua voz falhou e ela tentou novamente, — o Sr. Lockheart está contigo?

Uma voz abafada, mas precisa, atravessou a pequena fenda na pedra. — Estou aqui, Serena. Está tudo bem, exceto por seu primo, Sr. Bardot, temo que foi pego no colapso.

Agora as lágrimas fluíam com liberdade. — Oh, graças a Deus! *Graças a Deus!*



Falar apertado para passar a voz por uma brecha era uma coisa. Apertar um garoto e um homem formado para passar por uma era outra completamente diferente.

Os dois lacaios chegaram e começaram a remover as pedras cuidadosamente. Algumas delas, como as que Gareth e Oliver conseguiram deslocar, eram bem menores. Mas muitas delas eram grandes demais até mesmo para dois lacaios de estatura grande a deslocarem.

Sem a ameaça de Bardot, Serena correu de volta para a casa para pedir mais ajuda. Somente várias horas depois, quando os dois cativos foram libertados, alguém se lembrou de Declan McElroy.

Até então, Oliver tinha sido recebido de volta nos braços esmagadores — mas não repreendidos — de sua mãe e de Nounou. Oliver tomou banho, se enxugou, se alimentou e foi acomodado em uma cama quente. Pela primeira vez, adormeceu antes que Nounou pudesse reclamar da luz.

— Está exausto — disse Nounou, gesticulando para que Serena deixasse que ela ficaria de olho nele. Não havia saído do lado do filho desde que o tirou do buraco da caverna. — Venha, é hora da senhora tomar um banho e comer alguma coisa.

Serena fechou a porta com pesar.

— Acabei de pedir que um banho fosse preparado no seu quarto.

Serena assentiu. — O médico veio ver o Sr. Lockheart?

— Sim, e já foi embora há algumas horas. Ele ficará bem e caminhará normalmente em apenas alguns dias.

— Obrigada, Nounou.

A francesa lançou um olhar astuto e bufou. — A senhora está horrível, vá se banhar e coloque pepino nos olhos. Não vai querer que ele te veja assim.

Serena riu. — Para sua informação, ele já me pediu em casamento, Nounou.

— Mas ele pode mudar de ideia se a vir agora.

Quando Serena chegou ao quarto e olhou no espelho, teve que admitir que Nounou tinha razão.

Se apressaria e tomaria um banho e visitaria Gareth, não importando o quão escandaloso tal comportamento pudesse ser. Mas quando se deitou no calor fumegante da banheira, uma lassidão poderosa rastejou pelo seu corpo. Iria fechar os olhos, mas apenas por um segundo.



Gareth não se importou que a criada tivesse levado um susto e depois saído pela porta ainda aberta quando entrou no quarto de Serena.

Não estava na cama e sua sala de estar estava escura. — Serena? — Chamou e foi mancando até seu vestiário, em direção a sua câmara de banho. Sua respiração ficou presa em sua garganta com o que encontrou.

Estava dormindo na banheira. Seu cabelo tinha sido lavado e estava jogado sobre as costas altas da banheira, amontoados no chão como espuma de ouro castanho. Seus braços flutuavam ao lado do seu corpo e seus seios fartos se ergueram acima da linha da água, os mamilos endurecidos. Seu corpo estava arrepiado, o que lhe dizia que a água havia esfriado há muito tempo.

Agachou-se ao lado da banheira, fazendo uma careta devido a dor do seu pé.

— Serena, acorde.

Suas pálpebras tremularam e ela o encarou com pupilas enormes, sua expressão confusa enquanto abandonava o sono.

— Gareth? — sua mão se levantou da banheira, pingando água.

— Sim, sou eu, Gareth — deixou seus olhos apreciarem seus seios úmidos e o triângulo escuro debaixo da água. — Acredito que já esteja limpa agora.

Um sorriso lento e alegre se espalhou por seu rosto cansado, mas bonito, levantou uma mão e a examinou. — Estou ficando parecida com uma ameixa seca.

Gareth se levantou e pegou uma das grandes toalhas turcas da pilha, abrindo-a e estendendo-a. — Venha, irei secá-la.

Levantou-se da água como uma deusa do mar e seu corpo se alegrou com a vista de suas curvas molhadas, seus mamilos rosados e seus cachos castanhos escuros.

Ajudou a sair da banheira e depois começou a enxugá-la.

— Que horas são?

— Ainda não são seis — ajoelhou-se e começou a secar um pé enquanto ela se mantinha firme segurando a borda da banheira.

— O Sr. McElroy...

— Voltou há uma hora — Gareth secou entre cada dedo dos seus pés perfeitos, tomando seu tempo enquanto secava seu elegante calcanhar e tornozelo antes de subir para sua panturrilha.

— Hmmm — ronronou. — Isso é muito bom. O Sr. McElroy voltou ileso?

Forçou-se a parar no meio da sua coxa, pois ela nunca ficaria seca se ele cedesse à distração que estava acima de suas pernas. — Está.

Riu. — Realmente, Gareth. Devo arrancar cada sílaba de você?

Viu-se novamente no topo de uma perna devidamente seca, seus olhos estavam no nível perfeito. Talvez apenas uma pequena degustação, uma pequena lambida, uma pequena chupada...

— Gareth!

Levantou os olhos de onde estava ajoelhado entre suas coxas. A visão de seus seios daquele ângulo era enlouquecedora. Assim como seu rosto ruborizado, olhando para ele com uma expressão que acreditava ser em parte diversão, aspereza e desejo. Agarrou-se àquele desejo.

— Sim? — acariciou com os polegares a pele que delimitava seu sexo, abrindo-a suavemente para seus olhos famintos, com água na boca.

— Estou com frio — estremeceu para ilustrar e Gareth entregou-lhe a toalha sem quebrar o contato com seu corpo. Jogou a toalha sobre os ombros e deu uma risada baixa, que Gareth interpretou como um incentivo.

Abriu suas dobras e a tomou em sua boca, enrolando sua língua ao redor de seu pequeno órgão. Massageou-a ritmicamente, até que ficasse inchada e úmida, suas coxas se abriram sem qualquer incentivo dele.

— Oh, Gareth.

Respondeu ao seu apelo suave deslizando um dedo para dentro da sua abertura apertada, bombeando-a enquanto continuava a chupá-la e provocá-la. As mãos de Serena se enredaram em seus cabelos e puxaram com força, o suficiente para provocá-lo. Ele se deleitou com a dor e continuou seu trabalho sem misericórdia até a conclusão, parou apenas quando sentiu os joelhos dela cederem, como se fossem dobrar. Deu uma última penetrada e a soltou, levantando desajeitadamente.

— Venha — disse.

Não estava bem o suficiente para arriscar carregá-la, então pegou sua mão

e a guiou até a cama.

Ela o seguiu desequilibrada e o soltou apenas para que ele puxasse a roupa de cama, tirasse o roupão e sua roupa de dormir, quase uivando de dor enquanto seus músculos doloridos se mexiam.

Gareth deslizou para a cama ao lado dela e a tomou em seus braços, aquecendo seu corpo ainda frio com as mãos. Beijou seu cabelo úmido e puxou-a para mais perto com uma perna, até que estivessem entrelaçados como videiras. — Declan enviou uma mensagem ao Sr. Steele quando retirou o dinheiro do banco.

— Hmm, Declan? Ah. Mas, e quanto a — parou, como se estivesse com vergonha de articular seus desejos. Gareth sentiu um sorriso puxar seus lábios.

— Ah, quer saber sobre os homens que deveriam estar vigiando-o? — Brincou, sabendo que não era o que ela queria. — Bem, sua mensagem contava a situação para Steele e o instruiu a ficar uns quinze minutos para trás.

Sua mão fria e calejada deslizou entre eles e envolveu seu membro dolorosamente duro.

Deu um grunhido baixo e satisfeito de prazer, mas continuou sua história, sua voz apenas um pouco tensa.

— Como suspeitávamos, foi atacado por dois homens mascarados em plena luz do dia, ao sul da Shooter's Hill — disse, citando a notória fila de ladrões e assaltantes de estrada, embora geralmente não no meio do dia. A mão dela congelou no meio do curso e ele percebeu que era melhor continuar sua história. — Os dois homens tinham acabado de pegar o dinheiro e estavam partindo em seu cavalo quando Steele subiu a colina com cinco de seus companheiros mais aptos e temíveis de Bow Street — parou quando ela aumentou o movimento, tomando-o em sua mão firme.

Mas depois a danada parou.

— Por favor, continue — sua voz era fria e sem tom e se Gareth fosse um tipo mais desconfiado, poderia ter se perguntado se ela estava fazendo troça dele.

Teve que engolir várias vezes e reunir seu bom senso que estava disperso.

— Os agentes acabaram com os ladrões que, quando suas máscaras foram removidas, descobriram que eram...

— Sandford e Leeland — o soltou, sua voz tomada por nojo. — Eram eles, não eram?

— Sim, está correta.

Gemeu e se virou de costas, cobrindo os olhos com as mãos.

— O que foi?

— Devia ter imaginado. Ele me procurou em Londres, estava furioso e me fez ameaças. Achou que eu tivesse dito algo para você para que ele fosse dispensado. Estava quase cumprindo sua ameaça quando Miles, um grande amigo meu, o interrompeu e o expulsou.

Gareth sacudiu a cabeça. — Por que não me contou isso, Serena?

— Não podia dizer nada na época, e isso nunca me ocorreu quando descobrimos o que Etienne tinha feito. Deveria saber que duas pessoas tão nojentas assim se encontrariam.

— De acordo com McElroy, que ficou aqui o tempo suficiente para ver Steele contar a história inteira, Featherstone foi até Bardot. Alegou que Bardot estava desesperado por dinheiro e disse para ele que provavelmente eu pagaria o que fosse para proteger você e o menino.

Virou-se para ele e colocou a mão em seu ombro. — Oh, Gareth, sinto muito que tenha sido usado desta forma.

— Lamento não ter deixado Steele prender Bardot quando o capturou na primeira vez. Nada disso teria acontecido.

Deslizou a mão do seu ombro até o pescoço. — Não tinha como você saber.

Ele se aproximou. — Nada disso importa agora. O que importa é que Oliver está seguro. Felizmente, Bardot nunca contou a sua verdadeira associação com Oliver, devemos ser gratos por isso — pousou a mão na barriga dela, que saltou e estremeceu ao seu toque. — Os Featherstones estão em um lugar onde nunca poderão machucá-los novamente.

Seu corpo congelou. — Gareth, você não... mandou *matá-los*, mandou?

A ideia passou por sua cabeça, mas sabia o que matar uma pessoa tinha feito com Dec, não importa o quão justificado fosse.

— Não, Dec apenas os colocou para fazerem uma pequena viagem — acariciou seu estômago em círculos cada vez maiores, seus dedos *acidentalmente* roçando seu sexo.

Ela balançou a cabeça negativamente. — Não vou perguntar, pois não quero saber.

Massageou-a em silêncio, até que suas pernas se abriram.

Gareth aceitou o convite e enfiou um dedo nela, entusiasmando-se quando ela se apertou ao redor dele.

— Ah — o som acompanhou o amolecimento de seu corpo, seus músculos derretendo sob sua mão questionadora. A mão dela o agarrou. — Eu o quero.

Suas palavras o inflamaram, mas balançou a cabeça, ficando de joelhos e abrindo mais as pernas dela, seus olhos tremulando de sua mão para seu rosto.

— Ainda não, mas em breve. Quero vê-la gozar para mim primeiro.

Ela ficou ainda mais apertada e sua respiração acelerou. Sorriu, satisfeito em saber que ela estava excitada com o seu comando. E quando gozou, o que aconteceu rápido demais, ele prolongou seu êxtase, provocando seu clímax em forma de ondas.

Penetrou-a longa e suavemente, colocando seu peso sobre seus antebraços enquanto saboreava seus seios, seus quadris entrando nela em golpes profundos e fortes até que os levou ao ápice.



Acordou assustado ao lado dela, o corpo rígido e os olhos arregalados.

— Gareth? — as velas haviam se apagado e a escuridão tomava conta de tudo, menos da cama.

Estava ao lado dela, seus corpos entrelaçados. Os dois adormeceram depois de fazer amor, mas algo o acordou. Agora sabia que tinha sido a tensão do corpo dele: estava tendo um pesadelo.

— Gareth? — deslizou a mão sob seu queixo. — Está acordado?

Deu um leve aceno e suas pálpebras fecharam enquanto exalava lentamente. — Sim, estou acordado.

Abriu a boca para perguntar sobre o pesadelo, mas fechou. Quando quisesse confiar nela, o faria. Até então, devia-lhe amor sem reservas.

— Declan e eu vivíamos na casa do Sr. William Jensen, um homem que afirmava administrar um orfanato, mas as crianças que acolhera nunca eram colocadas para adoção ou eram adotadas, pelo menos não por famílias ou

empregadores de verdade — virou-se de costas e olhou para o dossel escuro acima de suas cabeças. — Tinha aqueles que ficavam por pouco tempo, eram meninos e meninas atraentes que simplesmente sumiam após serem devidamente alimentados e nunca mais eram vistos. Partiam um dia, usando roupas novas, rumo a uma nova vida — olhou para ela, seus olhos sombrios na luz fraca. — Dec e eu tínhamos inveja deles, até que a gente soube.

Deslizou um braço por baixo dela e puxou-a para perto. — Não consigo me lembrar de uma época em que não estive lá. Então concluí que, talvez, eu pudesse ser filho do Sr. Jensen ou talvez filho de algum parente. Apareceu com Declan quando ele tinha, talvez, seis anos. Jensen o pegara furtando bolsos na rua, em frente ao antigo Drury Theatre. Estava imundo e era meio selvagem, mas Jensen deve ter visto algo nele — Gareth sacudiu a cabeça. — Não sei por que Dec estava sozinho. Talvez trabalhasse para um dos homens que administravam as gangues de crianças que roubavam e trabalhavam para eles. Ou talvez sua família tivesse partido, morrido ou sido presa e ele teve que se virar sozinho. Nunca disse e nunca perguntei. Jensen nos mantinha longe das outras crianças, até nos deu um quarto juntos. Nunca teve muitas crianças no seu *orfanato*, mas, por algum motivo, não queria que a gente se misturasse com os outros.

Sua mão traçou preguiçosamente seu braço para cima e para baixo, o que estava fazendo seus pelos arrepiarem, mas desta vez não por causa do frio.

— Nos tornamos uma equipe, Dec e eu. Jensen dava festas onde os homens jogavam cartas, e festas para outras atividades, como mais tarde aprenderíamos eventualmente. Ele e sua associada, Sra. Burgess, que não morava no orfanato, mas que deve ter servido como alcoviteira, preparavam várias armadilhas para seus convidados — fez uma pausa e olhou para ela. — O que vou dizer é perturbador.

Ela assentiu. — Entendo.

— Dec e eu éramos novidades. Nós serviríamos bebidas e comida e assim por diante. O tempo todo eu observava as cartas e deixava Jensen saber como dar lances. Às vezes, os homens faziam uma pausa de certa forma longa. Agora sei que iam para os quartos preparados pela Sra. Burgess. Quartos onde poderiam realizar seus desejos. Ele a apertou com força. — Vendiam crianças – virgens – para aqueles homens que vinham jogar. Soube depois que chantageavam os seus clientes.

Serena tinha visto coisas terríveis durante a guerra, ela mesma sofreu nas mãos de homens maus. Mas estuprar uma criança era algo tão terrível que nunca deixou sua mente imaginar.

— Com minha habilidade nas cartas, era valioso demais para essas coisas, mas notei uma mudança em Declan. Ele se tornou taciturno e retraído, até mesmo comigo. Jensen o punia cada vez mais, mas com cada vez menos proveito. Consegue ver, Serena, a punição de Jensen foi nos trancar no velho porão embaixo da casa. Nada além de lixo, vermes, podridão, umidade e escuridão. Não foram necessárias muitas idas ao porão para me convencer de que *sempre* deveria tomar cuidado quando Jensen estivesse jogando.

A mão dele cravou em seu ombro com tanta força que doeu, mas ela se aproximou ainda mais dele, que começava a suar no ar frio da noite.

— Mas Dec tinha a cabeça mais dura. Ou talvez gostasse mais dos porões do que os quartos para onde Jensen o mandava.

Respirou fundo várias vezes e Serena queria que ele soubesse que poderia parar, que ela não queria saber. A verdade era *que ela não queria* saber. Mas ele precisava falar aquilo, isso estava dolorosamente claro.

— Uma noite, um dos convidados gostou de mim. Devia ter doze, talvez treze anos, não tenho certeza quando é meu aniversário e Jensen nunca mencionava essas coisas. Em todo caso, o homem continuou me dando moedas por cada pequena coisa que eu trazia. Parecia feliz em dá-las para mim. Jensen também deve ter pensado assim. Não sei quem era, mas quando se levantou, pediu que eu desse uma volta com ele. Declan estava lá. Achei que estava de mau humor porque eu estava ganhando muito dinheiro. Não que tivesse permissão para ficar com tudo aquilo, mas ele se levantou com um salto e gritou: *Não!* quando estávamos saindo.

— O cavalheiro me levou embora, mas pude ouvir a voz de Jensen, mandando Declan para seu quarto e dizendo que ele tinha sido um menino muito mau. Jensen nunca ordenou que nenhum de nós ficasse em nossos quartos como punição, era sempre o porão. Não deve ter querido fazer isso na frente de seus clientes, pensando em punir Declan depois que todos tivessem ido embora. Em vez de ir para seu quarto, Declan nos seguiu, o homem me levou até uma porta que sempre ficava trancada, um quarto que eu nunca tinha visto antes. Estava cheio de ferramentas para tudo o que é tipo de perversão imaginável.

— Fechou a porta, mas não pensou em trancá-la, afinal, deve ter pago uma boa quantia para me ter. Se eu não estivesse lá para contar cartas e ajudá-lo, Jensen provavelmente estaria perdendo dinheiro. Quando o homem me pediu para sentar em seu joelho, eu sabia que não queria estar ali. Era o tipo de homem que gostava de jogar pesado e me prendeu — uma criança esquelética — na cama com um joelho quando a porta se abriu e ele foi atingido por uma bola de raiva.

— Declan — ela respirou.

— Ele mesmo. Infelizmente a Sra. Burgess devia estar por perto. Entrou no quarto em seguida e tentou tirá-lo de cima da orelha do homem, ele mordeu a orelha tão forte que tinha sangue por toda parte. Ela tirou o homem que não parava de gritar do quarto e nos trancou lá dentro. Ficamos lá por horas, tempo suficiente para acalmar o cliente, dispensar os outros hóspedes e depois para lidar com a gente — chacoalhou a cabeça como se quisesse esquecer o que quer que estivesse em sua memória.

— Jensen não tinha se dado conta do fato de que nós dois tínhamos crescido e não éramos mais meninos. Declan, em particular, tinha desenvolvido uma boa quantidade de músculos. Jensen entrou no quarto e me deu um soco no rosto. Devo ter ficado desnorteadado por alguns minutos, porque a próxima coisa que percebi foi Declan em cima de Jensen segurando uma faca ensanguentada. Deve ter atingido Jensen em cheio, porque estava morto em minutos.

— Oh, Gareth!

Olhou em direção à voz dela, confuso. E foi então que ela percebeu o quão espessa era a máscara que ele usava, e quão pouco ela conseguia esconder quando você conhecia o verdadeiro homem por trás dela.

— A Sra. Burgess já tinha ido embora, sem dúvida acreditando que Jensen nos tinha firmemente sob controle, assim como teve por anos. Vasculhamos seu escritório, mas não encontramos a maior parte do dinheiro, que estava em um cofre na parede. Havia talvez nove outras pessoas no orfanato, todas elas escolhidas pela aparência, e dissemos para pegarem o que conseguissem e fugir.

— Para onde vocês foram? Eram apenas meninos.

Encolheu os ombros. — Estávamos mais seguros longe de Jensen. Nós nos escondemos com centenas de outras pessoas, rio abaixo, debaixo das

pontes, onde quer que pudéssemos escapar do clima ou de bandidos maiores e mais cruéis do que nós.

— Foi Declan quem teve a ideia de me fazer parecer mais velho e tentar a sorte nos clubes de jogos. Era inteligente e tinha aprendido algumas artimanhas com Jensen — seus lábios se curvaram em um sorriso irônico. — Logo tínhamos dinheiro suficiente para sair das ruas. Sabia que a vida nas mesas de jogo nunca terminaria bem e, quando o armazém onde comprávamos nossos alimentos fechou, oferecemo-nos para investir nosso dinheiro se uma estudada no livro-razão nos mostrasse alguma chance, mesmo que remota, de salvar o negócio. Era possível, assim como quase sempre acontece — olhou para ela. — E foi assim que começou — franziu a testa e levantou a mão para limpar uma lágrima que caía na sua bochecha. — Esteve chorando de novo?

Ela balançou a cabeça negativamente. — Não.

— Não chore por mim, Serena. Sou um dos sortudos.

— É por isso que queria se casar bem, para influenciar nosso governo a fazer algo a respeito desses homens horríveis?

— Sim, esse era um dos motivos.

— Lamento muito que minha reputação e conexões não trarão toda a influência que esperava.

— Não entende, vai me dar a força que preciso para perseverar. Não preciso me casar com a filha de um aristocrata; casar para assegurar influência política é uma atitude covarde — virou-a em seus braços, até que seus seios pressionassem contra a firmeza do peito dele. — Dormir sozinho em um quarto completamente iluminado foi outro ato de covardia — beijou-a quando ela abriu a boca para contestar. — Não, não discute e tente fazer com que me sinta menos idiota. Não posso prometer que não vou acordá-la com meus tremores e gritos algumas noites, mas não vou deixar que esse pensamento tome conta de mim, certamente não à custa de ficar sem você em meus braços — cobriu-a de beijos e ela não queria que parasse nunca. Mas ainda tinha uma última coisa para dizer a ele.

— Gareth, querido?

— Sim? — murmurou de algum lugar perto de seu seio direito.

— Precisarás ser extremamente gentil com eles por um tempo, Gareth.

Ele parou e sua cabeça saiu debaixo das cobertas, uma ruga de

preocupação entre seus lindos olhos cinzentos. — Tenho sido muito bruto?

Ela sorriu e acariciou seu queixo. — Não, não é nada disso. É que estão muito sensíveis agora.

Inclinou a cabeça. — Há algo errado? Devo chamar o médico de volta...

Ela riu. — Não. Se eu estiver correta, não há nada para curar — apressou-se em assegurá-lo quando viu o horror em seus olhos. — Não é nada ruim, não fique assim! Pode não ser nada, mas acredito... — interrompeu-se, desejando não ter dito nada.

— O quê? Acredita o quê?

— Passaram-se apenas três semanas, mas a última vez que ficaram sensíveis assim, eu estava grávida.

Sua expressão estava além de cômica. Ele parou de respirar.

— Gareth? *Gareth*? — sacudiu seu ombro.

Ele piscou.

— Vou ser pai.

— Bem, possivelmente. Provavelmente, se estiver lendo os sinais corretamente.

— Vou ser pai.

Ela riu.

— Parece estar preso em uma espécie de repetição.

— Oliver vai ter um irmão ou irmã.

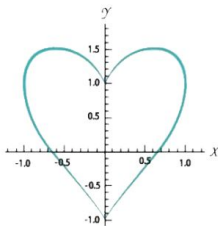
— Bem, essas são as duas opções mais comuns — fez uma pausa, absorvendo a beleza e a força de seu rosto. — Eu o amo, Gareth.

Seus lábios começaram a se curvar, não parando até que ele estivesse sorrindo.

— Me fez um homem muito feliz. Eu a amo, Sra. Prestes-a-ser-Lockheart.

— Oh? — Brincou, enquanto seu belo sorriso raro derretia seu coração em uma poça. — Quanto?

Ainda sorrindo, afastou-se lentamente, até desaparecer debaixo das cobertas. E depois começou a mostrar a ela o quanto.



Epílogo

Três semanas, dois dias e nove horas depois...

Declan lacrou a breve nota com um dos sinetes de Gareth e apoiou o envelope debaixo do tinteiro, onde certamente notaria. Ele celebrou o casamento de Gareth e Serena com verdadeira alegria em seu coração. Até um cego podia ver que os dois estavam loucamente apaixonados. Mas agora precisava levar sua miséria, raiva e abstinência da bebida para outro lugar, algum lugar onde não manchasse a felicidade, conquistada com tanta dificuldade, de seu melhor amigo. Seu bilhete dizia que precisava de um tempo para si mesmo, e pedia a Gareth para não se preocupar com ele, prometeu que estaria de volta no Natal.

Estava deixando a biblioteca, que não mais ardia com centenas de velas, quando ouviu um arroteo distinto, seguido de um gemido.

Como de costume, permitiu sua curiosidade falar alto, precisava partir, mas aparentemente precisava ainda mais ver quem estava na biblioteca. Refez seus passos até a escrivaninha e depois até o sofá que ficava de frente para a lareira que mal tinha fogo.

O conde de Avingdon estava deitado nele, equilibrando uma taça de champanhe sobre o peito. Seus olhos se voltaram preguiçosamente para Declan.

— Champanhe sempre me dá gases — o aristocrata colocou os pés no chão e se levantou desequilibradamente. Deu a Declan um sorriso envolvente.
— Importa-se de sentar e tomar uma bebida com um homem que em breve

será algemado?

Declan riu, não pôde evitar. As pessoas raramente o surpreendiam, mas este homem, sim. Um conde extremamente honesto que queria tomar uma bebida com uma pessoa como ele?

— Por que não? — respondeu, mesmo sabendo o porquê, precisava sair dali.

O conde tentou se levantar, mas não teve sorte.

— O senhor sente-se, vou servi-lo — foi até os decantadores. — Receio que não haja champanhe.

— Graças a Deus. Uísque, se tiver.

— Ora, é claro — Declan serviu dois copos de uma garrafa que sabia que Gareth havia pagado caro. Entregou-lhe um copo e levantou o seu bem alto antes de dizer: — Para suas próximas núpcias, que sejam tão cheias de alegria quanto as que testemunhamos hoje.

Avingdon jogou a cabeça para trás e tomou o conteúdo do copo em um só grande gole. Fez uma careta quando o líquido desceu queimando, a expressão de forma alguma diminuiu seus traços perfeitos.

Declan sempre esteve seguro em sua habilidade de atrair pessoas do sexo oposto, mas o conde era o tipo de homem que fazia outros homens se sentirem como uns babacas deselegantes e deixava todas as mulheres do ambiente desmaiadas. Ainda assim, Dec não pôde deixar de notar seu casaco e suas botas hessianas surradas. Todo mundo – até mesmo homens com essa aparência e com um título – tinham seus problemas.

Olhou para o copo vazio na mão do conde. — Outro?

Avingdon recuou um pouco. — Não obriga... *obrigado*, é melhor não.

Dec encolheu os ombros. — Como preferir — sentou-se na cadeira em frente a ele.

— Não conheço bem o seu amigo, mas acredito que formam um belo casal, não acha?

Declan concordou, embora nem sempre tivesse concordado. Claro que agora sabia que parte disso era por medo de perder a amizade de Gareth, um medo bobo. — Sim, acredito que vão se dar bem juntos. E a sua futura esposa?

Avingdon piscou. — Que esposa?

— Achei que o senhor tivesse dito que logo seria algemado?

Observou com diversão quando a compreensão lentamente caiu sob os enormes olhos azuis do homem. — Ah, sim. *Essa* esposa. Bem — levantou seu copo e então viu que estava vazio. — Não disse as palavras necessárias ainda.

— O senhor está preocupado que ela não o aceite?

Uma expressão de raiva ou algo parecido cintilou em seu rosto. — Não, temo que aceitará — sacudiu-se, como se tivesse acabado de ouvir o que disse. Fez uma careta. — Por Deus, isso soa muito terrível. Receio lhe ter dado uma impressão errada. Não tenho nenhuma mulher em particular em mente. Veja, apenas recentemente recebi meu título.

Declan tinha ouvido que o irmão do homem morrera inesperadamente não muito tempo atrás. — Sinto muito pela sua perda. É isso o que as pessoas dizem, não é?

O conde dispensou suas condolências.

— Foi uma pena, embora alguns parentes achem que ele teve muita sorte de escapar dessa — deu um arrote. — Desculpe. É claro que acertei o rosto do último babaca que disse isso. Não foi algo bom de se fazer, especialmente em um funeral.

Dec estava começando a desejar ter se servido de uma bebida maior. Não tinha ideia de que os aristocratas faziam coisas interessantes como se envolver em brigas em funerais.

— Tias, primos, sobrinhas, irmãs e até um irmão. Todos precisam disso.

— Disso o que? — Declan perguntou.

Olhou para cima e piscou, como se estivesse surpreso ao descobrir que não estava sozinho. — Dinheiro, preciso de dinheiro.

Ah, estava quebrado. Declan tomou um gole. — Bem, atrevo-me a dizer que as herdeiras farão fila para se tornarem condessa — sem contar a chance de se casar com um homem que não se parecesse com uma truta inchada; a maioria dos homens aristocráticos que conhecia pareciam uma.

Suas palavras pareceram deprimir o homem. — Nun...ca quis me leiloar como um pedaço de carne suína.

Declan riu e o conde fez uma careta. — O que é tão *engraxado*?

Encolheu os ombros. — O senhor, acho.

Avingdon recuou como se tivesse levado um tapa, e então jogou a cabeça para trás e riu muito mais alto e com muito mais entusiasmo que o pequeno

comentário merecia.

— O senhor está certo — finalmente disse. — O senhor tem razão, sou patético. Homens da minha espécie se casam por dinheiro o tempo todo. O tempo todo — acenou com a cabeça como uma coruja. — E que pechincha serei para alguma jovem senhorita enfadonha, não? — Olhou através de Declan, seus olhos sombrios.

O homem estava muito embriagado e com a língua afiada ainda por cima. Precisava ir para a cama e dormir. Não que seria melhor pela manhã, claro. Não, não importa o quanto bebe, ainda assim acordaria consigo mesmo, mesmo depois de todo o esforço para deixá-lo para trás. Ninguém sabia disso melhor do que Declan.

Terminou de tomar o pouco que restava em seu copo e lutou contra o impulso para pegar outro. E outro. Depositou o copo com um baque que fez Declan levantar os olhos.

— Está de saída, então?

Declan acenou. — Sim.

Avingdon olhou para as janelas, que estavam cobertas por cortinas pesadas, e depois para o relógio gigante, cujos ponteiros eram grandes o suficiente até para um bêbado enxergar. — Atrasado para um passeio, não é?

— Sim, mas a lua ainda está brilhando e a noite está clara.

— Para onde irá?

Declan sorriu.

— Não faço ideia — quando o conde não respondeu, Dec olhou para ele. Estava dormindo com a boca aberta. Levantou-se e sorriu para o homem.

— Boa sorte, parceiro.

Um ronco suave foi sua única resposta.

Declan tinha a sensação de que o belo aristocrata precisaria de um pouco de sorte. Mas, de novo, quem não precisava?

Se gostou de ler sobre o mundo de Gareth e Serena, você poderá conhecer mais amigos seus na série **A ACADEMIA DO AMOR** – sete romances regenciais sobre professoras desempregadas que estão prestes a receber algumas lições sérias sobre o amor!



Glosário

Autômato – Mecanismos como caixas de música, mecanismos de escrita, entre outros.

Berma – A berma ou acostamento de uma estrada é uma faixa longitudinal pavimentada, contígua a essa mesma estrada, não destinada ao uso de automóveis senão em circunstâncias excepcionais.

Parterre - Um parterre ou canteiro é uma componente de um "jardim formal", plantado numa superfície plana e consistindo em canteiros de flores ou outras plantas, delimitados por sebes baixas ou muretes de pedra de proteção dos leitos florais interiores, rodeados de alamedas de passeio, normalmente pavimentadas com gravilha

Banyan - Um banyan é uma vestimenta usada por homens e mulheres europeus no final do século 17 e 18, influenciada pelo quimono japonês trazido para a Europa pela Companhia Holandesa das Índias Orientais em meados do século 17

Poltrão – o que ou aquele que não tem coragem, que é medroso, covarde.

Um retrato do amor

A Academia Do Amor... Livro 3



Capítulo Um

Londres, 1803

Honoria desceu as escadas correndo como se estivesse correndo por sua vida.

Já passava do meio-dia; ele já terá chegado. Teria perdido *dez minutos* da sua companhia. De olhar para ele. De adorá-lo.

Derrapou até parar do lado de fora do estúdio de seu pai, verificando seu reflexo na reluzente urna de latão que estava em um pedestal na frente da porta. Uma imagem distorcida e amarelada de seu rosto a olhava de volta. A barriga do vaso esticou seus olhos e os fez parecer longos e exóticos enquanto reduziu sua boca grande numa careta em forma de arco. Honey desejou que se parecesse com essa garota imaginária, em vez daquela realidade pálida, desengonçada e bocuda que a encarava de volta.

Torceu o nariz atarracado para aquele reflexo no latão e sibilou, estreitando os olhos e rindo da imagem maligna que acabara de criar. Tudo

que precisava para ser verdadeiramente horrível eram presas.

Ele está lá, uma parte não divertida de sua mente apontou.

Honey beliscou suas bochechas para dar-lhes um pouco de cor e empurrou seus cabelos cacheados que davam na cintura para trás sobre os ombros. Seu pai não a deixaria usá-lo para cima até seu próximo aniversário, quando fizesse dezesseis anos. Para um artista, Daniel Keyes às vezes poderia ser um defensor do decoro e...

— Olá.

Honey saltou e deu um grito, sem dúvida parecendo um rato assustado em sua bata marrom horrível.

Correção, um rato enorme com o rosto vermelho.

Não queria se virar, mas não poderia ficar ali o dia todo. Engoliu em seco ruidosamente, como se sua garganta estivesse enferrujada e lentamente, muito lentamente, se virou.

Olhos da cor de hortênsias olharam para ela, com os cantos enrugados.

Lorde Simon Fairchild.

Até seu nome era lindo.

Mas nada comparado com seu rosto e sua pessoa. Não só era bonito, era mais alto que ela. Com mais de um metro e oitenta, Simon Fairchild não era muito maior que seus quase um metro e setenta e sete, mas estava quase perto. E isso fez Honey se sentir – pela primeira vez em seus quinze e nove meses – pequena.

Tinha a pele dourada, os ombros largos, era gracioso e parecia um herói saído de um épico nórdico, todos os ângulos esculpidos em perfeita perfeição. Seus lábios se curvaram em um sorriso que lançou borboletas por todo o seu corpo.

— Milorde — falou, fazendo a cortesia mais desajeitada do mundo.

Ele sorriu e pegou a mão dela, curvando-se antes de soltá-la. — Boa tarde, Srta. Honoria — sua voz era como mel quente e acumulou na sua barriga, a sensação era perturbadora.

Deixou escapar as primeiras palavras que saltaram à mente. — Lembrou-se do meu nome — depois quis se esconder.

Seus lábios se contraíram e Honey se conteve para não bater a palma da mão na testa ou rastejar atrás da grande tapeçaria comida por traças que cobria grande parte da parede oposta. Claro que ele lembrava o nome dela,

conheceu-o no dia anterior.

Ele cruzou as mãos atrás das costas, seus belos ombros quase bloqueando a luz da janela catedral no final do corredor. Estava vestido para cavalgar, o que significava que trocava de roupa assim que entrasse no estúdio de seu pai.

Pensar em Simon Fairchild trocando de roupa deu-lhe uma sensação estranha, turbulenta e quente, e fez suas mãos suarem. Parecia estar salivando mais do que o necessário, como se sua boca estivesse antecipando uma iguaria.

Diga alguma coisa, sua menina boba! Pergunte-lhe algo. Mantenha-o aqui. Não o deixe...

— As minhas sessões estão mantendo a senhoria e seu pai na cidade neste verão, Srta. Honoria?

— Oh. Não, vamos ficar aqui. Ficamos aqui a maior parte do tempo.

Ergueu as sobrancelhas e acenou encorajadoramente.

— Raramente vamos para o campo — acrescentou, sem jeito, incapaz de pensar em algo melhor. Então uma inspiração a atingiu. — *Irá* para o campo, Lorde Saybrook?

— Não uso mais esse título, Srta. Keyes — a lembrou suavemente.

Seu rosto ficou quente novamente. — Ah sim, claro — o duque agora tem um filho — O senhor deve estar muito — Honey se interrompeu, deve estar muito o que? Algum homem ficaria feliz por não ser mais herdeiro de um duque? Mordeu o lábio inferior.

Lorde Simon sorriu. — Estou muito feliz *e* aliviado.

— O senhor não deseja ser um duque?

— Não, não desejo. Isso não significa apenas a morte do meu irmão, mas a posição envolve muita responsabilidade na minha opinião. Além do mais, tenho outros planos.

— Outros planos?

— Sim, desejo viver na minha propriedade rural e criar cavalos.

Honey não conseguia imaginar o elegante homem-deus diante dela rusticando e vivendo a vida de um mero escudeiro no campo. Encostou-se no batente da porta do estúdio de seu pai, ciente de que era rude manter um convidado no corredor, mas não desejando dividir sua atenção com seu pai ainda.

— Não pode fazer isso *e* ser um duque?

— Oh, suponho que o tipo certo de homem poderia, mas desejo uma vida tranquila, não responsabilidades no Parlamento e a gestão de centenas de vidas. Não, a vida no campo é a vida certa para mim. Ficarei feliz em minha propriedade muito menor — fez uma pausa, seu olhar especulativo como se de repente percebesse que, um homem de vinte anos, estava confidenciando suas aspirações a uma mera garota de quinze anos. Honey já tinha visto esse olhar antes, todas as pessoas com quem se associava eram mais velhas do que ela. Nunca tinha frequentado a escola, não tinha parentes próximos da mesma idade e apenas se socializava com sua governanta ou com os amigos de seu pai. Ser jovem nunca a incomodou antes, mas, de repente, parecia limitante.

Abaixou-se para olhá-la nos olhos, que haviam caído miseravelmente para os seus pés. — Mas a senhorita não pode achar meus planos enfadonhos interessantes. Enquanto eu estiver remexendo nos meus estúbulos, a senhorita sem dúvida estará frequentando salão por salão e partindo o coração dos jovens.

Honorina não conseguia pensar em nada para dizer que não fosse humilhante.

Então — disse quando ela permaneceu estupidamente muda, sua boca bem torneada tremendo de um lado, seus olhos quentes, mas gentis.

Era impossível não sorrir quando ele sorria. — Então? — Ecoou enquanto os dois permaneceram olhando um para o outro.

Riu e balançou a cabeça, como se ela tivesse dito algo engraçado. Gesticulou para a porta do estúdio atrás dela, que estava bloqueando com seu corpo.

— É melhor eu entrar. Acredito que estou atrasado e seu pai provavelmente vai ralhar comigo.

Honey deu um passo para o lado, boquiaberta como a boba apaixonada que era. Ele abriu a porta e gesticulou novamente. — Depois da senhorita, Srta. Honorina. Isso se for se juntar a nós novamente hoje.

— É claro que vai — o pai de Honey gritou de dentro da sala bem iluminada, onde estava preparando sua área de trabalho. Sua voz agiu como um catalisador e Honey desviou os olhos dos traços perfeitos de Simon e disparou para dentro da sala.

— Boa tarde, papai.

Daniel Keyes deu-lhe um sorriso de aprovação enquanto se dirigia ao

cavalete e se voltava para Simon Fairchild. — Minha filha um dia será a principal pintora de retratos da Inglaterra — disse, falando com tanta certeza, orgulho e amor que o coração de Honey ameaçou crescer para fora do peito.

Lorde Simon deu-lhe um de seus sorrisos devastadores. — Então, a senhorita vai pintar um retrato meu enquanto seu pai pinta o dele?

— Sim — disse Honey, puxando a capa de sua tela muito menor. Estava feliz por desviar o olhar da pessoa perturbadora que era Lorde Simon; sua cabeça ainda estava confusa devido a breve conversa no corredor.

Sua pintura estava indo muito bem, não que fosse mostrá-la a alguém até que estivesse concluída. E mesmo depois...

— No momento, minha filha passa metade do dia estudando para ser uma jovem respeitável e a outra metade aprimorando sua arte. Quando tiver dezoito anos, estará livre para pintar à vontade — disse Daniel Keyes enquanto Simon entrava atrás da tela no canto da sala para trocar de roupa.

Honey se lembrou de respirar fundo e forçou os olhos para longe da cabeça dele, que era visível acima da tela. Seu próprio rosto esquentou e ela tentou controlar a respiração, que estava em rápida crescente, assim como seu antigo mordomo Dowdle depois de subir dois lances de escada.

— Poderei ver o retrato que a senhorita está pintando, Srta. Keyes?

A cabeça dela se ergueu a tempo de vê-lo jogar o colete por cima da tela. O que significava que estava vestindo apenas uma camisa. Sua camisa macia de musselina de tecido fino e refinado. Seus olhos encontraram os dela enquanto fazia algo atrás da tela. Estava colocando um casaco? Outro colete?

Honey engoliu em seco, mas seu pai e Lorde Simon estavam esperando com as sobrancelhas levantadas.

— Não sei ainda — murmurou.

— A prerrogativa de um artista — disse Daniel Keyes com uma risada. — Talvez não deixe nem mesmo *eu* ver, milorde.

Seu pai estava certo. Havia muitos esboços e pinturas que eram apenas para seus olhos e desconfiava que essa pintura poderia ser outra.



Na quinta visita de Lorde Simon, perguntou ao seu pai se poderia levá-la para um passeio em sua carruagem alta. O Hyde Park estava cheio de gente, mas Honey ainda se sentia como se estivesse no topo do mundo em sua carruagem com *ele* ao lado. Foi a tarde mais mágica de sua vida.

Até sua próxima visita, quando a levou para Gunters.

Srta. Keebler, sua governanta, veio como acompanhante, mas mesmo a presença de sua severa acompanhante não poderia amortecer o dia.

Durante todo aquele mês, Lorde Simon a levou a lugares ou jantou na casa de seu pai e passou as noites se misturando com os muitos artistas e atores que faziam parte do círculo social de Daniel Keyes, incluindo Honoria, que tinha permissão de jantar com os convidados de seu pai desde os quinze anos.

Parte dela sabia que estava passando muito tempo com ela porque Londres no verão estava desprovida da maioria de seus amigos e entretenimentos habituais. Mas não se importava.

Levou-a para passear depois de suas sessões e sentaram-se juntos no parque. Sempre com a Srta. Keebler por perto, é claro. Contou a ela sobre Everley, sua casa no campo, e quais eram seus planos para novos estábulos, melhorias para a casa que tinha estilo Tudor e estava sempre precisando de reparos. Falou sobre crescer com seu irmão na grande propriedade de Whitcomb e contou-lhe histórias de fantasmas no castelo e como, certa vez, se cobriu com um lençol e aterrorizou sua babá, ganhando a maior surra de sua vida.

Honoria contou-lhe sobre ter crescido cercado de artistas e como implorou ao pai para não a mandar para escola, pois planejava assumir a administração da casa quando tivesse dezesseis anos no próximo ano, e cuidar dele. Compartilhou seus sonhos de que poderia ir para o continente algum dia, quando fosse mais uma vez seguro viajar, e ver toda a grande arte sobre a qual só conseguiu ler sobre.

Honey sabia que era inédito o pai exigir tantas sessões, na verdade, geralmente terminava seus retratos depois de, no máximo, dez ou doze encontros. Mas, por alguma razão, talvez porque soubesse o quanto ela gostava, fez o jovem nobre visitar a casa por um período de trinta e dois dias felizes e *dezesseis* sessões.

Honey desejou que isso nunca acabasse.



— **A** senhorita irá me acompanhar para tomar um último sorvete, Srta. Honoria?

Honey olhou para o pai enquanto colocava a escova de lado e ele acenou, o olhar um tanto distraído em seus olhos. Lhe disse que ainda estava profundamente envolvido em seu trabalho.

Virou-se para Lorde Simon, que emergiu de trás da tela, mais uma vez vestido com suas roupas. — Trouxe aquela charrete amarela hoje?

Simon – Honoria pensava nele pelo nome de batismo, embora apenas na privacidade de sua própria mente, é claro – sorriu e balançou a cabeça. — Não, senhor, temo que terá que ser a velha e desairosa carruagem do meu irmão.

Daniel Keyes riu daquela caracterização da carruagem ducal, na qual Honey havia andado antes. — Por que não tomamos algo revigorante enquanto minha filha faz seja lá o que for que as mulheres fazem antes de sair para tomar sorvete?

Honoria amava seu pai por muitos motivos, mas principalmente por dar-lhe a chance de colocar o vestido novo que acabara de fazer, esperando um dia como hoje para usá-lo.

Chamou por sua camareira para ajudá-la a se trocar, ainda não tinha uma criada particular, e desceu para o escritório do pai no momento em que os homens terminaram suas bebidas.

Levantaram-se quando ela entrou; quis chorar de alegria quando os olhos de Simon se arregalaram apreciando seu novo vestido.

Era um vestido de seda creme com uma dúzia de fileiras de pequenos babados de prímula na parte inferior e uma spencer do mesmo amarelo pálido. A seda combinava com seu chapéu forrado, que tinha uma fita larga amarrada em um laço debaixo da orelha.

— A senhorita está linda, Honoria — disse-lhe o pai, os olhos estranhamente sérios, como se soubesse o quanto esse passeio era importante para ela.

Simon só falou quando se sentaram na carruagem grande, com a Srta.

Keeble ao lado dele.

— Esse é um vestido muito bonito, Srta. Keyes. Fico feliz que seja um dia claro e ensolarado para que possamos exibi-la com seu lindo chapéu.

Honorina tentou não se gabar de suas palavras, mas era difícil impedir que seu sorriso se transformasse em um grande sorriso.

Falaram sobre o retrato de seu pai, que entregaria no próximo mês.

— Ouso dizer que meu irmão planejará alguma festa para a inauguração. A senhorita virá com ele para Whitcomb, certamente?

Ouviu-o corretamente? Estava convidando-a para a casa de sua família?

— Eu... eu terei que perguntar ao meu pai — respondeu com uma voz ofegante, provavelmente inaudível acima dos sons da rua.

— Quando nos visitar, poderemos cavalgar até Everley, não fica longe da casa do duque.

— Sim, seria adorável — foi tudo o que conseguiu dizer, sua mente estava muito ocupada imaginando-se montada em um cavalo magnífico ao lado dele, galopando através de uma charneca dramática, que sabia muito bem que não existia em East Shropshire.

Falou de sua casa e da família na breve viagem e suas palavras foram como o canto de uma sereia que a manteve em transe.

Quando chegaram, carruagens se alinhavam nos dois lados da rua. Obviamente, não foram os únicos a ter essa ideia em um belo dia quente.

— Estará lotado lá dentro e as mesas do lado de fora estão todas ocupadas — disse Simon. — Podemos desfrutar do nosso gelado no conforto da carruagem?

Honey e a Srta. Keeble concordaram e Simon chamou os garçons. Depois de fazerem os pedidos, recostaram-se e observaram a multidão flutuante, muitos dos quais pareciam conhecer Simon. Honorina estava mergulhada em uma fantasia onde ela e Simon se casariam e partiriam para sua casa de campo no dia seguinte, pararam apenas para se despedir de seus muitos, muitos amigos quando Simon proferiu uma palavra, apenas uma palavra, que pulsava com mais emoção do que já o ouvira falar em um mês inteiro.

— Bella!

A expressão extasiada de Simon a fez despencar de volta à terra. Estava olhando para três mulheres que pararam ao lado da carruagem. Para ser preciso, estava olhando apenas para *uma* das mulheres, e com o coração nos

olhos. Ela – Bella – era a mulher mais bonita que Honoria já tinha visto.

— Olá, Simon — Bella sorriu enquanto ele descia da carruagem. Seus lábios vermelho-cereja se separaram ligeiramente para revelar dentes brancos e deslumbrantes. Sua pele era como porcelana proverbial e seus olhos azuis-marinhos. Seu cabelo era castanho, escuro o suficiente para parecer preto, os cachos brilhantes e luxuosos debaixo de seu minúsculo chapéu de palha.

O rosto de Simon estava vermelho e ansioso e ele estava usando uma expressão que nunca tinha visto antes, uma expressão que nunca tinha usado com ela.

Honey sentiu algo estalar em seu peito: Simon amava aquela linda criatura.

— Bella, Agnes, Sra. Frampton, o que estão fazendo na cidade nesta época do ano?

Suas palavras pareciam vir do fundo de um poço muito profundo, e ela fez de tudo para permanecer aprumada em seu lugar.

A mulher mais velha – Sra. Frampton – Honey supôs, respondeu-lhe: — Agnes se casará no mês que vem e precisávamos de algumas peças de última hora disso e daquilo. Estava falando de uma filha, mas seus olhos estavam na outra – aquela que parecia um anjo que ganhara vida – logo antes de seus desbotados olhos azuis se voltarem para Honoria. O gesto foi minucioso, mas Lorde Simon tinha modos impecáveis. Normalmente. Um rubor cobriu suas belas maçãs do rosto salientes quando percebeu que havia negligenciado seus deveres de anfitrião.

— Sra. Frampton, Srta. Arabella Frampton e Srta. Agnes Frampton, tenho a honra de apresentá-las à Srta. Honoria Keyes e sua acompanhante, Srta. Keeble. A Srta. Keyes é filha de Daniel Keyes.

Acenos e sorrisos por todos os lados, mas Honoria mal conseguia tirar os olhos de Bella Frampton por tempo suficiente para se lembrar como as outras duas mulheres eram. Nem Simon.

Um garçom apareceu com seus sorvetes.

— Gostaria de se juntar a nós? — Simon ofereceu, felizmente inconsciente de que suas seis palavras eram como um machado em seu coração.

— Sim, por favor — respondeu mecanicamente quando quatro pares de olhos azuis se viraram em sua direção.

As mulheres fizeram um trabalho nada convincente de contestação quando Simon abriu a porta da carruagem e as ajudou a entrar. — Por favor, as senhoritas ficarão um pouco apertadas, mas tenho certeza que a Srta. Keyes não se importará.

Ninguém percebeu que seu sorriso era mais adequado a uma máscara mortuária e Honoria logo se viu olhando para as duas recém-chegadas, a Sra. Frampton sentou-se ao lado dela.

O sorvete de morango que ela pediu tinha gosto de pó e tudo que Honoria queria era voltar para casa, para o seu quarto, para a sua cama e cobrir sua cabeça com os cobertores. E nunca mais sair de lá.

Mais tarde, não conseguiu se lembrar de uma única palavra que foi dita, sua única memória era a expressão de Simon e a maneira como seus olhos se demoraram na beldade de cabelos escuros a cada chance que tinha.

Dormiu muito pouco naquela noite, seu mundo uma vez vibrante de repente estava cinza e sem cor.

No dia seguinte seria sua última sessão e Honey planejava permanecer em seu quarto e evitar vê-lo, para sempre. Mas seu pai pôs fim a essa esperança no café da manhã.

— Parece não ter dormido bem, querida. Qual é o problema? — Perguntou quando se juntou a ele na ensolarada sala de café da manhã com vista para o jardim dos fundos.

Honey geralmente tinha um apetite muito saudável e seu pai teria desconfiado se ela se contivesse completamente, servindo-se da menor porção possível de tudo que estava no aparador.

— Só um pouco de dor de cabeça, papai.

— Hum — colocou o jornal que estava lendo de lado e lançou um olhar penetrante, seus olhos tão parecidos com os dela que era como se olhar no espelho. — Sei que passou a gostar do jovem Fairchild, minha querida, mas, embora não aja de acordo, é uma garota de quinze anos e ele é um homem de quase vinte e um. É um jovem bom e gentil, então dei mais liberdade do que um pai sábio provavelmente deveria — franziu a testa. — Diversas vezes já me arrependi de não a ter mandado para a escola e de tê-la dado a oportunidade de se misturar com garotas da sua idade. Talvez...

— Por favor, papai não — largou o garfo e a faca e encontrou seu olhar preocupado. — Não faça isso. Teria ficado muito triste se o senhor tivesse me

mandado. Sentiria sua falta e o senhor sabe que a pintura é tudo...

— Não, minha querida, não é tudo. Não se esqueça da vida. Do amor. Do sentimento de alegria, o que você tem feito recentemente. Sem experiência no amor, perda, dor, alegria e *vida*, não se pode ser um grande artista e fazer grandes artes.

Honey não disse ao pai que, depois de ontem, agora tinha muito mais familiaridade com a dor do que teria desejado.



Honoria desviou o olhar do homem mais perfeito da Grã-Bretanha e olhou o relógio: eram quase duas e meia. Logo tudo estaria acabado. Logo seu pai guardaria o pincel e diria...

— Bem, milorde, parece que o capturei o suficiente para satisfazer até mesmo a minha exigente senhora — Daniel Keyes colocou o pincel sobre a mesa.

Simon, que havia contado a eles sobre seus planos para o resto do verão, sorriu para Honoria. — Quer dizer sua filha, senhor?

Daniel riu. — Quis dizer minha inspiração, Lorde Simon, mas o senhor pode conseguir algo com ela — olhou para Honey e levantou as sobrancelhas. — Bem, pretende acabar com o sofrimento do pobre Lorde Simon e mostrar-lhe seu retrato?

Antes que Honey pudesse responder, houve uma batida forte e a porta se abriu, revelando seu antigo mordomo, seu rosto estava vermelho por ter corrido.

— Bom Deus — seu pai fez uma pausa no ato de limpar as mãos e franziu a testa para seu empregado. — Esteve *correndo*, Dowdle?

Dowdle estava muito ocupado tentando respirar para responder. Em vez disso, ergueu um papel retangular cor de creme.

— Para mim? — Daniel Keyes deu um passo em sua direção.

— Uma carruagem está esperando lá fora — Dowdle disse antes de cambalear até Simon e lhe entregar a carta. — Para o senhor, Lorde Saybrook.

Honey ficou surpresa com o lapso do seu mordomo com o título de Simon; Dowdle costumava ser um defensor do decoro.

Simon rasgou a carta e Honey observou enquanto cada pedacinho de cor sumia de seu rosto. Engoliu em seco o suficiente para ser ouvido por todo o ambiente e depois olhou para cima.

— O senhor terá que me desculpar, senhor. Parece que... bem... parece que meu... sobrinho desenvolveu uma tosse e um resfriado e — acenou com a mão em um movimento agitado, como se estivesse agitando o próprio ar ao seu redor na esperança de estimular as palavras corretas. Seu rosto estava rígido e seus olhos arregalados de horror. — Meu sobrinho, o jovem marquês de Saybrook, faleceu. Devo partir imediatamente para Whitcomb.

Mais da Série



Minerva Spencer

S.M.LaViolette

9786599110665

Adquira aqui

A Academia do Amor # 1

Descobrir que seu marido era bígamo não devastou Portia Stefani; ela manteve a cabeça erguida quando o forçou a sair de sua vida. Mas perder sua amada escola de música como resultado das dívidas de jogo do bastardo traidor, quase a destruiu. A única maneira de conseguir sobreviver era aceitar uma lucrativa posição de tutora na remota Cornualha. O que Portia não previra era o impacto que seu fascinante novo empregador teria sobre sua vida.

Stacy Harrington aprendeu da maneira mais difícil a manter as pessoas à distância. Tocar piano é a única coisa que torna sua vida solitária agradável hoje em dia, e ele será condenado se permitir que seu albinismo o mantenha

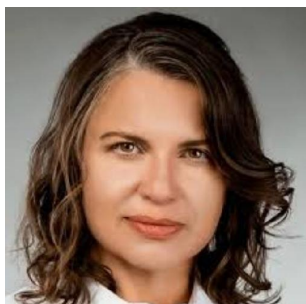
longe de tudo o que ama. Trazer uma professora particular de música para sua casa era perturbador, mas a única solução. Infelizmente, nada poderia tê-lo preparado para a atração avassaladora que sentiria por sua nova e ardente tutora.

Não demorou muito para que uma paixão compartilhada pela música se transformasse em algo infinitamente mais profundo. Mas quando fantasmas do passado - juntamente com alguns segredos obscuros - surgem para ameaçar tudo o que construíram, Stacy e Portia conseguirão continuar a fazer belas músicas juntos? Ou o "felizes para sempre" terminará em uma nota dolorosa e discordante?

Adquira aqui

Então, quem é Minerva Spencer?

M



Minerva foi promotora criminal, professora de história na faculdade, operadora de B&B, trabalhadora portuária, fabricante de sorvetes, leitora para cegos, empregada de motel e caçadora de recompensas.

Ok, a parte de ser uma caçadora de recompensas é uma mentira.

Minerva, no entanto, sabe hipnotizar um caranguejo Dungeness, costurar suas próprias roupas da Era Regencial, tricotar um chapéu de sapo, fazer malabarismos, reconstruir um American Rambler de 1959 e obter o controle da Ásia (e se apegar a ele) no jogo do RISK.

Leia mais sobre o Minerva em: www.MinervaSpencer.com

Siga Minerva: No **BookBub**

No **Goodreads**

Informações Leabhar Books®

NOS ACOMPANHE E FIQUE POR DENTRO DAS NOVIDADES



<https://www.leabharbooks.com/>



<https://www.facebook.com/leabharbooks/>



<https://www.instagram.com/leabharbooksbr/>



@LeabharE



<https://www.youtube.com/channel/UCOADJs8OeTIG89ycfsSfBQg>



<https://br.pinterest.com/leabharb/>

Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o **E-mail Leabhar Books®**